

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**A REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES GAÚCHAS  
NA TELEVISÃO PÚBLICA: UM ESTUDO DA TV  
ASSEMBLEIA/RS**

**Dissertação de Mestrado**

**Tiane Dias Canabarro**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

# **A REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES GAÚCHAS NA TELEVISÃO PÚBLICA: UM ESTUDO DA TV ASSEMBLEIA/RS**

**Tiane Dias Canabarro**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linha de pesquisa: Mídia e Identidades Contemporâneas, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

**Orientador: Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o texto de dissertação,  
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

**A REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES GAÚCHAS NA TELEVISÃO  
PÚBLICA: UM ESTUDO DA TV ASSEMBLEIA/RS**

elaborado por **Tiane Dias Canabarro**

como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

**Comissão examinadora**

**Dr Flavi Ferreira Lisboa Filho  
Presidente / Orientador**

**Dr<sup>a</sup> Liliane Dutra Brignol  
Membro do Programa- UFSM**

**Dr<sup>a</sup> Ana Luiza Coiro Moraes  
Membro externo - Unilasalle**

Santa Maria, 05de março de 2015.

*Este trabalho é dedicado aos meus avós...*  
*A minha Vó Maria, a Vó Marisa e ao meu Vó João pelo companheirismo, pela alegria, pela presença,*  
*pelo amparo e por encherem minha vida de amor.*

Muito obrigada aos professores que contribuíram para meu saber.

À professora Liliane Dutra Brignol que desde a graduação me proporciona novos conhecimentos, novos desafios e uma aprendizagem doce. À Professora Ana Luiza Coiro Moraes, que instigou, convidou, ensinou e permitiu minha aproximação com o campo científico ainda na Pós-Graduação.

Ao Grupo de pesquisa “Estudos Culturais e Audiovisualidades” da UFSM que ofereceu suporte teórico para este trabalho e a possibilidade de explorar a televisão. A Professora / Coiro e o Professor Flavi escolheram ensinar, dividir e somar, para que todos pudéssemos ter passos firmes nas escolhas acadêmicas. Fizeram-nos curiosos, determinados e mataram nossa sede de aprender a fazer pesquisa. Formaram um grupo, formaram alunos e formaram amizades.

Meu carinho ao meu orientador Professor Flavi Ferreira Lisboa Filho que generosamente dividiu seu conhecimento, seus esforços, suas atividades e seu tempo para que esta etapa acadêmica proporcionasse efetivas experiências, além da aprendizagem curricular. Obrigada pelas orientações, pelos conselhos, pelas indagações e principalmente por me oferecer esta parceria de confiança e de alegrias.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria. Foi uma realização estudar nesta instituição e encerro esta etapa com alegria e satisfação por poder usufruir de uma qualidade de ensino que é referência. Em especial ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação midiática que disponibiliza um espaço acolhedor de discussão, promoção e construção do conhecimento. Neste momento de conclusão do curso de mestrado, me faz muito feliz fazer parte da UFSM e através do POSCOM poder reunir professores que atuaram de forma significativa na minha formação acadêmica e na construção deste trabalho.

Aos meus amigos e minhas amigas que me oferecem os sentimentos mais generosos. Não importa os anos, certas coisas simplesmente permanecem.

Ao Estevan Zimmermann que divide a vida comigo com o mesmo comprometimento que dedica à pesquisa. Você merece o meu carinho e minha admiração.

À minha mãe que é responsável pelo melhor de mim.

E a Deus que me presenteia com desafios e oportunidades, com saúde e força, com as verdadeiras amizades e com a presença constante de todos aqueles que amo.

## **RESUMO**

**Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Universidade Federal de Santa Maria**

# **A REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES GAÚCHAS NA TELEVISÃO PÚBLICA: UM ESTUDO DA TV ASSEMBLEIA/RS**

**AUTORA: TIANE DIAS CANABARRO**

**ORIENTADOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO**

**Data e Local da defesa: Santa Maria, 05 de março de 2015.**

A pesquisa analisa a TV Assembleia do Estado do Rio Grande do Sul com o propósito de verificar como e quais identidades gaúchas estão representadas em sua programação. Para tanto, nos valem dos estudos culturais, mais especificamente do circuito da cultura proposto por Johnson (1999) aliado à análise textual (CASETTI e CHIO, 1999), quando nos referimos aos contextos enunciativos produzidos pelos textos televisivos. Como *corpus* da pesquisa, delimitamos sete programas da grade televisiva por estes abordarem as temáticas de ordem cultural e inclusiva. O eixo central deste estudo concentra-se nas representações identitárias, embora seja pertinente à análise perpassar outros elementos que interferem na construção destas representações. O suporte teórico-metodológico desenvolve conceitos como cultura vivida, regulação, produção, o texto televisivo e as leituras possíveis. A partir dos textos e dos contextos enunciativos construímos a análise cultural do objeto. Diante da investigação podemos perceber que os contextos enunciativos presentes nos programas emergem das práticas vividas. A história dos sujeitos e da formação do Estado revela uma produção de sentido, por vezes, viciada, restritiva e reforçada no cotidiano pela mídia. Um modo de fazer que não possui relação com as carências estruturais do canal ou com a regulação que estabelece as diretrizes de funcionamento das emissoras legislativas. Com exceções, as representações identitárias que aparecem perpassam as representações e as práticas vividas daqueles que produzem e/ou apresentam. Mesmo neste canal público aparecem práticas estereotipadas, que são frequentes em outras mídias. Contudo, alguns programas pautam por atrações que utilizam este espaço e a liberdade de produção para mostrar a diversidade e promover contextos de pluralidade, que se aproximam das práticas culturais diversas que circulam no Estado do RS. Ao fim, verificamos que a tevê da Assembleia do Legislativo reitera em sua programação muito das representações identitárias da mídia hegemônica, mas que, ao mesmo tempo, coloca-se como mais inclusiva em razão de dar visibilidade a outros aspectos da cultura vivida que não integram a agenda dos grandes grupos de comunicação..

**Palavras-chave:** Identidade; Estudos Culturais; Representação; Televisão.

## **ABSTRACT**

**Master Course Dissertation  
Post Graduate Program in Communication  
Federal University of Santa Maria**

# **THE REPRESENTATION OF RIO GRANDE DO SUL IDENTITIES IN PUBLIC TELEVISION: A STUDY OF TV ASSEMBLEIA/RS**

**AUTHOR: TIANE DIAS CANABARRO**

**ADVISOR: FLAVI FERREIRA LISBOA FILHO**

**Defense Place and Date: Santa Maria, March 5<sup>th</sup>, 2015.**

The research analyzes the TV Assembleia of Rio Grande do Sul State with the purpose to verify how and what Gaúcho identities are represented in its programming. Therefore, we make use of theoretical and methodological contribution of cultural studies, more specifically the circuit of culture proposed by Johnson (1999) combined with textual analysis (Casetti & Chio, 1999), when referring to enunciative contexts produced by television texts. The *corpus* of research was delimited on seven programs from television grid by these address the issues of cultural and inclusive order. The central focus of this study concentrates on the identity representations, although it is relevant to the analysis go through other elements that interfere with the construction of these representations. The theoretical and methodological support develops concepts such as culture lived, regulation, production, television text and the possible interpretations. Based on the texts and enunciative contexts built cultural analysis of the object. Faced with the research, we can see that the enunciative present contexts in programs emerge from the practices experienced. The history of the subject and the formation of the state reveals a production of meaning, sometimes biased, restrictive and reinforced in daily life by the media. One way to do that without relation to the structural shortcomings of the channel or with the regulation which the operating guidelines of the legislative stations. With exceptions, the identity representations appearing permeate representations and practices experienced those who produce and / or present. Even in this public channel appear stereotyped practices that are common in other media. However, some programs have been based on attractions that use this space and freedom of production to show the diversity and promote plurality of contexts, approaching the diverse cultural practices that circulate in the state of RS. At the end, we verified that TV Assembleia reaffirms in his programming the identity representations of the mainstream media, but at the same time, positions itself as more inclusive due to give visibility to other aspects of lived culture that are not part the agenda of large groups of communication.

**Key-words:** Identity ; Cultural Studies ; representation; Television.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Síntese dos programas jornalísticos e de variedades .....	66
<b>Tabela 2</b> – <i>Corpus</i> da pesquisa .....	68
<b>Tabela 3</b> – Resultados da pesquisa <i>on-line</i> dos programas .....	95
<b>Tabela 4</b> - Descrição dos programas do 3º fim de semana de maio de 2014...	104
<b>Tabela 5</b> – Categorias de leitura do texto televisivo .....	106
<b>Tabela 6</b> – Síntese do programa Cena Musical A .....	107
<b>Tabela 7</b> – Síntese do programa Cena Musical B .....	109
<b>Tabela 8</b> – Síntese do programa Cena Musical C .....	110
<b>Tabela 9</b> – Síntese do programa Confraria Castro Alves A .....	113
<b>Tabela 10</b> – Síntese do programa Confraria Castro Alves B .....	114
<b>Tabela 11</b> – Síntese do programa Autores e Livros A.....	119
<b>Tabela 12</b> – Síntese do programa Autores e Livros B .....	120
<b>Tabela 13</b> – Síntese do programa Autores e Livros C .....	122
<b>Tabela 14</b> – Síntese do programa Autores e Livros D .....	123
<b>Tabela 15</b> – Síntese do programa Sarau no Solar A .....	125
<b>Tabela 16</b> – Síntese do programa Sarau no Solar B .....	126
<b>Tabela 17</b> – Síntese do programa Sarau no Solar C.....	126
<b>Tabela 18</b> – Síntese do programa Mateadas A.....	128
<b>Tabela 19</b> – Síntese do programa Mateadas B.....	130
<b>Tabela 20</b> – Síntese do programa Mateadas C.....	130
<b>Tabela 21</b> – Síntese do programa Mateadas D.....	133
<b>Tabela 22</b> – Síntese do programa Faça a Diferença A.....	137
<b>Tabela 23</b> – Síntese do programa Faça a Diferença B.....	139
<b>Tabela 24</b> – Síntese do programa Faça a Diferença C.....	143
<b>Tabela 25</b> – Síntese do programa Faça a Diferença D.....	144
<b>Tabela 26</b> – Síntese do programa Cultura em pauta A.....	147
<b>Tabela 27</b> – Síntese do programa Cultura em pauta B.....	149
<b>Tabela 28</b> – Síntese do programa Cultura em pauta C.....	151



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – Modelo Codificação/Decodificação.....	38
<b>FIGURA 2</b> – Circuito da cultura Paul Du Gay et al.....	39
<b>FIGURA 3</b> – Circuito da cultura Johnson .....	40
<b>FIGURA 4</b> – Mapa das Mediações Martín-Barbero.....	41
<b>FIGURA 5</b> – Prédio da TV Assembleia/RS.....	52
<b>FIGURA 6</b> – Circuito da cultura de Johnson e seus desdobramentos.....	59
<b>FIGURA 7</b> – Ilha de edição da TV.....	86
<b>FIGURA 8</b> – Estúdio de gravação e ilha de edição da TV.....	87
<b>FIGURA 9</b> – Gravação do programa Castro Alves.....	100
<b>FIGURA 10</b> – Gravação do programa Faça a Diferença e ilha de edição....	101
<b>FIGURA 11</b> – Gravação do Sarau no Solar.....	102
<b>FIGURA 12</b> – Prédio Solar dos Câmara.....	102

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo A</b> – Organograma da Assembleia.....	165
<b>Anexo B</b> – Formulário: Programa Mateadas.....	166
<b>Anexo C</b> – Formulário: Programa Autores e Livros.....	167
<b>Anexo D</b> – Formulário: Programa Faça a Diferença.....	168
<b>Anexo E</b> – Grade de Programação.....	169
<b>Anexo F</b> – Entrevista com a coordenadora Michele Limeira .....	172
<b>Anexo G</b> – Respostas das entrevistas semiestruturadas realizadas com os apresentadores: Waldemar Lima (produtor e apresentador do programa Castro Alves) e Caetano Silveira (produtor e apresentador dos programas Cena musical e Sarau no Solar).....	175
<b>Anexo H</b> – Pesquisa on-line: Imagens capturadas na internet através dos nomes dos programas, da TV Assembleia e dos apresentadores em canais como o <i>Facebook</i> , <i>Youtube</i> e <i>Google</i> . Os dados foram coletados em 21 de setembro de 2014.....	179

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – ESTUDOS CULTURAIS, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE.....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 A perspectiva dos estudos culturais: dos conceitos aos métodos .....</b>	<b>20</b>
1.1.1 A construção do conceito de cultura .....	27
1.1.2 Representação e identidade .....	30
<b>1.2 Prerrogativas da análise cultural .....</b>	<b>33</b>
 <b>CAPÍTULO II – TELEVISÃO E REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS.....</b>	 <b>43</b>
<b>2.1 A representação midiática na televisão.....</b>	<b>43</b>
<b>2.2 Representações midiáticas em estudos sobre tevê .....</b>	<b>45</b>
<b>2.3 A TV Assembleia .....</b>	<b>51</b>
 <b>CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	 <b>55</b>
<b>3.1 Perspectivas analíticas: adaptações do circuito da cultura para o texto televisivo.....</b>	<b>57</b>
<b>3.2. Definição do <i>corpus</i>.....</b>	<b>62</b>
 <b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE CULTURAL.....</b>	 <b>71</b>
<b>4.1 Recorte sobre a cultura vivida: diversidade cultural no Rio Grande do Sul.....</b>	<b>71</b>
<b>4.2 Condições de produção: regulação, tecnologia e estrutura .....</b>	<b>80</b>
4.2.1 Organização institucional e colaboradores .....	86
<b>4.3 Condições de leitura .....</b>	<b>92</b>
<b>4.4 Análise descritiva-observacional.....</b>	<b>97</b>
<b>4.5 Análise das “Formas Textuais”.....</b>	<b>103</b>
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	 <b>153</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>160</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>164</b>

## INTRODUÇÃO

As mídias atuam de maneira muito presente no cotidiano das sociedades e nas rotinas para seus espectadores. Para Silverstone (2002, p.13) “[...] é por ser tão fundamental para a nossa vida cotidiana que devemos estudar a mídia. Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política e econômica do mundo moderno”. Neste sentido, os estudos das mídias cooperam para entendermos a sociedade que pertencemos sobre o aspecto cultural, midiático e identitário, neste contexto a mídia aparece como um espaço de produção em que as produções de sentido circulam.

Compreender os espaços sociais em que estamos inseridos significa pensarmos o papel das mídias e a maneira pela qual operam e interferem na construção daquilo que nos representa através de seus suportes e conteúdos. Para isso, não é possível pensar os meios de comunicação sem contemplar os contextos sociais dos sujeitos presentes na construção midiática. A mediação dos meios no cotidiano os coloca como parte da cultura na medida em que constroem representações do que somos.

A onipresença da mídia é confirmada na Pesquisa Brasileira de Mídia realizada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal, divulgada no ano de 2014 e aplicada nos meses de outubro a novembro de 2013. O estudo indica o consumo de mídia no país e mostra que a televisão ainda ocupa lugar de destaque. Dentre os entrevistados, 97% afirmaram possuir o hábito de ver TV. Em segundo lugar está o rádio com 61%, seguido da internet cujo acesso corresponde a 47%. No último lugar estão os meios de comunicação impressos; jornais e revistas chegaram a 40% do consumo dos entrevistados. Na mesma pesquisa, 76% dos brasileiros elegeram a televisão como o meio de comunicação preferido. É nesse cenário de consumo televisivo que salientamos a importância de realizarmos os estudos sobre televisão e representação identitária para pensarmos sobre os sentidos por ela construídos.

Como explicam Barros e Bernardes (2012), a televisão consolidou-se como um dos meios mais expressivos devido a sua linguagem e capacidade de atingir públicos diversos. Diante disso, nesta dissertação, propomos ampliar as percepções e interpretações sobre a produção televisiva. Este estudo concentra-se na representação midiática da identidade gaúcha e possui como objeto de análise a TV Assembleia/RS. Desta forma, pretendemos investigar de que maneira a televisão pública do Legislativo do estado do Rio Grande do Sul contempla

as identidades gaúchas<sup>1</sup> na sua programação. Para isto buscamos responder a seguinte problemática: Como e quais representações estão contempladas na grade de programação da TV Assembleia?

Inserida na linha de "Mídia e Identidades Contemporâneas" a pesquisa entende o midiático dentro das estruturas das práticas sociais, a comunicação como cultura e a cultura como a totalidade das práticas vividas encontradas no social e nos indivíduos, tudo aquilo que direciona as ações e as relações e estabelece afetividades e/ou afastamento. Esta abordagem é resultado da aproximação científica com as temáticas de representação e identidade, originária da problematização desenvolvida na participação do grupo de pesquisa "Estudos Culturais e Audiovisualidades" da UFSM e soma-se à trajetória de estudos de interesse da pesquisadora, que contempla os objetos audiovisuais.

Nesta pesquisa sobre televisão e representações identitárias, consideramos como um compromisso da TV Assembleia/RS a abordagem social, política, cultural de divulgação e manutenção da informação pública e cidadã. Diante disso, entendemos o processo de produção da televisão a partir da observação dos modos de enunciar e como estas construções interferem na forma como estão representadas as identidades gaúchas. Buscamos perceber na análise como e quais as identidades gaúchas aparecem na TV Assembleia/RS com o propósito de analisar se a produção televisiva contempla a pluralidade identitária<sup>2</sup> do Estado, além de entender como se constrói a agenda dessa tevê. Este trabalho sustenta-se primeiramente nas perspectivas da identidade, para assim chegarmos à identificação das representações construídas no processo de produção televisiva.

Definimos como objetivos específicos do estudo verificar quais as identidades estão representadas nos programas da tevê; averiguar de que modo são representadas e apontar se privilegia(m)-se alguma(s) identidade(s) no processo de produção da TV Assembleia/RS. Complementa a investigação as reflexões sobre a regulação desta TV e de que maneira a legislação interfere no processo produtivo. Consideramos a premissa de que a TV Assembleia repete e reafirma as representações identitárias utilizadas pela mídia hegemônica. Para isso utilizamos o circuito da cultura de Johnson (1999) como operador analítico, que contribui para entendermos o contexto. Embora o foco do estudo esteja na identificação das

---

<sup>1</sup> Para efeitos deste estudo, consideramos a expressão no plural por que partimos dos pressupostos de que são várias as identidades que compõem o RS. Reconhecemos na cultura gaúcha uma multiplicidade de manifestações culturais que ocupam o espaço social e histórico dos sujeitos e do lugar que habitam. Isto nos impede de reduzirmos as práticas vividas aos aspectos dominantes ou hegemônicos.

<sup>2</sup> A pluralidade do Estado será desenvolvida no capítulo IV da análise, na subseção 4.1 Cultura Viva: diversidade cultural no Rio Grande do Sul.

representações identitárias, o contexto contribui para olharmos isto a partir da produção, dando margens para a realização de uma análise cultural.

Na pesquisa, as instâncias aparecem como suporte interpretativo e não como uma obrigatoriedade de dar conta de todo o circuito de forma acabada, são elas: “condições de produção”, através da qual vamos definir e caracterizar o objeto; “formas textuais”, que limitam-se ao descritivo das edições gravadas dos programas; “condições de leitura”, exploradas a partir da fala dos apresentadores e da coordenação da TV, que contemplam as apropriações previstas a partir do texto que é construído; e “culturas vividas”, que remetem às práticas sociais que circulam no cotidiano e aparecem ou ocultam-se nas representações midiáticas. Embora, reconhecemos sua importância e suas conexões, tão caras aos Estudos Culturais, reiteramos que este estudo concentra-se na instância da produção dos textos televisivos.

A pesquisa segue o pressuposto de que a TV Assembleia/RS é uma TV legislativa de caráter público por definição, conforme as leis federais de acesso à informação e salienta sua importância como meio de comunicação público. Contudo, a pesquisa limita-se nas abordagens sobre representação identitária no contexto televisivo sem a pretensão de abordar a efetividade desta comunicação pública e as reflexões teóricas do campo e da esfera pública. A temática do caráter “público” está restrita à identidade do meio e à forma como a televisão é definida e constrói sua programação. A utilização do termo “público” contribui para entendermos suas peculiaridades e seus contextos.

De acordo com a Associação Brasileira de Televisões e Rádios Legislativas – ASTRAL (2014), o Brasil possui duas TVs federais, 24 TVs estaduais (incluindo o Distrito Federal), e os estados do Acre, Amapá e Alagoas não possuem emissoras legislativas. Em 26 municípios brasileiros encontramos estruturas audiovisuais que se destinam à divulgação do legislativo e à manutenção da informação pública. A Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul possui por força da Lei de acesso à informação pública (LEI Nº 8.977 de janeiro de 1995), um canal televisivo de divulgação. O material analógico é transmitido através da TV a cabo que abrange 17 municípios<sup>3</sup> do Estado. Em Porto Alegre e região metropolitana, desde outubro de 2012, está disponível o sinal digital limitado em um raio de 80 km. A Assembleia Legislativa utiliza de recursos de TV a cabo, satélite e internet para atingir os interessados nas informações públicas que envolvem o estado do RS.

---

<sup>3</sup> Os 17 municípios que possuem acesso à TV Assembleia pelo sinal a cabo são: Bagé, Bento Gonçalves, Capão da Canoa, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Farroupilha, Farroupilha, Gravataí, Lageado, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Porto Alegre Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz, Santa Maria, Uruguaiana.

A TV Assembleia/RS iniciou suas atividades nos anos 1960, com gravações das sessões plenárias em películas que eram distribuídas para outras emissoras, parte delas disponíveis no acervo do Memorial da Assembleia. Em 1995, através da Lei Federal do Cabo, que regulamenta a comunicação a cabo do país, estabeleceu-se o funcionamento das televisões públicas. Diante disso, a TV Assembleia/RS passou a exibir as sessões plenárias ao vivo e no ano de 2001 foi criada a Superintendência de Comunicação Social da Assembleia Legislativa do Estado, um departamento da Superintendência Geral. A Superintendência de Comunicação Social inclui espaço político, jornalístico, de relações públicas, publicidade e atividades culturais. Desde então, há um orçamento público anual, que integra o orçamento da Assembleia Legislativa do Estado, destinado à manutenção e à produção desta televisão, que hoje possui vinte programas, que serão descritos mais adiante, na sua grade relacionados à cultura, política e sociedade, que, em seu conjunto, buscam visibilizar os aspectos locais. As estruturas de produção e/ou a falta delas vão fornecer elementos importantes de análise dentro da perspectiva que este estudo sugere.

Com relação à escolha teórico-metodológica, esta pesquisa está centrada nos estudos culturais que se define como um campo multidisciplinar, originário na Inglaterra nos anos 1950, fundado sobre os alicerces da sociologia, da antropologia, da filosofia e atravessado por diversas outras disciplinas que contribuem para a abordagem multidimensional e as (re)significações do termo cultura. Matterlat (2004, p.13-14) destaca a proposta dos estudos culturais quando escreve “Trata-se de considerar a cultura em sentido mais amplo, antropológico, de passar de uma reflexão centrada sobre o vínculo cultura-nação para uma abordagem da cultura dos grupos sociais”. É nesse sentido que nos apropriamos dos estudos culturais e a partir deste campo conduzimos nossas reflexões sobre as construções das representações identitárias na televisão pública.

O esforço das perspectivas dos estudos culturais está centrado nas práticas sociais em que a cultura atinge outra significação “a partir desse ponto, os estudos culturais não é mais uma colônia dependente intelectual. Ele tem uma direção, um objeto de estudo, um conjunto de temas e questões, uma problemática distinta” (HALL, 2006, p. 26). A palavra cultura permite reflexões diferentes do que até o momento estava proposto. Raymond Williams (2007) em uma recuperação etimológica do termo cultura diz que, em um primeiro momento, cultura estava restrita ao cultivo, posteriormente foi utilizada para designar civilização até chegar a problematização abstrata que inclui todas as práticas sociais.

Nas palavras de Hall (2006, p. 43) “A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’ [...] Estamos sempre em processo de formação

cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.”. Para o autor seu movimento é constante e não possui origem na natureza, mas no social. E por ser pensada no contexto social que as definições de cultura propostas pelos estudos culturais abarcam as temáticas de representações e identidades. Quando teorizadas na abordagem culturalista, as representações adquirem uma complexidade relacionada à mobilidade das identidades e das conexões estabelecidas entre elas. Hall (1999, p.12) explica que os sujeitos não possuem uma característica capaz de defini-los, mas correspondem às múltiplas identidades em movimento “não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Para Hall (1997) cultura, identidades e representação estabelecem entre si uma relação direta de significados. Neste sentido, alinhado ao pensamento de Stuart Hall (1997) este trabalho considera representação e identidade a partir do conceito de representações identitárias.

Sobre a representação, Escosteguy (2010) discorre que implica em uma produção de sentido, sendo assim, estrutura-se como uma prática significativa na qual os meios funcionam como agentes. Também se diferencia na medida em que produz um objeto discursivo, articulando os elementos sociais e simbólicos. Para a concretude do método optamos por empregar uma análise cultural tendo por base o circuito da cultura aliado à análise textual da tevê.

Como análise cultural compartilhamos a definição e interpretação de Williams (2003) sobre as práticas culturais, incluindo aqui as midiáticas, dentro de um contexto multifatorial, em que a cultura está alinhada com os elementos identitários que contribuem para descrever o modo como se dão as representações. O circuito proposto como perspectiva analítica é o desenvolvido por Richard Johnson (1999) no qual estão inseridos os eixos: identidades, representações, consumo e produção.

A análise textual, utilizada apenas na estrutura das formas textuais, contribui no sentido de ampliar o processo de interpretação do texto em si, suas descrições e operações de sentido, Casetti e Chio (1999, p. 249) explicam que “[...] não se trata de medir quantitativamente a presença de determinados temas, figuras ou ambientes, mas destacar a arquitetura e o funcionamento dos programas analisados [...]” (tradução nossa). Buscamos assim, construir categorias analíticas que permitam identificar os sentidos construídos considerando seu tempo, seu contexto e todos os fatores que possam interferir no processo. Os autores ainda salientam a importância dos sujeitos, textos, história e encenação (CASETTI; CHIO, 1999) como instrumental analítico, estabelecendo relações entre esses elementos.

O percurso analítico é desenvolvido obedecendo as seguintes etapas: I – investigação



bibliográfica, na qual se deu a aproximação com o objeto, com as perspectivas e os autores escolhidos para o estudo; II – problematização do conceito que constitui o eixo de análise: a representação e a descrição do objeto; III – construção da metodologia que corresponde às leituras e investigações preliminares realizadas no decorrer da trajetória acadêmica que permitem o tratamento analítico que o objeto necessita, e mapeamento do objeto a partir de sua estrutura, seus programas e modos de produção; IV - para finalizar, tensionamos o *corpus*, aqui definido em sete programas, devido as suas definições culturais e inclusivas, com o suporte teórico-metodológico para responder a problemática do estudo através de categorias analíticas próprias que correspondam à proposta do estudo.

Diante das complexas relações que aparecem no circuito, as instâncias iniciais e as adaptadas pela pesquisadora, tornou-se necessário incluir técnicas de coleta de dados para cumprir com a proposta analítica. Entre elas, fez-se necessário instrumentos, métodos e técnicas como: o formulário, a entrevista semiaberta, a observação participante, análise documental e a análise textual. Não há uma estrutura técnica metodológica linear, por vezes houve a concomitância de técnicas e instrumentos.

Neste sentido, a pesquisa torna-se relevante por ampliar o processo de conhecimento sobre a produção midiática televisiva e entendermos como a televisão pública se apropria de elementos da identidade regional na sua programação. Cabe dizer que a TV Legislativa possui como uma de suas funções a democratização da informação pública e utiliza o financiamento público para sua produção de conteúdo. Ainda que restrita ao espaço das televisões a cabo, não podemos desconsiderar a importância de estar disponível a informação pública, mesmo que seu consumo não seja comparável aos grandes conglomerados midiáticos por estar limitada a uma tecnologia a cabo ou à internet.

Também reconhecemos a necessidade de investigarmos este meio que é institucional, possui orçamento público, ocupa um espaço público e estrutura-se a partir de uma legislação pública. Embora seu quadro funcional, na sua maior parte, é composto por colaboradores terceirizados e com formação técnica, o que explica a alta rotatividade de recursos humanos. A coordenação da TV também corresponde a um cargo em comissão conforme a presidência da Casa Legislativa que se alterna passado o período de doze meses. Suas características, suas peculiaridades e suas contradições norteiam o interesse e o desafio de estudar a televisão legislativa do Estado.

O conhecimento acerca das representações das identidades gaúchas, presentes na produção da TV Assembleia/RS, soma-se a outros estudos sobre a televisão gaúcha e sua produção de conteúdo. Da mesma forma que a investigação possibilita a reflexão sobre as

representações identitárias no Sul do país e que estão presentes na mídia pública. Ainda justificando a relevância do estudo apresentamos alguns dados sobre o estado da arte, informações que aparecerão problematizadas no segundo capítulo do texto. Encontramos diante das palavras chaves “TV Pública”, na pesquisa exploratória realizada no Banco de Teses e Dissertações da Capes, 13 trabalhos originários de programas de pós-graduação em comunicação, sendo que 11 são dissertações e outras duas são teses. TV Pública foi utilizada como opção de busca por se referir ao objeto de estudo e não por estarmos interessados na problematização do tema “comunicação pública”. Entre os trabalhos visualizados aparecem as seguintes instituições: UNESP/Bauru, PUC/MG, UNISINOS/RS e UFBA. As temáticas dessas pesquisas incluem discursos, narrativas jornalísticas, gestão de políticas da informação, telejornalismo, cidadania, atores sociais no sistema público, estratégias e interesses na TV pública, políticas públicas de comunicação, espetacularização e midiaticização da linguagem jornalística, ecologia da radiodifusão.

Quando pesquisado pelas palavras “Estudos Culturais” o banco de dados apresentou 3.340 trabalhos, das 140 primeiras pesquisas que aparecem detalhamos apenas aquelas que estão vinculadas a programas de mestrado ou doutorado em comunicação e que totalizam 6 estudos. Através de pesquisa bibliográfica na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram identificados dois resultados próximos a nossa proposta de trabalho relacionadas à análise de uma televisão legislativa.

Uma pesquisa primária no Google Acadêmico nos conduziu a alguns trabalhos da Universidade Federal de Brasília – UNB. Nesta instituição é comum trabalhos relacionados com a mídia legislativa, uma vez que os poderes executivo, legislativo e judiciário possuem mídias públicas fortes no Distrito Federal. Para além destes estudos citamos trabalhos do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e especificadamente uma tese da Universidade de São Paulo.

Podemos visualizar, dentre as pesquisas encontradas a partir do interesse teórico-metodológico, que os estudos que possuem como objeto as TVs legislativas concentram suas abordagens na questão da definição destas televisões e na comunicação política. Muitos trabalhos problematizam o espaço público, a midiaticização dos atores políticos, a televisão pública, a comunicação pública e suas competências. Assim como, se propõem a estudar essas emissoras sob o ponto de vista jornalístico, investigando suas rotinas produtivas, noticiabilidade, *newsmakers*, agendamento e discursos. Também abordam o caráter institucional como suporte de investigação, com foco no discurso politizado e de que maneira isso interfere nas formas de fazer política. A produção das televisões legislativas é a esfera

que concentra a maior atenção acadêmica. Diferente da perspectiva trazida por esta pesquisa, que concentra seus esforços na representação identitária presente na tevê legislativa do RS.

Como referência às pesquisas que possuem como objeto os canais legislativos encontramos a Universidade Federal de Brasília, UNB, este fato explica-se pela forte estrutura legislativa da região do Distrito Federal, incluindo a TV Senado e a TV da Câmara dos Deputados, que são televisões fundadoras da Associação das Televisões Legislativas e legitimadas no cenário de TVs públicas. No processo de estado da arte percebemos que essas emissoras são, em alguns casos, reconhecidas como “mídia das fontes” ou “mídia corporativa” (SANT’ANNA, 2006). As pesquisas reconhecem o caráter público da informação e o direito que o cidadão possui de ser informado, assim como recorrem à abordagem investigativa sobre a midiaticização dos agentes políticos como personagens de um espaço midiaticizado. Contudo, buscamos neste trabalho contribuir com os estudos em comunicação e ampliar o conhecimento das representações identitárias na televisão pública, especialmente na TV Assembleia/RS.

Para estruturar este estudo, além da introdução, construímos o texto em quatro capítulos. No primeiro, concentra-se o suporte teórico no qual se desenvolve as seguintes temáticas: Estudos Culturais: Representação e Identidade. Capítulo que inclui as subseções: A base dos estudos culturais: dos conceitos aos métodos; A construção do conceito de cultura e Representação e identidade. No segundo capítulo encontra-se uma aproximação teórica que permita pensar o eixo do trabalho: As representações midiáticas no espaço televisivo, nesta etapa apresentamos também o objeto de estudo: A TV Assembleia. O percurso metodológico constitui a terceira etapa dividido em: Perspectivas analíticas: adaptações do circuito da cultura para o texto televisivo e a definição do *corpus*. No capítulo quatro efetiva-se a análise, e desenvolve-se: Cultura Viva: diversidade cultural no Rio Grande do Sul; As condições de produção; As condições de leitura; Análise descritiva-observacional e a Análise das “Formas Textuais”. Desta forma, buscamos através do circuito da cultura e amparados pela base dos estudos culturais respostas para a problemática do estudo: Como e quais representações estão contempladas na grade de programação da TV Assembleia/RS?

## **CAPÍTULO I – ESTUDOS CULTURAIS, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE**

Neste capítulo apresentamos a perspectiva que dará suporte a este estudo. Os estudos culturais constituem-se no eixo teórico a partir do qual desenvolveremos o conceito mais importante da pesquisa, o de representações identitárias. Buscamos nos estudos culturais conceitos como identidade, representação e cultura. Percebemos nesta linha de pensamento um conteúdo alinhado à proposta de análise e para isto exploramos seus autores e seus métodos.

Como representantes dos estudos, utilizamos os conceitos de Richard Johnson (2004), Stuart Hall (2003) e Raymond Williams (2003). Como também, nos valem de autores contemporâneos que nos trazem contribuições importantes quando utilizam os estudos culturais e os principais teóricos em suas pesquisas. Dentre eles: Ana Carolina Escosteguy (2004), Maria Elisa Cevalco (2001) e Jesús Martín-Barbero (2006). Estes pesquisadores se valem da análise cultural para responderem suas problemáticas, percebendo no contexto e nos seus atravessamentos um caminho possível para a interpretação ampla dos sentidos.

Esta primeira parte do trabalho introduz o contexto no qual se insere o objeto. Como estabelece a legislação, as televisões legislativas são televisões públicas por definição legal. Neste sentido, possuem peculiaridades, linguagem e contexto de formação, sendo que não cabe a esta dissertação introduzir uma discussão teórica sobre a comunicação pública e seus atores políticos. Mas sim, tratamos de pensar uma representação que é social, midiática e é política.

### **1.1 A perspectiva dos estudos culturais: dos conceitos aos métodos**

A proposta é trazer a perspectiva dos Estudos Culturais, a partir de abordagens que foram fundamentais para a construção teórica do campo. Ao discorrer as bases e as metodologias que sustentaram os estudos, reconhecemos que muitas das interpretações se desdobraram em outras mais e assim foram construindo alguns caminhos próprios, mas

continuam importantes para entendermos a perspectiva de análise que esta linha de estudos indica e busca compreender.

Neste contexto, buscava-se interpretar a sociedade do consumo e isto inclui a política, a economia, a cultura e seus efeitos diante da comunicação de massa. Esta era a base do pensamento marxista vigente na época, que influenciou diversas correntes no século XX. O Social e os contextos eram objeto de estudo de Marx, porém a cultura alocava-se dentro destas estruturas sem considerar sua autonomia de produção principalmente quanto à classe operária. A divisão entre baixa e alta cultura estava presente nos estudos na Alemanha e constitui em uma das críticas dos culturalistas. Kellner (2001) defende um modelo no qual a problemática possa ser aplicada a diversos produtos culturais, no que ele denomina “espectro da cultura”, e deixemos de lado a dicotomia da ordem superior ou inferior quando pensamos em cultura.

Rüdiger (2001) explica, que o foco dos estudos não era somente criticar ou desconsiderar o popular pela sua essência, mas entender que esse popular estava dentro de uma estrutura de exploração econômica e histórica regulada pelo mercado de consumo. E assim refletia um processo mecanizado de reprodução cultural que não era percebido como produção. Este processo intelectual originou-se em um contexto de revolução industrial, iniciada no século XVIII, que mobilizava a Europa no que se refere à mecanização industrial, às tecnologias, ao aumento da população em espaços urbanos, à produção acelerada de mercadorias e às rotinas de trabalho exaustivas, abordagens problematizadas por Marx.

Os Estudos Culturais, nos anos 1950, para ir além dessa abordagem crítica social, baseada em oposições de cultura superior e inferior, propõe um entendimento mais alargado, ao dizer que: “As relações entre cultura contemporânea e sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa” (ESCOSTEGUY, 2004, p.138-139). Trata-se de um novo estudo a partir do qual seria possível atender as necessidades teóricas que emergiam com foco na cultura e nas lutas populares. Ou seja, a cultura não estava só na esfera da massificação e do consumo, mas circulava e produzia sentido em todos os aspectos e através de todos os indivíduos.

Aqui se constitui a aproximação e também o distanciamento para com as ideias marxistas. Hall (2006) explica que o interesse pela questão do capital, da classe, do social e da prática produtiva alinhava-se ao marxismo, ao passo que os culturalistas afastavam-se deste pensamento quando tratavam a cultura das classes como produtoras de sentido que são

incorporados nas estruturas do período. O que implica em ler a cultura como texto e não apenas estrutura (HALL, 2006).

Os estudos culturais contribuíram para o deslocamento das problemáticas que anteriormente estavam baseadas na ideologia marxista e o estudo de classes. A crítica culturalista aproxima-se de “abordagens que se centram nas identidades sociais, nas subjetividades, na popularidade e no prazer” (JOHNSON, 2004, p.15). O eixo de estudo debruça-se sobre a subjetividade das relações sociais. Johnson (2004) ainda afirma que a subjetividade não está disponível de forma clara, ela é produzida e, neste sentido, o objeto de análise encontra-se na abstração e no movimento das sociedades. Portanto, tornava-se necessário pensar a produção cultural em todas as suas instâncias, incluindo na observação os modos de produção, o que possibilitou um novo entendimento da cultura, não mais em uma dialética entre os termos de massa ou erudito, mas em uma dimensão maior que contemplaria as práticas sociais como um espaço de significação e de sentidos, “mudanças em uma problemática transformam significativamente a natureza das questões propostas, as formas como são propostas e a maneira como podem ser adequadamente respondidas” (HALL, 2006, p.123), emergia novos contextos e novos questionamentos na busca por respostas através dos autores alinhados aos estudos culturais britânicos.

É no Centre for Contemporary Cultural Studies - CCCS, na Inglaterra, que emerge os primeiros movimentos que abordam os Estudos Culturais. O eixo central dos estudos ali desenvolvidos direcionava-se à percepção da cultura como um elemento multidimensional, que daria conta das relações estabelecidas entre os indivíduos e a sociedade. A (re)formulação do conceito foi a premissa fundamental, na qual sustenta-se a teoria e a partir das quais estruturaram-se as metodologias. Para Escosteguy (2004):

Com a extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas -, considera-se em foco toda a produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas (ESCOSTEGUY, 2004, p.143).

Richard Hoggart foi o fundador do Centro, que em 1964 estava ligado à Universidade de Birmingham. Junto com Hoggart estavam Raymond Williams e Edward P. Thompson. Os três entendiam que a cultura que parte dos indivíduos é fundamental para perceber o processo social. Richard Hoggart e Raymond Williams romperam com a definição sustentada até o momento e sugeriram com suas obras, a *As Utilizações da cultura* e *Cultura e sociedade*,

respectivamente, uma análise diferente, fundamentada na interpretação social, que foi importante para a consolidação dos Estudos Culturais. Manifestaram preocupação com as mudanças econômicas e sociais que eram realidade da época, assim como perceberam a classe trabalhadora como detentora do poder de produzir, circular e consumir significados.

Escosteguy (2010) afirma a importância de Hoggart na construção do campo quando explica que através do método qualitativo e sua atenção à cultura popular percebe que nas classes populares há submissão e também resistência. A proposta era “[...] ler a cultura da classe trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões e estruturas: como se fossem certos tipos de ‘textos’” (HALL, 2003, p.124), ou seja, a cultura inserida no modo de ser e existir socialmente.

Os estudos culturais partem de um projeto político, ligado aos movimentos sociais, que trabalha as relações sociais e a cultura a partir daquilo que é efetivamente vivido e entendido através de uma teoria marxista da cultura. O social é o eixo dos estudos no momento da fundação, mas não na sua totalidade. Para Hall (2003, p.191), trata-se das “[...] coisas que Marx não falava nem parecia compreender, que eram nosso objeto privilegiado de estudo: cultura, ideologia, linguagem, o simbólico”. Os culturalistas integravam o social, o econômico, o político em um ambiente e em um contexto histórico e buscavam nos atravessamentos destas instâncias as respostas às problemáticas levantadas. “Os estudos culturais britânicos foram assim vinculados a um projeto político de transformação social em que a localização das formas de dominação e resistência ajudariam o processo de luta política” (KELLNER, 2001, p. 48).

Antes de apresentarmos os autores como representantes da corrente culturalista ou estruturalista, apontamos aqui diferenças e semelhanças que possibilitaram o desenvolvimento dos estudos dentro da perspectiva da cultura. No culturalismo a experiência era o vivido no estruturalismo esta prática só seria possível uma vez categorizada dentro de uma cultura. Esta é apenas uma percepção que as diferem: [...] nem o ‘culturalismo’ nem o ‘estruturalismo’, em suas atuais manifestações, se adaptam a tarefa de construir o estudo da cultura como um domínio conceitualmente claro e teoricamente informado (HALL, 2006, p. 140).

Ou seja, as duas correntes apresentam pontos teóricos fracos, possíveis de crítica e por vezes próximos. Hall (2006) explica que o estruturalismo permite que pensemos a estrutura do ponto de vista de sua abstração como instrumento de pensamento, ao passo que o culturalismo reconhece que as práticas não ocupam lugares definidos, porém para organizar as estruturas do real há de se pensar nas abstrações que o constituem. Este é um ponto de convergência entre as duas correntes. A divergência também se encontra no fato do

estruturalismo considerar a totalidade das práticas em uma autonomia absoluta e os culturalistas reconhecerem as particularidades destas mesmas práticas.

A insistência do estruturalismo de que o pensamento não reflete a realidade, mas se articula a partir dela e dela se apropria, é um ponto de partida obrigatório. Para Hall (2006, p.141), as duas correntes foram fundamentais para o pensamento intelectual da época movimentado pelas importantes transformações da ordem da produção e do consumo de massa. Porém, os culturalistas definiram seu ponto crítico em relação aos estruturalistas: os processos sem sujeitos (HALL, 2006). E é nos sentidos produzidos por estes sujeitos, a partir das estruturas dadas, das abstrações e das conexões culturais complexas que se concentra o esforço dos culturalistas.

Deixamos registrado o envolvimento da proposta teórica com os movimentos feministas dos anos 70, isso somado a outras subculturas que retiveram a atenção dos Estudos Culturais no que se refere ao gênero, sexualidade, raça e etnia, considerando a abrangência dos meios e sua capacidade de interferir na sociedade. Na abordagem teórica proposta, a cultura possui uma autonomia relativa, já que sofre influências políticas e econômicas e configura um espaço de lutas sociais (ESCOSTEGUY, 2010). A cultura é ambiente de produção e tensionamentos, encontra-se no indivíduo e no coletivo, nos textos e nos contextos "Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas" (HALL, 2003, p.128). Isso não significa que é um elemento puro, mas atravessado e influenciado por todos os campos sociais. Desta forma, os autores culturalistas atentam para a complexidade multidisciplinar que o campo sugere.

Mais tarde, Stuart Hall substitui Hoggart na direção do Centro, o que vai incentivar uma abordagem mais etnográfica. Cabe dizer que mesmo na busca por uma definição para os Estudos Culturais, esse campo não se constituiu em uma disciplina fechada que propunha limites visíveis, ao contrário, propunha-se inclusivo. Sua interpretação emergia justamente da interdisciplinaridade entendendo que a cultura está acessível a outros campos de conhecimento, o que implica pensar a cultura como lugar de partida da construção dos significados (WILLIAMS, 2003, p. 51). "Um modo determinado de vida, que expressa certos significados e valores não só na arte e na aprendizagem, mas também em instituições e no comportamento ordinário" (tradução nossa). O que Williams denomina ordinário são as práticas vividas, ações operacionalizadas pelos sujeitos, sejam elas individuais ou compartilhadas.

Segundo Hall (2006), na sua obra *The Long Revolution*, produzida nos anos 60, Williams aborda duas definições para entendermos a cultura. A primeira relacionada com a



questão das ideias, do social e do democrático compartilhado por um grupo, espaço de experiências comum interligado ao contexto em que ocorre. E a segunda, define cultura como prática social – modo de vida global, utilizando de uma abordagem reflexiva mais antropológica.

[...] a cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares” [*folkways*]” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas (HALL, 2006, p. 128).

Williams (1979) possuía um envolvimento com as ideias marxistas, nas quais buscava se distanciar no que se referia ao materialismo cultural relacionado com uma economia de produção a serviço da burguesia. No materialismo marxista as estruturas estavam divididas em superestruturas de produção e de ideias. Williams teve sua origem em área rural e a família dispunha de poucas posses, através de bolsa de estudo ingressou na universidade na Inglaterra. Foi desta experiência vivida de práticas culturais e sociais diferentes que alimentaram e formaram seu pensamento reflexivo sobre cultura, explica Cevasco (2001).

Com os chamados *New Left*, nos anos 30 que se criaram ambientes onde artes, política, música, literatura e história eram temas de discussões e troca de conhecimento. Além de frequentar estes lugares, Williams dedicou-se ao ensino de jovens e adultos. Segundo Cevasco (2001) desta forma o teórico consegue organizar uma atividade que possibilita reunir o conhecimento acadêmico com vivências referentes à sua origem. A dedicação ao ensino das classes populares e pensamento intelectual foi dividido com Thompson.

Thompson (1995) compartilha com as ideias de Williams quando trata a questão da oposição e as situações de disputas e confrontos vividos em uma sociedade, mas faz-lhe críticas quanto ao seu modo de pensar a cultura na sua totalidade sem reconhecer essas estruturas de poder que interferem no social e também no cultural. Em reação à crítica, Williams (1979) afasta-se dessa definição reducionista pra problematizar a cultura dentro da sua heterogeneidade e suas forças de poder e constrói uma reflexão que traduz a proposta dos estudos culturais, assim como explica Stuart Hall a seguir.

Essa linha de pensamento prefere a formulação mais ampla – a dialética entre o ser e a consciência social: inseparáveis em seu pólos distintos (em algumas formulações alternativas, a dialética entre “cultura” e “não-cultura”). Ela define cultura *ao mesmo tempo* como os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, elas quais eles lidam

com suas condições de existência e respondem a estas; e *também* como as tradições e práticas vividas através das quais esses “entendimentos” são expressos e nos quais são incorporados (HALL, 2003, p.133)

Stuart Hall (2006) descreve a circularidade da cultura e os lugares que ocupa. Enquanto Willians une definições e modo de vida, Thompson reúne consciência e condições, problematizando a experiência. O que para Willians vai ser o lugar onde as pessoas podem experimentar o que as definem, suas condições de vida para Thompson (1995), isto está ligado à luta de classes e às modalidades culturais. Fica visível um distanciamento entre o culturalismo e o estruturalismo. No primeiro a questão central era do espaço vivido o que constitui determinado grupo dentro da sua cultura, está interpretada a partir do coletivo. No segundo, condições pontuais são determinantes para o entendimento da cultura, as relações sociais, suas categorias e suas forças. O avanço está ligado justamente em pensar essa complexidade dentro de uma heterogeneidade, o que os culturalistas reconheciam como contexto. Hall explica isso quando diz:

[...] na minha visão, é a vertente dos Estudos Culturais que tentou *pensar partindo* dos melhores elementos dos paradigmas culturalista e estruturalista, através de alguns dos conceitos elaborados por Gramsci, a que mais se aproxima das exigências desse campo de estudo (HALL, 2006, p.147).

Gramsci (apud JOHNSON, 2004) foi o teórico marxista que mais manifestou interesse na produção cultural de classes populares, influenciado pela sua postura comunista. E influenciou a abordagem proposta pela perspectiva dos estudos culturais, em que a produção cultural ganha importância diante do contexto em que circula e o lugar onde é produzida, instaurada em um ambiente hegemônico de trocas e apropriações. “Em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica; em outros, reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas” (ESCOSTEGUY, 2004, p. 147).

A abordagem proposta por Gramsci, embora alinhada ao marxismo contribuiu com abordagens relevantes para pensarmos a cultura através do termo “hegemonia”. Segundo Willians (1979) o marxismo utilizou a definição de Gramsci para tratar das relações de classe principalmente quando desenvolveu estudos sobre a classe dominante. Para Gramsci (apud WILLIANS, 1979) , entretanto, há diferença do que ele chamou de domínio e definiu como uma força política de coação e hegemonia, que seria uma influência originária de esferas além das conhecidas formas de manipulação e ideologias políticas. Hegemonia:

É todo o conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor - que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. (WILLIAMS, 1979, p. 113)

É nesse sentido que os estudos de Gramsci alinham-se a uma perspectiva de estudos que os culturalistas tinham interesse e que no pensamento marxista apareceu reduzida à estrutura de dominação. Williams (1979) reitera que a hegemonia estabelece uma organização na medida em que interliga valores, práticas e significados incorporados numa ordem social e cultural. Isto inclui pensar a cultura, as representações e as identidades como um movimento contínuo e sutil realizado pelos sujeitos na individualidade e no coletivo. Nas relações que se estabelecem no social a partir de uma articulação que não está reduzida a esfera política ou econômica, mas perpassa as atividades dos sujeitos nas mais simples práticas cotidianas para além daquelas institucionalizadas e facilmente percebidas.

#### 1.1.1 A construção do conceito de cultura

Depois de apresentada a origem e a linha de estudos que sustenta esta pesquisa, propomos aqui desenvolver o conceito de cultura. De modo que fiquem claro os autores que amparam nossa problemática e como, a partir deles, utilizamos o termo cultura neste trabalho. Para isso expomos as definições alinhadas aos estudos culturais. Representante de uma vertente mais moderna, o latino americano Martín-Barbero (2006) diz:

O lugar da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para expressar-se, condensar-se e converter-se em estrutural: a tecnologia remete, hoje, não a alguns aparelhos, mas, sim, a novos modos de recepção e de linguagem, a novas sensibilidades e estritas (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.54)

Pensar os meios massivos e tecnológicos não apenas como instrumentos de uma mediação mecanizada, mas como operador de transformações na ordem social, cultural econômica e política que reflete nas práticas vividas uma vez que estão incorporados como parte, extensões ou modo de reconhecimento dos indivíduos. Para Martín-Barbero (2006) a cultura está alinhada às práticas e aos meios que intermediam estas práticas e se constituem, desta forma, como elementos culturais: produtores e distribuidores de significados, já Cevalco

(2001) explica que a proposta de Williams era a de analisar a cultura como totalidade social e a partir de um contexto histórico específico, reconhecendo que novos contextos produzem novos sentidos e interpretações culturais. Mais do que o consumo dos meios massivos Williams interessava-se nas conexões que perpassavam estas estruturas, como eram apropriados e que sentidos eram produzidos.

Para Johnson (2004) a cultura estrutura-se no abstrato e inclui na sua definição três premissas: a primeira alinhada às formações sociais, principalmente no que se refere à classe, sexo e raça. A segunda, resultado das assimetrias originárias das estruturas de poder, e a terceira, soma estas duas observações em que a cultura não é um campo determinado e tampouco pacífico, inclui disputas e jogos de poder. Williams (2007) buscou descrever detalhadamente em seus estudos a origem do termo cultura. Inclui seus primeiros usos originários da antropologia, filosofia e sociologia até o que ele vai reconhecer como cultura dentro de suas bases teóricas. O desenvolvimento britânico do sentido de cultura é datado do início do século XX e o significado está perpassado por questões como: relações humanas, modos de vida e manifestações artísticas. Na antropologia cultural a cultura aponta estruturas materiais, enquanto que nos estudos culturais e na história o termo vai carregar um poder simbólico. A complexidade, para Williams (2007) reside não na sua definição, mas nos usos da palavra.

Em 1870 o adjetivo cultural tornou-se comum e duas décadas mais tarde foi familiarizado como substantivo independente referente à arte, ao intelectual e ao antropológico. A hostilidade à palavra cultura teve origem a sua associação à classe, e posteriormente alimentada pelos alemães no período da Primeira Guerra Mundial, no século XX. Hostilidade que esteve vinculada também ao conhecimento intelectual, dividindo entre “baixa e alta” cultura, conectada à teoria alemã frankfurtiana. Sua percepção salienta a circulação do termo entre as diversas disciplinas e áreas do conhecimento, o que gerou múltiplos usos, apropriações e problematizações incluindo as propostas pelos teóricos dos estudos culturais.

Cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa. Isso ocorre em parte por causa de seu intrincado desenvolvimento histórico em diversas línguas européias, mas principalmente porque passou a ser usada para referir-se a conceitos importantes em diversas disciplinas intelectuais distintas e em diversos sistemas de pensamentos distintos e incompatíveis. (WILLIAMS, 2007, p.117)

Nesta complexidade reside sua força e dificuldade interpretativa. Pode significar um bem simbólico ou ainda nas disciplinas da saúde é explicada nos diversos procedimentos com microorganismo. Podemos ilustrar aqui esta extensão de sentidos que tanto significa um cultivo ou descrever aspectos da sociedade. Originário do latim “*colere*”, cultura significava habitar, proteger, entre outros sentidos possíveis. “[...] cultura era um substantivo que se referia a um processo: o cuidado com algo, basicamente com as colheitas ou com os animais.” (WILLIAMS, 2007, p.117-118). Na proposta de Willians (2003) são exploradas duas perspectivas: o que é partilhado e o que estrutura-se na individualidade.

Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos, para designar um modo de vida – os significados comuns – e para designar as artes e o aprendizado - os processos especiais de descoberta e esforço. Alguns escritores reservam esta palavra para um ou outro desses sentidos: eu insisto nos dois e na relevância de sua conjunção. (...) A cultura é de todos, em toda sociedade e em todos os modos de pensar. (WILLIAMS apud CEVASCO, 2001, p.4)

Ou seja, não há um caminho ou outro, há uma perspectiva que deve reconhecer o todo como produtor de práticas que constituem os aspectos culturais. Laraia (2001) alerta para a importância de pensarmos a cultura dentro do seu próprio universo, sem buscar paralelismos que gerem comparações da ordem: “bom ou ruim”. E reconhecer que nas práticas culturais individuais ou coletivas existe uma verdade e um sentido próprio.

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo. (LARAIA, 2001, p.45)

Não há motivos para desmerecer outras formas culturais e não reconhecê-las como legítimas, são apenas interpretações diferentes que também são resultados de práticas culturais autênticas. Cada indivíduo constrói suas percepções de mundo da forma que lhe faz mais sentido. Diante da complexidade do termo cultura e da reconhecida importância da evolução dos significados, Williams (2003) reconhece três categorias amplas de uso: o substantivo abstrato e independente relativo ao desenvolvimento intelectual, o subjetivo dependente que indica um modo de vida como também o substantivo independente e abstrato que descreve a atividade intelectual artística. Este último é o mais utilizado para descrever manifestações da música, pintura, escultura... Tanto Willians (2003) quanto Thompson (1995) colocavam o indivíduo em primeiro plano, para o primeiro a cultura referia-se a um modo

global de vida enquanto que para o segundo a cultura constituía-se como espaço de conflitos de classe.

Diante de todas estas definições consideramos a cultura como a totalidade das práticas vividas encontradas no social e nos indivíduos, tudo aquilo que vai direcionar suas ações e estabelece afetividades ou distanciamentos. Isto inclui as estruturas sociopolíticas, entre elas a estrutura midiática. Neste trabalho, pensamos a cultura a partir das representações que estão presentes no aparato tecnológico midiático, no caso a televisão, os usos e sentidos produzidos e/ou reafirmados por ele e através dele. Reconhecemos a produção midiática como prática social e cultural, uma vez que se utiliza do cotidiano, das linguagens e práticas para se fazer ver e entender. Portanto, reorganizam-se múltiplas vezes, de acordo com o tempo e o espaço, na tentativa de estabelecer os lugares das pessoas e suas relações coletivas. É nestas conexões, que circulam de forma móvel, que reside a complexidade de pensarmos a cultura e propormos uma análise cultural.

### 1.1.2 Representação e identidade

Propomos nesta etapa construir um texto reflexivo sobre as representações identitárias alinhada à linha de estudos dos estudos culturais, que aqui estão relacionados às representações midiáticas. Para tanto, exploramos o lugar que a mídia ocupa e de que modo atua nas construções das representações identitárias. Woodward (2000) explica como funcionam os sistemas de representação a seguir.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, 17-18)

Deste modo, as representações geram o reconhecimento e uma ação do sujeito que permite o sentimento de pertença. Woodward (1999, p.10) ainda completa: “[...] a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”. E por ser simbólica que optamos por unir identidade e representações. Se as identidades estão construídas no abstrato das práticas sociais, esta percepção estrutura-se nas representações que estão disponíveis. “Essas

identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas estão representadas” (WOODWARD, 1999, p.8).

A mídia, por sua vez, utiliza estes sistemas para organizar representações identitárias que reconhece como legítimas a partir dos seus modos de produção e busca nestas construções o reconhecimento dos sujeitos. Isso não significa que possa dar conta da pluralidade identitária, ao contrário. Muitas vezes encontramos uma seleção de representações que se afasta dos aspectos culturais compartilhados por um grupo. Embora, tratemos a representação como escolhas, reconhecemos que o que está representado aproxima-se do que entendemos como realidade. Logo entender as representações midiáticas contribui para percebermos as representações identitárias gaúchas que estão disponíveis na programação da TV Assembleia do Rio Grande do Sul, nosso objeto de estudo.

Nesse contexto, os meios de comunicação exercem um forte apelo social, cultural e identitário. Social, porque diante deles estabelecemos conexões e produzimos leituras; cultural, uma vez que está onipresente no cotidiano; e indenitário, por que sua proposta é gerar o pertencimento. Como explica Martín-Barbero (2006), isto nada tem a ver com território, limites fronteiriços, costumes ou memória, mas reconhecer que representações identitárias “diferentes” constituem representações e produzem sentido dentro de uma cultura. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade das matrizes culturais” (Martín-Barbero, 1997, p.258).

Uma cultura por mais que seja explorada na sua hegemonia produz práticas sociais, artísticas, intelectuais individuais, coletivas e compartilha estes elementos. Por sua vez, as representações culturais não podem significar uma classificação reducionista, a cultura, as representações e as identidades são livres. Entendemos que estes elementos devem circular no social e não limitar os sujeitos e as culturas. Martín-Barbero (1997) considera três níveis de mediação, a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Níveis que permitem construir as representações identitárias, no caso do autor referente aos processos de recepção no qual ele dedica seus esforços analíticos. Em que explica: “Boa parte da recepção está de alguma forma, não programada, mas condicionada, organizada, tocada, orientada pela produção, tanto em termos econômicos como em termos estéticos, narrativos, semióticos” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 56). Nesse sentido, afirma-se a posição da construção midiática ser uma construção cultural de orientações e construções de representações identitárias.

Outro modo de explorar as representações identitárias é recorrer à memória e à história. Woodward (2000) acredita que as reivindicações e o apelo às questões e lutas históricas contribuem para a construção de novas identidades e assim de novas representações identitárias que não estejam restritas a um passado em que os sujeitos não se reconheçam. A centralidade do conceito “identidade” explica-se pelas questões contemporâneas que incluem: a identidade nacional, o contexto local, as identidades pessoais como a sexualidade e as identidades étnicas, segundo (WOODWARD, 2000). A necessidade dos sujeitos se incluírem e pertencerem a um sistema de classificação é também reproduzido no campo midiático. Ou seja, a identidade é relacional e marcada pela diferença assim como a representação identitária individual ou social.

São os sistemas de classificação que regem a ordem social (WOODWARD, 2000). As práticas, os rituais e os artefatos caracterizam nossa identidade e nosso lugar social, estabelecendo assim distinções. Como explica Woodward (2000), cada cultura possui um sistema classificatório e significados que serão partilhados ou não reconhecidos, excluídos dos modos como me vejo e me identifico. As posições que assumimos diante destes sistemas classificatórios vão corresponder a representações identitárias a partir das quais nos reconhecemos. Nesse processo de escolha, de reconhecimento e afetações particulares que encontramos as “subjetividades” que não é sinônimo de identidade, mas referem-se a concepções, emoções e sentimentos que produzem a identidade, alerta Woodward (2000).

Quando estudamos a representação, consideramos que ela inclui os sistemas simbólicos. É nesses sistemas que estão as pistas das posições dos sujeitos, o que ele é, e o lugar que ocupa. A representação é um processo cultural e a mídia, através das suas construções textuais, induz e mostra o “lugar” que ocupamos dentro do contexto social. “É claro, pois, que a produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas” (WOODWARD, 2000, p. 18). Ou seja, quando o campo midiático engendra uma representação midiática, esta produz sentidos previamente construídos seja na esfera da produção destes textos televisivos, como também emergem do social.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma



mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2000, p.109)

É nesse sentido que a representação torna-se tão importante. A representação construída pela mídia descreve o lugar, o valor e os sujeitos da cultura que ela divulga e que ela mesma faz parte. Nessas construções de ordem simbólica estão as pistas dos modos como somos vistos, ou como disse Hall (2000), a explicação da exclusão. A representação midiática não dá conta do que somos de verdade, mas produz e traduz sentidos alicerçados no social, o que fortalece nosso interesse pelo objeto de estudo.

## **1.2 Prerrogativas da análise cultural**

Considerando os focos de atenção dos teóricos dos Estudos Culturais, salientemos suas contribuições metodológicas para a realização de uma análise cultural. A proposta de pensar a cultura vivida gerou metodologias importantes para abordagem qualitativa de recepção, de produção e etnográfica.

A proposta reflexiva apresentada por Williams (2003) instiga a pensarmos a cultura no seu sentido mais amplo: de práticas e contextos. Para isso o autor utiliza-se de três categorias para definir o termo “cultura”. A primeira ele descreve como lugar ideal, seria o que é próprio dos sujeitos: sua essência e natureza humana. Também as referências que o fazem sujeitos sociais, os valores que os incluem em uma coletividade e geram uma percepção geral da cultura. Na segunda categoria encontra-se o valor documental da cultura, ou seja, as formas de registro capazes de perpetuar, atravessar e circular. São as alusões às tradições e às práticas que permitem a transformação humana na medida em que geram conhecimento. E por último, o que ele chama de “definição social” da cultura. Em que os valores, os significados, as tradições, essência e suas transformações constituem em um modo de vida.

Williams (2003) debruça atenção para as três perspectivas e salienta a necessidade de buscarmos os sentidos, os registros e os valores em todas as práticas sociais e não apenas naquelas reconhecidas e legitimadas ao longo da história como manifestações culturais. Esse posicionamento, sustentado nos estudos culturais, amplia nossa capacidade interpretativa e simultaneamente estabelece um desafio: perceber o todo na sua individualidade e a individualidade no social. Interpretar a cultura é ter consciência desta complexidade analítica

explica Williams (2003, p.53) “Acredito que qualquer teoria apropriada da cultura deve incluir as três esferas as quais apontam as definições e, ao inverso, suponho inadequada toda a definição dentro de qualquer categoria que exclua as outras” (tradução nossa). Fazer uma análise cultural significa propormos uma reflexão de um produto em um contexto específico. Não é uma percepção absoluta, mas uma interpretação possível diante das variáveis que foram estabelecidas. Williams (2003) dá exemplo da análise de obras de arte, onde não é possível considerar sua singularidade sem fazer referência ao contexto. O que significam? Que lugar ocupam? Para quem produzem sentido? Mais que um método, a análise cultural estabelece um caminho possível que não limita, mas amplia o processo analítico. O documental, proposto pelo autor, é a prova das referências que vamos utilizar em nossas pesquisas, é o que vai dar suporte e veracidade à análise, ao passo que ilustra de forma sistemática o percurso metodológico da análise cultural.

Na questão documental, o referido autor explica que a cultura vivida é acessível àquele que se inclui nela, no seu contexto e nas suas práticas. Logo, ao trabalhar a perspectiva documental da cultura é importante percebermos que na transposição destes modos de vida, algo se perde, não há uma recuperação total. Há sim, a possibilidade de reconhecermos esta recuperação como o que Williams (2003) denomina de “Tradição Seletiva” e diferencia do efetivamente vivido. O autor explica ainda que a seleção acontece concomitantemente com a ação e organização das práticas sociais e conclui que as novas organizações geram novas ações e novas seleções norteadas por interesses diversos (WILLIAMS, 2003, p.60). A seleção entendida como uma prática cotidiana que produz sentido através das vivências dos indivíduos.

[...] assim a tradição seletiva acredita em um nível, uma cultura humana geral e outro nível num registro histórico de uma sociedade em particular e em um terceiro nível e mais difícil de aceitar e avaliar o contexto que inclui as culturas vividas (tradução nossa).

A tradição seletiva é importante na análise contemporânea da cultura, pois estabelece novos caminhos e desvenda rupturas. Como diz Williams (2003), a seleção implica em uma interpretação e estabelece relações destes tempos e contextos. Ou seja, as três categorias propostas pelo autor constroem um percurso metodológico, em que o ideal está presente no documental e se efetiva no social. Todos os elementos são ativos e produzem sentidos específicos e relações uns com os outros. Quando Williams (2003) deu início às pesquisas referentes à “tradição seletiva” buscou em jornais características de um período que não era o

vivido. Salienta-se aí a importância de coletarmos referências que deem conta das práticas sociais que visualizamos e não há como ser de outra forma. Não existe um novo puro, mas lapidações e seleções que em outros momentos foram importantes e devemos explorar. Possivelmente este material contribua para a problemática de nossas pesquisas.

Williams (2003) nos apresenta uma metodologia de análise, o que ele nomeou “Estrutura de Sentimento”, ao mesmo tempo, reconhece que as estruturas não atuam de maneira uniforme na sociedade e serve de método de análise para a literatura, cinema, novela, programas de TV e impressos que busca identificar os elementos e seus sentidos dentro de um período de tempo definido. A estrutura de sentimento é uma dicotomia para explicar o cotidiano em que o autor propõe entre os elementos rígidos e a sensibilidade presente nas produções de sentido, subdivididos em: estruturas dominantes, estruturas residuais e estruturas emergentes. Grosso modo, podemos dizer que o residual já foi dominante. O dominante um dia será residual e o emergente nem sempre conseguirá a força de dominante. Embora, não seja utilizado como metodologia reconhecemos a importância desta abordagem analítica para estudos que incluem uma análise cultural.

O método de análise cultural pode ser empregado através de perspectivas que buscam contemplar três concepções de cultura – ideal, documental, social (classificações espaciais) – bem como os aspectos culturais que são dominantes, residuais e emergentes (classificação temporal). Como dominante entende-se aquilo que resistiu à tradição seletiva e permanece ativo no cotidiano, enquanto que o emergente traz uma (re)construção social embora não seja o novo bruto. O residual é a categoria que exige mais atenção, não aparece com perfeita nitidez, mas justifica-se nas conexões que estabelecemos entre o dominante e o emergente, está diluída e intermedia as duas instâncias.

As abordagens propostas pelo autor contribuem para todo e qualquer processo que busque interpretar a cultura. Suas abordagens ilustram a complexidade que está diante de nós, ao passo que alerta para a riqueza que podemos extrair destas conexões produtoras de sentido encontradas no social e nas práticas vividas. Para isso a análise cultural permite uma variedade de circuitos e perspectivas metodológicas que operacionalizam as operações analíticas e contemplam a multiplicidade de elementos que atravessam esta perspectiva de pensarmos a cultura.

Ana Carolina Escosteguy (2007) apresenta possibilidades teórico-metodológicas alicerçadas nos estudos culturais. As metodologias estão sistematizadas na forma de circuitos da cultura, também denominados por ela como circuitos de comunicação. Nesta articulação dos elementos busca-se integrar as instâncias que envolvem os processos de produção e de

recepção, de forma que possamos visualizá-los em um contexto multifatorial. As instâncias do circuito não funcionam como uma obrigatoriedade metodológica, mas sim atuam e colaboram na interpretação das conexões que envolvem o processo comunicativo e que não podem ser desconsideradas. “Embora separados, os momentos não são, na verdade, autocontidos; precisamos, portanto, analisar aquilo que Marx teria chamado de ‘conexões internas’ e ‘identidades reais’ entre eles” (JOHNSON, 2004, p. 106). Não é um método exclusivo dos estudos culturais, mas, o esforço de pensar o texto midiático dentro das práticas cotidianas legitimou esta metodologia a partir das reflexões culturalistas.

As metodologias, selecionadas por Escosteguy (2007) e propostas por Stuart Hall (2003), Richard Johnson (1999) e Martín-Barbeiro (2003) não são protocolos fechados, ao contrário, possibilitam a elaboração de um circuito próprio do pesquisador, de onde se pode ampliar e desmembrar as categorias analíticas em categorias próprias que contemplem as necessidades do objeto. Seu ordenamento e sua nomenclatura não limitam a análise, mas instrumentalizam interpretações plurais sobre os processos comunicativos.

Escosteguy (2007, p.117) identifica nos três autores, fundadores dos estudos culturais, a efetividade de um método que contemple a comunicação na sua totalidade, “[...] apresento um protocolo analítico que atende à integração dos diferentes elementos – produtores, textos e receptores – e momentos – produção, circulação e recepção/consumo – que configuram a totalidade do processo comunicativo”. Salienta a importância crescente das tecnologias, que por sua estrutura geram produção de sentidos e apropriações diferentes, ressaltados os estudos de Stuart Hall (2003) e Martín- Barbeiro (2003), que (re)construíram problemáticas contempladas pelos estudos culturais.

Stuart Hall (2006), nos anos 70, propõe Encoding/Decoding, cujo processo comunicativo envolve duas instâncias complexas em que há um jogo de produção de significado que apresenta uma leitura hegemônica ou dominante, oposta e negociada, aliando o estudo de recepção à semiologia. “Chamo de codificação e decodificação duas práticas diferentes, mas relacionadas, que conectam o que pode ser analiticamente identificado como dois momentos isolados” (HALL, 2006, p.339). A produção da mensagem aparece como um processo complexo. No primeiro a interpretação é desenvolvida a partir da construção da mensagem, na oposição o receptor interpreta de forma alternativa e na negociação há um jogo que busca equilibrar os sentidos entre o construído e a livre interpretação. Neste modelo o autor reconhece o poder dos meios de comunicação e suas construções na busca por uma enunciação hegemônica.

O modelo de circuito proposto por Escosteguy (2007), a partir dos estudos de Hall (2006), conforme Figura 1, insere uma perspectiva articulada entre as origens das mensagens, circulação, recepção, distribuição e produção, aliado a uma perspectiva semiótica. Escosteguy (2007) recupera o modelo da codificação/decodificação do discurso televisivo proposto por Hall (2006) em que privilegia a forma textual e sua capacidade de gerar sentido em detrimento da produção como mercadoria.

[...] Hall (2006) tensiona premissas que têm sua origem pautada em tal suporte. A proposta do autor tenta preservar a dinâmica do processo, desafiando a idéia de hierarquia entre produção e recepção, e de correspondência obrigatória entre elas, embora admita que é a produção que constrói a mensagem e que o circuito aí se inicia (apud ESCOSTEGUY, 2007, p.124).

Hall (2006) descreve os modos como os sentidos são construídos e salienta a importância de pensar a instância de recepção de forma a dar conta do engendramento de significados originário da esfera da produção. Ou seja, Stuart Hall (2006) estabelece uma relação obrigatória e direta entre os dois polos. O consumo aparece como uma extensão da produção televisiva, “[...] a recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente” (HALL, 2006, p. 334). Ao mesmo tempo em que relações econômicas e sociais são caras à análise, uma vez que é na recepção que o texto adquire valor social. “É a noção de que o significado não é fixo, de que não existe uma lógica determinante global que nos permita decifrar o significado ou o sentido ideológico da mensagem [...]” (HALL, 2006, p. 334). É na audiência que são estabelecidas posições de negociação ou de oposição enquanto que a construção de sentido é originária da produção. A decodificação realizada pelos receptores são resultados de experiências particulares que interferem na construção semiótica. Para Hall (2006) este modelo contempla as influências estruturalistas nos estudos culturais.

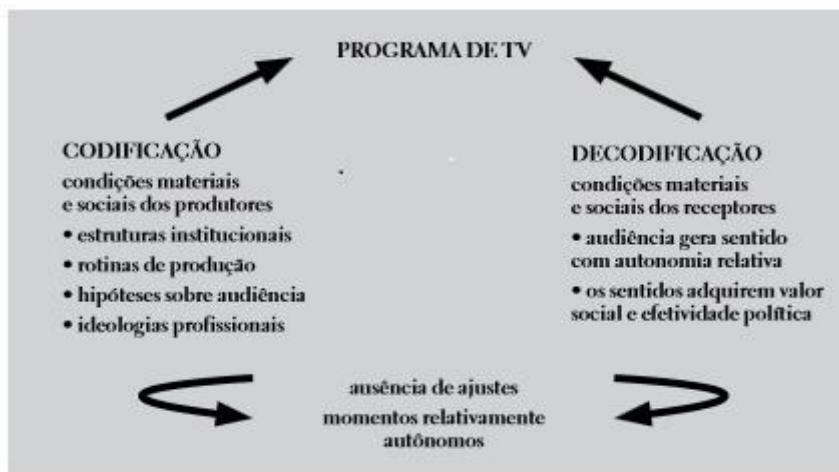


Figura 1 - Modelo codificação e decodificação (HALL, 2003, p.391)

Hall (2006) apresenta este modelo como um operador analítico para interpretarmos as construções do texto televisivo, mas salienta que pode ser aplicado em outros objetos. Acredita em uma estruturação na esfera da codificação de modo que garanta a eficiência da comunicação, já que o autor reconhece que o texto codificado possui certa liberdade. “Logo, uma leitura preferencial nunca é completamente bem sucedida: é apenas o exercício do poder na tentativa de hegemonizar a leitura da audiência. Só não quero sugerir que o texto é infinitamente aberto, sem elementos internos” (HALL, 2006, p. 346).

Quando o referido autor propõe um processo de decodificação que inclui a produção de sentido a partir de uma construção pré-determinada, ele estabelece três posições de leitura (HALL, 2006, p. 349): a preferencial, a negociada e a oposta. Sobre a condição de leitura preferencial explica a possibilidade de haver correspondência entre a leitura e o texto, na leitura negociada há um espaço de cordialidade. E ele completa:

[...] as leituras negociadas são provavelmente o que a maioria de nós faz, na maior parte do tempo. Somente quando você se torna um sujeito autoconsciente e esquematicamente organizado, você alcançará integralmente a leitura de oposição (HALL, 2006, p. 350).

Esta leitura de oposição refere-se à interpretação oposta aquela que o texto busca provocar. Sem descartar que as formas de ler o texto incluem as vivências particulares e coletivas, as práticas que nos apropriamos e reconhecemos orientam o processo de decodificação. O circuito da cultura (HALL, 1997), onde representação, identidade, representação, regulação, consumo e produção constituem uma teia onde todos os elementos estão perpassados e exercem influências significativas constitui em outro operador analítico.

Um circuito baseado na abordagem de Du Gay et al.<sup>4</sup> (2003) em que qualquer das instâncias pode constituir-se como início de um processo contínuo que sofre interferências e perpassa todas as outras instâncias de modo simultâneo, conforme pode ser visualizado na Figura 2.

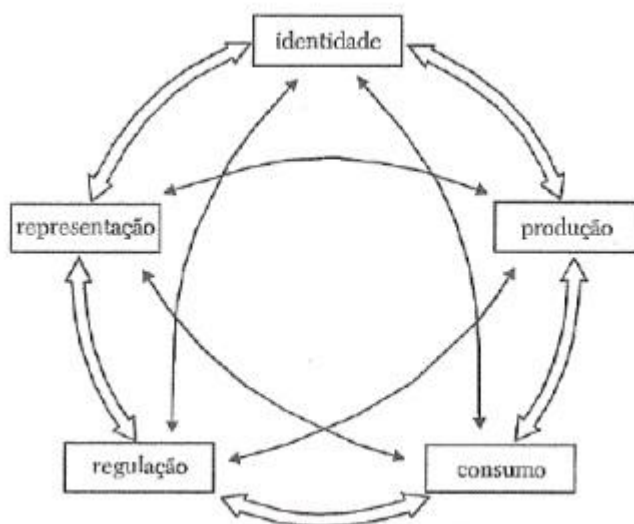


Figura 2 - Circuito da Cultura proposto por Paul Du Gay et al.

Fonte: Doing Cultural Studies (2003, p. 3)

Já, a metodologia proposta por Johnson (1999), base para este estudo, apresenta um ordenamento sistemático dos elementos, no qual a produção e a leitura envolvem a textualidade enquanto forma e cultura vivida. “As condições de produção incluem não apenas meios materiais de produção e a organização capitalista do trabalho, mas um estoque de elementos culturais já existentes [...]” (JOHNSON, 2004, p.56). O circuito possibilita uma interpretação mais ampla e permite um olhar analítico sobre a totalidade do processo. Os aspectos subjetivos e o mapeamento dos elementos culturais estabelecem uma relação entre a produção e a cultura vivida. A atenção de Johnson (2004) está nas formas abstratas, nos processos de produção de sentidos que estas instâncias podem gerar e não propriamente como se configuram, “Precisamos abstrair as formas a fim de escrevê-las cuidadosamente, claramente, observando as variações e combinações” (JOHNSON, 2004, p.70), como um caminho possível de dar conta das subjetividades. As condições de produção correspondem à

<sup>4</sup> du Gay, P., Hall, S., Janes, L., Mackay, H., & Negus, K. (2003). *Doing cultural studies - The story of the Sony Walkman*. London: Sage Publications.

organização do texto midiático que inclui a instituição, as rotinas produtivas, os modos de fazer e quem faz. E afirma:

[...] a leitura formal de um texto tem que ser tão aberta ou tão multi-estratificada quanto possível, identificando, certamente, posições preferidas ou quadros de referência preferenciais, mas também leituras alternativas e quadros de referência subordinados, mesmo que esses possam, ser discernidos apenas como fragmentos ou como contradições nas formas dominantes (JOHNSON, 2004, p.108).

Esta possibilidade contribui para modelarmos a estrutura conforme os objetos de estudo. Nas condições de leitura encontra-se a recepção, esfera da produção de sentido, que atenta para o fato de não autonomia total do receptor, mas de uma produção de sentido afetada por contextos gerativos, ou seja, “O contexto determina o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma” (JOHNSON, 2004, p.89). Nas culturas vividas localizam-se os elementos culturais compartilhados, aliando o social e o histórico. As formas textuais são elementos abstratos de produção de significados e o produto da mídia, “O texto é apenas um meio no Estudo Cultural; estritamente, talvez, trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas [...] podem ser abstraídas” (JOHNSON, 2004, p.75). A seguir, apresentamos de forma esquemática o circuito proposto por Johnson (2004) na Figura 3.

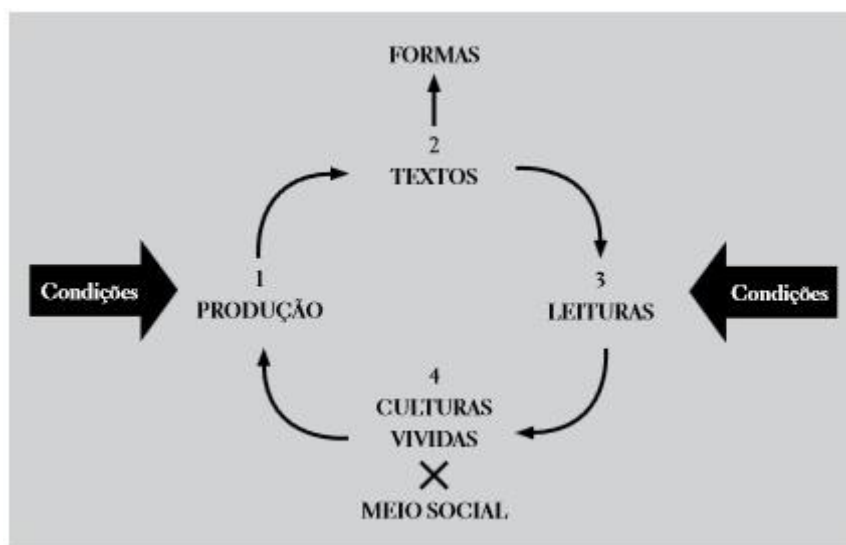


Figura 3 - Circuito proposto por Johnson (1999 p.35)  
Fonte: O que é, afinal, Estudos Culturais



Thompson (1995) entende a transmissão cultural a partir do meio técnico ou da mediação tecnológica como utiliza Martín-Barbero (2006), aparato institucional e distanciamento no tempo e no espaço. Isto aliado à hermenêutica em profundidade que define o objeto como social. Essas propostas metodológicas possibilitaram outros desdobramentos possíveis diante da contemporaneidade e da evolução dos meios de comunicação. Representante dessa abordagem Martín-Barbero (2006) articula esses elementos primários à questão da tecnicidade, do formato industrial, da matriz cultural, para além do consumo e da produção, onde a mediação ganha importância como estrutura de poder. Considerando que a pesquisa é um processo contínuo que se autoalimenta, apresenta-se aliado à problemática teórica dos estudos culturais o circuito de Martín-Barbero (2003), Figura 4, que oferece a totalidade do processo comunicativo no que ele denominou de mapa das mediações.



Figura 4 - Mapa das Mediações, metodologia proposta por Martín-Barbero  
Fonte: apud Esconteguy (2007, p. 129)

Este mapa estabelece conexões entre matrizes culturais e formatos culturais, sendo muito utilizado nas pesquisas de recepção, o que não é o caso deste trabalho. Mesmo assim, sentimos a necessidade de falar sobre as variadas perspectivas metodológicas a partir dos estudos culturais para demonstrar nossas apropriações e adaptações. Com relação à proposta de Martín-Barbero (2001), é na matriz cultural que se encontra os elementos culturais de representação e de identidades que a mídia busca para produzir sentido. A mediação aparece

como uma identidade institucionalizada. A produção e a recepção estão alinhadas em um eixo sincrônico. Ao passo que na produção encontramos marcas do formato e da interferência das tecnicidades. As tecnicidades estão relacionadas à capacidade dos meios de se (re)inventar na busca de novos receptores, novas lógicas e novas formas de consumo. Para Ana Carolina Escosteguy:

Através das mediações é possível entender, [...] a interação entre produção e recepção ou entre as lógicas do sistema produtivo e dos usos, ou seja, o que se produz nos meios não responde unicamente ao sistema industrial e a lógica comercial mas, também, as demandas dos receptores, ressemantizadas pelo discurso hegemônico (ESCOSTEGUY, 2001, p.101)

Martín-Barbero (2006) não pensou os meios só enquanto tecnicidades e materialismo, mas incluiu percepções na busca de identificar as conexões presentes nestas mediações, que se estruturam no simbólico. Entre as conexões, o autor salienta a ritualidade, inclui o espaço, a vida cotidiana, a sociabilidade e os modos como os receptores estão presentes na produção, são gramáticas de ação. Os formatos culturais correspondem ao produto de mídia que é posterior à matriz cultural. É a partir da matriz cultural que se desenvolve a institucionalidade e as tecnicidades. Todos esses estudos e questionamentos possibilitaram ampliar a análise cultural e perceber a multiplicidade de elementos que a envolve e afeta diretamente, “a cultura é regulada e afetada por pressões econômicas e de grupos, bem como pelas estruturas de poder” (ESCOSTEGUY, 2009, p.11). Essas forças, por vezes dominantes, interferem em todas as instâncias culturais da produção ao consumo, refletindo nas práticas sociais e nos modos de vida dos indivíduos.

Escosteguy (2007) salienta três convergências entre as perspectivas metodológicas. Primeira, todas destacam a dimensão simbólica que envolve os processos comunicativos. Segunda, os protocolos agregam consistência ao processo analítico, já que possibilita a visão da totalidade dos elementos que o constituem. E em terceiro, a contribuição maior de pensar a comunicação de modo integral. Embora sistematizado, os circuitos possibilitam os esvaziamentos de fronteiras entre as instâncias e a percepção de conexões, relações e produções de sentido que não se restringem a um campo, mas circulam no cotidiano das práticas sociais.

A seguir, no próximo capítulo, são exploradas as temáticas acerca das representações midiáticas sob a perspectiva da mídia televisiva. O propósito centra-se em articular as prerrogativas da análise cultural com a representação identitária do texto televisivo.

## CAPÍTULO II – TELEVISÃO E REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS

A representação identitária configura-se como a temática desta pesquisa. Para isso este capítulo busca esclarecer os conceitos que colaboraram para o processo analítico e justificar a relação estreita que existe entre representações, identidade e mídia.

Para construir um eixo vertical de estudo e diante da complexidade, fluidez e multiplicidade de sentidos originários do termo representação o foco da pesquisa recai sobre as representações construídas no ambiente midiático, neste caso a televisão. Há nesta seção a apresentação do objeto a partir do qual vamos identificar as representações identitárias construídas por ele.

### 2.1 A representação na mídia televisiva

Como eixo central, este estudo concentra seus esforços no conceito de representação. Diante disso, problematizamos neste capítulo os conceitos sobre o termo a partir dos autores alinhados a base dos estudos culturais. Para estes autores a representação está incluída nas práticas culturais que são compartilhadas. O simbólico das representações atua de maneira emotiva, descritiva e imperativa e através dele são construídas as identidades. A representação nos aproxima dos significados que circulam no social e para além da tradução mostra toda a complexidade que carrega nos sentidos que produz.

Os autores pertencentes à perspectiva dos estudos culturais detiveram seus esforços em perceber a cultura e as representações que dão sentido a ela como um processo de construção e não um sentido formado, engessado e localizado num espaço e tempo limitado. Em uma perspectiva construcionista a representação é o que contribui para a construção dos sentidos e, portanto da própria cultura.

Stuart Hall (1997), em sua obra *Representation*, esclarece a relação estreita entre a cultura e as representações. Na sua interpretação a cultura é percebida como um processo que inclui as práticas sociais, portanto o “intercâmbio de significados” (HALL, 1997, p.3). Significados que atuam como normas nas sociedades, é o que Bourdieu (2008) denominou como hábitos. Para Hall (1997) a significação origina-se de sentidos que trazemos conosco e também das representações que temos das coisas.

Sobre as teorias da representação Hall (1997) apresenta três abordagens, definidas como: reflexiva, intencional e construtivista. Na primeira o significado está dado e a linguagem é uma forma de expressá-lo. A segunda apresenta o oposto, ou seja, o falante tem domínio do significado. E por último, o construtivismo admite que o significado não está em poder das coisas ou de alguém, mas no intercâmbio de um sistema linguístico compartilhado.

O autor possui uma forma interpretativa dos elementos na forma de circuito, em que: a representação, identidade, produção, consumo e regulação são inseridas para contemplar o espaço de produção de sentido que não se encontra estático em uma instância do circuito, mas flui nas dinâmicas produzidas por ele.

Nosso “circuito da cultura” sugere que, na verdade, os significados são produzidos em diversos lugares e circulam através de diversos processos ou práticas. O significado é o que dá sentido a própria identidade, de quem somos e a que “pertencemos”. Logo está atrelada a questões sobre como a cultura é utilizada para demarcar e sustentar a identidade e a diferença. (Hall, 1997, p. 3) (tradução nossa)

Logo produzimos significados a partir do modo como produzimos, do lugar que nos colocamos, da forma como nos definimos e nos identificamos, a partir da normatização das práticas individuais e compartilhadas e dos sentidos que atribuímos a tudo. É isto que Hall (1997) tenta explicar na forma de circuito.

A representação só pode ser adequadamente analisada em relação as verdadeiras formas concretas assumidas pelo significado, no exercício concreto da significação, “leitura” e interpretação; e tal requer análise dos verdadeiros sinais, símbolos, figuras, imagens, narrativas, palavras e sons – as formas materiais – onde circula o significado simbólico. (HALL, 1997, p. 9) (tradução nossa)

Ou seja, o que os autores dos estudos culturais nos instigam a pensar é que quando conseguimos perceber certas construções de significados isto não implica em uma norma para toda e qualquer produção de sentido. Em cada caso, em cada cultura, diante de cada indivíduo ou comunidade, em cada tempo ou espaço estes sentidos alteram-se. Hall (1997) afirma que não é uma relação direta, a organização dos sentidos possuem múltiplas interpretações e deslocamentos que geram a complexidade do estudo.

Sobre a linguagem, sistema de significação tão caro ao autor e a partir da qual é possível entendermos as representações, ele diz, que a linguagem não é propriedade do emissor ou receptor é propriedade do que ele chama de “espaço cultural”, que seria um ambiente simbólico partilhado onde a produção de significado é construída a partir da linguagem e isto é representação (HALL, 1997).

Hall (1997) apresenta dois sistemas de representação. O primeiro estaria relacionado às representações mentais que incluem sentidos do pensamento humano através de associações simbólicas e o segundo é a linguagem. Neste segundo sistema podemos compor significados que delimitam uma cultura.

O significado não está no objeto, nem na pessoa, nem na coisa, nem mesmo na palavra. Somos nós que estabelecemos o significado de forma tão determinada que, em seguida, vem a parecer natural ou inevitável. O significado é construído pelo sistema de representação. (tradução nossa) (HALL, 1997, p. 21)

Para Hall (1997, p. 15) a representação ganha importância nos estudos sobre a cultura uma vez que representação une o significado e a linguagem à cultura.

Representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura. De fato envolve a utilização da linguagem, de sinais e imagens que significam ou representam coisas, mas longe de ser um processo simples ou direto [...] (tradução nossa) (HALL, 1997, p.15)

Os estudos culturais possuem uma visão construcionista da cultura e das representações, explica Hall (1997). Em que a representação perpassa a descrição e a simbolização. É através desta abordagem que conduzimos este estudo, a questão das construções simbólicas e dos significados construídos no cotidiano são problematizadas quando, na análise, apresentamos a cultura vivida que contempla algumas das identidades que estão presentes no Rio Grande do Sul. É com estas práticas sociais que tentamos captar os sentidos produzidos na cultura e dentre estas produções está a construção da representação midiática na televisão.

## **2.2 – Representações midiáticas em estudos sobre tevê**

Para pensarmos as representações dentro do campo midiático, especificadamente a televisão a partir da linha de pensamento apresentada e de suas propostas metodológicas, utilizaremos perspectivas e estudos de teóricos que salientam as peculiaridades de estudar a televisão. Entre eles estão Stuartt Hall (2006) com sua obra *Codificação e decodificação*, Raymond Willians (2011) com o texto *Television* e Douglas Kellner (2001) na obra *A cultura da Mídia*.

No trabalho de Hall (2006) está evidenciado que todas as esferas de análise que constituem o circuito são importantes, cada uma a seu modo. Também como a importância de pensarmos a televisão sob o ponto de vista tecnológico em que a infraestrutura e as condições de produção das mensagens oferecem informações importantes para a interpretação dos dados. “O signo televisivo é um signo complexo. Ele é constituído pela combinação de dois tipos de discurso, o visual e o auditivo” (HALL, 2006, p. 370).

Quando problematizamos a representação na televisão Hall (2006) explica que a realidade existe fora da linguagem, porém precisa do suporte linguístico para ser mediada. E esta linguagem deve ser construída a partir de signos compartilhados para que haja de fato o entendimento mais próximo do desejado. Como descreve Hall (2006) o telespectador não conhece a lógica da televisão e é uma preocupação dos produtores não permitir falhas no processo comunicativo entre a instituição e sua audiência. Alinhado a este pensamento estão os estudos de Willians (2011), nesta obra o autor explica a importância de observarmos as formas peculiares e inovadoras da televisão. Isto inclui aspectos como: prioridade, sequência, os modos de apresentação e de visualização. Para o autor a televisão é um meio poderoso na construção das representações, porém esta representação limita-se às tecnologias do meio.

Na obra *Television*, Willians (2011) problematiza as inovações, os modelos e formatos que na interpretação analítica possuem peculiaridades importantes de serem consideradas. Estabelece neste estudo comparações e categorias que possam incluir a diversidade de produções que aparecem na grade da emissora, também como o tempo de exibição destes produtos. Aparece na análise a questão da experiência, da linearidade, do fluxo inconstante gerenciado pelo telespectador na posse do controle remoto. Ainda falando em fluxos, Willians (2011) utiliza três etapas para analisar esta categoria: o fluxo no interior do programa, o fluxo do programa e o fluxo geral. Neste último é possível perceber as temáticas e os tipos de programas que possuem prioridade no canal.

No trabalho Willians (2011) dedicou-se a examinar as estruturas tecnológicas e não apenas os conteúdos dos programas. Reconheceu em sua análise a televisão como um produto cultural devido sua presença no cotidiano das práticas sociais. O estudo estabelece uma comparação entre um canal britânico e um californiano, para isso aborda: o efeito das tecnologias, a história da televisão e o desenvolvimento tecnológico. A história do uso da televisão, suas formas, sua programação, seus efeitos e usos.

A posição de Willians (2011) converge com a de Kellner (2001) quando problematizam a importância da esfera midiática no social. Kellner (2001) afirma que as narrativas criadas pela mídia fornecem recursos que contribuem para a construção e/ou

manutenção cultural, entre eles símbolos e mitos que acabam por produzir uma cultura que ele chama de global. Podemos pensar nestas construções ao nível regional, como é o caso da TV Assembleia RS. No estudo do autor supracitado salienta-se a importância das conexões entre a produção midiática e a produção cultural na construção e na organização do cotidiano, incluindo as identidades.

Com, o advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro de sua própria casa, e um novo mundo virtual de entretenimento, informação, sexo e política está reordenando percepções de espaço e de tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade (KELLNER, 2001, p.27).

No trabalho de Kellner (2001) aparecem duas propostas que trazemos para este trabalho. A primeira de considerar a comunicação como cultura. “[...] a ‘comunicação’, por sua vez, é mediada pela cultura, é um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação [...]” (KELLNER, 2001, p.53). E a segunda na qual o autor afirma que esta presença dos meios no cotidiano é também relevante nos modos a partir dos quais as pessoas constroem suas identidades fornecendo elementos de fortalecimento, de resistência e de luta.

Também como estes autores outros contribuíram para que pudéssemos perceber que tipo de estudos estavam sendo produzidos e que convergem com esta proposta no que se refere à representação, identidade e televisão. O primeiro levantamento foi através das palavras “Televisão Pública” e “TV Assembleia/RS”, com o objetivo de ver se o objeto já possui estudos e como estas pesquisas o abordavam, conforme descrito na Introdução no que diz respeito ao estado da arte. Quanto ao objeto do trabalho não houve registros de produções neste sentido, porém os trabalhos que incluem a temática “Televisão Pública” contribuíram para ampliar as percepções analíticas, também como os que trabalharam representação, identidades, cultura e/ou utilizaram abordagem teórica-metodológicas do nosso interesse entre elas a análise textual, análise cultural, os estudos culturais. A partir deste momento, resgataremos as abordagens mais importantes de cada trabalho, que nos auxiliam a entender a questão das representações midiáticas no audiovisual.

A dissertação em comunicação, publicada em 2011, “O eu e o outro na representação fílmica da favela: uma análise de 5x favela: agora por nós mesmos, cinco vezes favela e cidade de Deus” da Universidade Federal de Goiás e de autoria de Lara Lima de Oliveira Paiva problematiza a representação e a construção das identidades através de dois olhares o olhar dos próprios moradores e o olhar daqueles que não compartilham e desconhecem o

local. E seu problema é perceber se os filmes escolhidos como *corpus* reforçam ou oferecem uma nova visão cultural e social. Para isso ela utiliza os estudos culturais como suporte teórico e os sistemas de representação para, através deles, encontrar a posição que os sujeitos ocupam neste contexto com foco nos personagens e nos produtores destas obras.

Maria Fernanda de França pereira, também valeu-se dos estudos culturais para construir a dissertação, em 2011, de título “ A transformação do samba em referência identitária e o locus discursivo da brasilidade”. Nesta proposta, apresentada na Universidade Federal de Juiz de Fora na área de comunicação, a autora busca perceber como a linguagem serve à construção das identidades nacionais para isso utiliza de métodos alinhados a análise discursiva.

Ainda na busca sobre identidade e representação encontramos o trabalho em comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, além destes temas aparece a mediatização utilizando como suporte teórico os estudos culturais. O trabalho de Denise Figueiredo Barros do Prado é denominado “Cultura, mediatização e legitimidade cultural: processo de visibilidade e legitimação das práticas culturais dos moradores de regiões consideradas periféricas no Brasil” publicado em 2012. Ao utilizar os estudos culturais como base, Ana Leila Melonio dos santos analisa a novela da Rede Globo: Da cor do pecado. O título “A construção da identidade étnica brasileira através da telenovela”, a ênfase está na representação da personagem principal, para isso explorou a história da televisão, da telenovela, as características do gênero. Como autores optou por aqueles alinhados aos estudos culturais para sustentar os conceitos de identidade e representação, entre eles: Stuart Hal, Néstor Canclini, Martín-Barbero, Douglas Kellner, para então concluir que as representações sociais e as representações midiáticas utilizam de representações preconceituosas e discriminatórias.

Jhonatan Alves Pereira Mata, da Universidade Federal de Juiz de Fora, dissertação do ano de 2011, estudou também representações e identidades porém utilizou como objeto de pesquisa um telejornal. Mais que isso, “Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local” tornou-se ainda mais interessante sobre o ponto de vista metodológico, já que seu autor optou por aplicar a análise textual para interpretar o texto televisivo aliada a análise do discurso e a análise de conteúdo. Na construção teórica valeu-se dos estudos culturais.

Também sob o aspecto metodológico, quanto a análise cultural, converge com a nossa proposta a dissertação de Lilian de Oliveira Dantas Mota, da Universidade Federal da Bahia do ano de 2011 “Telejornalismo e convergência: uma análise cultural”. No estudo a televisão



é entendida como uma forma cultural, para isso foi pesquisado sua estrutura, interatividade e estilo a fim de perceber os modos de endereçamento do meio. Para isso utiliza da recepção e produção para entender a interatividade.

No que se refere às televisões públicas, a tese de Márcia de Almeida Jardim da Universidade Federal de Brasília do ano de 2006, com título “Antenas do legislativo: uma análise dos canais de televisão do poder legislativo no Brasil” explora o impacto da TV no comportamento dos parlamentares e diferente dos programas de comunicação a tese inclui-se no campo das ciências sociais.

A dissertação “TV Câmara de Bauru: papel social do canal legislativo e suas relações com a comunidade local”, pertence à Universidade Metodista de São Paulo e é datada de 2004. Seu autor, Carlos Jorge Barros Monteiro junto com a orientação de Cecília Peruzzo focam na estrutura do canal e a interação com os telespectadores, utilizando a metodologia da observação participante como instrumento para colher informação para a análise, um método pertinente uma vez que o autor é funcionário da emissora.

Na Universidade Federal de Brasília no ano de 2006 foi produzida a dissertação “Acesso à informação e o interesse popular pela política: um estudo da influência das transmissões da TV Senado sobre o interesse de estudantes na política nacional”. Neste trabalho, Amani Mohammad Abdelrahman Jaber explora a comunicação pública e a televisão legislativa em uma pesquisa exploratória e descritiva aliada a um questionário com perguntas semi-abertas aplicadas com alunos de jornalismo com esta ferramenta a pesquisadora constatou que a divulgação da informação influencia a opinião política daqueles que participaram.

Dulce Queirós da Universidade Federal de Brasília, no ano de 2007, elaborou a dissertação “Jornalismo institucional nas TVs legislativas: os casos do Brasil e do México” que construiu um estudo comparativo entre as duas televisões. Nesta pesquisa verificou-se uma hibridização, no que se refere à informação pública e a institucional encontrada nos telejornais legislativos, muito atrelada a estrutura organizacional das emissoras.

Sobre a comunicação política, a dissertação “A midiaticização do parlamento: a Tv Senado e as transformações na atividade político-parlamentar no Senado brasileiro”, a produção de 2006 é de autoria de Luiz Carlos Santana de Freitas e pertence à Universidade Federal de Brasília. A pesquisa atenta para o fato de perceber como a presença de uma TV institucional interfere nas atividades do legislativo.

Na Universidade Federal de Santa Maria, encontramos disponível a dissertação da pesquisadora Fabiana da Costa Pereira do ano de 2013. “O comunitário presente na TV Santa

Maria: análise a partir das estratégias comunicacionais de produção televisiva” utiliza como metodologia a análise textual para mapear as estratégias utilizadas pela TV. Também são explorados conceitos como de comunidade e comunitário. Como *corpus* foi utilizado a grade de um canal comunitário, entrevistas para perceber que sujeitos se apropriam do espaço, seleção de edições. Quanto a análise textual, construiu-se um esquema de leitura através de sujeitos e interações, textos verbais, história e encenação, categorias propostas por Casetti e Chio (1999) com o intuito de perceber como o comunitário se faz presente nesta emissora.

E por último, a tese de Teresa Montero Otondo, da Universidade Federal de São Paulo do ano de 2008, mostrou-se muito próxima quanto à estrutura pensada para nosso estudo. Na qual ela aborda a comunicação pública e a televisão pública através de um estudo comparativo entre a tevê mexicana e a tevê brasileira. Com o título “Televisão pública na América Latina: para quê e para quem?” a autora nos instiga a pensarmos o papel e os usos destas emissoras, que inclui as políticas públicas de informação e a democratização da informação. No texto aparecem os modelos, as políticas públicas, as definições e finalidades destes canais. Como suporte teórico alinha-se aos estudos culturais enquanto define como problema: para quê e para quem deve servir a televisão pública? E completa com a inquietação: “Como se define, o que a distingue, legitima e justifica? Para isso utiliza de autores como: Canclini (2005), Castells (2005) e Martín-Barbero (2002).

Diante destes trabalhos podemos reforçar as seguintes escolhas: primeiro a perspectiva dos estudos culturais contribui significadamente na medida em que permite um entendimento multidisciplinar para a interpretação dos meios de comunicação, em especial a televisão como um elemento cultural. Segundo as metodologias que aparecem nos trabalhos corroboram a possibilidade de construirmos um caminho próprio e de conversões metodológicas amparadas por esta linha que não limita os esforços interpretativos, mas oferece liberdade analítica. E terceiro, com igual importância, estes trabalhos nos alertaram para a necessidade de olhar cuidadosamente para as características organizacionais do nosso objeto.

Embora, em um primeiro momento visualizou-se a questão de um modelo que difere da comercial, estas pesquisas contribuíram no sentido de alertar que este modelo e suas estruturas de produção serão sim refletidas na construção dos enunciados que o objeto produz. Entre eles, considerar sua história, sua definição, sua estrutura, seus conteúdos, a cultura na qual se inserem, quais sujeitos ocupam este espaço, quais temas são recorrentes e os modos de fazer. Para depois enxergar que sentidos isto produz e dentro da nossa problemática que representações identitárias estamos falando quando consideramos a produção do canal da

Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, no que não se refere à informação das atividades parlamentares, mas a uma estrutura que é social, econômica e política.

### 2.3 A Tv Assembleia/RS

A TV Assembleia/RS é um emissora legislativa do governo do estado do Rio Grande do Sul, sua produção e sua estrutura estão vinculadas ao funcionamento do poder legislativo, incluindo o financiamento de suas atividades, pré-estabelecido no orçamento anual da Assembleia. A TV Assembleia/RS está subordinada ao Departamento de Superintendência de Comunicação Social, que por sua vez está subordinado à Superintendência Geral que responde à Mesa Diretora – neste caso setor máximo da administração da Casa. O organograma, anexo A, ilustra essa relação de hierarquia que envolve os departamentos e suas atribuições, conforme a Resolução 3.030 de 18 de janeiro de 1991, que define o funcionamento interno da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Na grade televisiva, são produzidos e veiculados 20 programas relacionados à cultura, política e sociedade que buscam visibilizar os aspectos locais. A transmissão não ocorre de maneira fixa, podendo ser alterada conforme a necessidade das transmissões ao vivo das sessões plenárias e dos eventos especiais da Assembleia Legislativa. Na programação estão: **Espaço Público, Assembleia Notícias, Jornal Assembleia, Comissões, Plenário, Democracia, Ponto de Vista, AL Entrevista, Sarau no Solar, Personalidades, Cena Musical, Confraria Castro Alves, Com a Palavra, o Presidente, Faça a Diferença, Réplica e Tréplica, Autores e Livros, Nossa Fauna e Outros Bichos, Em Cartaz, Mateadas e Cultura em Pauta** – os programas serão descritos no próximo capítulo. Seis das produções são exibidas de segunda à sexta-feira e as outras produções em dias e horários alternativos, incluindo o sábado com reprises no domingo, sendo que o programa Espaço Público é também exibido na TV Com (canal comunitário do grupo RBS/TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul).

A produção audiovisual é realizada pela Superintendência de Comunicação Social e Relações Institucionais que está dividido em Departamento de Jornalismo, Rádio e TV Assembleia e Departamento de Publicidade, conforme explicado anteriormente, totalizando 15 pessoas responsáveis pela programação. A estrutura organizacional apresenta-se nesta

subseção para que possamos contextualizá-la com nossos resultados e deixar claro a estrutura e o funcionamento do objeto de estudo.

A Assembleia Legislativa do Estado possui como sede o Palácio Farroupilha, que faz referência no nome à história de formação política que esteve marcada por conflitos armados. Uma história referenciada, valorizada e reafirmada no cotidiano das práticas sociais e na produção midiática. A Assembleia legislativa ainda reproduz a alternância de poder histórica entre os membros representativos, que agora são eleitos por voto direto. No mesmo local encontra-se a TV Legislativa do Estado que, por ser institucional, reproduz esta estrutura móvel alinhada à presidência da Casa Legislativa e que posteriormente este trabalho vai descrever. Antecipamos que conforme se altera a presidência do legislativo muda-se a coordenação da TV.

No entanto esta regra geral, originária das normas da casa não se efetivou e a coordenadora Michele Limeira, jornalista por formação ocupa há dois anos o cargo de chefia. Desde sua estruturação a TV ocupa o primeiro andar do prédio, em um local restrito, improvisado, sem aberturas. O espaço era depósito de arquivos da Casa Legislativa. O início dos registros em audiovisual das atividades do parlamento gaúcho é datado do ano de 1964 em que o regime militar ocupa o poder. Então um ato institucional extingue os partidos e constrói a ARENA, partido que apoia o governo e o golpe militar. Foi aí que a Assembleia Legislativa mudou de sede e passou a ocupar o atual Palácio Farroupilha, Figura 6.



Figura 5 - Prédio atual da Assembleia Legislativa e da TV da Assembleia  
Fonte: Site da Assembleia

Conforme os textos da página na internet da TV Assembleia, nesta época eram realizados pequenos registros filmados em película 16milímetros<sup>5</sup> pelo Departamento de Cine e TV de Porto Alegre. Depois da substituição da filmadora para a câmera e o VT, as gravações das atividades parlamentares puderam ser distribuídas para as televisões gaúchas. Estas gravações davam conta das atividades políticas da Assembleia como: Comissões, Sessões Plenárias, Audiências Públicas, atividades da Presidência e entrevistas com os deputados. Atualmente, é no prédio do Palácio Farroupilha que funciona a TV Assembleia junto com a Casa Legislativa. Em 1995, no local, dava-se início às atividades de transmissão ao vivo, apenas para a capital.

A transmissão evoluiu para a tecnologia em satélite em 2001 e houve a estruturação do Departamento de Mídia Eletrônica, que estabeleceu uma nova dinâmica de comunicação, disponibilizando os atos do legislativo a todas as operadoras de TV a Cabo do Rio Grande do Sul. As transmissões eram, e ainda são divididas com as transmissões das Câmaras Legislativas Municipais, conforme prevê a legislação do Cabo. Desta forma, foi possível estruturar uma programação para além das atividades políticas, mas que possui uma programação cultural e informativa que inclui telejornais e produções de entrevistas, cultura, música que não estão pautados nas atividades legislativas.

Na publicação do relatório de gestão do ano de 2012<sup>6</sup>, obtivemos alguns dados sobre o objeto desta pesquisa. Na seção de comunicação estava a informação do aumento de 43% a mais de mídia das atividades parlamentares, que significa um investimento de mais de cinco milhões de reais. As inserções do legislativo na mídia na divulgação de campanhas e ações somaram o número de 37.203 devido à divulgação especial da Lei de acesso à informação pública que entrou em vigor. Além da efetiva implantação do sinal digital, em que a Câmara dos Deputados cedeu equipamentos e os técnicos para o canal Digital. Também coube à Casa o custeio com o aluguel da torre, do espaço para instalação de transmissões e da energia elétrica, conforme informa o relatório.

No relatório consta como sintonizar a TV: 361 HD na Skay TV, 61.2 Digital UHF em 27 municípios da região metropolitana, canal 16 da NET TV em 17 municípios da região metropolitana e na TVN canal 21 em 5 municípios da região metropolitana. Os municípios que possuem sinal da TV: Dois Irmãos, Ivoti, Lindolfo Collor, Estância Velha, Novo Hamburgo, Campo Bom, Portão, São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Canoas, Esteio, Capela de

---

<sup>5</sup> Informações disponíveis no: <http://www2.al.rs.gov.br/tvassembleia/Hist%C3%B3rico/tabid/3991/Default.aspx>. Acesso em 25 de maio de 2014.

<sup>6</sup> O Relatório de Gestão do ano de 2002 é uma publicação impressa, que foi doada a pesquisadora em uma das visitas na TV legislativa.

Santana, Montenegro, Triunfo, São Jerônimo, Charqueadas, Eldorado do Sul, Guaíba, Arroio dos Ratos, Barra do Ribeiro, Nova Santa Rita, São Sebastião do Caí, Alvorada, Viamão, Glorinha, Gravataí, Cachoeirinha, Porto Alegre, Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Uruguaiana, Bento Gonçalves, Capão da Canoa, Farroupilha e Lajeado.

## CAPÍTULO III – PERCURSO METODOLÓGICO

A base teórica da análise proposta para esta pesquisa de mestrado sustenta-se nos estudos culturais, conforme afirmado anteriormente. . Os estudos culturais contextualizam as práticas midiáticas e afirmam que os elementos que integram ou perpassam o processo comunicativo não atuam de forma isolada, mas geram entre si relações complexas de produção de sentido, que merecem atenção.

Neste estudo, apresentamos a televisão, a importância do meio, sua estrutura e identidade para chegarmos aos desdobramentos que demonstrem como o meio produz as representações das identidades gaúchas na TV Assembleia/RS. É diante destas abordagens que conduzimos um percurso metodológico próprio que possibilita analisar as representações identitárias presentes na televisão legislativa do estado do Rio Grande do Sul.

O percurso analítico é desenvolvido de acordo com as etapas apresentadas na introdução. No primeiro momento desenvolvemos o suporte teórico alinhado aos estudos culturais, uma vez que estes estudos possuem tradição em pesquisas que utilizam a televisão. E por trabalhar a cultura no seu sentido mais amplo e contextualizado. Também ampliamos os conceitos e as metodologias que contribuíram para construir a linha de pensamento sobre a cultura. Completamos esta etapa com a proposta da análise cultural e os conceitos que nos ajudaram a definir o que entendemos por representações identitárias.

Na segunda parte da investigação problematizamos o conceito central, ou seja, as representações midiáticas, em especial na televisão e apresentamos o objeto de estudo: a TV Assembleia do Rio Grande do Sul. A terceira parte dá conta da metodologia que sustenta a pesquisa em que descrevemos o circuito da cultura, proposto por Richard Johnson (2004), como método inicial e suporte para o desenvolvimento de perspectivas particulares sobre objeto que foram incorporadas ao modelo do autor. Trazemos as adaptações e construção do percurso metodológico que é próprio do pesquisador. A quarta parte apresenta a análise na qual nos detemos em explorar a identidade do objeto, como a tevê funciona: sua história, regulação e estrutura, assim como a programação, a definição e interpretação do *corpus* aliada à base do estudo. Exploramos sua produção através de categorias analíticas desenvolvidas diante das necessidades interpretativas.

Considerando que os textos midiáticos constituem-se também como formas de representação, nos valem da análise textual da produção dos textos televisivos para

direcionar a leitura das representações identitárias que estão ali apresentadas e contribuir para identificar o contexto em que são construídas. Para analisarmos o texto televisivo optamos pela análise textual, uma vez que se trata da interpretação do produto audiovisual de modo a identificar os elementos que estão compostos e que sentidos acionam quando engendrados. A análise textual vai somar a proposta de análise cultural que aparece sistematizada no circuito da cultura. A partir destas duas perspectivas, que estão desenvolvidas no texto seguinte, buscamos encontrar as representações identitárias produzidas pelo objeto da pesquisa.

O primeiro esforço construiu-se na definição do quadro teórico e na revisão da literatura sobre os conceitos que seriam pertinentes à proposta de trabalho. A pesquisa bibliográfica consiste na identificação de estudos e autores teóricos que conduzirão a metodologia e o olhar analítico (STUMPF, 2005, p. 51), a linha de estudos que definimos para esta pesquisa alinha-se a base dos estudos culturais. Logo o eixo metodológico sustenta-se na análise cultural, segundo Willians (2003) a cultura é produzida no social e nas conexões compartilhadas. Entendemos os produtos midiáticos como elementos culturais, logo a TV Assembleia é um elemento cultural produtor de representações sociais e simbólicas que coexistem com as práticas vividas. Para decodificar estes produtos midiáticos recorreremos à análise textual proposta por Casetti e Chio (1999) que oferecem um esquema de leitura do televisual, neste trabalho adaptada à descrição dos programas.

Quando definido que o objeto seria a TV Assembleia, recorreu-se a uma pesquisa documental na busca por definições legais deste meio de comunicação. Documentos oficiais, legislação federal e estadual, também outras fontes e meios institucionais constituíram uma pesquisa documental. Conforme Moreira (2005, p.271) a análise documental constitui na verificação de documentos que emergem de fontes primárias, os documentos oficiais, ou secundárias que servirão de referências para pesquisador. Neste estudo o enfoque recai sobre as fontes primárias, uma vez que buscamos na lei a definição e a competência legal do objeto.

Para além destes métodos foram incorporadas técnicas de pesquisa que, embora não previstas na fase inicial, tornaram-se extremamente necessárias para o estudo. Utilizamos a observação participante, que consiste em uma inserção no ambiente objeto de pesquisa (PERUZZO, 2005, p. 125), o investigador acompanha as rotinas na busca por dados que colaborem para a análise. A observação participante foi uma iniciativa pessoal aleatória, aprovada pelo orientador deste trabalho, e deu-se pelo período de quatro dias (primeira semana do mês de junho de 2014). Ou seja, em uma das visitas à TV para solicitar a gravação dos programas optou-se por uma observação mais invasiva. Desta técnica surgiram falas e contextos produtivos que dificilmente seriam captados em situações mais formais e breves de



coleta de dados, que serão descritas no decorrer do texto. Somado a isto, construiu-se uma entrevista semiaberta definida, segundo Duarte (2005, p.66), como um roteiro de perguntas elaborado com a finalidade de guiar as investigações pertinentes ao estudo.

Esta última foi aplicada com o objetivo de coletar mais informações sobre a estrutura organizacional do objeto e seus colaboradores durante o período acompanhado e através dos funcionários que se disponibilizaram a responder, dentre aqueles que possuem mais tempo de atividade na TV e encontravam-se no local. Aliado a estas técnicas tornou-se pertinente construir um formulário que corresponde à demanda do objeto. As perguntas do formulário serviram para atualizar as informações sobre a produção (quem produz? Como produz? O que é produzido?) uma vez que os dados da página *on-line* da TV foram reconhecidos como desatualizados diante da participação na rotina produtiva da TV. Estas ferramentas analíticas não foram aplicadas de forma linear, mas concomitante durante o período de pesquisa. Delas originaram-se pistas interpretativas importantes, embora não contemplem a totalidade do objeto. As características do objeto solicitaram um percurso metodológico particular e desafiador.

### **3.1 Perspectivas analíticas: adaptações do circuito da cultura para o texto televisivo**

O circuito da cultura proposto por Johnson (2004) compara a televisão a um tecido, para falar sobre proximidade de suas faces. De um lado está a representação do real e do outro a realidade da vida cotidiana. Embora, apresente as faces de maneira separada, entende seu produto “texto” como um elemento subjetivo e abstrato resultante de ambas, incluso nas duas esferas. É com o objetivo de marcar estas formas abstratas que escolhemos um método analítico que contemple a sistematização das formas e também as conexões simbólicas que perpassam estas formas. Para a concretude do método optamos por empregar uma análise cultural televisiva através do circuito da cultura aliado à análise textual do televisual, que contribui na interpretação dos textos televisivos e seus sentidos. Apenas nas formas<sup>7</sup> textuais, aqui sintetizadas nos textos televisivos utilizaremos a análise textual para complementar o processo interpretativo e contemplar as subcategorias que constituem nossa abordagem de

---

<sup>7</sup> Utilizamos formas textuais para falarmos sobre a estrutura do texto televisivo. A denominação “formas” é proposta por Johnson (2004).

estudo: o texto televisivo e o contexto enunciativo. No trabalho, a análise textual concentra-se no nível descritivo, a partir da qual mapeamos elementos significativos encontrados no texto televisivo.

O eixo metodológico sustenta-se na análise cultural. Neste sentido, compartilhamos a definição de Williams (2003) ao refletir sobre as práticas culturais alinhadas aos contextos históricos e sociais em que os elementos identitários circulam. Construir uma análise cultural é realizar uma identificação documental dos significados, conclui Williams (2003). Isso contribui para descrevermos o modo como se dão as representações das identidades gaúchas. Para Johnson (2004, p.107): “É também possível ler os textos como formas de representação desde que se compreenda que estamos sempre analisando a representação de uma representação”. Ou seja, a televisão nos apresenta uma representação do que somos e não efetivamente o que somos, porém embora não se configurem como a realidade estas representações contemplam aspectos da realidade e constituem-se como escolhas individuais e coletivas, deste modo contribuem para a análise cultural.

Valemo-nos do circuito da cultura de Johnson (2004) e suas categorias: Formas textuais; Condições de leitura; Condições de produção e Cultura vivida em que vamos incluir os contextos identitários e culturais do Rio Grande do Sul, enquanto operadores analíticos, que serão desdobrados em subcategorias desenvolvidas a partir de uma pré-observação do objeto, são elas: Texto televisivo; Contexto enunciativo; Leitura particular/compartilhada; Contexto social; Contexto histórico; Grade de programação; Regulação da TV pública e Tecnologia da TV por assinatura. O circuito e seus elementos encontram-se ilustrados na Figura 7.

Reforçamos que a temática que direciona este estudo e constitui-se como prioridade na pesquisa está sustentada nas representações identitárias. Ainda, embora o circuito ilustre outros elementos que se afastam da produção e aproximam-se da recepção, este trabalho não possui uma abordagem pelo viés do consumo. Logo, as instâncias que aparecem no circuito ilustram o contexto interpretativo que está proposto pela análise cultural e significam um esforço em compreender o contexto em que os textos televisivos são gerados de modo que fortaleça a análise das representações encontradas na programação da TV Assembleia/RS. Não há neste trabalho a pretensão de cumprir todo o circuito de forma total e com igual prioridade. No contexto de leitura buscamos identificar os modos de produção da televisão e de que maneira o telespectador aparece no circuito proposto. Para isso tornou-se necessário utilizar ferramentas que incluem as entrevistas semiestruturadas, em que buscamos, através da

fala dos produtores, identificar o público para o qual se dirige a programação e que sentidos são acionados.



Figura 6 – Circuito da cultura de Johnson e seus desdobramentos  
Fonte: Adaptado pela pesquisadora a partir de Johnson (2004)

No circuito proposto por Richard Johnson (2004), percebe-se que apesar de haver uma sistematização de elementos que o autor definiu como importantes, é possível desmembrarmos em subcategorias que contribuem para a realização da análise cultural. Para operacionalizar a realização do circuito, no que se refere às formas textuais, utilizaremos as contribuições da análise textual, uma vez que esta perspectiva amplia a interpretação das formas abstratas e seus atravessamentos. Casetti e Chio (1999, p. 249) explicam que “[...] não se trata de medir quantitativamente a presença de determinados temas, figuras ou ambientes, mas destacar a arquitetura e o funcionamento dos programas analisados [...]” (tradução

nossa). Ou seja, desenvolver técnicas que possibilitem visualizar os sentidos construídos diante daquilo que é apresentado considerando seu tempo, seu contexto, sua tecnologia e os modos de fazer que possam interferir no processo e a partir disso identificar as representações identitárias. A importância e o conceito “texto” aparecem nos estudos de Richard Johnson:

[...] estou certo que a noção de texto – como algo que nós podemos isolar, fixar e examinar – depende da circulação extensiva de produtos culturais que foram divorciados das condições imediatas de sua produção e que tem um momento de suspensão, por assim dizer, antes de serem consumidos. (JOHNSON, 2004, p. 47)

A construção das formas textuais é derivada de condições de produção fixa e por condições que são originárias da leitura particular e compartilhada realizada pelos sujeitos. Leituras que demonstram as culturas vividas, as identidades, o contexto social em que circulam e o tempo histórico que pertencem. Conforme explicam Machado e Vélez (2007) em muitos estudos a televisão é pensada em uma perspectiva macro sem deter a atenção no que efetivamente é produzido: os programas. O circuito propõe este movimento interpretativo amplo, porém oferece suporte e contextualização para o foco do estudo: os programas, que não possuem o compromisso com o factual, produzidos pela TV Assembleia. Problematisando “programas televisivos” Machado e Vélez (2007, p.5) dizem: “palavras, formatos, gêneros e programas continuam sendo os modos mais estáveis de referência à televisão como fato cultural”. Essas são perspectivas que contribuem para a construção das categorias analíticas. Os programas na sua unidade e peculiaridade permitem sair do lugar comum enriquecendo a análise qualitativa para além da sistematização quantitativa, em que “A imagem se oferece, portanto, como um “texto” para ser decifrado ou “lido” pelo analista e não mais como paisagem a ser contemplada”, conforme Machado e Vélez (2007, p.12).

No texto televisivo vamos considerar sua forma, estrutura, personagens, temática, de modo a perceber quantitativamente o que se repete e o que possa não aparecer. Para assim, interpretar as representações identitárias gaúchas construídas nestes programas dentro do contexto em que são produzidas e responder quais representações identitárias são apresentadas e quais os sentidos que o texto midiático sugere com estas representações. Dentro da perspectiva do circuito, a circulação e a suspensão dos sentidos citado por Johnson (2004) é lugar em que os sujeitos produzem significações e apresentam o que ele chama de “condições de leitura”, que tanto podem ser desenvolvidas na individualidade quanto na coletividade. Na problematização deste trabalho buscamos refletir sobre as representações identitárias contempladas nos programas.

Deste modo, as condições de leitura são desenvolvidas a partir de entrevistas realizadas com apresentadores e com a coordenação da TV. Para, através da fala, perceber e interpretar sentidos que norteiam a produção dos programas que constituem o *corpus* do estudo.

Para isso, a representação identitária constitui a prioridade e o eixo do estudo. Casetti e Chio (1999) sugerem a análise da representação a partir de três níveis, o primeiro está alinhado ao conteúdo do audiovisual “objetos, pessoas, paisagens, gestos, palavras, situações” (Casetti e Di Chio, 1996, p. 127); o segundo “o tipo de olhar que se lança sobre esse mundo” (Casetti e Di Chio, 1996, p. 133) identificando as representações apresentadas e por último as conexões que envolvem esses dois níveis. Com a utilização desta proposta pretendemos visualizar, o que é dito? Quem diz? Como diz? As três instâncias não operam afastadas, ao contrário estabelecem conexões entre si que possibilitam a interpretação do texto audiovisual instrumentalizado no circuito da cultura, ao passo que colaboram para a construção das categorias analíticas. Corroborando a perspectiva dos autores supracitados, Johnson (2004, p.75) explica que: “O ‘texto’ não é mais estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis”. É pensando nestas formas subjetivas que desdobramos as categorias em subcategorias.

Para completar a análise da instância produtiva denominamos como relevante às condições em que o texto televisivo, descrito pela análise textual, é construído. Estas condições possibilitam caracterizar o meio diante das regulações que o estruturam. Sua condição de canal legislativo vai interferir nos processos produtivos.

Estes desdobramentos estão descritos no interior deste capítulo e incluem: a forma e estrutura do objeto; a regulação que normatiza as atividades da televisão legislativa; seus programas e o *corpus* da pesquisa no qual está incluído sete produções dentre as 20 incluídas na grade de programação da televisão: **Cena Musical, Confraria Castro Alves, Faça a Diferença, Autores e Livros, Cultura em Pauta, Mateadas e Sarau no Solar**. Também foi realizada uma observação participante, durante o período de uma semana, em que construí um diário de campo com todas as informações e impressões que julguei pertinentes sobre o objeto.

A observação participante somou no sentido de reconhecer, através da presença nas atividades de televisão, alguns dos engendramentos organizacionais que refletem na programação. Percebemos que estas produções contribuem para reconhecermos as representações identitárias gaúchas que não passam por representações públicas ou políticas já

legitimadas, mas pautam-se na cultura e identidade regional. E, nesta perspectiva identificar se estas atrações contemplam a pluralidade identitária do Estado.

### 3.2. Definição do *corpus*

Descrevemos a partir de agora uma caracterização dos programas que integram a grade de programação da TV Assembleia a partir das informações que constam no seu endereço eletrônico<sup>8</sup>. Na emissora os 20 programas estão divididos entre jornalístico, variedades, musicais e debates. Estabelecemos como *corpus* de análise sete destas produções por perceber nelas uma abordagem cultural e de inclusão, conforme estão definidas, embora só a análise poderá afirmar se isto efetiva-se. Começamos a descrever o primeiro programa exibido pela grade semanal, **Espaço Público** é apresentado por Karla Krieger de segunda à sexta-feira no horário das 8h45min. A atração é transmitida ao vivo pela TV Assembleia e pela TVE (emissora pública-educativa do Estado pertencente à Fundação Cultural do Piratini, da Secretaria de Comunicação do estado do RS). No programa são divulgadas as notícias da Assembleia Legislativa. Possui reportagens e entrevistas com parlamentares, políticos, lideranças empresariais, sindicais e comunitárias. A produção é realizada por Carlos Eduardo Hammes, Evelyn Berndt, Michele Dariva e Renato Araújo em parceria com os setores de comunicação dos poderes legislativo, judiciário e executivo.

Às 12h30min é apresentado o **Assembleia Notícias** de segunda à sexta-feira, com duração de quinze minutos. No formato de telejornal, a produção busca atualizar os telespectadores das informações factuais do parlamento gaúcho e utiliza de boletins, entrevistas e reportagens. A apresentação é de Antônio Czamanski e produção de Lucas de Oliveira e Renato Araújo. De segunda à quinta-feira o horário da tarde está destinado à exibição das sessões plenárias. Logo, a próxima atração é apresentada no fim da tarde, de segunda à sexta-feira no horário das 17h30min, o **Jornal Assembleia** possui exibição de meia hora e reprise diária às 22h30min. Novamente são divulgadas as notícias da Assembleia em que há interesse público. A equipe de reportagem acompanha os debates no plenário, votações, reuniões de comissões parlamentares e as manifestações da população. A produção

---

<sup>8</sup> Informações disponíveis em: <http://www2.al.rs.gov.br/tvassembleia/Programas/tabid/3992/Default.aspx>. Acessado em 20 de abril de 2014.

inclui a divulgação das ações nas comunidades que são executadas pelos parlamentares da casa, a apresentação é de Juliano Campos.

No programa **Comissões**, são transmitidas ao vivo as audiências públicas das comissões da Assembleia Legislativa durante o tempo de uma hora. Incluem a pauta temas como: Agricultura, Assuntos Municipais, Cidadania e Direitos Humanos, Constituição e Justiça, Economia, Educação, Ética, Finanças, Mercosul, Participação Legislativa Popular, Saúde e Meio Ambiente e Segurança e Serviços Públicos. Na atração são divulgados os debates que estes temas geram e políticas públicas que são pensadas para o desenvolvimento destas áreas. A produção é de Ana Flávia Rech.

**Plenário** é uma produção exibida de terça à quinta, às 14h, e se propõe a mostrar na íntegra as sessões durante uma hora e meia. Uma vez que a TV antecipou em seus jornais as pautas que estão na Ordem do Dia da Sessão Plenária, divulga-se o trabalho do legislativo realizado no período da manhã e os fatos políticos mais importantes do cenário local. Possui reprises em horário alternativo e apresentação de Eni Figueredo, a produção é de Carolina Chaves. Exibido de segunda à sexta-feira, às 23h, o programa **Democracia** possui uma hora de duração e configura-se como uma mesa redonda em que são debatidos temas polêmicos e atuais. Reúne especialistas, pesquisadores, lideranças empresariais, políticas e comunitárias com o objetivo de problematizar pautas do Estado e do país que refletem na sociedade. A atração possui reprises em horários alternativos. A apresentação é de Batista Filho e produção de Carolina Chaves e Gabriela Rabaiolli.

Também com objetivo de gerar debates **Ponto de Vista** congrega representantes da sociedade que apresentam opiniões particulares sobre assuntos factuais políticos e sociais. Entre eles estão: Deputados, secretários de Estado, lideranças das áreas pública, privada, empresarial e sindical. Ponto de Vista é transmitido à meia-noite e reprisado em horários alternativos. Possui uma hora de duração. Como o próprio nome descreve **AL Entrevista** recebe de segunda à sexta-feira, à 1h da manhã, um convidado que possui propriedade e conhecimento para discorrer sobre aéreas que incluem: inovação, novas tecnologias, política, meio ambiente, desenvolvimento econômico e político, o papel econômico e social do Estado, responsabilidade social, legislação e interação entre as gestões públicas e privadas, as relações entre o Poder Legislativo, Executivo e Judiciário, cidadania, educação e cultura, infraestrutura, lazer, saúde e serviços. A produção é de Rafael Ribeiro e a apresentação é de José Antônio Conti, possui duração de meia hora e reprises em horários alternados.

Afastando-se dos formatos e das abordagens até então descritos, o **Sarau no Solar** é um programa quinzenal que exhibe na íntegra a apresentação de artistas no Projeto Sarau no

Solar<sup>9</sup> e por sua importância cultural foi agraciado com o Prêmio Açorianos de Música<sup>10</sup> por Honra ao Mérito no ano de 2007. O projeto é realizado há 18 anos e possui a participação de músicos consagrados na cultura local. A produção é de Caetano Silveira e possui reprise no domingo, às 22h30min, assim como em horários alternativos.

**Personalidades** é exibido nos sábados às 21h30min, tem duração de meia hora e suas reprises são no domingo, às 22h e também em horários alternativos. Nele, a jornalista Marisa Schneider conduz uma conversa descontraída que inclui pessoas capacitadas nas mais diversas áreas do conhecimento. Entre os campos de competências estão: medicina, ações de cidadania, esportes, educação e artes, empreendedores e comunicação. A produção é da própria jornalista que a cada semana convida alguém a falar sobre suas atividades, carreira, projetos, vida pessoal, entre outros assuntos.

Como um espaço de valorização do talento local e divulgação da produção musical do Estado, o programa **Cena Musical** apresenta, durante uma hora, entrevistas com músicos, compositores, arranjadores, produtores e críticos. Possui o objetivo de divulgar a pluralidade de tendências, conforme a descrição que utiliza. A produção de Caetano Silveira é exibida no sábado às 23h, com reprise às 20h do domingo.

A temática racial e étnica é discutido no **Confraria Castro Alves** que através de pessoas atuantes no judiciário, na inclusão social ou no envolvimento com a cultura popular amplia a defesa dos direitos dos afrodescendentes e a luta contra o preconceito e a discriminação racial. O programa vai ao ar todos os sábados das 12 às 13h, com reprise aos domingos, a partir das 19h até 19h30min. A produção e apresentação é de Waldemar Moura Lima, conhecido como Pernambuco.

Na quarta-feira, às 8h30min, o presidente da Assembleia Legislativa expõe sua opinião sobre temas da sociedade e relevantes para o Estado. **Com a palavra, o Presidente**

---

<sup>9</sup> O Projeto Sarau no Solar é uma iniciativa da Assembleia Legislativa desde o ano de 1993, quando o espaço “Solar” foi restaurado. O local concentra as atividades culturais do Parlamento com o objetivo de promover de forma gratuita a produção musical gaúcha (regional, nacional e internacional). As apresentações são realizadas na Sala José Lewgoy do Solar dos Câmara, no Teatro Dante Barone e no jardim do Solar. O sarau já recebeu um público de 80.000 pessoas e somando mais de 650 espetáculos, segundo a Divisão de Promoções Culturais da Assembleia. O espaço está localizado no complexo da Casa Legislativa na Praça Mal. Deodoro, 101 - Porto Alegre/RS. Informações disponíveis no endereço eletrônico: <http://www2.al.rs.gov.br/drpac/SolardosC%C3%A2mara/tabid/3269/Default.aspx>. Acesso em 7 de junho de 2014.

<sup>10</sup> Prêmio Açorianos de Música é um dos mais importantes prêmios da cidade de Porto Alegre. O nome é em homenagem aos povos açorianos (imigrantes portugueses) que colonizaram a região metropolitana. O prêmio foi instituído pela prefeitura em 1977 como reconhecimento anual do teatro e da dança. Posteriormente novas categorias foram somadas: em 1990, os melhores da música; em 1994, os melhores da literatura e mais recente, no ano de 2006, os melhores na categoria artes plásticas. A iniciativa é um importante meio de valorização da produção cultural da capital do Rio Grande do Sul. Informações disponíveis no endereço eletrônico: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p\\_secao=304](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?p_secao=304). Acesso em 11 de junho de 2014.



possui apresentação de Antonio Czamanski e produção de Letícia Malmann, com duração de quinze minutos. Com o objetivo de promover a inclusão, **Faça a Diferença**, é pioneiro nas televisões legislativas e apresenta assuntos sobre o cotidiano das pessoas com deficiência e também de outros segmentos que enfrentam preconceito e discriminação: obesos, idosos, indígenas, afrodescendentes, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. O programa faz pautas de saúde e educativas, com apelo à tolerância e ao respeito à diversidade humana. A exibição é aos sábados, às 9h30min, com duração de meia hora e reprise no domingo, às 16 horas. A produção é de Mariana Bello, apresentação de Júlia Machado e conta com Michele Limeira como editora de texto.

O jornalista Gustavo Mota apresenta nas terças e quintas-feiras, das 8h30min às 8h45min **Réplica e Tréplica**. Na atração promove-se um debate entre dois parlamentares sobre questões políticas. A produção é de Simone Magalhães. No domingo, às 21h30min, apresenta-se um programa com foco na literatura. **Autores e Livros** é um encontro de meia hora com escritores, poetas, cronistas, ensaístas, nomes de expressão no Estado e no país, que na atração encontram a possibilidade de divulgar suas obras. Também é exibido em horários alternativos com produção de Gabriela Rabaiolli.

**Nossa Fauna e Outros Bichos** possui exibição apenas em horários alternativos. Na atração aparecem hábitos e características dos animais silvestres. Com destaque para aqueles que estão em extinção no Estado. A atração promove a preservação do meio ambiente e a divulgação de espécies nativas. A produção é de Márcia Schmidt. A agenda cultural do Estado e do interior estão em pauta no **Em Cartaz**, é um quadro fixo que integra o telejornal **Espaço Público** em todas as sextas-feiras durante quinze minutos. Durante o final de semana a atração aparece no decorrer da programação.

A cultura e as tradições gaúchas, alinhadas ao movimento tradicionalista do Estado estão presentes no programa **Mateadas**, exibido aos sábados às 08h30min. Durante uma hora são divulgadas a música e os costumes regionais que dão conta da representação hegemônica do gaúcho que inclui a música campeira, hábitos rurais e vestimentas das atividades do campo. O publicitário Daniel Martins é o produtor.




Pintores, escultores, fotógrafos e demais artistas, especialmente os que são significativos para o Rio Grande do Sul, encontram espaço de visibilidade no **Cultura em Pauta**, sábado às 21h. A produção e a apresentação é de Márcia Schmidt, o programa ainda divulga a história arquitetônica, política e cultural. Diante deste cenário apontamos onze programas que possuem formato jornalístico ou abordam temáticas factuais e oito programas com temáticas atemporais, culturais e inclusivas que vamos chamar de “programas de

variedades”. A seguir a Tabela resume os programas que estão na grade de programação do canal legislativo e não integram o *corpus* de análise desta pesquisa.

Tabela 1 – Síntese dos programas telejornalísticos e de variedades<sup>11</sup>

<b>Programas</b>	<b>Horário/Dia de exibição</b>	<b>Proposta</b>
Espaço Público 	8:45 – Segunda à Sexta	Produção conjunta do legislativo, executivo e judiciário. Antecipa as pautas do dia no Parlamento.
Assembleia Notícias 	12:30 – Segunda à Sexta	Notícias do Parlamento, pautado no factual.
Jornal Assembleia 	17:30 - Segunda à Sexta	Debates, votações e reuniões com temas que repercutem na vida dos gaúchos.
Comissões 	09:30 - Terça à Quinta	Audiências das Comissões Parlamentares transmitidas ao vivo.
Plenário 	14h - Terça à Quinta	Divulgação de assuntos que serão pauta na Sessão Plenária do dia.
Democracia 	23h – Segunda à Sexta	Debate de temas que estão na pauta do Estado.

<sup>11</sup> Informações baseadas nas definições que constam no site da TV Legislativa. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/tvassembleia/Programas/tabid/3992/Default.aspx>. Acesso em 9 de maio de 2014.

<p>Ponto de Vista</p> 	00h – Segunda à sexta	Lideranças da área pública apresentam suas opiniões sobre temas pertinentes e atuais.
<p>AL Entrevista</p> 	01h - Segunda à Sexta	Abordagem de temas que envolvem as responsabilidades sociais e políticas, também como o desenvolvimento do Estado.
<p>Personalidades</p> 	21:30 – Sábado	Conversa informal com convidados que possuem destaque nas mais diversas áreas.
<p>Com a palavra, o presidente</p> <p>(não há imagens disponíveis)</p>	08:30 – Quarta	O presidente do Parlamento fala sobre o tema mais relevante durante a semana.
<p>Réplica e Tréplica</p> <p>(não há imagens disponíveis)</p>	08:30 - Terças e Quintas	Debate entre dois parlamentares sobre tema polêmico na Casa.

Embora algumas atrações possuam uma frequência significativa na grade, estão limitadas à representação e atuação política, seja do Parlamento ou dos Deputados. Já que visualizamos nestes produtos um material direcionado a temas como: espaço público e atores políticos, que fogem à proposta inicial deste estudo não integrarão o *corpus* de análise. Por sua vez, **Nossa Fauna e Outros Bichos** apresentam-se no formato documental e o **Em Cartaz** está diluído, uma vez que é uma agenda na TV sobre as opções artísticas e culturais, não inclui imagens e estrutura-se na forma de calendário.

Diante da grade de programação, optamos por delimitar como *corpus* da pesquisa os programas que possuem uma abordagem cultural ou inclusiva de modo que pudéssemos visualizar nestas produções representações identitárias do Estado e não representações políticas como os programas jornalísticos exploram. Logo o *corpus* deste estudo concentra-se

na análise de sete programas: **Cena Musical**, **Confraria Castro Alves**, **Mateadas**, **Faça a diferença**, **Autores e Livros**, **Cultura em Pauta** e **Sarau no Solar**.

Optamos por trabalhar a representação nesses sete programas por possuírem uma definição cultural e inclusiva. Neles vamos concentrar nossos esforços para percebermos que representações identitárias são produzidas nestas atrações e se esta programação contempla a pluralidade cultural e a inclusão que diz apresentar.

O programa **Cena Musical** vai ao ar aos sábados às 23h, possui duração de uma hora e visa promover os talentos do Estado. **Confraria Castro Alves** é exibido também aos sábados no horário do meio dia às 13h e oferece um espaço de discussão para as questões étnicas, raciais e inclusivas. Nesta mesma perspectiva a grade possui o programa **Faça a Diferença**, também exibido aos sábados às 9h30min durante meia hora. Considerada uma atração pioneira nas TVs legislativas por concentrar a temática inclusiva com foco nas pessoas portadoras de necessidades especiais. **Autores e Livros** é apresentado no domingo, às 21h30min, e tem duração de meia hora. A atração recebe um convidado que apresenta sua mais recente obra literária e comenta sobre a importância e o impacto das obras, assim como a literatura de um modo geral.

No sábado às 20h, é exibido o programa quinzenal **Sarau no Solar**. No qual é apresentado obras artísticas com nomes da cultura musical. Também aos sábados, às 8h30min da manhã a produção denominada **Mateadas** divulga a cultura, os costumes e a música tradicionalista gaúcha durante uma hora. E, por último, não menos importante, apontamos a produção **Cultura em Pauta**, que possui exibição em horários alternativos e divulga história, arquitetura e cultura do Rio Grande do Sul. Estes programas, escolhidos como *corpus* concentram-se na grade de final de semana e tem exibição em horários alternativos, conforme pode ser visualizado no anexo E<sup>12</sup>. Na Tabela 2, apresentamos, de modo sintético, o *corpus* da pesquisa:

Tabela 2 – *Corpus* da Pesquisa<sup>13</sup>

Programa	Horário/ Dia de exibição	Proposta
<b>Cena Musical</b>	23h - Sábado	Valorizar talentos e a produção musical do estado,

<sup>12</sup> Foram colocadas como anexo duas grades, a primeira referente ao ano passado que possui todos os programas e a segunda, embora atual, não inclui alguns programas nem as modificações da grade.

<sup>13</sup> Texto produzido a partir das informações e definições que constam no site. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/tvassembleia/Programas/tabid/3992/Default.aspx>. Acesso em 9 de maio de 2014.

	20:30 – Domingo (reprise)	contemplando os diversos estilos.
<b>Confraria Castro Alves</b>  	12h - Sábado 19h - Domingo (reprise)	Problematiza questões raciais, étnicas e de discriminação.
<b>Faça a Diferença</b>  	09:30 - Sábado 16h - Domingo (reprise)	Aborda o cotidiano de pessoas com deficiência e discriminação social.
<b>Mateadas</b>  	08:30 - Sábado	Promover a cultura e os costumes tradicionalistas.
<b>Autores e Livros</b>  	21:30 - Domingo	Entrevista e divulgação de obras literárias gaúchas.
<b>Cultura em Pauta</b>  	Horários alternativos	História, arquitetura e cultura do estado que passam por autores, escultores, pintores gaúchos.
<b>Sarau no Solar</b>  	20h - Sábado 22:30 - Domingo (reprise)	Divulgar a cultura musical do e no Estado (quinzenal).

Deixamos de considerar três programas jornalísticos (**Assembleia Notícias, Espaço Público, Jornal Assembleia**) por pautarem-se pelo espaço público e pela representação

política, no cotidiano do Plenário e suas atuações relacionadas à competência política e legislativa da Assembleia; sete programas por haver uma restrição política, em que os representantes sociais que participam da atração são membros da Casa Legislativa ou possuem representação pública e política já legitimada em outras esferas, incluindo: sindicatos, partidos políticos, membros do executivo, legislativo ou judiciário, entre outros (**Comissões, Assembleia Entrevista, Sessão Plenária, Democracia, Ponto de Vista, Com a palavra – o presidente e Réplica e Tréplica**) um programa de entrevista por estar focado na carreira pessoal do convidado (**Personalidades**), outro por concentrar informações ambientais da região sul (**Nossa fauna e Outros Bichos**) e outro por se tratar apenas de uma agenda cultural apresentada dentro dos programas jornalísticos (**Em Cartaz**).

## CAPÍTULO IV – ANÁLISE CULTURAL

Neste capítulo faremos uma descrição detalhada dos programas que constituem o nosso *corpus* de pesquisa, os esforços de aproximação com o objeto e a utilização do protocolo da investigação que nos leva a interpretação analítica que responde aos questionamentos propostos. Buscamos contemplar neste texto o máximo de contextos para subsidiar a análise cultural.

Incluimos nesta etapa do trabalho a cultura vivida na qual vamos reconhecer as identidades e as culturas de formação do Estado, também como a atualização das práticas vividas através da dimensão política de fatos divulgados pela mídia; apresentamos as estruturas de produção dos programas através de técnicas de coleta de dados; a exposição dos dados de uma observação participante e a aplicação do circuito da cultura para, desta forma, analisarmos as representações identitárias que o texto televisivo contempla.

Reafirmamos que o eixo principal, e foco do estudo, são as representações identitárias construídas no texto televisivo a partir das estruturas de produção. Neste sentido, tornam-se importantes e inseparáveis as características que definem e regulamentam o objeto.

### 4.1 Recorte sobre a cultura vivida: diversidade cultural no Rio Grande do Sul

Este texto possui o objetivo de oferecer um panorama cultural a partir das principais ondas migratórias, considerando o aspecto quantitativo, que o RS recebeu. Ou seja, buscamos aqui descrever a cultura vivida que perpassa as práticas sociais individuais e compartilhadas por aqueles que ocupam esta região do país. Incluimos alguns povos/etnias que formaram o Rio Grande do Sul, embora não seja possível contemplar todas as identidades encontradas na região, esta subseção ilustra conexões culturais importantes que dão conta de disputas políticas e sociais que geram barreiras simbólicas.

A proposta é oferecer um recorte, uma aproximação através da história baseadas em fatos sociais e políticos pontuais que, de certa medida, nos ajudam a pensar as representações identitárias construídas pela mídia. Aspectos que contribuem para a operação analítica, na

medida em que complementam e fornecem pistas para identificarmos os motivos pelos quais a televisão constrói seus conteúdos.

Como em todo o território nacional brasileiro a primeira presença é a do indígena, no caso do RS, depois vieram os conhecidos bandeirantes ou desbravadores caboclos. Mais tarde, foram os açorianos, que povoaram o litoral e o sul gaúcho, seguido dos alemães e italianos, que aqui desembarcaram para produzir e garantir as terras do interior e serra. A imigração, em hipótese nenhuma significa o fim de uma cultura, mas aproximamos os fatos históricos de modo que fique claro que as diferenças culturais existentes no Estado desde sua colonização produziram conflitos culturais manifestos no social.

A primeira região do Rio Grande do Sul a ser ocupada pelos imigrantes foi a região do litoral norte, para onde foram os primeiros açorianos portugueses que desembarcaram por volta de 1740 no Porto do Desterro em Santa Catarina e depois de uma década chegariam mais imigrantes pelo Porto de Rio Grande (TORRES, 2004). Estes povos ocuparam o território com o intuito de defender os interesses da coroa portuguesa frente aos ataques espanhóis.

A província de São Pedro, como era chamado o Rio Grande do Sul, recebeu estes açorianos que eram formado, na maioria, por casais jovens para colonizar as terras do sul. Porém, como explica Luiz Henrique Torres (2004), isto não ocorreu uma vez que esses grupos de açorianos não conseguiram deslocar-se para o interior devido a forte presença indígena. Conflitos no interior, como a Guerra Guaranítica<sup>14</sup> que se estendeu até 1756, foram determinantes para que estas pessoas permanecessem nas regiões litorâneas. Para Torres (2004) esta imigração representou em cinco anos um acréscimo de 1.273 pessoas brancas e este número de pessoas contribuiu para garantir a posse das terras à coroa portuguesa. Os açorianos tinham pequenas propriedades produtivas mantidas pela família, onde plantavam hortaliças, frutas e verduras, conforme explica Torres (2004).

Na segunda metade do século XVIII a economia do Estado estava baseada na charqueadas<sup>15</sup> e isto impulsionou o mercado de escravos para suprir as necessidades das estâncias. Devido a vinda dos negros muitos quilombos foram construídos no sul do país, formados pelos negros escravizados que fugiam. Eram comunidades construídas em lugares

---

<sup>14</sup> A Guerra Guaranítica foi um conflito entre os índios, os portugueses e os espanhóis. Ocorreu entre 1754 e 1756, o acordo de divisão de terras entre espanhóis e portugueses não foi aceito pelos indígenas que habitavam a região oeste do estado. O conflito armado provocou a morte de inúmeros indígenas,

<sup>15</sup> O Rio Grande do Sul estava na vantagem em relação a outros estados quando produziu o charque. Uma vez que a conservação dos alimentos era precária, o charque, carne secada ao sol com sal, resistia mais a deterioração. Transportados em mulas, o charque supriu demandas de outras regiões do país e foi vital para o desenvolvimento da agropecuária na região.



afastados que tinham o objetivo de manter os costumes, a cultura e permitir uma vida livre. Segundo os dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA<sup>16</sup>, em 2006, o Estado gaúcho possuía 127 comunidades quilombolas.

No início do século XX foi na região da serra que se fixaram os alemães e italianos e suas lavouras de arroz, que por vezes utilizavam a mão de obra escrava. Os alemães e os italianos aceleraram o processo de urbanização na região e impulsionaram a indústria. A serra também foi local propício para a concentração de quilombos, devido seu relevo e difícil acesso. Isto acabou por resultar em conflitos étnicos com os imigrantes europeus. Santos e Zanini (2009) descrevem este confronto de identidades e ilustram contextos que permanecem vivos.

Ao construir o lugar do pioneiro, colonizador e civilizador para si, os imigrantes italianos e seus descendentes determinaram também o lugar dos outros moradores da terra: para os negros e índios o papel de selvagens e incultos; para os descendentes de portugueses, o papel de pessoas sem refinamento, de maneiras rudes e portadores de uma religiosidade católica distinta daquelas que traziam os italianos, julgamento já expresso no apelido pelo qual eles são conhecidos: “pêlo duro”, uma designação regional (no resto do país se conhece como “casca grossa”) (SANTOS; ZANINI, 2009, p. 9)

Os imigrantes europeus também se fixaram em colônias na região central, além de ocuparem a serra, sul e litoral e isto gerou conflitos com os negros, uma vez que as comunidades eram representadas por italianos, portugueses e alemães. O planalto foi ocupado primeiramente por indígenas, seguidos dos caboclos e por último dos europeus. Mas foi entre os indígenas e os europeus, que buscavam a posse das terras, que se deu a maior parte dos conflitos.

Citados os dados de colonização que incluímos os alemães, os italianos, os indígenas e os negros, entendemos que estes aspectos traduzem muitas das práticas que circulam no social. É a partir do contexto sócio-cultural que buscamos suporte para pensar sobre as representações contidas no *corpus* da pesquisa. O Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas divulgou, no ano de 2011<sup>17</sup>, dados inéditos que descrevem o mapa das religiões no Brasil.

<sup>16</sup> O INCRA é o responsável legal pela titulação, manutenção e mapeamento das comunidades quilombolas de acordo com o Decreto federal nº 4.887 do ano de 2003. Informações disponíveis no endereço eletrônico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária: <http://www.incra.gov.br/quilombolas> . Acesso em 23 de agosto de 2014.

<sup>17</sup> As informações descritas encontram-se disponíveis no endereço eletrônico da Fundação Getúlio Vargas, no link: [www.fgv.br/cps/religiao](http://www.fgv.br/cps/religiao) . Acesso em 23 de agosto de 2014.

Conforme os dados podemos afirmar que a predominância católica é realidade nos estados do sul, com 71%, e nordeste, com 74%, concentram a maior parte dos adeptos. A denominada como “outras evangélicas” aparece em número mais expressivo no sul. Os povos que formaram a população gaúcha sob o ponto de vista religioso podem ser considerados da seguinte forma: europeus adeptos à religião católica, especialmente no período da colonização; os indígenas e suas crenças; e as religiões de matrizes africanas, que desembarcaram aqui com os negros. O catolicismo dos fiéis colonizadores, na sua maioria branca, mantém-se com destaque enquanto que outras crenças foram forçadas a ficarem à margem, assim como aqueles que insistissem em praticá-las.

No contexto étnico não podemos desconsiderar a forte presença indígena no Rio Grande do Sul. No noroeste gaúcho concentra-se o maior expoente da exploração e catequização indígena realizada pelos povos europeus, cujo propósito era o de unificar o território em torno da religião católica. No século XVI e XVIII os jesuítas da Companhia de Jesus, com o aval da coroa espanhola, iniciaram a construção das reduções que depois seriam chamadas de Missões Jesuíticas. Na área que hoje corresponde ao noroeste gaúcho chegou a ter 30 povos missionários divididos entre terras dos estados do sul e países como Paraguai e Argentina. As reduções não eram aldeias, porém representavam uma organização cuidadosa de produção e manutenção da ordem, a mais conhecida é chamada de Sete Povos das Missões<sup>18</sup>. A proposta das missões era proteger os índios da escravidão, embora alguns religiosos tenham submetido os nativos a trabalhos forçados.

Dados do censo 2010<sup>19</sup> revelam que o número de indígenas brasileiros decaiu 15% e neste censo representam 0,53% da população. Em dez anos diminuiu, em números absolutos, seis mil indígenas, totalizando 32.989 pessoas em 2010. Dos índios que vivem no Brasil 4% estão no Rio Grande do Sul. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE também revela que o número de indígenas está diminuindo nas cidades e concentrando-se nas regiões rurais o que o IBGE interpreta como resultado das políticas públicas de apoio.

O Rio Grande do Sul possui pequena presença indígena em relação às outras regiões brasileiras. No estado do Amazonas 168.680 pessoas que se declaram indígenas enquanto no Rio Grande do Sul este número é reduzido, conforme apresentado em parágrafo anterior. O

---

<sup>18</sup> Os Sete Povos das Missões são: São Francisco de Borja – atual cidade de São Borja, São Luiz Gonzaga e São Nicolau – Formaram municípios e mantiveram o nome, São Miguel Arcanjo – hoje Município de São Miguel, São Lourenço – que pertence ao município de São Luiz Gonzaga, São João Batista – localizado hoje na cidade de Entre-Ijuís e Santo Ângelo Custódio – atual cidade de Santo Ângelo.

<sup>19</sup> Informações disponíveis para download no endereço eletrônico do IBGE e na página do governo federal: <http://www.brasil.gov.br/governo/2012/08/brasil-tem-quase-900-mil-indios-de-305-etnias-e-274-idiomias>. Acesso em 22 de agosto de 2014.

que se justifica, conforme o censo do IBGE, pela grande concentração de matas na região norte e centro-oeste. A região sul recebeu muitos escravos que serviram como mão de obra para o desenvolvimento econômico do Estado baseado na produção de charque.

Na colonização do Brasil o negro possui um papel indispensável. Eles exerciam atividades na casa, na terra e nas lutas armadas, cuja missão era a de proteger o território da coroa portuguesa. Na fundação da Colônia do Sacramento, em 1680, a expedição comandada por Manoel Lobo trazia para a região 60 escravos negros. Isto se repetiu outras vezes neste processo de colonização.

As atividades exercidas diferenciavam-se conforme a região brasileira em que estavam escravizados. No nordeste as tarefas estavam relacionadas aos engenhos de cana de açúcar. Em Minas Gerais atuavam na extração de minérios e no sudeste nas plantações de café e no sul nas Charqueadas. O que havia em comum nas atividades dos escravos eram as condições insalubres, perigosas, difíceis e indignas de trabalho. Sem condições de moradia e sem alimentação adequada o período da escravidão foi marcado pela violência física, psicológica e moral. Foi no período das charqueadas que o tráfico de escravos intensificou-se, principalmente na região que hoje constitui o município de Pelotas. A região do extremo sul, também como a região que hoje está a capital gaúcha: Porto Alegre concentravam as maiores estâncias e em 1822 os negros representaram metade da população do Estado. Estes números podem não descrever a verdadeira ocupação negra, uma vez que eram computados por pessoas que não apoiavam a escravatura. Mas sabe-se que a produção agropecuária e o desenvolvimento do Estado foi sustentado pela mão de obra escrava. A hierarquia social da época estava baseada na posse de escravos.

Em 1830 o tráfico de escravos era considerado ilegal, mesmo assim isto não significou o fim desta atividade mercantil, que continuou a trazer os africanos, como explica Regina Lima Xavier (2009). Os escravos que desembarcavam no Rio de Janeiro seguiam viagem para o porto de Rio Grande, muitos do sexo masculino e muitas crianças capazes de aprender facilmente as atividades da pecuária desenvolvida no sul. Em 1850 foi proibido o tráfico no Atlântico, com isso inflacionou o preço da mão de obra escrava e intensificou o tráfico interno. As atividades escravagistas também ocorriam em propriedades menores, na maioria eram mulheres e crianças negras que exerciam as tarefas domésticas; nas cidades os negros cumpriam tarefas da urbanização, como a limpeza das ruas.

Essas atividades e o regime de escravidão não permitiam se quer o seu sustento. Isso contribuiu para que roubos, furtos e fugas passassem a ser praticados pelos negros e seus descendentes, tornando-os uma população marginalizada. Em 1888, a Lei Áurea decretou o

fim da escravidão, que se efetivou no papel e perdurou por muito tempo na história. Diante deste cenário, em que muitos negros foram liberados do trabalho forçado começaram a ocupar pequenos espaços de moradia e a concentrar-se em lugares comuns para fortalecerem a etnia. Na capital Porto Alegre, especificadamente o bairro Cidade Baixa concentrou muitos dos negros. A liberdade, conquistada com esforço nunca significou uma mudança de perspectiva para os negros, pois eles continuaram e continuam às margens, carregando o estigma da exploração sofrida. Segundo o censo demográfico do ano de 2000, estima-se que a região do Rio Grande do Sul possui, aproximadamente, 12% da sua população declarada negra ou parda. Os ditos brancos são maioria e representam 86% dos gaúchos.

Na capital Porto Alegre os autodeclarados pretos somaram 8,7% segundo dados do IBGE do ano de 2000<sup>20</sup> no qual estabelece cinco categorias referente à cor ou raça entre elas: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. Estes números demonstram a forte presença do negro na cidade. A predominância branca registrada na pesquisa do IBGE e demonstrada nos dados refere-se a um processo de colonização que privilegiou povos europeus, mais especificadamente os alemães e os italianos. No estudo a população branca corresponde a 82,8%.

Com relação aos alemães, sua chegada no Brasil deu-se junto com os primeiros portugueses, pois os primeiros registros afirmam que a esquadra de Pedro Álvares Cabral, em 1500, já possuía alemães em sua artilharia. Mas, a colonização alemã mais efetiva foi motivada pela necessidade de povoar a região sul do país e quando o comércio escravista enfraqueceu, assomada à crise econômica que percorria a Europa. No ano de 1822 o governo brasileiro enviou um major do exército para convencer o imigrantes a virem, foi neste período que teve início a vinda de um grande número de alemães para o país.

Para isso, o governo oferecia benefícios/promessas como: passagem, lotes de terras e um subsídio no primeiro ano, também animais para criação conforme o número de membros da família. Em 1824 chegou a primeira leva de imigrantes alemães na cidade de São Leopoldo, ao todo 39 pessoas. Em seis anos o número de alemães no Estado era superior a 5.350. Estes imigrantes ocupavam as regiões que hoje são as cidades de: São Leopoldo, Aceguá, Santo Ângelo, Igrejinha, Três Coroas, Taquara e São Lourenço.

O ápice da imigração alemã, segundo estatística do IBGE, deu-se entre 1929 e 1930 em que mais de 75.000 alemães desembarcaram no Brasil depois de terminada a Primeira Guerra Mundial em que a Alemanha sofria com uma economia e um cenário político

---

<sup>20</sup> Informações disponíveis no Censo demográfico realizado pelo IBGE no ano de 2000. <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

desestruturado. A industrialização e as tecnologias somadas às perdas de capital na guerra geraram muitos desempregos. Estes imigrantes encontraram no Brasil um território fértil para o desenvolvimento industrial e científico. Diferente do período de colonização já não ocupavam áreas rurais, mas representavam uma mão de obra especializada em um país que corria atrás do desenvolvimento industrial. No ano de 2014 a imigração alemã completou 190 anos de história.

No que se refere aos italianos, no Rio Grande do Sul comemoraram em 2014, 139 anos desde que saíram da sua terra natal. Nova Milano, hoje conhecida como o município de Farroupilha, acolheu os primeiros imigrantes que desembarcaram no sul. A imigração alemã é datada de 1824 e a italiana de 1875, os alemães quando se instalaram no sul ganharam suas terras para desenvolverem atividades de plantio. Passados meio século da chegada dos alemães, os italianos não ganharam grandes propriedades ao contrário, tiveram que pagar por elas. Os três primeiros núcleos de migração no Estado desenvolveram-se nas regiões que hoje são os municípios de: Caxias do Sul, Garibaldi, Bento Gonçalves e a região conhecida como Quarta Colônia (Nova Palma, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, São João do Polêsine, Pinhal Grande, Agudo, Restinga Seca e a última cidade que recebeu imigrantes: Silveira Martins).

Os italianos ocuparam lugares de difícil acesso e montanhosos. Embora os italianos buscassem lugares que haviam cursos de água para irrigação, suas terras não eram as melhores. Em 1882 o Rio Grande do Sul possuía 3.205 italianos, em 1890 foi o ápice da colonização que somou mais de 9mil italianos no Estado, segundo informações do site Portal Itália<sup>21</sup>. Segundo dados do relatório do IBGE de 2007, a região sul do Brasil apresenta traços marcantes da imigração alemã, italiana, açoriana e de eslavos na região. A economia baseada na agropecuária, hoje apresenta um importante desenvolvimento industrial, ficando atrás apenas da região sudeste.

Aproximadamente em 1900, através da iniciativa do banqueiro judeu Barão Maurício de Hirsch e da sua preocupação com a perseguição que os judeus sofriam na Europa organizou-se colônias agrícolas em diversos países que pudessem receber as famílias vítimas da opressão. A primeira colônia judaica brasileira foi fundada em 1903, próxima a região do município de Santa Maria, era o início da colônia Philippon, conforme registros da historiadora Ieda Gutfreind (2010) também presidente do Instituto Cultural Marc Chagall em Porto Alegre. Passada uma década criou-se na região de Passo Fundo e Erechim outras

---

<sup>21</sup> Informações disponíveis em: [http://www.portalitalia.com.br/historia/rs/comunidade\\_mapa\\_rsvejamaiz.asp](http://www.portalitalia.com.br/historia/rs/comunidade_mapa_rsvejamaiz.asp). Acessado em 20 de junho de 2014.

colônias para receber judeus que migravam da Argentina para o Brasil. Porém, muitos judeus não permaneceram nestas colônias devido a Revolução de 1923 em que chimangos e maragatos guerrilhavam. Passados os doze meses que durou a revolução, grupos armados saqueavam e assassinavam os colonos, então estas pessoas procuraram cidades maiores para instalar-se.

Em 1910 foi fundada a mais antiga sinagoga ainda em funcionamento no estado e a capital gaúcha passou a abrigar judeus de origem espanhola, germano-eslava e polonesa. O Bairro Bom Fim em 1930, concentrou grande parte destes colonizadores que exerciam atividades de artesãos, alfaiates e marceneiros. Em seguida, com a perseguição de Hitler, intelectuais judeus desembarcaram no Brasil, fugindo do regime nazista. Um aspecto importante deste grupo é que os judeus desde que vieram formaram instituições, nas quais podiam manter suas tradições. Seja no aspecto social, religioso, cultural, de ensino e também financeiro como os chamados “bancos informais” que permitiam o custeio de algumas necessidades e mesmo de tratamento de saúde.

Este texto busca uma aproximação com as identidades que formam a diversidade cultural do Rio Grande do Sul, utilizamos os principais povos de imigrantes e através deles atualizamos as práticas culturais trazidas, construídas, reforçadas e, por vezes, pouco modernizadas. Para ilustrar e atualizar as situações de conflito nos apropriamos de dois casos de grande repercussão na mídia no que se refere ao Estado do Rio Grande do Sul. Em 28 de agosto de 2014, o goleiro do Santos, conhecido como Aranha, foi agredido com manifestações racistas pela torcida do Grêmio<sup>22</sup>. Jogo que aconteceu na Arena no Grêmio na cidade de Porto Alegre pela Copa do Brasil.

Na ocasião o goleiro interrompeu a partida e relatou as expressões racistas que eram dirigidas a ele pela torcida que ocupava o espaço atrás do gol. Neste jogo a torcedora gremista Patrícia Moreira foi identificada como uma das agressoras e passou a ocupar grande parte do espaço midiático devido à postura preconceituosa. Nos jornais impressos, na televisão e na internet as pessoas e a mídia exploraram mais os atores do que os fatos. O goleiro ocupou a posição de vítima e Patrícia respondeu as agressões em nome de todos que no estádio e cometeram também o mesmo ato criminoso.

Em função do Campeonato Brasileiro, Grêmio e Santos voltaram a se enfrentar em setembro e novamente houve manifestações que demonstraram um preconceito mascarado. Diferente do primeiro episódio os torcedores do Grêmio não usaram expressões fortemente

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis em: <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/cultura/aranha-macaco-e-a-turba-ensandecida/>. Acesso em 18 de setembro de 2014.

racistas, mas usaram das vaías para condenar o comportamento do goleiro que seria o “vilão” da história. Paralelo a isso ainda no mês de setembro, os gaúchos reacenderam junto com a chama farroupilha todo o patriarcalismo e o preconceito.

Novamente o Estado ocupa a mídia nacional em função de um casamento coletivo que se realizaria nas dependências de um Centro de Tradições Gaúchas - CTG, na cidade de Santana do Livramento – município que faz fronteira seca com o Uruguai<sup>23</sup>. Este é o fato, mas a mídia explorou seus atores. Entre os casais que participariam da cerimônia estavam homossexuais. Isto bastou para os tradicionalistas mais fervorosos iniciarem o conflito em que o homem gaúcho, no seu simbolismo é o homem macho, forte, bravo e a mulher reduzida à vida doméstica e à docilidade do sexo.

A juíza da cidade, promotora da iniciativa foi ameaçada de morte e o CTG foi queimado na tentativa de oprimir aqueles que lutam pela igualdade. Aliás, igualdade, liberdade e humanidade são as palavras que estão presentes na bandeira do Estado. A bandeira que os tradicionalistas usam como manto.

Diante das informações iniciais, em que muitos povos durante a colonização do Estado foram escolhidos para serem massacrados enquanto outros tiveram garantido o direito fantasioso de superioridade e de opressão, percebemos que mesmo nas sociedades mais contemporâneas basta a menor representação da diferença para reacender as dualidades, que rotulam certo versus errado, do bom versus o mal. Enquanto que a questão central é a de garantir direitos previstos em lei e que incluem os ideais farroupilhas que este Estado reafirma na sua história criada e valorizada, porém não se efetivam nas práticas vividas.

O Rio Grande do Sul, que registrou conflitos e opressões com todos aqueles que definiram como inferiores e resguardaram a eles a condição de instrumento, repete e orgulha-se de um comportamento que já foi dominante, que entendíamos como residual, mas que nos conflitos cotidianos das “modernas” práticas vividas no Estado impera com toda sua força.

É neste contexto que se torna tão caro ao nosso estudo entendermos as representações que a mídia se apropria e utiliza para construir os seus enunciados. Refletindo se neste espaço, que constitui o nosso objeto de pesquisa, há humanidade, liberdade e igualdade destas representações. Ou se acabam por alimentar e/ou reproduzir as práticas vividas encontradas no social.

---

<sup>23</sup> Informações disponíveis em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/ctg-que-vai-sediar-casamento-gay-e-incendiado-em-santana-do-livramento-4595805.html>. Acesso em 18 de setembro de 2014.

## 4.2 Condições de produção: regulação, tecnologia e estrutura

Optamos por trazer esta subseção sobre a regulação neste momento, em função de que a tevê pública no Brasil é regida por legislação específica e a regulação é elemento fundamental no circuito da cultura. Exploramos nesta etapa o desenvolvimento da televisão, a expansão e as tecnologias que originaram novas leis. Conforme o Ministério das Telecomunicações, os serviços de rádio e difusão que incluem o rádio e a televisão, devem estar disponível a todos os cidadãos de forma livre e gratuita. De modo que fica sobre a responsabilidade dos receptores adquirir os equipamentos que permitam captar o sinal de transmissão. Conforme determina a constituição estes serviços devem promover a educação e a cultura, incluindo a divulgação cultural, artística e jornalística que contemplem e promovam a regionalização e a nacionalização. Está proibida, conforme a Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997, Lei Geral de Telecomunicações do Brasil, qualquer comercialização que interfira nesta finalidade e cabe à União fiscalizar e organizar a exploração das telecomunicações no país de modo geral.

A exploração do serviço de radiodifusão no Brasil é realizada através de concessões, que não determinam exclusividade. O procedimento é efetivado por licitação e não é de ordem vitalícia, podendo ser renovado. Uma vez extinguida a concessão o direito à prestação de serviço retorna ao poder da União. No Brasil, ao contrário dos países europeus que iniciaram as transmissões televisivas em canais públicos, o primeiro modelo de televisão acessível à população foi o modelo comercial, assim como nos Estados Unidos. Em 1950 Assis Chateaubriand fundou o primeiro canal de televisão denominado: TV Tupi, localizada na cidade de São Paulo.

A inauguração da TV foi possível diante da importação dos aparelhos tecnológicos americanos que já executavam transmissões nos Estados Unidos desde 1940. Mas, o desenvolvimento da televisão no Brasil deu-se, mais tarde, com o início da ditadura militar no país. Isto favoreceu relações de dependências econômicas, comerciais e políticas significativas em que os meios de comunicação estavam refém da censura e do regime e, obviamente, sua produção de conteúdos.

A expansão da televisão deu-se de maneira rápida e os índices atuais demonstram o quanto este meio de comunicação está presente no cotidiano, mesmo em tempos de multimídias. O censo de 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,



IBGE<sup>24</sup>, apurou que mais de 95% das casas brasileiras possuíam tevê. É a primeira vez que a televisão supera o rádio que por dez anos liderou o *ranking*. Diante deste cenário, corroboramos a importância da televisão como meio de informação, entretenimento e representação das culturas e das identidades. Aproximando-se destas competências surgiu no Brasil o interesse em desenvolver canais que não respondessem a pressão econômica. Assim, em 1967, nasceram as televisões educativas<sup>25</sup> segundo Fort (2005), uma vez que a maioria da população brasileira era analfabeta, estes canais buscavam na sua programação a pedagogização. A Lei Nº 5.379 de dezembro de 1967 que previa a alfabetização funcional e a educação continuada de jovens e adultos incluía os meios de comunicação coletivo como a televisão. Em 1969 começa a operar a TV Cultura e seis anos mais tarde, 21 estados já tinham canais educativos estatais estaduais conforme (OTONDO, 2002).

Sua programação não permitia a publicidade e incluía programas de instrução e divulgação do conhecimento. Sua produção destinava-se à divulgação de aulas e promoção da educação, período em que os telecuriosos foram legalizados, como explica Otondo (2002). As televisões educativas foram o embrião do que posteriormente reconheceu-se como televisão pública. A criação da televisão pública confunde-se com as TVs estatais, principalmente na América Latina. Na sua tese, Teresa Otondo(2008), descreve a redemocratização da televisão pública e os modos como dois canais iniciaram suas atividades, entre eles: TVN do Chile (1973), TV Cultura de São Paulo (1969). A primeira depois de um longo regime militar no comando do general Pinochet é devolvida à população civil no ano de 1990 para ser a televisão dos chilenos.

Já a segunda, brasileira, embora criada durante o governo militar foi impedida de servir à política, conforme a determinação do seu criador: o então governador do estado de São Paulo. Os dois modelos de canais públicos foram importantes para o crescimento da democracia e construção de espaços de cidadania, afirma Otondo (2008). Para isso tornava-se necessário elaborar uma legislação que garantisse e regulamentasse os canais públicos e seu compromisso com a divulgação e o acesso à informação. Sobre a polêmica que envolve as televisões públicas a autora posiciona-se da seguinte forma:

---

<sup>24</sup>Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>.

Acessado em 05 de março de 2014.

<sup>25</sup> A primeira televisão educativa do país foi na cidade de Pernambuco-RE, no ano de 1967. E, passados mais de quatro décadas a denominada TV Universitária do Recife, canal cedido à Universidade Federal de Pernambuco continua voltado à promoção da cidadania e aspectos locais, incluindo na sua produção um espaço que permite a experimentação e desenvolvimento acadêmico dos cursos de comunicação da mesma universidade.

Quando a televisão se identifica com o governo, ela não é pública. Se esta afirmação é verdadeira, poderíamos dizer que não existe televisão pública na América Latina. Teríamos a rigor televisão estatal, com todos os seus conhecidos “defeitos”: estrutura centralizada, subordinação financeira, burocracia administrativa, programação subordinada a interesses políticos e de governo, cargos preenchidos por indicação, controle da informação e nenhuma transparência nas contas. A questão, no entanto, não é tão simples assim. Não existe uma definição ou receita pronta do que venha ser uma televisão pública, nem um modelo único que se adapte a qualquer país (OTONDO, 2008, p. 45).

Diante desta complexidade, não buscamos nesta pesquisa entrar nessa discussão. Reconhecemos o canal legislativo do Estado como emissora pública, devido sua estrutura e financiamento público, uma vez que este estudo não possui como objetivo analisar o discurso político, para verificar se este serve a partidos e a representações políticas. O foco está nos programas culturais e nas representações identitárias que estes contemplam, para isso escolhemos uma posição, nela o canal, no que determina a lei possui natureza pública, se comporta como público conforme a Lei Nº 8. 977, de janeiro de 1995, conhecida Lei do Cabo. Nesta lei fica estabelecida a destinação dos canais legislativos, Art. 23 inciso I, que define os canais básicos de utilização gratuita em que os canais legislativos estaduais devem compartilhar seu espaço com as Câmaras de Vereadores localizadas em municípios que incluem a área de prestação de serviço da Assembleia Legislativa. Entre os direitos e deveres possíveis a TV a cabo poderá veicular publicidade. Entre suas obrigações está o transporte adequado desta transmissão, sujeitas as penas de multa, advertência e cassação dos direitos de transmissão.

A partir da Lei do Cabo, a Tevê Assembleia institui-se como canal legislativo e transmite sessões ao vivo, embora desde 1964 houvesse o registro em película das atividades parlamentares e a divulgação destas gravações pelo Departamento de Cine e TV. A Lei do Cabo sofreu alterações no ano de 2011 e a comunicação audiovisual passou a responder a Lei Nº 12.485 do mês de setembro do mesmo ano. Na legislação os princípios fundamentais da comunicação audiovisual incluem: acesso à informação, liberdade de expressão, promoção da diversidade cultural e da língua portuguesa e estímulo à produção regional. No caso dos canais legislativos a publicidade e a produção de programas com fins comerciais estão proibidos.

A primeira transmissão de atividades parlamentares oficiais são datadas de 1955, no rádio do Reino Unido, para depois a divulgação na atual BBC. Nos Estados Unidos a transmissão é datada de 1975 no canal [C-SPAN](#). No Brasil, a TV Senado inaugurou as transmissões legislativas no ano de 1996 e dois anos mais tarde foi inaugurada a TV Câmara,

conforme define a Lei do Cabo. No país estes dois canais são federais, os canais estaduais somam hoje 24 emissoras presentes nos seguintes estados: Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins. E vinte e seis emissoras municipais que integram a Associação de Televisões e Rádios Legislativas<sup>26</sup>. A TV Assembleia do estado do Rio Grande do Sul iniciou sua transmissão e estruturou-se como canal televisivo também no ano de 1995. Porém, foi com a criação do departamento de mídia eletrônica que esta estrutura consolidou-se ampliando a cobertura com a tecnologia por satélite.

No Rio Grande do Sul, os modelos iniciais de televisão foram comerciais. O primeiro canal a constituir-se foi a TV Piratini, no ano de 1959. Assim como os canais nacionais o canal gaúcho importava recursos humanos e formatos do rádio e mantinha sua característica elitista, poucos gaúchos tinham acesso às transmissões televisivas. Conforme explica Aline Strelow (2009) na sua fundação existia uma preocupação com a valorização de uma programação dirigida para o regional que depois foi redirecionada para industrialização da informação. Consequência dos avanços técnicos nas transmissões e depois de 1962 inaugurada a TV Gaúcha o mercado de produção televisiva do estado tornou-se competitivo e posteriormente de difícil manutenção, gerando problemas financeiros para os canais. Já na fase popular da televisão, entra no ar a TV Difusora, em 1969, que chegou a marca de 70% de produção local, ainda segundo Strelow (2009).

Em 2007 o Brasil institui um novo modelo de transmissão, a criação da TV Brasil em São Paulo, o primeiro canal digital a utilizar a tecnologia SBTB – Sistema Brasileiro de Televisão Digital. Nesta tecnologia o telespectador pode acompanhar gratuitamente um sinal de alta definição de imagem e som em aparelhos de televisão que possuam um conversor digital e em dispositivos móveis. Desde 2008 o sinal digital está disponível no Estado em 50% das cidades<sup>27</sup>. A TV Assembleia do RS possui transmissão digital desde 2012 quando aderiu à Rede Legislativa de TV Digital.

Para finalizar esta abordagem sobre as transformações da TV no cenário nacional e regional, incluindo sua expansão, tecnologias e problematizando a legislação em vigor, salientamos a comunicação pública e completamos com a Lei Nº 11.652, de 07 de Abril de

<sup>26</sup> Dados disponíveis em : <http://www.astralbrasil.org/associados.html>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

<sup>27</sup> Dados disponíveis no site oficial da TV Digital Brasileira: <http://www.dtv.org.br/cidades-onde-a-tv-digital-esta-no-ar/>. Acesso em 02 de junho de 2014.

2008<sup>28</sup>, que institui sobre os serviços de radiodifusão públicos. Estabelece entre outras responsabilidades o acesso à informação por meio da pluralidade e define a produção de uma programação direcionada à educação, artes, cultura, ciência e informação. Com o objetivo de fornecer mecanismos que permitam o debate público de temas relevantes para o desenvolvimento social de modo que desenvolva a consciência crítica do cidadão e fomente a construção da cidadania e a participação democrática.

A Resolução 3.030 institui o regulamento geral da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, nos termos do Art. 267 do regimento interno, previsto pela resolução nº 2.228, de 18 de janeiro de 1991. Nela estão providências como as discriminadas na sessão III, Art. 32, que descreve a competência da Superintendência de Comunicação Social e Relações Institucionais de divulgar as atividades da Assembleia Legislativa no âmbito jornalístico e publicitário para o fortalecimento da imagem do Poder (como define a Lei).

[...] bem como promover as relações públicas e culturais com a sociedade em geral e órgãos de Governo, sendo integrada pelos seguintes órgãos de execução: I - Espaço do Vereador; II - Departamento de Jornalismo; III - Departamento de Publicidade; e IV - Departamento de Relações Públicas e Atividades Culturais (RESOLUÇÃO 3.030, 2008, p.8).

Descrevemos os ditos departamentos de acordo com a disposição da lei. O departamento de Jornalismo é gerenciado pelo diretor Felipe Kuhn Braun, responsável pela divulgação de matérias jornalísticas para o rádio, a televisão e o jornal, de modo a promover as atividades da Casa Legislativa, conforme o Artigo 34 da Resolução nº 3.030/1991. Neste departamento estão integrados os seguintes órgãos de apoio: Divisão da AL.com; Divisão da Agência de Notícias; Divisão de Rádio; Divisão de TV e Divisão de Fotografia. O Departamento de Publicidade coordenado por Jackson Geisel da Silva responsável pelo gerenciamento de campanhas publicitárias institucionais de acordo com o Artigo 35 da mesma lei. Possui os seguintes órgãos de apoio: Divisão de Atendimento e Divisão de Criação.

O departamento de Relações Públicas e Atividades Culturais, sob a responsabilidade de Luiz Carlos Barbosa da Silva, administra o Solar da Câmara dos Deputados, assim como organiza e viabiliza os eventos promovidos pela Assembleia, estabelecido pelo Artigo 36 da resolução. Colaboram com o setor: a Divisão de Promoções Culturais; a Divisão de

---

<sup>28</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del0236.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0236.htm). Acesso em 10 de setembro de 2013.

Biblioteca; Divisão de Prêmios; Divisão de Reserva de Espaços e Divisão de Recepção e Informações. Por fim, o Espaço do Vereador cuja atividade é promover o trabalho dos legislativos municipais, como define o Artigo 33 da Lei, com o propósito de integrar, fortalecer e qualificar o trabalho realizado nas câmaras de vereadores municipais.

Diante disso, percebemos que existe uma legislação que garante a legalidade deste sistema audiovisual mantido pelo poder público, sua estrutura e prevê os conteúdos divulgados de forma livre e gratuita. Porém isto não significa uma real democratização da informação pública e da promoção de programas educacionais, culturais, artísticos e jornalísticos. Uma vez que, estes canais não possuem uma tecnologia de transmissão eficiente e abrangente. O conteúdo da TV Assembleia é restrito à área da região metropolitana, estando disponível para a maioria da população através de TVs a cabo, sinal digital ou internet.

Ou seja, a Tevê pública, nos aspectos de sua regulação não contempla a realidade que busca incluir, informar e disponibilizar conhecimento ao cidadão. A TV Assembleia cumpre esse caráter jornalístico apresenta na sua programação as atividades do legislativo e os representantes públicos, possui programas culturais e inclusivos, mas a apropriação desta produção pública é restrita a poucos telespectadores, uma vez que o pouco investimento tecnológico limita o serviço.

Assim como estão restritos os seus modos de fazer, pois a televisão legislativa do Estado possui na captação, produção e edição recursos humanos terceirizados, onde atuam empresas da Capital que se apropriaram da estrutura pública audiovisual desde sua criação sem qualquer processo de licitação destes serviços. Na legislação que regulamenta as TVs públicas, assim como a resolução da Assembleia Legislativa, que normatiza o funcionamento da TV não há restrição quanto à prestação de serviço na forma de contrato, como ocorre neste caso.

A regulação, a estrutura e as tecnologias permitem, neste trabalho, que tenhamos a percepção de que a produção da TV legislativa perpassa uma legislação que é federal, uma organização que é estadual e uma estrutura política de coordenação e manutenção destas atividades pagas pelo orçamento público do estado. E por suas características justifica-se o estudo sobre as representações construídas neste espaço.

#### 4.2.1 – Organização institucional e colaboradores

Nesta subseção, descrevemos informações coletadas através de uma entrevista com dois dos funcionários que possuem mais tempo na TV Legislativa. Foram organizados alguns questionamentos da ordem estrutural da emissora. O guia de perguntas surgiu junto com a observação participante e diante da necessidade de conseguir uma descrição deste canal relativa à estrutura de produção e aos seus colaboradores. Também na observação participante, a pesquisadora coletou imagens dos ambientes e das produções, que ilustram este trabalho.

Em uma entrevista semiestruturada aplicada ao funcionário Paulo Coelho, que possui formação técnica de repórter cinematográfico e hoje ocupa a função de coordenador técnico da TV e é funcionário desde a implantação do canal, obtivemos mais informações sobre o objeto deste estudo. Através da fala dele, buscamos dados atuais e recuperamos algumas informações da história da TV. Esta fala contribui para descrevermos as peculiaridades e identificar as contradições da ordem da produção. Quanto aos dados organizacionais, a estrutura da TV Assembleia possui: um estúdio, cinco ilhas de edição, uma sala de arquivo, uma sala de redação, uma sala para a tradução em libras e uma sala para armazenar equipamentos. A seguir imagens da estrutura da Tevê.



Figura 7 – Ilha de edição  
Fonte: Imagem da pesquisadora



Figura 8 - À esquerda o estúdio e à direita a ilha de edição  
Fonte: Imagens da pesquisadora

Na TV da Assembleia, alguns serviços são terceirizados por empresas da capital, são elas: A Lumiere<sup>29</sup> que possui quatro funcionários responsáveis pela exibição da programação e a empresa Eixo Z<sup>30</sup> que possui 63 funcionários divididos em trabalhos de produção, jornalismo e captação de imagens. Deste serviço terceirizado estão recursos humanos com formação técnica e superior. A TV Assembleia possui apenas um publicitário e quatro funcionários públicos de carreira.

Sobre a indagação “Para que público a TV Assembleia fala?”, o entrevistado resume na palavra “variado”. Na concepção do funcionário a informação divulgada no canal atinge muitas pessoas, embora não todo o tempo. Explica que em situações de votações, debates, eventos que a TV cobre, externas que são gravadas, isto acaba por interessar mais uma região, já os programas culturais “buscam não um foco, mas atingir o coletivo, contemplando as muitas manifestações artísticas que há no Estado”. Sobre os desafios, o entrevistado menciona o fato de: “Colocar tanta programação ao vivo no ar” e comenta que a TV possui uma transmissão de aproximadamente 12 horas ao vivo por dia, é muita demanda de informação em tempo real. O período de transmissão simultânea das atividades do legislativo já foi maior, hoje a grade que inclui produções atemporais e gravadas cobre parte destas horas. Ao ser questionado sobre como define a TV ele a reconhece como uma televisão pública, uma vez que os espaços estão disponíveis aos cidadãos e ressalta o fato da informação não passar por um critério comercial. O espaço que a TV disponibiliza, principalmente na sua programação de ordem cultural é democrático, na opinião do entrevistado. Ainda, para ele “As pessoas nos

<sup>29</sup> Produtora de vídeo localizada na capital gaúcha. Atua no mercado desde 1985, nas áreas de produção corporativa, televisiva e no treinamento técnico.

<sup>30</sup> Produtora cinematográfica de vídeo e televisão. Atua no mercado desde 1997 com sede em Porto Alegre- RS.



canais comerciais não possuem um espaço de divulgação como este e com um volume de informação tão grande”.

Sobre a influência política nas produções da TV o Coordenador técnico diz não haver grandes interferências, na sua percepção. Na sua fala, relata que há uma cobrança por parte de todos os representantes que formam a Casa Legislativa por visibilidade e uma postura da TV de divulgar as atividades da Casa. Já nos programas “culturais” isto não aparece, contudo, salienta algumas alterações e cita o programa **Mateadas**, que já teve em outras temporadas e retorna para a grade por iniciativa do atual presidente da Assembleia Legislativa, em função deste possuir vínculo com o movimento tradicionalista.

O local, onde atualmente funciona a estrutura da TV, é um espaço no subsolo do Palácio Farroupilha. Foi em 2001 que se organizou a TV, pois antes se resumia a uma sala com equipamentos de áudio e vídeo próxima ao Plenário. Na época as exibições eram pautadas somente por atividades políticas. Em 2001, quando foi estruturada começou-se a pensar em novos formatos, então entrou no ar os programas **Personalidades** e **Democracia**, os dois pautados pela política. O **Personalidades** tinha a função de apresentar os deputados, torná-los conhecidos assim como suas posições políticas e projetos públicos e o **Democracia** de problematizar os assuntos pertinentes à sociedade, como até hoje acontece.

O **Personalidades** hoje possui um foco diferenciado e estende seu espaço a pessoas da sociedade que possuem envolvimento com temas atuais, que sejam importantes e tenham representatividade fora da Casa Legislativa. Sobre os comerciais que são exibidos na TV, eles chegam à produção através das próprias ONGs e por iniciativa da TV que busca esta publicidade para causas sociais e não mercadológicas. A Fundação de Preservação da Vida e Prevenção de Acidentes no Trânsito, Thiago de Moraes Gonzaga, conhecida como Vida Urgente, é uma das mais antigas parceiras de campanhas no canal<sup>31</sup>.

A apresentadora do programa **Plenário**, Eni Figueiredo está na TV há 14 anos como cargo de confiança da Assembleia, ela é formada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), e afirma que é um desafio fazer tevê “ao vivo”. “Às vezes tem sessões extraordinárias e a diversidade das pautas relativas aos projetos dos deputados constituem um ritmo jornalístico grande para a televisão”, descreve em sua fala. Sobre a rotina da TV percebe-se que os deputados procuram muito a televisão legislativa para divulgar suas propostas. Eni ainda ressalta que isto se deve ao fato da televisão aberta e comercial divulgar

---

<sup>31</sup> As informações sobre os primeiros programas e como se deu a formação da TV descritas neste texto foram colhidas em entrevista, na fala do funcionário Paulo Coelho realizada na semana de observação datada de junho de 2014.



apenas as notícias negativas que incluem a Assembleia e seus membros. Em 2008, na coordenação de Celina Canabarro, aconteceu a profissionalização da TV abrindo canais e programas que expusessem os aspectos positivos da Casa, pouco pautados pela mídia tradicional.

Hoje a televisão busca contemplar todos os deputados, “Eles mesmos buscam o espaço, então a TV não é da presidência é da Assembleia”, de acordo com as informações colhidas na entrevista. E ainda completa, que recebe retorno por *e-mail* e redes sociais sobre a repercussão do material que é divulgado na TV que chega a pautar as grandes mídias. Um exemplo foi a Lei Kiss de Prevenção de Incêndio, que como outras votações despertam um grande interesse da população e das mídias. A apresentadora explicou que a TV, principalmente depois das manifestações do ano de 2013, mudou a concepção dos gaúchos e recebe por *e-mail* um pouco deste retorno. As pessoas do interior, cita Pelotas e a região oeste, acompanham bastante, em entrevista a funcionária afirma que é um público qualificado que quer ver em que os políticos das suas regiões estão trabalhando, segundo sua percepção.

Salienta que o fato da coordenadora Michele Limeira permanecer por dois anos no cargo é um avanço importante na continuidade do trabalho da TV. Uma vez que a diretoria da casa muda a cada um ano, segundo um acordo interno entre as bancadas, muda-se também a coordenação e a superintendência de comunicação. Para Eni o fato da coordenação permanecer demonstra a qualidade do que está sendo feito.

Diferente do que se pensa, em período eleitoral o trabalho na própria Assembleia diminui e assim a demanda da TV também, devido aos deputados estarem fora da Casa participando de campanhas. Desde sua fundação a Assembleia busca um controle político dos seus espaços foi assim no prédio que abriga o atual Memorial como descrito no início deste texto, nos governos militares e hoje se explica pela mudança anual da Mesa Diretora, que reverbera na estrutura do Canal Legislativo. Alguns programas da grade param de serem produzidos e outros retornam conforme o interesse da direção da Casa.

Nesse sentido, fica perceptível o quanto a regulação interfere e reflete na produção midiática da TV. Na fala destes colaboradores identificamos a influência política na produção de conteúdo, a institucionalidade que mantém esta produção focada nas atividades legislativas, o caráter público que a regulamenta e que a define. As entrevistas e a observação participante originaram inquietações a partir de divergências que emergem destas mesmas observações.

Em entrevista com a coordenadora da TV, Michele Limeira, obtemos mais informações que corroboram o texto deste trabalho e contemplam o funcionamento e as

atividades da televisão sobre o ponto de vista da produção. No cargo desde fevereiro do ano de 2012, Michele Limeira explica que entre os inúmeros desafios trabalha-se numa Casa Legislativa em que a prioridade não é ter uma televisão. As demandas da TV dividem os espaços com as demandas de todo o legislativo. E reitera que entre os desafios está o fato do canal encontrar-se em fase de construção e enumera fatores importantes desta etapa como: inovação tecnológica que inclui colocar a produção de áudio e vídeo em HD, consolidar a estrutura de recursos humanos dentro da qual admite possuir fragilidades entre elas a rotatividade dos contratados, manter uma grade de programação 24horas no ar embora efetivada deve ser encarada como um desafio no ponto de vista de qualidade e manter dois canais o da TV Legislativa, o canal 16 da NET e as transmissões em parceria com o canal 61.2 que é da Câmara Federal e câmara Municipal de Porto Alegre.

A atuação nestas duas estruturas constitui em algo complexo, onde a programação é a mesma, mas a infraestrutura tecnológica constituem em coisas diferentes, explica a coordenadora. E resume que os aspectos importantes são a qualificação em termos de programação e pessoas, paralelo a isso conservar a estrutura tecnológica. Aspectos que foram identificados quando a coordenadora assumiu a função e que lentamente tenta se aproximar do ideal. Ao passo que reconhece que talvez estes desafios nunca vão deixar de existir, pois constituem no cotidiano de qualquer televisão. Na sua posição diante da importância da televisão, Michele Limeira coloca que os servidores da casa enquanto servidores públicos possuem e/ou devem possuir a clareza da importância do canal e suas funções dentro do legislativo na medida em que servem ao poder legislativo na divulgação de suas atividades.

Para a entrevistada nisto talvez deva ser colocada uma regulamentação mais apurada, mais descritiva da atuação da TV em que o princípio editorial e a linha de atuação estivessem descritos com mais clareza. Entre a regulamentação inclui-se o fazer jornalístico, o enquadramento, a definição de pautas, quando se prioriza os parlamentares e quando mistura-se as figuras políticas com o público, que faz parte destas transmissões no caso das sessões plenárias.

Quanto ao público da televisão, a coordenadora afirma ser uma questão difícil sua definição haja visto que o canal não dispõe de nenhum tipo de pesquisa de recepção ou audiência, como ela mesma conclui. Há a suposição que o público é formado pelos interessados por política por que o canal efetiva-se nas transmissões políticas, visto que boa parte de sua programação se constitui na transmissão das atividades do parlamento gaúcho.

Quanto às interferências da Casa Legislativa no modo de produzir, Michele Limeira explica que o modo de produção dá conta das questões técnicas e neste sentido, de como vai-

se produzir um programa, trabalha-se com autonomia. Ela afirma que há a interferência e isto é um aspecto positivo uma vez que a TV é parte de toda a estrutura legislativa o que ela descreve como importante no sentido da Casa se importar com a TV. Ao passo que salienta que seria de grande valia um conselho editorial na casa, que houvesse encontros periódicos onde discutissem as orientações de conteúdo. Isto não existe, as orientações macro, como ela define, são originárias da Superintendência de Comunicação social, subordinada à presidência da Casa.

Orientações que incluem a institucionalidade, ou seja, como a Casa quer ser vista e neste ponto a coordenadora salienta que o público interno é o público da TV, em que deputados e funcionários que formam a rede política são também telespectadores. Revela que há momentos em que a mesa diretora diz o que se quer do canal, porém isto não é uma regulamentação formal. Ela conclui dizendo que estas interferências fazem parte das rotinas produtivas de trabalho. E explica que, muitas vezes, as pessoas entendem as interferências como algo negativo e descreve na sua fala que sua percepção dá conta do contrário. Ou seja, entende as interferências como algo positivo e necessário uma vez que a casa vai orientar o que ela quer mostrar de si. O que estaria relacionado ao que deve ser feito e não as questões de como deve ser feito.

O retorno dos telespectadores acontece através dos canais comuns de comunicação, em que as pessoas ligam, mandam *e-mail*, entram em contato pra dizer que viram, para reclamarem, para sugerir pauta. São retornos que ela classifica como frequentes embora não haja uma rotina ou uma sistematização destes contatos. Fala-se então dos *e-mail* dos programas, os telefones dos programas e o site. Há a ouvidoria da Casa que em algumas encaminha atendimentos à coordenação do canal.

Nas questões de ordem do financiamento público a coordenadora explica que o canal não possui um orçamento próprio, contudo está dentro de um orçamento anual do legislativo, pois a TV como nenhum setor da casa possui orçamento próprio. Cada Superintendência ordena as suas despesas neste caso a Superintendência de Comunicação Social possui um valor que dá conta das despesas deste departamento. Em relação aos recursos humanos que o canal dispõe, Michele Limeira diz que o número não é absoluto, ou seja, ocorrem pequenas variações. Hoje os profissionais que atuam correspondem a 63 funcionários terceirizados, complementando isso são 90 pessoas que incluem estagiários, efetivos e cargos em comissão. São cinco funcionários efetivos, número do qual ela faz parte.

No ponto de vista de estrutura e espaço físico, a televisão ocupa um lugar limitado em que há a necessidade de ampliação e adequação das estruturas de trabalho do canal. Um

projeto que está dentro de uma iniciativa maior que inclui o novo plano diretor do legislativo que prevê a construção de novos prédios para a Assembleia e inclui um novo espaço para a TV, negociações que já estão sendo realizadas com o secretário de engenharia.

Ou seja, reconhecemos a televisão legislativa como institucional, obtivemos a informação que é financiada por um orçamento anual previsto dentro das despesas da Casa, porém sua estruturação restringe-se a um espaço improvisado, a recursos humanos terceirizados – na sua maior parte formado por técnicos, e a colaboradores que não são funcionários públicos. Constatamos que o cenário atual mantém-se por mais de uma década.

### 4.3 Condições de leitura

Deixamos claro, nesta parte da pesquisa, que o canal legislativo não possui dados sobre o perfil da audiência e números que ilustrem a participação do telespectador. Embora, haja canais de comunicação, entre eles: email, telefones, ouvidoria da Assembleia Legislativa, não existe o controle das demandas que perpassam estes canais. Somado a isto, identificamos informações desatualizadas no site do canal e não há registros de programas nas redes sociais exceto através do perfil digital daqueles que o produzem ou apresentam. Não efetiva-se assim um canal com o telespectador.

Também percebemos a dificuldade de utilizar os contatos da TV. Depois de colhida as informações no site entramos em contato com todos os programas por email (inclusive aqueles que não eram *corpus* da pesquisa). Na época foram dois contatos respondidos. Motivo pelo qual foi necessário a construção de um formulário que padronizasse informações importantes. Formulário que foi aplicado durante a observação participante, diante da dificuldade em obter retorno dos contatos por *email* ou por telefone.

Depois de explicado o fato de que não houve a possibilidade de criarmos canais com estes telespectadores e identificarmos a audiência de uma programação fluída, em que os programas, na sua maioria, não possuem um horário de exibição fixo, optamos por delimitar as condições de leitura através de um telespectador presumido por aqueles que produzem o texto televisivo. Como forma de perceber para quem este texto é dirigido e se isto efetiva-se na produção ou afasta-se da proposta.

A estrutura tecnológica que garante a transmissão da TV atua de maneira limitada. Diante disso verificamos outros canais de divulgação que pudessem oferecer dados para

ilustrar as condições de leitura que é uma das instâncias do circuito. O consumo desta mídia não constitui foco nem a pretensão de um estudo profundo, mas aparece como uma investigação complementar que auxilia no contexto interpretativo.

Embora o objeto seja a televisão não podemos desconsiderar a conversão das mídias e seus atores, que se manifestam nos diversos canais *on-line* disponíveis para opinião e divulgação. Com isso, investigamos o nome do programa, o do apresentador e da TV Assembleia na rede social *Facebook* através da conta pessoal da pesquisadora deste trabalho; no Google buscamos por página pessoal ou do programa, assim como no canal *Youtube* para encontramos mais resultados. Mesmo assim, os dados obtidos foram insuficientes então se optou por uma entrevista semiaberta com os apresentadores para entendermos de que condições de leitura esta produção busca, que condições de leitura apresenta e quais efetivamente produz. A iniciativa de uma entrevista com os apresentadores determinantemente configurou-se rasa, repetiu-se a dificuldade em obter resposta, contato, informações e a indisposição a declarações sobre as atrações e o trabalho nesta televisão legislativa. Salvo os funcionários, apresentadores e a coordenação da TV que aparecem neste estudo. As condições de leitura funcionam como um panorama que sustenta o contexto, mas não se configura no foco deste trabalho.

Iniciamos com os dados que contemplam ou não os canais de divulgação. *Cena musical* é o programa apresentado por Caetano Silveira que possui um perfil na rede social *Facebook* e através dela divulga as atrações do programa, eventos culturais, artistas, fotos, vídeos e *videoclips*. Nos comentários das postagens aparecem a fala de amigos, elogios e alguns lamentam não ter maior acesso ao conteúdo do programa (como aparece na imagem capturada que está no anexo G deste trabalho). Não há nesta rede social o perfil do programa *Cena Musical*, contudo no *Youtube* encontram-se vídeos postados pelos próprios artistas e embora o apresentador não possua uma página própria aparece um perfil dele na página denominada artistas gaúchos<sup>32</sup>.

O programa *Sarau do Solar* que é produção e apresentação do Caetano Silveira não apresentou registros no *Facebook*, nem referências no seu perfil pessoal, mas possui gravações no canal audiovisual *Youtube*. No Google aparecem notícias sobre apresentações no Solar que se restringem aos veículos institucionais, informações divulgadas na página da Assembleia Legislativa. O programa *Confraria Castro Alves* não possui este nome como perfil do programa no *Facebook*, embora exista um perfil com esta denominação e com a

---

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.artistasgauchos.com.br/portal/?id=225>. Acesso em 21 de setembro de 2014.

participação do apresentador como administrador da página. Aparece que ele autorizou a participação de novos membros.

Neste perfil há promoção das causas étnicas e raciais, também eventos e notícias sobre o tema. Sem referências diretas ao programa. No seu perfil pessoal na rede, Waldemar Lima segue a mesma postura militante que apresenta no programa e no perfil encontrado como “Confraria Castro Alves”. Não há uma relação estreita com estes perfis e publicações que façam aproximações com o programa. No canal *youtube*, na busca inicial aparecem três registros de gravações do programa. Não existe uma página *on-line* da atração.

O Faça a diferença não possui um perfil no *Facebook*, mas sua apresentadora utiliza o perfil pessoal para divulgar a atração, notícias e bastidores. No canal *Youtube* aparece registros de gravações e na busca no Google não apareceu uma página *on-line*, mas um blog, porém desatualizado desde 2011 conforme a imagem captada que se encontra no anexo H deste trabalho. Cultura em Pauta possui apenas uma publicação no canal *Youtube*, a edição encontrada é datada de dois anos atrás divulgada pela apresentadora Márcia Schmidt A apresentadora possui um perfil no *Facebook* que divulga os programas, mas de forma desatualizada. A atração não possui um perfil próprio na rede, nem página oficial.

O programa Mateadas não possui perfil no *Facebook* tampouco página oficial. No canal *Youtube* há poucos registros, mas na página da TV Assembleia é o único programa que disponibiliza suas edições. A apresentadora Liliana Cardoso possui um perfil no *Facebook*, no qual divulga o programa, as atividades que exerce fora da Assembleia com o tradicionalismo e sua amizade com o atual presidente da Assembleia Legislativa que por muitas vezes é citada no programa Mateadas.

Autores e livros não possui página oficial nem perfil no *Facebook*. Seu apresentador, o escritor Dilan Camargo possui perfil nesta rede social em que divulga seus projetos, no local foi encontrada apenas uma publicação referente ao programa que apresenta no canal legislativo. Porém o escritor possui uma página oficial, como canal de informação, contato e divulgação de suas obras. No *Youtube* não há um número expressivo de postagens, mas há gravações e trechos do programa disponível. A tabela a seguir apresenta resultados desta busca.

Tabela 3 – Resultados da pesquisa *on-line* dos programas

<b>Programa</b>	<b>Programa no <i>Facebook</i></b>	<b>Apresentador no <i>Facebook</i></b>	<b>Página <i>On-line</i></b>	<b>Vídeos no <i>Youtube</i></b>
Cena Musical	Não	Sim	Não	Sim
Confraria Castro Alves	Não	Sim	Não	Sim
Faça a Diferença	Não	Sim	Não	Sim
Sarau no Solar	Não	Sim	Não	Sim
Cultura em Pauta	Não	Sim	Não	Sim
Mateadas	Não	Sim	Não	Sim
Autores e Livros	Não	Sim	Sim	Sim

Esta pesquisa ilustra as deficiências de produção e divulgação destas atrações no ambiente *on-line*. Também carências estruturais que o poder público não se dedica a resolver e nem empenha-se a ampliar esta transmissão que oferece conteúdos importantes para os cidadãos. Nesse sentido, trazemos aqui a fala dos apresentadores e da coordenação da TV legislativa na tentativa de reconhecer nesta posição contextos significativos para a análise cultural. Obtivemos resposta dos apresentadores Waldemar Moura Lima, conhecido como Pernambuco, responsável por apresentar e produzir o programa Confraria Castro Alves e o apresentador Caetano Silveira, que conduz e produz o programa Cena Musical e Sarau no Solar.

No contato por *e-mail* foi enviado um questionário semiaberto com perguntas que incluem: a criação do programa, a inserção do apresentador, de que modo busca-se atingir o telespectador, se há interferências da Casa Legislativa na produção, se o apresentador recebe algum tipo de retorno do telespectador, quais sujeitos busca-se incluir na atração e por último que percepções a atração quer construir.

No material respondido por Waldemar Moura Lima ele explica que a invisibilidade da comunidade negra nos meios de comunicação o levou a procurar construir um espaço para difundir a raiz e a ancestralidade do negro. Neste sentido, ele afirma que foi necessário ter garra, disposição e insistir para obter o espaço na TV, um espaço que não se efetiva, pois uma vez que se muda a mesa diretora o programa é o primeiro a sair e o último a voltar, segundo

informações do apresentador. Esse processo de retorno inclui conversa com deputados a defesa da importância do programa e dos seus conteúdos, situação que por vezes afasta por até dois anos o programa da grade.

Uma vez que esta etapa é transposta, busca-se atingir o telespectador através de entrevistas com pessoas que possuem uma história de superação, de inserção e que constituem sujeitos sociais ativos e produzem mudanças. Para o “não negro” como se refere o apresentador ao afirmar que é nestas entrevistas e nestes posicionamentos que se busca mostrar as dificuldades reais que existem quando prevalecem as diferenças sociais. Desconsiderando a dificuldade e o empenho de manter a atração na grade o apresentador diz não haver outras interferências do legislativo no que se refere aos modos de produção.

O retorno do telespectador é visível em comentários dirigidos ao apresentador, explica na entrevista. Quanto à inclusão, o Confraria Castro Alves é uma atração destinada a todos e as percepções apresentadas incluem: a institucionalidade do racismo, a dificuldade de ascensão social originária deste preconceito, as perdas culturais na não valorização e no não reconhecimento da etnia e a responsabilidade compartilhada por este ordenamento social baseado na diferença.

Na resposta de Caetano Silveira ele explica que inicialmente o Sarau no Solar exibia apenas o Show como divulgação de um projeto que já possui mais de vinte anos, quando o apresentador assumiu a atração em 2007 incorporou uma entrevista com os músicos para que o telespectador pudesse conhecer mais sobre a carreira e o repertório dos artistas. A exibição do programa é realizada de forma inédita aos finais de semana, uma vez que durante a semana a prioridade do canal é divulgar o trabalho e as informações do legislativo. Na produção não existe interferência da Casa Legislativa, o que existe é uma preocupação do Departamento de Atividades Culturais do Solar dos Câmara de contemplar os artistas gaúchos com talento e reconhecimento que não possuem espaço nas emissoras comerciais.

Já o programa Cena Musical foi criado em 2008 pelo apresentador com a proposta de promover a cultura musical do estado especialmente no que se refere à produção autoral. A diversidade musical foi uma aposta pessoal para unir diferentes públicos, apresentar e formar um telespectador crítico e conhecedor dos gêneros musicais. O retorno da programação acontece através do contato pessoal ou redes sociais do apresentador, ele salienta que a TV Assembleia não possui canais ou pesquisas que se refiram a esta audiência. Para além destes apresentadores, entrou-se em contato com os responsáveis por apresentar as outras atrações que constituem *corpus* deste trabalho sem obtermos resposta.



As informações coletadas na entrevista com a coordenação ratificaram, esclareceram dados obtidos através de outras técnicas utilizadas neste estudo ao passo que nos fornecem uma fala oficial do departamento de produção, considerando seu cargo, sua formação e a capacidade de gerenciar a ponte entre a produção de conteúdo e a institucionalidade do canal. Técnicas que permitiram uma aproximação com as condições de leitura que perpassam os conteúdos produzidos nesta televisão.

#### 4.4 Análise descritiva-observacional

Na observação participante, foram acompanhadas as gravações de programas que formam o *corpus*. Embora a semana de inserção não tenha contemplado a totalidade de gravações, foi possível obter informações importantes sobre a construção do texto televisivo e os modos de fazer que correspondem a sua estrutura e definição. Esta presença permitiu perceber desconexões entre informações que estão divulgadas no site e a própria definição de algumas atrações. Percepções que serão relatadas no decorrer do texto e que forçaram a utilização de outras técnicas metodológicas.

Como descrito no conteúdo divulgado no site da TV o programa **Mateadas** é uma produção de promoção da cultura gaúcha com foco na dança, costumes e música. Na oportunidade que acompanhei<sup>33</sup> a produção do programa **Mateadas**, aconteceram conforme previsto, duas gravações no mesmo dia. Os lugares de gravação podem alterar-se em cenas externas, também no Teatro Dante Barone e no Galpão Crioulo, ambos no prédio do Palácio Farroupilha. As gravações no dia 02 de junho de 2014, aconteceram no Teatro Dante Barone e a produção teve início às 14horas. Durante uma hora os profissionais prepararam o cenário, som, luz, recepção dos convidados e figurino da apresentadora. Os produtores fizeram o chimarrão e testaram o som dos violões e da gaita. A produção é do publicitário Daniel Martins, terceirizado e a apresentação Liliana Cardoso, funcionária e apresentadora. O programa teve sua reestreia em 2014, possui duração de 55min, divididos em dois blocos e a produção é quinzenal. As temáticas são exclusivas de apresentações nativistas e não incluem versões “modernas”, ou seja, estão diretamente ligada ao perfil definido pelo Movimento

---

<sup>33</sup> Peço licença para falar na primeira pessoa do singular, pois se refere à experiência que tive, enquanto fiz a observação participante e a coleta de informações no que podemos chamar de “diário de campo”.

Tradicionalista Gaúcho - MTG<sup>34</sup>. O **Mateadas** voltou ao ar devido ao posicionamento do presidente da Assembleia Legislativa que possui envolvimento com as atividades tradicionalistas.

Contudo, somente às 13h que a gravação teve início. A apresentadora fez consecutivamente quatro cabeças (texto de abertura do programa) em que apresenta o convidado e divulga os modos/canais em que a TV Assembleia pode ser assistida. Na sequência o convidado: músico tradicionalista Ricardo Porto fez uma declamação e seguiu com uma música, então a apresentadora e o convidado conversam sobre a música gaúcha, pirataria e a crise da indústria fonográfica (palavra utilizada pela pesquisadora) e com mais uma música Ricardo Porto encerra o bloco. Na segunda parte a apresentadora faz a abertura do bloco e pede para o músico apresentar os dois instrumentistas que o acompanham, um no violão e outro na gaita. Depois o programa segue com uma conversa em que Liliana indaga sobre os projetos musicais e o ambiente tradicionalista, inclui na sua fala observações pessoais sobre o tradicionalismo e descreve vivências pessoais como prenda, declamadora e como cerimonialista de Centros de Tradições Gaúchas - CTGs, enquanto contextualiza a pergunta segura e por vezes toma o chimarrão. O convidado apresenta mais uma música e na sequência comenta sobre os festivais, depois a apresentadora pergunta sobre sua organização quanto à carreira e divulgação do seu trabalho.

Na fala do artista ele contextualiza sobre o movimento tradicionalista como referência cultural e os canais de divulgação como *you tube*, *instagram*, *blog*, nos quais ele próprio promove seu trabalho. A importância da postura do artista e o respeito com seu público, quando então encerra o bloco com mais uma melodia. O convidado Ricardo Porto é músico tradicionalista há vinte anos, carioca de nascimento, filho de pai catarinense e mãe pernambucana. Sua família e sua terra de permanência é o estado de Santa Catarina e hoje reside na capital Porto Alegre. A aproximação com o movimento tradicionalista e a cultura gaúcha foi herdada do pai e hoje está consolidado no espaço tradicionalista como representante da música regional, seu destaque é pelo trabalho de solista que realiza em parceria com o também cantor Elton Saldanha.

No teatro utilizado para gravação estavam três câmeras, dois cinegrafistas, um controlador de som, um editor de imagem e um produtor. O programa **Mateadas** define-se como divulgador da cultura gaúcha, mas sua produção contempla exclusivamente

---

<sup>34</sup> O MTG se define como um órgão que disciplina e orienta as atividades dos seus membros. Busca promover, resgatar e preservar a cultura gaúcha. Definições disponíveis em sua página digital: [http://www.mtg.org.br/pag\\_oqueemtg.php](http://www.mtg.org.br/pag_oqueemtg.php). Acesso em 25 de junho de 2014.

representações aceitas pelo MTG, isto não inclui os aspectos culturais modernos e seus representantes, conforme esclarece seu produtor. Acompanhei o início do programa **Plenário** (Sessão plenária transmitida ao vivo) em que a apresentadora Eni Figueiredo, uma das funcionárias mais antigas da TV, mais tarde concedeu uma entrevista sobre o canal legislativo. Embora o **Plenário** não seja um dos programas que integra o *corpus* da dissertação acompanhei sua produção e transmissão de modo que pudesse me aproximar daquilo que é a essência do canal: divulgar as atividades parlamentares, o que não é um atestado de definição como TV estatal, mas constitui-se como prioridade na grade.

Da mesma forma que participei da rotina da TV com o intuito de perceber as entrelinhas do seu funcionamento. Reconhecê-la como estatal demandaria um estudo sobre a pluralidade representativa da Casa na TV e a constatação de representações midiáticas que convergem com aquelas que estão na bancada de governo, o que este estudo não se propõe. No início das gravações do **Plenário** a apresentadora conversa ao vivo com os deputados que, aos poucos, chegam para a votação sobre as vinte e sete matérias do dia. Um ambiente tumultuado de tensão e conflito tanto da ordem da representação pública, da população que acompanha quanto entre os próprios deputados, que divergem devido às posições políticas que representam. Notou-se que os políticos procuram a TV para divulgar seu trabalho e posicionamentos antes da votação, a televisão é o meio de visibilidade dos personagens públicos e canal de divulgação de propostas e posicionamentos políticos.

Para continuar a aproximação com o *corpus* acompanhei as gravações dos programas: **Confraria Castro Alves**, **Faça Diferença** e **Sarau no Solar**. O programa **Confraria Castro Alves** aborda questões étnicas raciais de inclusão e cultura popular conforme a definição que consta no site da TV. A gravação do programa que estava marcada para as 14h30min teve início às 14h50min devido ao atraso do apresentador. Depois de 5min entrou a vinheta de abertura e a produtora do programa passou o *teleprompter*. Ao receber o entrevistado o apresentador Waldemar, conhecido como Pernambuco faz uma conversa informal e interage constantemente com o convidado fazendo intervenções na fala do convidado. A seguir a imagem descreve o momento em que a produtora interina e o técnico de áudio Emilio Amor conferem e fazem os ajustes para o início da gravação e diretor de imagem Alexandre Wollf controla os equipamentos.



Figura 9 – Gravação do programa Castro Alves  
Fonte: Imagens da pesquisadora

Os convidados do programa são indicados pelo próprio apresentador, que possui como atividade a docência da disciplina de história e também um envolvimento com as causas raciais e étnicas. É o apresentador que define os nomes de convidados, em função de possuírem uma trajetória sobre o tema. A gravação teve em torno de 28min, como o padrão do programa, possui um bloco com este tempo e não há intervalo. O programa **Confraria Castro Alves** é um dos mais antigos na grade da TV Legislativa e sempre esteve no comando do apresentador Pernambuco, que possui este apelido pela sua região de nascimento, a produção é de Michele Doriva. Duas edições foram gravadas. Entre os programas mais antigos estão o **Confraria Castro Alves**, **Faça a Diferença** e **Cena Musical**.

Depois de coletar dados na redação, participei das gravações do programa **Faça a Diferença**. Em uma conversa na redação com a produtora Mariana Bello, obtive a informação que o programa recebe muitas sugestões de pautas por ligação e por *e-mail*. E seu caráter inédito é justificado pelo formato de tratar o tema inclusão, acessibilidade e utilizar pessoas portadoras de deficiência - PPD para fazerem as reportagens, segundo a produtora. São duas as pessoas portadoras de deficiência: um é estagiário do ensino médio (cadeirante) e o outro recepcionista e estagiário de curso superior em jornalismo (portador de dificuldade na fala). Este programa foi criado por uma cadeirante que no ano de 2008 produziu o programa. A produção do programa é semanal e procura utilizar um espaço externo de gravação. A apresentadora Juliana Machado é jornalista e possui um cargo de comissão; a produtora Mariana Bello é produtora e repórter contratada como estagiária pela Assembleia Legislativa e a Michele Limeira é editora de texto, concursada e também coordenadora da TV. A seguir imagens da gravação e da ilha de edição.



Figura 10 – Gravação do programa Faça a diferença e Ilha de edição  
Fonte: Imagens da pesquisadora

A gravação do **Faça a Diferença** teve início às 16h15min e possui duração de 15min. Foi gravada uma entrevista e as chamadas do programa. Nas quintas, sextas e segundas-feiras são gravadas as reportagens externas. Nos outros dias o equipamento e os profissionais de vídeo estão no plenário para transmissão das comissões e sessões plenárias ou quando solicitados pelo presidente da Casa estes dias são alterados. Cada programa da grade da TV possui um horário por semana no estúdio, neste caso são gravadas as cabeças, chamadas, aberturas e entrevistas que a maioria dos programas possui. A apresentadora faz pequenas intervenções que na maioria são reduzidas a perguntas preparadas e escritas no papel que ela utiliza pra conduzir a conversa.

Às 18h no prédio do Solar, um anexo ao espaço da Assembleia, teve início a gravação de mais um **Sarau no Solar**. O espaço utilizado para as apresentações musicais possui capacidade para 70 pessoas e em média 50 pessoas acompanham as atrações que incluem os músicos mais conceituados do Estado, que possuem premiações, Cds e uma trajetória consolidada na música. A contratação dos músicos é feita através da Divisão de Produção Cultural pela Assembleia Legislativa que realiza uma pesquisa daqueles que formam um seleto grupo reconhecido no cenário nacional, regional ou internacional e assim constrói a agenda do Solar que vai de março a dezembro. Os interessados também podem procurar o prédio do Solar e deixar seus trabalhos para avaliação do Departamento de Relações Públicas e Atividades Culturais (DRPAC) e possível contratação. Na sequência imagens do local.



Figura 11 – Gravação do Sarau no Solar  
Fonte: Imagens da pesquisadora

Nesta apresentação o palco da Sala José Lewgoy recebeu um espetáculo de música brasileira dos anos 1940 e 50. Na Figura 8, Danny Calixto, acompanhada por Max dos Santos, Goivanni Berti e Fernando Sesse, apresentaram o show Brasinaria. A vocalista é reconhecida no cenário nacional e internacional e já foi indicada à categoria de revelação e intérprete do Prêmio Açorianos de Música no ano de 2003. O público que prestigia os eventos são, na maioria, senhores de meia idade e idosos. As gravações ocorrem às quartas-feiras de quinze em quinze dias. Há 20 anos acontecem apresentações musicais neste lugar e a gravação possui a duração 1h30min e é produzida na íntegra para ser transmitido na TV Assembleia. A entrada dos espetáculos é franca e as temporadas musicais vão de março a dezembro.



Figura 12 – Entrada do Prédio do Solar dos Câmara  
Fonte: Site da Assembleia Legislativa



O prédio do Solar dos Câmara<sup>35</sup>, Figura 12<sup>36</sup>, foi adquirido em 1981 pela Assembleia e concentra em seu espaço atividades culturais e a memória do estado. A edificação é datada do século XIX e é o prédio mais antigo da capital. Desde sua criação foram realizados 691 espetáculos e reuniu 85mil espectadores. Em 2012 foram 20 apresentações e aproximadamente 3mil pessoas participaram, segundo o relatório de gestão do ano de 2012.

#### 4.5 Análise das “Formas Textuais”

Depois de um estudo de observação, com intuitos exploratórios de aproximação, demos início à sistematização do que e quem estes programas estão apresentando, para estruturarmos um panorama quanti e qualitativo que sistematize as temáticas e seus atores. Diante disso, pretendemos visualizar o que se repete, de que forma apresenta-se e o que não está contemplado na programação. A Tabela 4 ilustra uma primeira aproximação realizada através da transmissão pela internet, em que buscamos identificar os sujeitos e os contextos enunciativos. Configura uma pequena amostragem que provoca inquietações importantes. As informações estão organizadas por finais de semana, sábado e domingo. Depois de definido o *corpus* este foi o primeiro exercício, porém não foi possível gravar a programação do site e na televisão a cabo havia alterações de horários devido à lei que determina que o espaço televisivo do legislativo seja dividido com as Câmaras Municipais. A seguir descrevemos as temáticas e os atores, quem aparece e como aparece.

---

<sup>35</sup> O Solar é um exemplo do estilo colonial português habitado pela nobreza e testemunha do regime escravocrata. Era uma casa senhorial que acomodava no seu piso inferior dezenas de escravos que cumpriam com as tarefas domésticas e de cuidado com os animais, principalmente os cavalos que eram o meio de transporte da época. Informações colhidas no local pela pesquisadora.

<sup>36</sup> Imagem disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/fotografia/ExibeAlbum/tabid/5333/IdAlbum/15007/IdxFotografia/0/language/pt-BR/Default.aspx>. Acesso em 16 de junho de 2014.

Tabela 4 – Descrição dos programas no 3ª Fim de Semana de Maio

Data	Horário	Programa	Temática
16/05	21:30	Faça a Diferença	Academias adaptadas para cadeirantes (cadeirante, proprietário, fisioterapeuta).  Instituição que promove aulas de tênis em uma comunidade carente  (idealizador, educador esportivo, alunos, voluntários).
16/05		Cena Musical (reprise – 13/07/2013)	Entrevista e música com o compositor Felipe Azevedo que se apresenta tocando violão. Possui cinco prêmios Açorianos de Música. Música brasileira com traços da melodia encontrada em músicas tradicionalistas.
17/05	08:30	Mateadas	Música Tradicionalista com violão  (músico pilchado acompanhado de uma flautista “estilo” Shana Muller)
17/05	19:50	Faça a Diferença (possui tradução em língua de sinais)	Uso sustentável da água  (VT+ Entrevista com a coordenadora do DEMAÉ – Patrícia Thompsen + VT com entrevistas na rua – repórter cadeirante)
17/05	20:55	Cena Musical	Gravação da apresentação em comemoração aos 179 anos do parlamento gaúcho.  (Música nativista com violão – vestimenta social + dançarinos de samba do estilo “malandro carioca” + show de Chorinho e bandolin. Todos os artistas porto-alegrenses.
17/05	19:00	Sarau no Solar	Música do Rio Grande do Sul, voz e violão. Vestimenta social
17/05	21:30	Autores e Livros	Entrevista com Alfredo Aquino sobre suas obras literárias.
18/05	20:00	Cena Musical	Grupo de samba/chorinho “Boca de cadela” no salão do palácio Piratini. Banda recente com apenas seis meses de atuação.

Dentre os programas mapeados, neste período de tempo o **Cena Musical** contemplou três repetições e diante disso exploramos suas exhibições. A primeira exibição observada



constituiu-se em uma reprise, com a apresentação de um músico gaúcho bastante reconhecido no cenário nacional e internacional, colecionador de prêmios e compositor gaúcho de destaque. Sua obra inclui festivais nativistas do estado e até prêmios no exterior, ganhador por cinco vezes do Prêmio Açorianos de Música, principal prêmio artístico cultural do estado. As composições são definidas como música popular brasileira e por vezes apresentam aproximação com a melodia da música tradicionalista do Estado.

O Segundo **Cena Musical** foi destinado à exibição, na íntegra, da gravação da “Apresentação em comemoração aos 179 anos do Parlamento Gaúcho”. Na atração foi apresentada música nativista acompanhada do violão, embora o músico estivesse utilizando vestimenta social sem qualquer alusão às vestes tradicionalistas. Também completaram a comemoração apresentação de samba em que bailarinos apresentaram-se no estilo “malandro carioca”, a companhia de dança é porto-alegrense e estava acompanhada de um grupo de chorinho e bandolim que atuam na capital.

No terceiro **Cena Musical**, exibido no domingo, apareceu novamente o samba e o chorinho, o grupo “Boca de Cadela” é uma formação recente de músicos que possuem uma trajetória de apresentação deste estilo e são reconhecidos pelas apresentações em bares tradicionais de samba em Porto Alegre. Foram recebidos no Solar, diferente do primeiro músico que foi recebido no estúdio. O grupo e o músico alternavam música com uma conversa impessoal com o apresentador Caetano Silveira.

As três edições utilizadas como base contribuem para um caminho de análise, pois visualizamos que um dos programas musicais (uma vez que o **Cena Musical** não é o único na grade), neste primeiro momento, não recorreu ao “tradicional”. Ao contrário, buscou fugir da representação de música que canta o campo e a vida de lavoura e o trato com animais. Isto pode ter se dado por dois motivos: o primeiro por a televisão possuir um programa denominado “nativista”, o **Mateadas**, ou pelo acaso destas edições. Visto que o programa possui a definição que contempla as diversas manifestações musicais do Estado não poderia excluir a música tradicionalista. Isto deve ser respondido com uma análise mais profunda, que sugere uma questão importante: Ao se propor tão plural dá conta de todas as representações? Esta observação conduz ao cuidado com o que está apresentado e sua forma, ao passo que promove inquietações importantes que deverão ser resolvidas utilizando gravações de edições anteriores.

Depois de acompanhar a programação na internet percebemos a necessidade de obter o registro destas edições. Então solicitamos ao arquivo da TV as últimas edições dos programas

que formam nosso *corpus*<sup>37</sup>. . Foram disponibilizadas três edições do **Cena Musical** e duas edições do **Confraria Castro Alves**, ambos do mês de maio. É com este material que desenvolvemos a análise, que está dividida em três categorias: Quem são os atores midiáticos? O que falam? Como falam? Os programas são identificados por uma letra alfabética e o convidado que recebem, já que no material gravado não há o dia que o programa foi ao ar. Depois de explicado os elementos encontrados no programa sistematizamos as informações em uma tabela que ilustra as categorias através das quais lemos o texto televisivo.

Tabela 5 – Categorias de leitura do texto televisivo

Programa		
Ator midiático (Convidado)	Texto Televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como falam?)

O **Cena Musical A** recebe o convidado Daniel Debiagi<sup>38</sup>, um cantor jovem que apresenta em suas canções uma influência da música popular brasileira, do *blues* e do *jazz*. Também utiliza de melodias próximas ao tango, ao chamamé<sup>39</sup> e interpreta músicas francesas. O convidado explica no programa sua aproximação com a música, os diversos instrumentos que utiliza na sua composição, as influências musicais e a trajetória na música, também são questionadas pelo apresentador Caetano Silveira as motivações que deram origem ao seu último CD denominado “Drama Flor”, uma produção disponível para download no site do músico.

A conversa é intercalada com muita música de composição própria, com a apresentação e indagações sobre o envolvimento com a música por parte do apresentador para os músicos que o acompanham: um no violão, outro na percussão e outro no piano. Inclusive o programa possui uma “canja” antes do intervalo em que foi apresentado um solo do músico Ângelo Primon que acompanha Daniel no violão. Nesta edição há uma promoção das pessoas envolvidas no cenário musical gaúcho tanto por parte dos convidados quanto por parte do

<sup>37</sup> As últimas edições dos programas que constituem o corpus da pesquisa são produções exibidas no mês de maio de 2014, com exceção do programa Cultura em Pauta em que as edições são do mês de dezembro de 2013.

<sup>38</sup> Informações do convidado registradas na sua fala e confirmadas na sua página. Disponível em: <http://danieldebiagi.com/>. Acesso em 20 de junho de 2014.

<sup>39</sup> Dança tradicional de muitas regiões brasileiras, incluindo países como argentina e Paraguai, utiliza instrumentos como acordeón e violão para a construção de suas melodias. É um estilo de música originário do encontro das muitas etnias e culturas na América do Sul.

apresentador que indaga e cita muitos produtores, instrumentistas, musicistas e compositores regionais. A Tabela 5 sistematiza a descrição.

Tabela 6 – Síntese do programa Cena Musical A

Programa: Cena Musical A		
Ator midiático Convidado: Daniel Debiagi	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Iniciou sua carreira em festivais tradicionalistas ainda criança e hoje trabalha com uma vertente da música clássica e popular brasileira em seus shows. Em 1998 ganhou um prêmio de destaque musical pelo município de origem: Cachoeira do Sul/RS.	O processo de composição e a influência dos estilos musicais. A trajetória na música (do convidado e dos músicos que o acompanham) O apresentador conduz uma conversa informal intercalada com músicas.	O fio condutor desta edição do programa é o último trabalho do cantor Daniel. Há um apelo na conversa para que sejam citados nomes que estão no cenário musical gaúcho e que contribuíram para a produção do CD e formação musical daqueles que estão no programa.

O segundo programa analisado **Cena Musical B**, recebe a convidada Gisele de Santi. Ela recebeu o prêmio Açorianos de música em 2010 na categoria intérprete e compositora. Reconhecida no cenário nacional e internacional, Gisele lançou recentemente seu CD no Brasil, no Japão e na Europa além de possuir canções gravadas por artistas nacionais e ter trilhas em novelas. Embora jovem, possui uma trajetória consolidada na música.

A estrutura desta edição do **Cena Musical** apresenta-se diferente: a abertura é produzida no pátio do prédio do Solar em que o apresentador explica que o primeiro bloco vai ter a cantora Gisele de Santi e no segundo bloco uma homenagem, em razão do falecimento, ao cantor Heleno Gimenez que já esteve no programa. A cantora apresenta onze músicas de sua autoria e o local altera-se. Inicia com uma apresentação no estúdio e outra no Teatro Dante Barone, assim intercaladamente até o fim do primeiro bloco. Isto sugere uma edição de dois programas, uma primeira apresentação mesclada com outra. Embora no Teatro utilizem o palco, não há presença de plateia.

Na apresentação no estúdio a própria Gisele faz voz e violão enquanto que no Teatro Dante Barone ela apresenta-se com um instrumentista no violão. O primeiro bloco do **Cena**

**Musical** é uma montagem e não há interferência do apresentador, o foco está nas apresentações musicais. No segundo bloco é exibida uma reprise da participação do músico Heleno Gimenez junto com mais três instrumentistas, gravado no prédio do Solar. Neste há interferência do apresentador que conduz uma conversa informal marcada por uma linguagem tradicionalista. O cantor Heleno Gimenez<sup>40</sup>, faleceu em abril de 2014 com 63 anos. Ele iniciou sua carreira com estilo rock gaúcho, trata-se de um reconhecido compositor e intérprete de festivais nativistas.

O texto da conversa, do segundo bloco, inicia com a apresentação dos músicos que acompanham Heleno, a trajetória musical do convidado, seu processo criativo e a música gaúcha. O contexto é o cenário tradicionalista, um vocabulário marcado por palavras gaúchas como: “prenda” e debatem sobre o contexto dos festivais e as perspectivas da música e composições produzidas no Rio Grande do Sul. O músico salienta que a música tradicionalista precisa ser valorizada e critica a atual constituição dos festivais que acabam por engessar a música nativista com premiações oriundas de um júri que se repete. Também defende a criação de uma Mostra onde todos os artistas e composições teriam lugar de destaque. Um dos instrumentistas que acompanha Heleno está pilchado, os outros utilizam vestes casuais sem apelo à cultura gaúcha.

---

<sup>40</sup> Informações registradas na fala do cantor e pesquisada no seu blog: Disponível em: <http://hellenogimenez.blogspot.com.br/p/por-heleno-gimenez-minha-ligacao-com.html>. Acesso em 20 de junho de 2014.

Tabela 7 – Síntese do programa Cena Musical B

Programa: Cena Musical B		
Ator midiático	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<p>Convidado: Gisele de Santi</p> <p>Cantora e compositora jovem, reconhecida no cenário nacional e internacional como representante da música popular brasileira produzida no sul do país. Natural de Porto Alegre hoje reside em São Paulo.</p>	<p>Apresenta a cantora como vencedora do Prêmio Açorianos de Música na categoria interprete e compositora no ano de 2010.</p>	<p>Foi uma edição de duas apresentações em dois momentos que a cantora participou do programa. O Foco foi a apresentação do seu repertório de composições, sem interferência do apresentador.</p>
<p>Convidado: Heleno Gimenez</p> <p>Representante de uma geração que viu surgir os festivais nativistas, o músico consolidou-se como intérprete e compositor gaúcho.</p>	<p>O apresentador indaga sobre o processo de composição, o casamento da letra com a melodia e as motivações criativas.</p>	<p>O eixo da conversa, que mistura vocabulário gaúcho, sustenta-se no cenário dos festivais tradicionalistas e perspectivas pessoais para estas estruturas.</p>

A terceira edição do **Cena Musical C**, já foi utilizada no primeiro esforço em desenvolver uma estrutura de análise e será recuperada aqui no formato que definimos como categorias analíticas que permitam ler o texto televisivo através do ator midiático, daquilo que o texto televisivo fala e o modo como engendra-se o contexto enunciativo. O programa recebe o grupo Boca de Cadela que possui três instrumentistas e músicos do estilo chorinho, samba e pagode. O apresentador no início salienta que o grupo possui pouco tempo, é uma formação de jovens que possui seis meses de atuação.

Os convidados contam como se deu essa formação e suas trajetórias pessoais ligadas a diversos estilos e instrumentos. O apresentador salienta o sucesso do grupo na Rua João Alfredo e especialmente no bairro Cidade Baixa, ambos lugares boêmios que concentram a grande parte dos bares da capital Porto Alegre. O músico Márcio Barbosa conta que sua primeira aproximação com a música foi com a música nativista, o músico Feijão, diz que sua família frequentava o Clube do Choro na capital. Rafael diz que começou com instrumentos da música clássica, especificadamente o piano, perpassando estilos como o *Hip Hop*, *Reggae*,

chorinho e pagode. Esta edição foi gravada no Solar e antes do intervalo foi apresentada uma canja com o músico Darci Alves<sup>41</sup>, já idoso o compositor e interprete demonstra todo seu talento no violão em uma melodia de choro. O programa retorna com uma conversa informal sobre as escolas de música que existem na capital e em outras regiões que recuperam este estilo brasileiro tão peculiar, que foi aprendido no contato com grandes músicos que infelizmente faleceram e seria importante resgatar esse aprendizado com quem já aprendeu com estes artistas, ressaltam os músicos da banda. O apresentador ainda contextualiza que por muito tempo o chorinho foi um estilo apreciado por pessoas mais velhas e salienta a importância do interesse dos jovens e o crescente sucesso do estilo principalmente em bares da capital.

Tabela 8 – Síntese do programa Cena Musical C

Programa: Cena Musical C		
Ator midiático	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<p>Convidado: Grupo de samba Boca de Cadela</p> <p>O grupo possui esta formação há seis meses, mas seus integrantes já participaram de outras formações musicais atreladas ao estilo de samba, chorinho e pagode.</p> <p>Convidado: Darci Alves</p> <p>Possui uma longa carreira no estilo chorinho e samba. Por décadas trabalhou com: Lupicínio Rodrigues, Nelson Gonçalves e Jamelão. Natural de Santo Ângelo/RS.</p>	<p>O apresentador indaga sobre essa formação que embora recente tem causado uma boa repercussão nos bares da capital.</p> <p>A trajetória musical dos artistas e a proposta do grupo.</p> <p>A apresentação foi uma canja para chamar o intervalo como definiu o próprio apresentador Caetano Silveira.</p>	<p>O fato do chorinho e o samba conseguirem um lugar de destaque e a simpatia dos jovens.</p> <p>A importância de perpetuar este gênero tão brasileiro através de escolas de música.</p> <p>A “canja” reforçou o contexto do programa e o estilo que se estava apresentando.</p>

<sup>41</sup> Informações captadas através de uma reportagem. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/artistas/darcyvalves>. Acesso em 20 de junho de 2014.

O apresentador Caetano Silveira, além de produtor cultural é compositor. Foi diretor do Solar no ano de 2006 em que o projeto “Sarau no Solar” recebeu o prêmio Açorianos de música por Honra ao Mérito. O apresentador também do **Cena Musical** já foi indicado ao prêmio Açorianos na categoria compositor. Responsável por produzir programas culturais na TV Assembleia o apresentador traz para suas produções o cenário musical gaúcho. Através das gravações obtidas do **Cena Musical**, percebeu-se que há um esforço do apresentador além de trazer diversos estilos de contemplar os bastidores dos artistas. Questiona os convidados a citarem e na sua fala também faz referencia a toda a estrutura que envolve a música formada por reconhecidos profissionais. Entre eles: os produtores, editores, professores, sonoplastas. Profissionais com qualidade que influenciam e garantem o sucesso dos artistas. Através destas falas e dos contextos abordados é possível conhecer a música gaúcha que não é restrita à tradicionalista, mas vê-se que a música feita por artistas gaúchos é produzida e aprendida no Rio Grande do Sul.

Num cenário que por vezes não é contemplado pela mídia, o programa fala das escolas de música, dos profissionais, dos estilos, do que é sucesso nos bares, da importância do vínculo com a cultura. Ou seja, os convidados que estão ali representando um estilo de música são provocados a contar sua formação, aí nota-se a riqueza cultural proporcionada pela música e por seus atravessamentos, que incluem os diversos estilos e muitas vezes iniciam na música tradicionalista. A proposta identificada no programa a partir destas edições não pretende categorizar a música, mas apreciar. Em uma mesma edição aparecem diferentes estilos, os músicos antigos e os jovens, as vozes e o instrumental. Nesta amostragem, ainda que com pequeno número de edições o programa caminha para a confirmação daquilo que ele se define no site como “um espaço para a pluralidade musical e espaço para o talento gaúcho”.

A partir dos dados que nos foram disponibilizados reconhecemos no programa **Cena Musical** um esforço em construir uma imagem do Estado e sua cultura, que na mídia tradicional não aparece com frequência. Há um apelo em mostrar que a cultura gaúcha é resultado da mestiçagem da colonização, assim como a cultura brasileira. A música gaúcha é atravessada pelo gauchismo, pelo samba e pelo erudito, contribuições na música e na dança das culturas africanas e europeias. Neste sentido, o programa cumpre com sua proposta de pluralidade. Apresentou a música tradicionalista gaúcha, que num primeiro esforço não foi identificadas, e enfraqueceu a hipótese de que o programa não contemplaria este estilo.

Quando aplicamos o circuito ao programa **Cena Musical**, identificamos anteriormente o que aparece no texto televisivo e o contexto enunciativo que ele se refere. O que aparece

nestas formas textuais é regulado por condições de produção que modelam o programa, quanto a sua definição e abordagem. Porém essa modelagem não engessa o programa, por se tratar de uma televisão pública encontramos no programa, músicos conceituados, outros em início da carreira, mas todos tem a oportunidade de mostrar seu trabalho. E o telespectador tem a oportunidade de conhecer estes artistas e o trabalho que eles fazem, diferente de uma regulação da ordem das TVs comerciais em que as possibilidades de leitura por parte do telespectador se tornam tão limitadas quanto o espaço destinado a esse tema, por exemplo. Para além da regulação, salienta-se o contexto identitário do apresentador, Caetano Silveira se inclui no discurso, é músico, compositor e produtor cultural. Ele traz para o programa uma cultura vivida que é dele e busca na sua fala descrever o modo de produzir uma cultura vivida que é regional. Na fala do apresentador e dos convidados há um esforço em contemplar a pluralidade. Quando um representante de um gênero musical como o samba aparece ele é induzido a falar da sua cultura vivida, dos aspectos culturais que contribuíram para sua formação, isto vale para os outros gêneros também. Os convidados destas edições não cantam samba ou música popular brasileira desde sempre, passaram por uma formação cultural diferente, por vivências em música tradicionalista, em música erudita, e tudo isso dentro do Estado.

O que nos permite ler no texto televisivo um cenário de música que perpassa manifestações culturais regionais e brasileiras significativas, como o samba. Representações que dão conta da pluralidade que são produzidas no Estado e possuem um espaço para sua expressão. Recupera-se nas falas encontradas no texto televisivo a história dos gêneros, como quando o apresentador diz ao grupo Boca de Cadela que o chorinho foi uma música, por vezes entendida como de pessoas mais velhas e contextualiza com o cenário atual em que bares e grupos de samba fazem sucesso em bares da capital.

Com relação ao programa Castro Alves, as gravações disponibilizadas também são analisadas da mesma forma no que se refere ao texto, identificadas por uma letra alfabética e aplicadas às categorias. O programa Confraria Castro Alves possui um texto de abertura padrão que faz referência à proposta do programa, em que o apresentador diz: “Que legal, vocês estão aí! Um salve à todas as mulheres e a todos os homens que lutam por justiça, inclusão social, respeito à cultura popular e as religiões de matrizes africanas. Sejam muito bem vindos ao programa Confraria Castro Alves”. O texto de fechamento do programa diz: “Para aprendermos mais sobre as demandas da comunidade negra, as nossas bandeiras de lutas, as nossas angústias, continue prestigiando a programação da nossa TV Assembleia”. As duas edições são datadas do mês de maio de 2014. A primeira edição recebe o juiz aposentado



Luiz Francisco Correia Barbosa, conhecido como Barbosinha. Ao receber o convidado o apresentador Pernambuco refere-se ao juiz como um guerreiro, um companheiro de lutas, uma pessoa preocupada com as questões sociais. E segue afirmando que o programa busca apontar para negros e não-negros as “nossas” preocupações sociais.

Nas interferências que o apresentador faz à fala do convidado ele utiliza do pronome “nós” se colocando como parte daquilo que ele fala e defende. A questão central da entrevista sustenta-se no debate atual da política de cotas nos concursos públicos. Na fala do juiz explica-se como funciona a legislação nacional e estadual que estipulou o número destinado a estas pessoas, também às pessoas portadoras de necessidades especiais e fala sobre a constituição das comissões que fiscalizam estas seleções públicas.

O magistrado ainda contextualiza aspectos sociais e históricos e explica que a cidade de Pelotas recebeu o maior número de negros, que desembarcaram no porto para serem escravizados nas charqueadas. Então a política de cotas é um acerto de contas atrasado em que o negro por muito tempo não teve lugar na sociedade, nas palavras do convidado. A importância das mobilizações e de se recorrer aos meios legais para garantir direitos. A Tabela 8 oferece um resumo do programa.

Tabela 9 – Síntese do programa Confraria Castro Alves A

Programa: Confraria Castro Alves A		
Ator midiático Convidado: Juiz Luiz Correia Barbosa	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Juiz aposentado que faz a defesa de Roberto Gefferson no processo do Mensalão do PT. Militante das causas étnicas e raciais no que tange o movimento negro.	As comissões fiscalizam os concursos públicos. A posição do Tribunal de Justiça do Estado. A democratização dos direitos. Hoje o RS possui 16% de negros e pardos segundo IBGE.	A política de cotas em concursos públicos e a dívida social e histórica que o processo de colonização construiu com os negros.

Confraria Castro Alves B recebe o historiador Mario Maestri, porto-alegrense e pós-doutor no tema escravidão no Rio Grande do Sul. Para além do texto padrão o apresentador salienta o comprometimento com mudanças principalmente através das pesquisas realizadas

nas universidades às quais trazem à tona certas verdades. A conversa está centralizada na economia escravista e no episódio Infâmia dos Porongos<sup>42</sup>.

O convidado ainda discorre sobre a importância que o trabalho escravo teve em todas as atividades desenvolvidas no Estado e não apenas nas estâncias e charqueadas. O Rio Grande do Sul, junto com outros estados possuiu número de escravos significativos, em todos os sentidos foi beneficiado pela escravidão, afirma o historiador. O elemento dominante no Estado foi a escravidão, mesmo livre o peão era negro e responsável pelas atividades mais penosas do campo, não muda a situação do negro, diz o convidado.

Ainda complementa, a Revolução Farroupilha foi sustentada pelos grandes estancieiros que são os mesmos grandes generais. Uma Revolução que nunca foi social, diz o historiador. Então o apresentador completa quando diz que a preocupação com as mudanças contribui para a visão crítica e encerra o programa, segue resumo na Tabela.

Tabela 10 – Síntese do programa Confraria Castro Alves B

Programa: Confraria Castro Alves B		
Ator midiático Convidado: Mario Maestri	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Historiador gaúcho, pós-doutor e pesquisador no tema escravidão do Rio Grande do Sul.	Da escravidão no tempo do império. Infâmia de Porongo A importância do negro e sua forte presença no Estado.	Resgate da história e dos vínculos com a formação do Rio Grande do Sul.

Quando aplicamos o circuito da cultura no programa **Confraria Castro Alves**, algumas perspectivas se alteram em relação ao que foi possível visualizar no **Cena Musical**. Quando falamos em televisão pública e utilizando aquilo que prevê a lei, sabemos que estes canais possuem a função de promover a culturas, raça, etnias, contemplando a pluralidade e a diversidade. O programa **Confraria Castro Alves**, não é um programa novo, é um dos mais

<sup>42</sup> Um paradoxo na história do Rio Grande do Sul, oculto ao discurso abolicionista estava o financiamento da luta armada, da escravidão e a ilusão da liberdade. A infâmia do Porongo dá conta de um conflito na Serra do Porongo que buscou dizimar os negros que sobreviveram a Revolução Farroupilha, pois não havia lugar para negros libertos na sociedade. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/traicao-farroupilha>. Acesso em 20 de junho de 2014.

antigos na grade e na primeira impressão é produzido baseado nesta regulação da TV Pública que define o conteúdo produzido por estes canais e estabelece espaços para a diversidade. O apresentador, conhecido como Pernambuco é de origem negra, professor de história e militante nas causas étnicas e raciais. Quanto às condições de produção, salienta-se o espaço de aproximadamente meia hora e o fato de os convidados serem indicados pelo próprio apresentador, segundo informações obtidas na participação da gravação. Isto faz com que o contexto enunciativo apresentado contemple muito mais uma cultura vivida que é do apresentador e não uma cultura da ordem do social. Até o momento não houve no programa opiniões divergentes e debates que promovessem aquilo que o apresentador diz na abertura “que lutam por respeito a cultura popular...”, mas há uma delimitação ao preconceito racial.

O contexto enunciativo que o apresentador produz é restrito a representação identitária negra e afasta-se da definição que consta no site de que a atração busca incluir diversas etnias. Sua fala é próxima as interpretações desenvolvidas pelos convidados. O apresentador se inclui como parte, na maioria das interferências que faz aos seus convidados, contemplando um contexto social e histórico que representa suas origens e remete ao passado de opressão exploração dos negros como escravos.

Os convidados, historiadores e o juiz apresentam uma fala mais social, regatam as questões históricas e sociais, as condições do negro no Estado, a escravidão e as consequências da marginalização destas pessoas, porém sem recorrer a um etnocentrismo como faz o apresentador, o juiz embora negro não se inclui na fala e salienta as políticas públicas que buscam uma representação identitária do negro não por sua cor mas por uma igualdade de direitos. Mas, visualiza-se no programa uma fala direcionada, que a partir da representação identitária defendida e compartilhada pelo apresentador coloca o negro em oposição ao outro (o não-negro). Nesse sentido, a leitura que nos sugere que ao contrário de promover a inclusão e a justiça possa estar promovendo as diferenças alicerçadas em um contexto histórico e social importante, como o regime escravocrata, mas que poderia ser explorado por uma visão social moderna de igualdade.

Sobre o aspecto de regulações, esta televisão pública destina espaço para a produção de conteúdos como este, quanto à cultura e as práticas vividas é reconhecida a carência que há na mídia de programas que promovam a inclusão e um debate sobre práticas residuais que não podem ser aceitas. Ainda assim, parece que o apresentador recria e revive uma representação que lutamos para que fique na história. Expressões como o “não-negro” e indagações do tipo “Como você tão branquinha se interessou pelas temáticas raciais”, no levam a pensar na valorização da diferença. Mesmo na tentativa de alertar para as dificuldades que há em

estabelecer o mínimo de igualdade entre os negros e os brancos, reserva aos negros o lugar de não-branco.

Embora na entrevista tenha ficado claro os objetivos da atração que busca a igualdade, ao produzir o programa estes objetivos aparecem tangenciados e por vezes ocupam o lugar comum com a mesma leitura feita pela mídia hegemônica. A questão da inclusão passa por representações identitárias da ordem do social, por representações identitárias que entes de serem do negro são sociais e políticas. Esta é a essência, porém pouco explorada e que não é justificada pelas dificuldades técnicas ou profissionais que a emissora explicou ter.

A dificuldade do **Confraria Castro Alves** está em manter o seu espaço na grade, aspectos da regulação da emissora representam a saída ou o retorno do programa. Uma vez que a grade de programação possui alterações conforme as solicitações e o interesse da mesa diretora. Com o espaço disponível há de fortalecer representações identitárias do negro que estejam na contramão do preconceito e priorize a igualdade. Porque se a via da igualdade passar pelo preconceito ela estaciona no preconceito. Outras formas de representar, de identificar e de lutar devem estar na mídia para romper com os contextos estabelecidos nas práticas vividas embora passadas décadas. A luta contra a discriminação e o preconceito racial pode incluir e problematizar outras representações identitárias, o que não foi possível identificar nestas edições trabalhadas. A representação identitária está restrita a comunidade negra e quando há uma representação do não-negro (como o apresentador fala) são usadas expressões que estabelecem as diferenças.

O programa **Autores e Livros** A recebe o professor, filósofo e escritor Elenilton Neukamp, que exerce o magistério há 18anos, com alunos adolescentes, de escolas públicas, periferia e educação para adultos – EJA. É mestre em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - blogueiro e cronista. O destaque da entrevista é o lançamento do seu livro “A caixa de perguntas”. O apresentador inicia a conversa dizendo que o livro é uma inovação estimulante para os alunos na sala de aula. O convidado afirma que este é o papel da filosofia: dialogar, e é isto que está no livro como uma prática escolar positiva, uma vez que a mídia possui o hábito de marcar o ambiente escolar quanto as suas deficiências e fatos negativos. “O bom parece invisível” diz o convidado.

Então a conversa salienta o sensacionalismo midiático, do qual o convidado e o apresentador concordam que o meio *on-line* oferece muito conteúdo, mas faltam informações de verdade. O convidado reflete sobre as distorções de tudo que é dado é importante “Ilusão daquilo ser toda a realidade, este é o desafio do professor ser atrativo e não apenas um ator: Nós também somos atores”.

Ainda, explica que o mérito do livro está no fato dos alunos falarem e diminuir os distanciamentos entre as pessoas. Na fala do convidado ele relata que os professores, em muitos casos, são jogados em lugares que as pessoas não possuem o hábito da leitura, e sua bagagem de formação soa como uma agressão, uma cultura estranha para o outro. Exemplifica que quando começou a dar aula no bairro Restinga (periferia da capital Porto Alegre) os alunos o chamavam de estrangeiro e estranhavam o sotaque da sua cidade: São Leopoldo (região metropolitana de Porto Alegre – colonizada por alemães). O apresentador completa que existem instâncias culturais muito distantes e que as aproximações que ocorrem não são feitas da melhor forma possível e cita como exemplo a ideia de facilitação das obras de Machado de Assis.

Para o convidado a facilitação pode empobrecer a obra a ponto morrer o original. Então o apresentador comenta que Machado de Assis, filho de uma lavadeira e de um pintor, não seria o Machado tivesse lendo coisas facilitadas. O convidado reflete sobre o fato de subestimarem muito a capacidade do aluno e cita a mídia que repete isto com os telespectadores. O tema da conversa permanece neste foco, na distância entre dois polos, seja entre a mídia e seus receptores ou os professores e seus alunos. O professor cita contos de Machado de Assis e seus trabalhos com estudantes da periferia, jovens e adultos.

Para o apresentador há certo populismo pedagógico e deve haver uma mediação para a tradução e divisão do saber. O assunto apresentado passa a problematizar o papel da escola de formação, de apresentar o que não está ali disponível, mas instigar. O professor discorre sobre sua metodologia de passar filmes legendados para crianças de sétima e oitava série, no início há um estranhamento por parte dos alunos, mas não é uma questão de imposição, mas acreditar na capacidade do aluno, de habitua-los à leitura e à fonética de outros idiomas. “O saber popular é importante, mas o povo tem direito a outros saberes” (Entrevistado). Ou isso pode ser uma discriminação, reduzindo as pessoas as suas condições de vida e moradia, passar de ano, e ocupar empregos de menor capacidade intelectual: o que para o entrevistado e o apresentador se traduz em exclusão. O apresentador questiona sobre o ponto de partida para a produção do livro ‘Caixa de perguntas’ no qual aparecem muitas dúvidas sobre sexualidade, sobre drogas, religião, periferia, temas recorrentes no cotidiano dos alunos. O entrevistado lembra que nasceu durante a ditadura e muito aprendeu sobre o assunto através de bons professores e sugere que estamos vivendo outro extremo. “A geração dos meus alunos não está contente com esta democracia”, lembra as manifestações políticas que o Brasil presenciou e que não há uma liberdade plena neste sistema também.

O livro é uma experiência de democracia. Metodologicamente é uma caixa de madeira levada para a sala de aula que fica na mesa do professor e os alunos colocam ali suas perguntas. O tema é livre e eles podem levantar e usar a caixinha sem pedir licença durante a aula. E a não identificação é uma regra para manter o anonimato, a ideia era dar voz para aqueles alunos que eram tímidos, o professor conta que era um destes alunos. Quando perguntavam a ele na aula se tinha entendido ele recuava, todo mundo recuava, o professor era a autoridade máxima. Enquanto hoje não há autoridade ou uma “desautoridade”, como o termo que utiliza o apresentador.

O apresentador explica que isto não deve ser confundido com autoritarismo, defende que a autoridade é uma referência e não uma imposição. Para o convidado, a autoridade dentro de sala de aula é conquista. O apresentador se dirige ao telespectador e afirma que gostaria de mais tempo para a conversa, o quanto é bom conversar com um bom professor e questiona novamente sobre a metodologia da caixa, falando que o professor digita as perguntas. O entrevistado confirma esta prática, uma vez por mês ele digitaliza as perguntas dos alunos para não haver identificações pela letra, o que gera uma confiança por parte deles, não há censura e única regra é não ofender as pessoas. No início das aulas são lidas as perguntas, de acordo com a participação são lidas mais ou menos dúvidas, e o conteúdo programado segue. As perguntas geram conteúdos de aula, atividades extras, debates, pesquisas e até escolhas profissionais.

“É uma caixa mágica porque as pessoas são ouvidas”, “A magia é a comunicação” conclui o entrevistado. A sala de aula é um espaço privilegiado de ouvir. O apresentador se dirige para a câmera e sugere que escolas convidem o professor e escritor para conversas com seus professores, divulga o livro e a importância de seu conteúdo. O escritor salienta que inclusive para os pais é importante para perceberem o que seus filhos não verbalizam em casa e questionam em sala de aula. O apresentador finaliza: “Este programa não é o mais visto, mas é o mais bem visto, porque você está aqui conosco”.

Tabela 11 – Síntese do programa Autores e Livros A

Programa: Autores e Livros A		
Ator midiático Convidado: Elenilton Neukamp	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Professor, filósofo e escritor.	A entrevista debate sobre o cenário da educação, a importância dos modos de transmitir e mediar o saber, a valorização do aluno e a riqueza dos seus questionamentos.	O contexto sugere uma sociedade informatizada porém, não informada. Em que o conteúdo oferece pouca informação, pouca mediação e muita imposição da informação.

O apresentador Dilan faz a abertura do programa valorizando a importância do livro como objeto cultural e civilizatório. **Autores e livros B** recebe para entrevista Leonardo Brasiense, gaúcho, médico, natural de São Gabriel e atualmente reside no município de Santa Maria e é funcionário da Receita Federal. O autor possui vários livros premiados e trabalhos publicados, na área da psicanálise. O apresentador cita os títulos e salienta o prêmio Jabuti de literatura com o qual o convidado já foi agraciado inclusive na categoria contos e crônicas. E informa que agora tem se dedicado ao cinema e a fotografia, o apresentador divulga o endereço do blog e abre para a fala do convidado.

O apresentador mostra as duas publicações: “Sofia e Mônica” que possui fotografias do próprio autor. E o autor completa que as fotografias utilizaram modelos de perfis diferentes das personagens para dar a conotação de que pode ser qualquer pessoa. O outro livro se chama “corpos sem pressa” que possui minicontos. O primeiro questionamento do apresentador inclui o fato do convidado não exercer a medicina, se isto foi um “truque” para ter mais ter mais tempo para a literatura. O convidado explica que a ideia era terminar a medicina e concluir as formações em psicanálise, em que o profissional não tem muito tempo livre em função do estudo, então escolheu a literatura. Nesse processo optou por um concurso em que não há uma rotina tão pesada em que pudesse dedicar-se à literatura. O apresentador indaga se a psicanálise entra como algo concreto na obra do convidado ou ela aparece mais na ficção. O convidado explica que a psicanálise bebe na literatura e o passo que o psicanalista desconstrói uma personalidade para o analisado o escritor constrói uma personalidade para seu

personagem. São trabalhos na contramão em que a mistura não é feita de forma consciente, mas a mistura e as vivências pessoais são inevitáveis.

O apresentador mostra o livro “Três dúvidas” que recebeu o prêmio Jabuti na categoria contos. Na capa do livro está uma fotografia de um corredor que possui três portas, fotografia produzida no Hospital Psiquiátrico São Pedro em Porto Alegre. Sobre escrever para adultos e escrever para jovens o escritor diz haver diferença e o público jovem gera insegurança e foi preciso consumir os produtos direcionados para jovens, e ainda não sente o domínio desta linguagem.

Sobre “Sofia e Mônica” ele conta que são duas meninas que nunca tiveram amigas. Trata-se da primeira experiência de amizade através da qual elas constroem sua personalidade. Como fotógrafo, explica que dedicou dois anos apenas para a fotografia. Quanto ao outro livro o apresentador fala sobre a produção de contos em “Corpos sem pressa” e indaga sobre o processo criativo, como são criados os textos, como o escritor define o que vai ser um conto e o que vai render uma história de mais força. Na resposta o convidado diz que a construção dos minicontos é aleatória, simplesmente faz, mas o leitor que ganha o mérito, que dá força ao miniconto. A conversa inclui a escolha dos títulos dos livros, os projetos futuros e as sistemáticas de criação das narrativas.

Tabela 12 – Síntese do programa Autores e Livros B

Programa: Autores e Livros B		
Ator midiático Convidado: Leonardo Brasiliense	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Médico gaúcho, funcionário público e escritor.	A conversa inclui as obras do autor e seu reconhecimento no cenário de produção de contos e crônicas, incluindo premiações na área. O processo produtivo das narrativas.	O contexto inclui as temáticas das obras o universo da psiquiatria, os dilemas da juventude, a construção da personalidade dos personagens.



No programa denominado **Autores e Livros C**, o apresentador explica que não recebe um autor ou uma autora, porém é alguém fundamental para os autores. Proprietária de uma livraria que investe em um multiespaço cultural, que proporciona cursos, debates, espaço de estudos e promoção da literatura. A convidada Carla Osório conta que a livraria é de propriedade de quatro sócios, cada um deles é responsável por um setor. Sua área inclui agenda da livraria, dos lançamentos, das oficinas, bate-papo, saraus e o café.

O apresentador coloca que muitas pessoas possuem o desejo de ter uma livraria com um espaço para café e isto inclui um desafio muito grande. Então indaga a convidada sobre como foi criar um espaço estruturado que atua há mais de uma década no mercado? Carla explica que a ideia inicial sempre foi uma livraria café, em função de uma carência, poder sentar com calma e escolher os livros, além de ter o livreiro que conhece o livro, que gosta da literatura.

Foi construído um planejamento que facilitou a administração e concretização do projeto deste espaço. Outra característica era não deixar os livros em prateleiras, mas livres. O apresentador salienta que a livraria está situada no bairro Bom Fim e afirma que a região possui um apelo cultural grande. A convidada conta que o bairro foi a primeira escolha e outra opção seria o bairro Cidade baixa, em função deste segundo bairro ter um caráter boêmio optou-se por distanciar o café deste consumo de bar.

A conversa inclui a tradição do bairro com as propostas e atividades culturais, até a indagação sobre como foi escolhido o nome da livraria. Foi colocado um papel em branco e nas reuniões iam-se escrevendo nomes, depois de três páginas fizemos uma votação e chegamos a Palavraria. O apresentador fala da consolidação da empresa nas atividades culturais da capital e questiona sobre os lançamentos que ocorrem na livraria. Na resposta a convidada diz que o número de lançamentos é bastante expressivo para uma livraria de calçada, em média dois lançamentos por semana. É uma agenda aberta a propostas e a interessados. Sobre o apoio aos novos autores a livreira diz que esta foi uma marca desde o início do projeto, proporcionar espaço para a divulgação dos trabalhos de autores que com o tempo se consolidaram.

Outra característica da livraria é que ela funciona como um ponto de encontro, diz o apresentador. Carla diz que isto é o interessante, é a relação de amizade, de parceria que se criou no espaço. A conversa inclui a definição livraria de calçada, que com os shoppings foram perdendo seus locais comerciais nas ruas.

Sobre o funcionamento e estrutura das oficinas, Carla diz que há oficina de poesia que possui oito anos e funciona nas terças-feiras às 19h. A oficina literária, que inclui a narrativa

ficcional, possui uma turma para iniciantes e outra para um nível mais avançado. Para situar o telespectador o apresentador coloca que o livreiro oferece um bem cultural e no local há oficinas e divulga os contatos.

Quanto ao perfil dos leitores, a proprietária diz que são significativos os consumidores estudantes de artes plásticas e psicologia. O foco maior é a literatura, depois as ciências sociais, psicanálise, artes e grande parte dedicada à poesia. O apresentador salienta a presença de obras de autores e poetas gaúchas.

Tabela 13 – Síntese do programa Autores e Livros C

Programa: Autores e Livros C		
Ator midiático Convidado: Carla Osório	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Livreira e proprietária da livraria Palavraria em Porto Alegre - RS	O tema da conversa inclui as atividades da livraria e como foi a construção deste projeto que inclui um café no mesmo ambiente. Também o diferencial do espaço comercial que é oferecido.	O contexto aborda as dificuldades de uma livraria de calçada, de um espaço acolhedor e a falta de capacitação pessoal nestes lugares. As peculiaridades de um espaço que é cultural antes de ser comercial.

Autores e livros D recebe a contista, cronista, poeta e romancista Ivanise Mantovani. O apresentador coloca para o telespectador o assunto que vai guiar a entrevista, o lançamento do livro “Mefisto e o rubi”, o conto que dá título ao livro é uma metáfora à vida. A convidada confirma que é natural de Caxias do Sul/RS e sua origem que mistura descendência portuguesa e italiana. Sua formação é em administração embora tenha feito oficinas literárias, linguísticas e participado da construção de muitas antologias, salienta seu forte envolvimento na Academia Literária Feminina na qual exerceu por muito tempo o cargo de secretária.

A convidada mostra seus livros de poesia e conta que sempre se interessou pelas artes, poesia, porém o banco só pagava a formação em áreas afins. Então fez administração embora sempre tenha exercido a escrita. Depois pediu licença para o banco e foi estudar artes plásticas, mas não foi possível concluir a formação. Sobre o lançamento do livro o

apresentador se diz grato pelo convite para fazer a apresentação do livro na conversa salientam a importância de contar uma boa história, são citados Érico Verríssimo e Clarisse Lispector. Então o apresentador lê trechos do seu texto de apresentação que está no livro da convidada.

Sobre como foi o processo de construção deste livro e a opção por escrever contos a convidada relata que a partir das oficinas aprendeu a colocar conteúdo nas ideias. Escrever é um modo de rebelar e estes contos são notas que foram organizados em minicontos. Alguns deles são citados pelo apresentador e pela convidada. Sobre as temáticas mais fortes presentes nos contos Ivanise completa que tem medo de dizer as coisas, diante disso, escrever é uma maneira de colocar os pensamentos.

Durante a conversa mais minicontos são lidos e também um conto de outro livro da autora. O apresentador elogia o nível de linguagem, claro, interessante e bem construído alcançado pela autora e questiona sobre o processo de criação. A ideia é colocada no papel diz a autora, como uma estrutura inicial que depois é lapidada. O apresentador cita os títulos dos contos e relaciona com a humanidade que há na formação destes títulos. A autora comenta sobre fatos da sua infância, casarões e corredores da casa da avó, que são recorrentes nos contos. O que o apresentador chama de fantasmas do escritor e enriquece a obra literária.

A convidada cita os autores que inspiram o seu trabalho. O livro é mostrado para o telespectador e divulgado o contato da autora. Finalizam citando a escritora Adélia Prado e a autora fala da proximidade com as obras desta escritora brasileira.

Tabela 14 – Síntese do programa Autores e Livros D

Programa: Autores e Livros D		
Ator midiático Convidado: Ivanise Mantovani	Texto televisivo (O que falamos?)	Contexto Enunciativo (Como Falamos?)
Escritora	Fala-se de suas obras e a inspiração que norteia a construção literária da escritora.	O contexto enunciativo é a trajetória pessoal da escritora.

Nos programas analisados podemos perceber que as representações identitárias não estão reduzidas ao material artístico do convidado. Em sintonia, apresentador e convidado exploram diversos elementos fundamentais na construção daquilo que estão apresentando. Podemos dizer que na apresentação e produção deste programa há a preocupação de resgatar representações que perpassam, que estão no cotidiano, que motivam os convidados a criar.

As representações não estão amarradas na identidade do convidado e sim nas práticas vividas. Então os convidados relatam suas experiências e representações identitárias que não restringe. Na fala do professor aparece a sua formação, sua profissão, o estudo e a falta de oportunidades. O ambiente universitário e o desafio de produzir conhecimento na periferia sem a pretensão do culto, do erudito, mas a proposta de repassar o conhecimento. Quando o convidado é o médico percebemos que está profissão que possui tanto valor de *status* e de mercado na cultura vivida cede lugar as representações do imaginário do convidado. Ao falar de seus textos, cita suas inspirações no caso as problemáticas e as experiências da juventude e os conflitos sociais que atingem os indivíduos. Não é uma conversa restrita a obra ou ao processo criativo o tema e o convidado é uma conexão para que se fale de pessoas, do cotidiano e das identidades.

Depois do professor, do médico-escritor aparece a empresária, proprietária de livraria que resgata na sua fala o seu trabalho, as pessoas que consomem a literatura, as antigas livrarias de calçada, a história do bairro do qual faz parte, o café destes lugares como ponto de encontro e as modernidades que desafiam estes hábitos e estabelecem novas práticas sociais. O programa oferece a arte como representação do que é vivido, como acessível e digna das diversas identidades. Nestes textos e contextos e nestes convidados não podemos dizer que apareceu o negro, o índio ou o branco. O que notou-se foi uma democratização da arte, nos diversos espaços em que é produzida, que circula e é defendida como um de direito de todos.

Os autores e seus livros não ocupam o lugar do erudito, habitam o social. É isto que a produção traz. O programa cumpre com perspectivas além daquelas que define no site (de apresentar e divulgar os autores gaúchos) e de um modo positivo que permite a identificação, a cultura e espaços que a mídia hegemônica não oferece para determinadas artes ou artistas por estes não estarem na lógica produtiva e comercial do consumo.

O programa **Sarau no Solar** A recebeu o músico e compositor porto-alegrense Panta. O apresentador Caetano Silveira recebeu o músico e conversou sobre o disco e suas produções musicais. Panta explica que o nome do disco “Pequenos Movimentos” foi escolhido devido aos minúsculos movimentos que fazemos e que possuem muitos

significados. O Cd foi gravado na cidade do Rio de Janeiro e as músicas estão alinhadas com a formação musical do artista.

O convidado salienta a importância do projeto Sarau no Solar em que as pessoas possuem a liberdade de escolha, ficam livres pra curtir o que acham interessante sem a preocupação de ingresso e o apresentador completa que o projeto promove os diferentes gêneros musicais. O músico ainda fala das experiências profissionais e de formação a vida na Inglaterra e a turnê pela China.

Tabela 15 – Síntese Programa Sarau no Solar A

Programa: Sarau no Solar A		
Ator midiático Convidado: Panda	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Músico gaúcho	As experiências, influências musicais e o novo projeto: CD “Pequenos movimentos”.	Obras autorais e canções de Adele, The Beatles e Elvis Presley.

A próxima edição, que tivemos acesso, o apresentador recebe o músico, compositor e violinista Valdir Verona que conta que a apresentação inclui um repertório próprio do projeto “Na estrada” e possui revisitações no repertório nacional como obras de Luiz Gonzaga. Para o músico é uma maneira de resgatar e projetar o instrumento, conta que as composições nascem de forma aleatória e possuem influência da região da fronteira. O apresentador indaga sobre a escolha do instrumento e os outros trabalhos produzidos pelo artista.

Tabela 16 – Síntese do programa Sarau no Solar B

Programa: Sarau no Solar B		
Ator midiático Convidado: Valdir Verona	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Músico gaúcho, compositor e violinista	A conversa de apresentação inclui as produções do músico, suas influências e composições.	A música regional não restrita ao sul, mas referente ao país.

No programa **Sarau no Solar C** apresenta-se o maestro Tasso Bangel e a Camerata Pampeana. A Camerata Pampeana é um sexteto, existente há três anos, formado pelo Maestro o grupo foi reconhecido com o Prêmio Açorianos de Música como o melhor grupo instrumental. Um projeto que é realizado pelo maestro por mais de seis décadas, mas que a pouco recebeu este nome e esta forma.

A Camerata Pampeana é formada pelos músicos Elsdor Lenhart (1º violino), Rosângela dos Santos (2º violino), Gabriela Vilanova (viola), Philip Mayer (violoncelo), Diego Costa (violão) e o maestro no acordeon.

Tabela 17 – Síntese do programa Sarau no Solar C

Programa: Sarau no Solar C		
Ator midiático Convidado: Maestro Tasso Bangel e Camerata Pampeana	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Tasso Bangel coleciona prêmios de composições e arranjos. Junto com o grupo instrumental Camerata Pampeana, formado por ele, foi vencedor do Prêmio Açorianos de Música 2013/14.	Apresentação do Maestro e dos músicos que formam seu grupo instrumental.	A qualidade da música instrumental e das melodias do folclore gaúcho.

O projeto **Sarau no Solar**, assim como o **Cena Musical** oferece aos seus expectadores uma diversidade cultural que perpassa os muitos ritmos brasileiros. A representação da música e dos artistas não estão atreladas ao consumo, mas a importância que estas obras e estes artistas possuem devido a qualidade dos seus trabalhos. A grade da TV Assembleia/RS junto com as aberturas estabelecidas pela legislação que orienta as produções das TVs legislativas cumpre com seu papel público ao possibilitar atrações que promovam a diversidade cultural. Está diversidade que encontra-se nos bares, nos clubes, nas orquestras, nos grupos musicais não possuem espaço democrático na mídia hegemônica.. Para além de divulgar no canal, a Assembleia Legislativa oferece a oportunidade de fazer parte das apresentações de forma gratuita. Garante assim um espaço democrático na divulgação, na participação, na circulação da cultura musical que é atravessada por representações identitárias múltiplas. O Sarau no Solar oferece mais que representações culturais, oferece experiências que neste trabalho aparece como as praticas vividas.

A partir das edições que acompanhei pela internet do programa **Mateadas**, do dia de gravação e as informações coletadas aplicaremos o circuito da cultura para proceder a análise cultural. O texto televisivo e o contexto enunciativo, como já foram descritos dão conta da cultura gaúcha, os costumes e as tradições, assim consta a definição no site. Porém, este contexto enunciativo está vinculado à regulação do canal. A superintendência de comunicação, cuja TV está subordinada, é diretamente vinculada à superintendência geral, que responde à Mesa diretora da Casa. Isto tudo para dizer que o programa da **Mateadas** retornou a grade de programação em virtude da posição do presidente da Assembleia Legislativa. Poderia justificar-se por ser uma atração que busca contemplar as obrigações das TVs públicas em promover a cultura, porém a atração está no ar por questões de outra ordem.

O programa **Mateadas** A teve como convidado o músico Jader Leal, acompanhado de uma flautista. No início da conversa a apresentadora Liliana Cardoso questiona o artista sobre sua influência musical, a importância da Estância de São Pedro (bar típico nativista da capital), a trajetória musical e os festivais de talentos. O convidado e a musicista vestem-se com roupas típicas.

Jader Leal conta da influência musical que teve em casa, em que a mãe cantava música popular brasileira (inclusive Elis Regina) e o pai e o avô eram sambistas, embora a música gaúcha também estivesse espaço entre estes estilos. Entre a conversa, tocam-se algumas melodias. Depois comentam sobre as referências musicais no Rio Grande do Sul, da trajetória musical que completa quinze anos e da participação nos festivais. Os festivais novamente são

valorizados pela apresentadora (como ocorreu na edição da observação participante) enquanto cita o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG.

A apresentadora diz que o MTG e os festivais são um espaço para todos, quando o convidado completa: “Só não pode a flauta”. A apresentadora não entende o comentário e o músico comenta sobre os estereótipos pelos quais passam os produtos culturais. Fala do disco novo, dos contatos, do repertório de shows que mistura músicas de composição própria e pedidos. Durante a conversa são utilizados termos típicos como “prozezar” (significa conversar).

Tabela 18 – Síntese do programa Mateadas A

Programa: Mateadas A		
Ator midiático Convidado: Jader Leal	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Músico gaúcho e compositor possui um contato com a música desde a infância. Sua influência musical é da região da fronteira.	No programa o convidado falou sobre sua carreira, composições e os festivais nativistas para quais dedica maior parte do seu trabalho.	O contexto é marcado pela valorização dos festivais nativistas.

O programa **Mateadas B** recebeu o Grupo do Pampa, que é da cidade de Progresso (Região do vale do Taquari – próximo a capital). O grupo é composto por cinco integrantes, porém no programa foram três deles. A conversa teve início com falas sobre a trajetória do grupo, a apresentação dos músicos e o objetivo que é o de divulgar a tradição. O chimarrão aparece no banco ao centro do estúdio.

No decorrer da conversa a apresentadora cita o presidente da Assembleia como membro do MTG, enquanto o grupo explica que o ritmo explorado pelos músicos é o fandanguero de modo a manter a música de raiz. Comentam sobre a agenda que inclui cidades do Taquari e outros Estados. A apresentadora diz que é um compromisso do programa Mateadas receber grandes nomes da música regional e também os grupos que precisam de espaço, nesta fala inclui sua trajetória pessoal como declamadora na qual foi difícil a abertura de espaços para mostrar seu trabalho.



O grupo conta que possui cinco anos de atividade, porém são apenas dois anos de formação do grupo de baile. A apresentadora completa que o convite foi através do próprio presidente da casa, que ao ir em um evento ficou “encantado” (palavra da apresentadora) com os “guris” (expressão da apresentadora para se referir a eles). Na sua fala não fica claro se no evento o presidente estava na sua função de representação pública do legislativo ou se era uma atividade pessoal.

No retorno do intervalo a apresentadora comenta que chamou a atenção do presidente o fato de que em época de carnaval o grupo conseguiu reunir muitas pessoas para contemplar a música tradicionalista. Ainda na sua fala conta que as músicas são autorais e inclui parcerias. Mostra a agenda do grupo que foi construída na forma de cartilha e que traz informações sobre a cultura gaúcha. Um dos integrantes do grupo justifica que o trabalho é para resgatar costumes antigos.

Novamente depois do intervalo Liliana Cardoso aparece segurando o mate e o serve para o convidado Paulo Berté, que é chamado para a conversa. O convidado não utiliza de vestimentas típicas e descreve na sua fala a amizade que possui com o presidente da Assembleia Legislativa e que estes vínculos permitiram trazer o grupo para o programa. Ressalta que a mídia hegemônica reforça talentos já afirmados no mercado e há carência de espaços para fortalecer a música gaúcha e resgatar uma tradição quase esquecida, segundo o convidado.

A apresentadora divulga o Cd e questiona sobre o processo de composição. Como resposta, os músicos relatam que a música que fazem é para marcar a cultura. Paulo Berté comenta sobre o cenário da música gaúcha, que especificadamente no Vale do Taquari possui uma resistência em razão da forte colonização italiana na região. Os convidados agradecem a oportunidade. Durante a conversa aparecem termos como “porteiras abertas” (como espaços a disposição) e “baita abraço” (um grande abraço), tanto na fala da apresentadora quanto na dos convidados.

A apresentadora reforça que o parlamento gaúcho estende a mão para o tradicionalismo, agradece em nome do Presidente da Assembleia. Paulo Berté afirma que “As porteiras do parlamento estão sempre abertas para a cultura gaúcha”, Paulo Berté é funcionário do gabinete da presidência.

Tabela 19 – Síntese do programa Mateadas B

Programa: Mateadas B		
Ator midiático Convidado: Grupo Os garotos do pampa e Paulo Berté	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<p>O grupo é da região do Taquari e possui uma formação recente, o foco do trabalho é compor músicas de baile.</p> <p>Paulo Berté é funcionário do gabinete da presidência e padrinho do grupo conforme a fala da apresentadora.</p>	<p>Apresentam-se os músicos, a trajetória, as dificuldades e o cenário da música gaúcha.</p>	<p>O espaço de promoção da música gaúcha disponibilizado pelo parlamento.</p>

O programa **Mateadas C** possui como convidado um músico consolidado. Marcelo Caminha possui vinte e sete anos de carreira, formado em medicina veterinária e natural da cidade de Bagé (região de fronteira do Estado) hoje o músico dedica-se ao projeto “violão gaúcho” que inclui oficinas, shows e palestras sobre o instrumento. A carreira e os projetos são as temáticas da conversa que inclui apresentação das suas composições.

A apresentadora lembra que Marcelo Caminha contribuiu para a construção do projeto do programa **Mateadas**. E completa que na presidência de deputado Gilmar Sossella (PDT) foi possível resgatar o programa que é de “domínio público” (expressão da apresentadora). Então, o músico comenta sobre sua trajetória na fronteira, sua formação superior, a escolha pela música e pela carreira solo, efetivada no ano de 2011. Atuou como instrumentista de artistas gaúchos como Luiz Marengo, César Oliveira, Luiz Carlos Borges e Renato Borghetti.

A apresentadora fala sobre o empenho e organização da esposa do convidado que atua como produtora do artista e diz “A mulher tem que andar do lado do homem”. Marcelo Caminha conta que suas influências passam pelo tango e música popular brasileira, que eram as composições que chegavam pelo rádio na época, principalmente na região da fronteira. Com os festivais o instrumentista dedicou-se a compor músicas com letras isto paralelo a carreira instrumental. Quando lança um Cd de músicas cantadas.

O convidado diz que se torna interessante o próprio compositor cantar suas músicas uma vez que a releitura é fiel ao momento da composição, sem desvalorizar os interpretes que dão força a estas composições com um talento pessoal e competência, conforme explica na fala. Aparecem na conversa expressões como “pila” (refere-se a dinheiro) e “marca” (quando se refere à música). Apresenta-se o músico da precursão que acompanha o convidado e a conversa segue com os projetos do artista.

São divulgados os projetos de ensino de violão que inclui cartilhas de aprendizagem e oficinas e salientada a importância da música e da arte. Para finalizar o músico agradece os consumidores de música gaúcha. Nesta edição o mate e a térmica permaneceram ao centro do cenário embora não fosse utilizado pela apresentadora e os convidados.

Tabela 20 – Síntese do programa Mateadas C

Programa: Mateadas C		
Ator midiático Convidado: Marcelo Caminha	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Marcelo caminha atua desde 1985 e já foi instrumentista de grandes nomes da música gaúcha, também reconhecido por composições instrumentais e cantadas.	Fala-se da carreira do convidado que inclui composição e a função de instrumentista de grandes músicos. Além dos projetos pessoais do artista que agora está em carreira solo.	As composições, as parcerias e os projetos.

A última edição que tivemos acesso do programa foi gravada no espaço do prédio do Solar, o mesmo local utilizado pelo programa **Sarau no Solar**. O **Mateadas D** recebeu o músico Elton Saldanha, acompanhado do seu parceiro de voz e instrumento Ricardo Porto e o couteleiro Cássio Salimen. A temática do programa é a atividade do couteleiro que é amigo pessoal do músico Elton sadanha. No centro do cenário não há a presença do mate, mas um mostruário do trabalho de Cássio resumida na apresentação de algumas facas apoiadas em um banco de três pernas.

Liliana Cardoso apresenta o convidado que além desta função é doutor em odontologia, criador de cavalo da raça crioula e gaiteiro. Durante a explicação sobre o processo de confecção das facas é apresentado um VT com imagens do convidado na sua oficina, a apresentadora lembra que as facas confeccionadas são doadas para leilões beneficentes em favor de hospitais da capital, além de participarem de feiras de cutelaria.

A conversa inclui a importância das facas nas tradições que não estão restritas ao tradicionalismo gaúcho, mas citam os cultos de umbanda, os rituais militares, as parteiras que colocavam a faca em baixo da cama para cortar o mal do bebê e a utilização por benzedadeiras. Ou seja, o misticismo e o culto que carrega o objeto, conforme a fala dos convidados é um amuleto de proteção mais do que uma arma de defesa. Ainda completam dizendo que uma faca não pode ser dada de presente para um amigo por que segundo a lenda corta a amizade, deve ser comprada. Ou quando ganha deve-se oferecer uma moeda para quem presenteou.

A apresentadora comenta sua gratidão para com Elton Saldanha que foi o primeiro a dar uma oportunidade para ela de abrir um show, declamando uma poesia e o convidado completa a importância de valorizar o negro e fazer poesia sobre este tema, referindo-se ao trabalho de Liliana. O programa segue com a divulgação do livro de Cássio denominado “A faca gaúcha” e valoriza-se novamente o trabalho social do cuteleiro além de seus outros talentos quando a apresentadora cita novamente o deputado presidente da Casa como um gaiteiro de marca maior também como o convidado.

Tabela 21 – Síntese do programa Mateadas D

Programa: Mateadas D		
Ator midiático Convidado: Cássio Seleimen, Elton Saldanha e Ricardo Porto	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<p>Cássio possui sua formação em odontologia e reconhecimento internacional com título de doutorado em ortodontia, é criador de cavalo da raça crioula e exerce a cutelaria como uma ferramenta social também como a odontologia.</p> <p>Elton Saldanha é músico coleciona 18Cds, duzentos troféus em festivais e possui mais de 800 composições gravadas<sup>43</sup></p> <p>Ricardo é instrumentista que acompanha Elton Saldanha.</p>	<p>Fala-se das tradições que perpassam a faca nas diversas culturas em que ela funciona como um amuleto.</p>	<p>O contexto é de resgate e valorização da tradição que nesta edição não se reduz ao gaúcho.</p>

O contexto enunciativo que o programa promove, não é a divulgação da cultura gaúcha como se define no site, mas a promoção de uma cultura tradicionalista aceita pelo Movimento tradicionalista. Esse contexto, reproduz na fala da apresentadora e dos convidados uma cultura vivida que é a do presidente da Assembleia, deputado Gilmar Sossella (PDT). A apresentadora Liliana, por sua vez, também possui uma história dentro do movimento tradicionalista e apresenta a atração com uma postura de “prenda”, o modo como fala, a vestimenta comportada, com camisas e mantas, cobrindo os ombros. Os convidados também participam com os adereços que compõem a pilcha mais tradicional do gaúcho. Na fala da apresentadora e dos convidados está presente a cultura vivida alinhada a uma representação do gaúcho, originada na Revolução Farroupilha, mantida nos festivais e nas rotinas culturais relacionadas ao campo. Isto permite uma leitura limitada acerca da representação do gaúcho,

<sup>43</sup> Informações disponível em sua página no endereço: <http://eltonsaldanha.com.br/blog/>. Acesso em 19 de agosto de 2014.

pois reduzi-la às normas do movimento tradicionalista é contemplar uma cultura gaúcha tradicionalista e não o todo da cultura gaúcha como se define no site.

A produção do programa **Mateadas** está amarrada a regulações de instâncias políticas, determinadas pela presidência da Assembleia Legislativa. Na definição cultural, não esconde ser promotor da cultura gaúcha que está legitimada por um movimento tradicionalista que não reconhece outra manifestação exceto aquela que reproduz. Aliás, manifestações e culturas vividas que são do presidente da Assembleia Legislativa, da âncora do programa e fortemente encontradas no social. Existe uma representação gaúcha legitimada, reconhecida e divulgada pelos seus fiéis membros e pela mídia tradicional. Representação identitária que encontrou nesta televisão pública meios de se reafirmar e de excluir.

Ou seja, o conteúdo que é produzido por este programa, que na descrição compete divulgar as tradições gaúchas, promove uma exclusão de representações identitárias que também são gaúchas. Esta negação é originária da percepção do movimento tradicionalista e não está reservada aqueles que determinam suas diretrizes, ao contrário, circulam de forma evidente nos social e no midiático. Isto é a cultura vivida que, por vezes, a mídia e os sujeitos se apropriam para ignorar o diferente como no caso do casamento gay na cidade de Santana do Livramento. Embora novas manifestações estejam presente em diversas práticas não possuem na televisão pública um espaço de representação de uma identidade regional que seja plural.

Este formato engessado da cultura gaúcha, não é amparado pela regulação federal das televisões públicas. Está sustentado em práticas sociais excludentes, presentes e enraizadas na cultura, que possuem força através de seus membros e da mídia. A âncora diversas vezes refere-se que o tradicionalismo é um espaço para todos, porém nestas três edições não reconhece outras influências musicais que são citadas e deixa claro o quanto aqueles convidados e aquele modo de fazer satisfaz a presidência. Quando outros arranjos e outros ritmos são citados como o tango, a música popular brasileira ou o carnaval eles não ganham importância diante do favorecimento da música gaúcha na atração.

E nesta seleção baseada em favoritismos, gostos pessoais e interferência institucional acaba por produzir algo comum. Uma interpretação restrita às representações identitárias que a história gaúcha conta e a mídia hegemônica reproduz. Isto, sem perceber que ao encontro da tradição também estão novas práticas, novos sujeitos e novas identidades. A crítica não está no fato do programa ter o foco na tradição gaúcha, mas por não permitir qualquer tipo de afastamento com a representação identitária do gaúcho que passa pelo movimento tradicionalista. Temos um programa “do MTG” e do presidente da Assembleia em uma TV

pública. Novamente, o caráter público e a regulação pública não restringe a produção, a tevê é capaz de receber e divulgar a diversidade que é amparada pela legislação federal, mas não arrisca novas interpretações.

O programa **Faça a diferença** tem apresentação de Júlia Machado, esta edição chamaremos de **Faça a diferença A**. as temáticas incluem como lidar com o colega de trabalho que possui alguma deficiência, para isso o programa aborda a legislação que regulamenta estas vagas de trabalho seja como funcionário ou estagiário.

Para ilustrar o tema a apresentadora diz que a Assembleia legislativa reserva dez por cento de suas vagas para estagiários portadores de deficiência, parcerias com instituições de ensino e secretarias de educação facilitam a ocupação destas vagas. No texto em *off* do VT afirma-se que a Casa Legislativa possui treze estudantes dentro desta cota e que exercem diferentes funções. Em entrevista a coordenadora do setor de estágio destaca como importante a inclusão e de reconhecer o potencial de todas as pessoas.

O VT mostra que a resolução de mesa da Assembleia determinada pelo Decreto Nº 44.060, de 11 de outubro de 2005, criou 40 vagas de estágios para portadores de deficiência, a carga horária estabelecida é de 30 horas semanais sendo que o foco é acolher estudantes das escolas de educação especial. Os estudantes podem ser de nível médio ou superior. Há uma entrevista com Matheus Gatto estudante do curso de direito, que fala (através da tradutora de libras) que adora o trabalho, sonha em participar da política, cita os diversos problemas sociais que ele lida no trabalho e cita a crise de energia elétrica e as más condições das estradas. Ainda explica que utiliza com os colegas de trabalho a linguagem escrita e não há problemas na comunicação. Para o entrevistado a surdez é encarada com normalidade, salienta que estudou, desenvolveu-se e sente-se perfeitamente capaz de aprender e exercer sua função.

A coordenadora de estágio explica que a Assembleia oferece curso de capacitação em libras para seus funcionários a fim de estimular e tornar a comunicação mais eficiente entre os colegas. O outro entrevistado é Alexandre Lugon, que possui uma deficiência que prejudica o desenvolvimento de sua estatura, explica que seus estudos em administração oferece um campo amplo de trabalho, na Assembleia ele atua na divisão responsável pelas folhas de pagamento dos funcionários. No início do trabalho disse que foi difícil aprender a lidar com os olhares de estranhamento das pessoas, mas agora encara como natural.

Luciane Bresiani é professora de língua de sinais e fala sobre o curso de formação que é realizado com funcionários. Embora básico, o curso busca promover uma capacitação que permita o entendimento daqueles que trabalham como também de visitantes como também a

criação de estratégias de comunicação. Arthur Souto, superintendente geral do legislativo, como representante da Casa afirma que o estágio oferece experiências importantes para os estudantes enfrentarem o mercado de trabalho.

Apresenta-se a Lei de cotas do ano de 1991 que determina que empresas com cem ou mais funcionários destinem de 2 a 5% dos cargos a este segmento, além de outras determinações que exige a lei. Terminada a reportagem a apresentadora se dirige ao telespectador e afirma que a entrevista do programa será sobre as formas de inclusão no mercado de trabalho. O convidado é assessor especial de políticas para pessoas com deficiência da Secretaria da justiça e direitos humanos do Estado.

Adilson Corlassoli, na sua apresentação, conta que é professor de matemática com especialização na área de educação especial e atua como militante da causa e cita outras atividades relacionada a esta trajetória. É concursado da prefeitura de Porto Alegre, mas foi cedido a Secretaria do Estado.

Sobre o trabalho das instituições para garantir esta inclusão o convidado responde que esta é uma luta de muito tempo e o desafio é colocar em prática a empregabilidade das pessoas. Hoje se evoluiu em alguns sentidos, muitos postos de trabalho que antes não eram ofertados empregam portadores de deficiência, quebram-se alguns estereótipos e cita o deficiente visual que trabalharia como telefonista ou massagista, enquanto o surdo seria empregado em lugares de muito barulho onde outras pessoas não atuariam. Hoje os postos de trabalho incluem diferentes atividades seja no setor público ou privado, completa na sua fala.

O entrevistado cita o último censo do IBGE que revela que o Estado possui mais de dois milhões de pessoas com deficiência, logo se tem que se trabalhar com políticas que facilitem a ocupação destas vagas. Não só o acesso via concurso público, que precisa oferecer um espaço adequado de produção de trabalho, como também o foco nos estagiários de acordo com a legislação. No estágio é possível derrubar mitos e limitações que as pessoas possuem quanto às pessoas com deficiências.

Sobre como as pessoas podem se preparar para incluir e receber bem um colega de trabalho o convidado explica que a característica comum é a deficiência, mas que cada indivíduo possui sua singularidade. Para o entrevistado as pessoas devem ser sensíveis, existem regras gerais mas cada caso vai tomar necessário determinados comportamentos para a boa convivência. Para isso está se trabalhando a qualificação profissional, afirma na sua fala.

Para finalizar a apresentadora questiona o telespectador sobre a opinião quanto à inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho e chama a enquete do programa



realizada pelo repórter Pedro Molnar. Pedro é portador de deficiência na fala e estagiário de nível superior do curso de comunicação e participa como repórter nas enquetes do programa.

O repórter aparece no centro de Porto Alegre e também na praça em frente ao prédio da Assembleia. Os entrevistados por ele valorizam esta iniciativa e reconhecem a capacidade das pessoas, citam os postos de trabalho nos quais percebem a inclusão como em mercados, lojas, indústrias. A importância de gerar oportunidades e de criar acessibilidade. A reportagem sobre o tema é de Mariana Bello que também é produtora do programa. Todas as edições do programa possui a tradução em libras.

Tabela 22 – Síntese do programa Faça a diferença A

Programa: Faça a Diferença A		
Ator midiático Convidado: Adilson Corlassoli	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Professor de matemática e Assessor especial de políticas para pessoas com deficiência da Secretaria da justiça e direitos humanos do Estado.	O programa abordou a inclusão de pessoas com deficiência explorando seu cotidiano e o ponto de vista destas pessoas em entrevistas e enquetes.	As políticas e os desafios da inclusão de pessoas portadoras de deficiência no mercado de trabalho.

O **Faça a diferença B** abordou o tema sustentabilidade no que se refere à preservação da água e o seu desperdício. Depois da abertura tem início a reportagem que inclui imagens e um texto em *off* com informações sobre a água disponível no planeta. Em entrevista Gabriel Alves, membro da Assessoria Ambiental da Corsan (empresa gaúcha responsável pelo abastecimento de água) explica que mesmo havendo água disponível não significa que esta própria para o consumo. Ainda, maior do que a falta de água é a má qualidade desta água.

Intercalando com imagens, o entrevistado continua sua fala dizendo que as pessoas devem começar pensando no descarte dos resíduos nas suas casas, no manejo das águas porque quanto mais contaminada chegar a água para tratamento e distribuição, maior será o

trabalho e os custos deste processo. O texto em *off* diz que a média de consumo de uma família de quatro pessoas no Estado chega a dez mil litros por mês conforme dados da Corsan.

Conforme a fala de Gabriel, esta média é muito mais importante para pensarmos em políticas públicas de preservação, não no que se refere propriamente a esta média de consumo, mas a vazamentos, falhas, contaminações. O próprio sistema de medição não funciona apenas como função de cobrança do serviço, mas um instrumento que permite detectar problemas domésticos na rede.

Em *off* a repórter coloca que pequenas atitudes podem colaborar. Entra a fala de Alfredo Gui Ferreira presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural - Agapan, na qual ele explica que ao escovar os dentes, lavar a louça e lavar o pátio não deixar a água correndo. Reutilizar a água da máquina de lavar e da chuva, pequenas coisas já ajudam a salvar muita água. Tem uma parte que é da comunidade e outra do poder público, conclui.

Aparece na tela uma lista de dicas para evitar o desperdício, entre elas: não deixar torneira pingando, tomar banhos rápidos e acumular roupas. A engenheira mostra que a água da chuva pode ser utilizada em banheiros e no sistema contra incêndio. O telhado do ginásio capta a água que vai para um reservatório de vinte mil litros. A engenheira Kira Krebs afirma que o custo de execução não é expressivo perto da economia que a estrutura gera. A reportagem é finalizada com mais imagens.

A apresentadora explica para o telespectador que o Departamento Municipal de Água e Esgotos - DEMAÍ da cidade de Porto Alegre faz diversas ações para orientar os consumidores a colaborar para a preservação da água. Nesta edição a entrevista é com a Patrícia Tompsen que exerce a função de coordenadora do programa de consumo responsável do DEMAÉ.

Na fala da convidada salienta-se que é importante conhecer o processo de tratamento de água. Os trabalhos de conscientização são feitas em comunidades que não possuem um sistema regular de abastecimento de água. São instalações precárias que acabam por contaminar a água. Então são feitas redes de menor diâmetro, realizado um levantamento da área e cadastramento das famílias e colocado mediadores de acordo com uma média de famílias.

São realizadas palestras e visitas orientadas para mobilizar o conhecimento sobre a origem da água que chega na estação de tratamento e como ela torna-se potável. A tarifa social gira em torno de doze reais até acontecer a regularização da área e consequentemente da rede. Na primeira fase do projeto foram sete comunidades atendidas e na segunda fase serão mais oito comunidades, que totaliza quase vinte mil pessoas beneficiadas.

Quando questionada pela apresentadora sobre o que motivou esta ação do DEMAI a convidada declara que foi em função das perdas, dos vazamentos, da má qualidade da água e da importância de levar a questão de preservação. Sobre a receptividade dos técnicos nestas comunidades relata que há uma negociação, são exibidos filmes de conscientização e realizadas visitas domiciliares para detectar vazamentos como modo de aproximar-se do consumidor e garantir a eficiência do serviço. No programa são lembradas algumas dicas para evitar o desperdício e o contato para agendar visitas guiadas ao DEMAI.

Antes de encerrar a apresentadora chama uma enquete com o repórter Wagner Abreu que é cadeirante, estagiário de nível médio da própria teve legislativa. Na praça em frente ao prédio da Assembleia Wagner indaga as pessoas sobre suas atitudes para evitar o desperdício. Os entrevistados comentam como preservam ao mesmo tempo em que reconhecem como uma economia financeira. Com isso a apresentadora se despede.

Tabela 23 – Síntese do programa Faça a diferença B

Programa: Faça a Diferença B		
Ator midiático Convidado: Patrícia Tompson	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
Funcionária do Departamento Municipal de Água e Esgotos da cidade de Porto Alegre.	As maneiras e a importância de se preservar a água, também a entrevistada relata as ações do poder público para minimizar problemas de abastecimento, má qualidade e vazamento da água.	As ações de preservação tanto na esfera pública quanto privada, no individual e no coletivo.

A terceira edição do programa, **Faça a Diferença C**, teve como tema a superação de deficiências através da leitura e o esporte utilizados como ferramenta de inclusão. O projeto Cirandar tem a função de apoiar a cultura local como forma de inclusão, em 2008 a ONG criou um projeto de leitura e bibliotecas comunitárias, que visa a interação, formação e cultura (informações na fala da apresentadora).

No VT, que aparece na sequência, o texto em *off* explica que são cinco bibliotecas espalhadas pela periferia da capital para trabalhar o projeto “Redes de Leitura”. As atividades incluem a mediação de leitura e a alfabetização de adultos através de educadores sociais. Há três anos a comunidade “Novo chocolate” recebeu uma das bibliotecas. A coordenadora do projeto, Marcia Cavalcanti, explica que a leitura é um direito social. Para isso existem parceiros educadores, escritores, livreiros e professores que colaboram na construção destes espaços como “referências culturais” (expressão utilizada pela coordenadora).

A coordenadora também é fundadora da ONG Cirandar, que possui cinco anos. O texto em *off* utiliza de imagens das crianças em seu espaço de leitura, manuseando os livros e sendo auxiliadas por educadores. Em entrevista Márcia completa que o envolvimento da comunidade é grande. Maurício Alves é educador social, morador da comunidade e atua na função de mediador de leitura. Ele conta para a repórter que na infância participou como espectador e isto contribuiu para o desenvolvimento. Isto garante a convicção de que o projeto dá certo, afirma o entrevistado. E completa que a leitura é algo amoroso que toda a pessoa deve receber, embora haja dificuldades, planejamento e esforço a retribuição é maior.

Imagens do exterior da biblioteca e da comunidade intercalam as entrevistas. Daniela Gonçalves trabalha há dois meses como educadora social e conta que sua atividade inclui apresentar para as crianças os livros para que haja uma familiarização. A entrevistada afirma que o fato de ser moradora da comunidade facilita a aproximação e a relação de confiança com as crianças. No texto em *off*, a repórter finaliza dizendo que o projeto tem apoio do Instituto C&A e da Unesco e divulga o contato, informações cobertas com mais imagens da comunidade, das crianças e do espaço de leitura.

No estúdio a apresentadora informa ao telespectador que na entrevista desta edição será possível conhecer como funciona o trabalho das ONGs em Porto Alegre. Nesta edição a entrevista é conduzida por Marisa Schneider (também funcionária da TV) que recebe Roseli da Silva, presidente da ONG Renascer da Esperança. A convidada conta que o projeto nasceu de uma história pessoal na qual sofreu com violência doméstica. Ela ocupou espaços como a Fundação Estadual de Bem Estar ao Menor – FEBEM e realizou trabalhos de limpeza de ruas.

Foi nas ruas que surgiu a ideia de amparar as crianças vulneráveis. Ela conta que há 27 anos é concursada gari da prefeitura da Capital e hoje atua nos recursos humanos não mais na limpeza das vias urbanas. Sobre o Renascer, a convidada explica que o projeto atende bebês até jovens de 17 anos e oferece no turno inverso à escola alimentação e atividades complementares como dança, teatro, capoeira, aula de violino, artes, grafite. “Pra não tá pixando as paredes, eles desenharam” (fala da entrevistada).

Comenta que estes jovens são encaminhados para o primeiro emprego, mas seu esforço está em obter recursos de valores que são deduzidos em imposto de renda para montar uma incubadora. “Eu tenho que qualificar este adolescente para o mercado de trabalho” (fala da convidada), “Tu não vai qualificar um adolescente com projetinho de quatro meses” (fala da convidada), “Hoje tem o primeiro emprego, mas aí pedem um currículo. Como vai ter um currículo se é o primeiro emprego” (fala da convidada).

Então ela relata as dificuldades de formação, qualificação, pois muitos largam o estudo em função do trabalho. Sobre como montar uma ONG, Roseli explica que quando teve a ideia do projeto ela não era alfabetizada e precisou de uma pessoa que colocasse no papel um estatuto e o funcionamento. Ela completa que foi fazer um curso para se informar melhor e atualmente os Parceiros Voluntários, também ONG direciona pessoas capacitadas para criar uma missão, visão e valores. A convidada conta que não sabia o que era missão e alguém teve que ensiná-la, hoje sua missão é: “Porto Alegre sem crianças nas ruas”.

Foram vários cursos para criar o projeto, ela explica que hoje tem um formulário de estatuto padrão disponível pelo governo federal através do Ministério da Assistência Social. A entrevistada salienta que é importante saber a demanda da comunidade. Para finalizar a entrevistada é questionada sobre como foi a luta para conseguir uma sede para o projeto inaugurada em 2008. Como resposta Roseli conta que a qualidade de espaço melhorou muito, embora ainda haja que concluir o refeitório e obter um mantenedor para manter o lugar.

“O espaço que a gente construiu para atender 600 crianças é maravilhoso e isso enche meus olhos de alegria, isso pra mim foi de alta grandeza.” (fala da entrevistada). Roseli encerra convidando os telespectadores para visitar o projeto e oferece os contatos, telefone e o endereço situado no bairro Restinga (periferia de Porto Alegre). Durante a conversa a condutora da entrevista Marisa Schneider reafirma o orgulho de receber a convidada e reconhece o valor da sua luta.

Diferente de outras edições a entrevista não finaliza o programa, mas funciona como um fechamento do tema para então apresentar o esporte como superação. O texto da reportagem informa que a vela paraolímpica é uma realidade em Porto Alegre. O Rio Grande do Sul é um dos cinco polos de atividade no país. Anderson Paixão é instrutor técnico de vela e trabalha a cinco anos com a adaptação do esporte e diz ser gratificante ver a satisfação das pessoas e salienta que todos, independente do tipo de deficiência, deveriam experimentar.

A equipe adaptada do Iate Clube Guaíba é uma das mais antigas do Brasil. Quanto às adaptações o instrutor explica que são adotadas uma série de técnicas para permitir a segurança, a principal delas é não virar. Diferente das velas tradicionais que viram e precisam

do contrapeso do atleta, a vela adaptada não possui este risco. Há até 180 Kg de chumbo prezo ao casco para garantir a estabilidade.

A reportagem é gravada no próprio Clube de Iate onde são captadas imagens dos barcos à vela e dos entrevistados. Em alguns momentos a repórter Mariana Bello, também produtora do programa aparece nas imagens. Em entrevista, Alexsandro Bittencourt conta que está na cadeira de rodas há vinte anos e o importante é buscar a inclusão social e, neste sentido, o esporte motiva a superação. Ele compete há dois anos e já foi vice-campeão na modalidade.

Roni Silva tem deficiência nos braços, assim desenvolveu uma técnica para velejar. Conta que colocou umas cordas no leme e as prende nos pés e relata na entrevista toda sua motivação em estudar, aprender e não depender dos outros. Rafael Correia é cadeirante e campeão brasileiro, em 2013, na categoria vela adaptada. Para ele suas conquistas motivam os outros atletas. Na finalização do texto de reportagem o texto em *off*, coberto por imagens do esporte, informa que o grupo trabalha para quem sabe competir nas próximas paraolimpíadas. O VT de encerramento mistura imagens do projeto de leitura e dos barcos a vela.

Tabela 24 – Síntese do programa Faça a diferença C

Programa: Faça a Diferença C		
Ator midiático Convidado: Roseli da Silva e Anderson Paixão.	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<p>Presidente da ONG Renascer da Esperança, a entrevistada é militante do bem estar da criança e do adolescente. Alfabetizada quando adulta, foi vítima de violência doméstica e atuou na limpeza de ruas. Atividade que exerce há vinte e sete anos como funcionária pública do município.</p> <p>Anderson Paixão é instrutor técnico dos barcos a vela adaptados e sua fala guia a reportagem ao fornecer informações importantes sobre a prática e o retorno positivo de realizar a modalidade.</p>	<p>O programa foca na leitura como uma atividade de desenvolvimento social e as ONGs como mediadoras destas ações. A entrevista coloca informações sobre a estrutura das ONGs e também a trajetória pessoal da entrevistada, que mistura-se com os objetivos das ONGs. A importância do esporte através dos veleiros adaptados que permitem que pessoas com qualquer tipo de deficiência possam praticar um esporte e atingir a superação.</p>	<p>O contexto enunciativo dá conta de ações sociais que buscam promover o desenvolvimento individual e coletivo com o fim de minimizar problemas sociais.</p> <p>O esporte como superação e inclusão social.</p>

O programa **Faça a Diferença D** explora o movimento *Hip Hop*. No texto de abertura exposto pela apresentadora ela explica que é um ritmo jamaicano que logo se espalhou para comunidades latinas e afro-americanas. Nos subúrbios o *Hip Hop* foi uma maneira de realizar disputas em que não houvesse violência, já que estas pessoas já compartilhavam espaços com muitos problemas sociais (informações no texto de apresentação da reportagem). A apresentadora continua explicando que o rap, um ritmo próximo ao *hip hop*, é constituído de quatro pilares essenciais: o *dj*, o *rap*, a dança de rua e o grafite e funciona como um discurso ritmado que utiliza da poesia podendo ser interpretado a capela ou acompanhado de fundo musical chamado de *beatbox* (no inglês é caixa de batida – faz referência aos sons feito com a boca que buscam imitar a bateria).

Os cantores são conhecidos como *rappers* ou *Mc*, e as letras incluem crítica política e o cotidiano das periferias. Na reportagem realizada na creche Balão Mágico na zona leste da capital o *Rapper* Adriano Gangster é o idealizador de uma oficina do *rap* para crianças da

instituição. A oficina é um instrumento de transformação que através da letra busca mostrar o que é bom e ruim, diz o músico. Na oficina são explorados aspectos como a história do ritmo, e os seus representantes. A coordenadora da creche, Maria Elaine da Silva, avalia como positiva a iniciativa uma vez que o estilo faz parte do cotidiano das crianças, são recursos educacionais para manter e trazer as crianças para um ambiente educativo. O músico canta a música de trabalho para o repórter enquanto aparecem imagens.

A segunda reportagem inclui o evento Arena RS de *Breakdance* que ocorreu em Porto Alegre. A repórter explica que o estilo é característico do *Hip Hop* e o evento ofereceu uma série de oficinas destinadas ao *B. boys* e as *B. girls* (nomes dados aos dançarinos da modalidade). Aparece no VT imagens das oficinas, e o texto em *off* conta um pouco do estilo musical que nasceu na periferia americana. As disputas de dança possuem categorias individuais e coletivas. Os entrevistados que participam das oficinas contam que o treinamento chega a quatro ou cinco horas por dia e envolve alongamentos.

Tabela 25 – Síntese do programa Faça a diferença D

Programa: Faça a Diferença D		
Ator midiático Convidado: <i>Rapper</i> Adriano Gangster	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<i>Rapper</i> já compôs mais de trinta músicas, possui uma loja de roupas de estilo <i>Hip Hop</i> e é morador do bairro Lomba do Pinheiro, periferia zona leste da Capital.	Nesta edição o Faça a diferença aborda a cultura <i>Hip Hop</i> , seus termos, seus representantes e sua história. Inclui um evento realizado em Porto Alegre sobre este ritmo.	O contexto sugere um ritmo musical, com uma história, uma cultura e uma expressão peculiar e difundida.

As edições do programa **Faça a Diferença** não decepcionaram, cumpriram com uma produção de conteúdo comprometida com a diversidade e uma diferença que promova o conhecimento e a superação, que ocupe um lugar comum e de direito de todos. É regulamentado pelo mesmo regimento dos demais programas e nesta mesma regulamentação encontra liberdade e inovação para produzir significados que não são facilmente encontrados no social.



Na sua produção há uma iniciativa de promover novos textos e contexto para as práticas vividas que estão enraizadas no cotidiano e no social. E mesmo que as representações identitárias estereotipadas ou reduzidas à diferença circulem, a produção não oferece estas condições de leitura para o telespectador. O que o programa oferece é a possibilidade de reconhecermos o outro, não como diferente, mas como igual. Mesmo tendo a diferença no nome a atração cumpre com a produção de sentido que acredita, não faz da diferença a exclusão. Faz a promoção da aceitação e inclui no seu texto e nos seus contextos enunciativos sujeitos que representam esta aceitação das mais diferentes formas. Entre eles aqueles que não possuem estudo, os que tiveram menos oportunidades, os que moram nas periferias, os que estudam nas periferias, os especialistas técnicos que podem orientar estas pessoas na mídia e que atuam nos espaços de diversidade. Dicas e exemplos que não são apresentados para promover a exclusão são representações identitárias que indicam a igualdade e a importância de pensarmos as ações na sua totalidade e não como uma política renegada a cor, religião, cultura ou situação financeira dos sujeitos. Neste caso o diverso não é o exótico, o diverso é cotidiano é o natural. E os contratempos da vida não são explorados e revistos, ao contrário são superados. As representações identitárias que possuem lugar nesta atração sustentam a igualdade.

O programa **Cultura em Pauta A** possui na sua abertura imagens de quadros, pinturas, fotografias de diversos períodos culturais. No **Cultura em Pauta A** aborda como tema a pintura sacra no Rio Grande do Sul, que passa por dois nomes: Emilio Sessa e Aldo Locatelli. Segundo o texto em *off* juntos vieram da Itália em 1948 e pintaram diversas igrejas gaúchas. Sessa adotou o estilo bizantino e Locatelli o barroco, mas a pintura de um complementava a do outro. Em geral Sessa não assinava suas obras o que lhe garantiu uma fama menor do que a de Locatelli.

Conta-se na reportagem um pouco da trajetória destes pintores, como uma “reescrita da história artística do estado” (fala utilizada no texto da reportagem). Aparece a imagem externa da Igreja Santa Teresinha do Menino Deus, em Porto Alegre. Então a repórter Márcia Schmidt faz uma passagem no altar da igreja. Na passagem explica que é de Sessa a pintura do altar e a do teto da Igreja. São mostradas imagens de cada uma das pinturas. O historiador Arnoldo Doberstein, é coordenador do instituto Cultural Emilio Sessa e explica o significado das pinturas. Em que as árvores representam a vida eterna e as ovelhas os cristãos que se dirigem para receber o corpo de Cristo, como no ato da eucaristia.

Nos quatro cantos da cúpula da Igreja Aldo Locatelli pintou os quatro evangelistas e nas paredes laterais o pintor representou episódios da vida de Santa Teresinha, como a

primeira comunhão, a companhia do pai e a vida religiosa. No teto estão imagens de cordeiros de Deus que significam o mistério da eucaristia, pintados por Sessa. Junto com o historiador a repórter grava agora na igreja Sagrada Família, também em Porto Alegre. E explica que nem sempre os dois pintores trabalharam juntos. Esta Igreja, por exemplo, foi decorada apenas por Emílio Sessa, na passagem a repórter diz que entre 1956 e 1957 o pintor trabalhou sozinho nas obras do local, que apresenta um estilo neogótico. O teto possui seis pares de anjos e um conjunto de medalhões que significam os sete sacramentos.

O historiador lembra que nesta igreja também estão pintados os mistérios da santíssima trindade e da eucaristia “A transformação do corpo de Cristo no alimento espiritual da humanidade, no trigo e no vinho” (fala do historiador). Nesta igreja as imagens dos anjos não aparecem voando, mas estão em cima de nuvens, o historiador explica que isto se deve ao fato de significarem a assinatura do artista.

Na capela Nossa Senhora dos Passos, localizada no hospital Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre é possível encontrar os trabalhos de Emilio Sessa produzidos no ano de 1962. Entre as obras estão a representação da santíssima trindade e do cordeiro de Deus, todas elaboradas em cores neutras que dão uma sensação de suavidade as imagens que por vezes são pintadas em relevo.

Na catedral São Francisco de Paula, no município de Pelotas que se localiza ao sul do Estado, é possível contemplar o primeiro trabalho realizado pelos dois pintores no país. Medalhões, apóstolos, eucaristia, rebanho com as velhas, instrumentos musicais e as pombas bebendo água na fonte da vida são algumas das representações, Já na cidade de Santo Ângelo, região das missões – fronteira oeste), o colégio Tereza Verzeri guarda o trabalho de Emilio Sessa em sua capela e as pinturas e seus significados são descritos no texto em *off* produzido pela repórter.

A catedral Nossa Senhora da Conceição em Santa Maria, foi ornamentada pelos dois pintores em 1954. Sessa foi quem fez a decoração e Locatelli pintou os painéis. No teto tem quatro painéis pintados por Locatelli representando o mistério da enunciação. Em Caxias do Sul (região da serra gaúcha), a Igreja São Peregrino também foi pintada pelos dois artistas em 1957. Aparecem os quatro evangelistas e os sete anjos que significam as sete obras de misericórdia. No teto no painel central está a cena do juízo final de Locatelli cercado por ornamentos criados por Sessa.

Na cidade de Novo Hamburgo (região metropolitana de colonização alemã) a catedral São Luiz Gonzaga abriga um dos últimos trabalhos de Emílio Sessa no Brasil. Em 1964 foram pintados quatorze painéis sobre a paixão de Cristo elaborando painéis da via sacra. Franco

Sessa é arquiteto, filho de pintor e proprietário da obra a óleo que significa a crucificação de Cristo e inspirou a criação de seus painéis. Em 1965 Sessa voltou para a Itália e pintou até 1990 quando faleceu. A reportagem encerra com imagens de pinturas a óleo que são da coleção pessoal do filho do pintor e encontra-se na sua residência.

Tabela 26 – Síntese do programa Cultura em Pauta A

Programa: Cultura em Pauta A		
Ator midiático Aldo Locatelli e Emílio Sessa	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
<p>Aldo Locatelli veio ao Brasil a convite do atual bispo da Cidade de Pelotas para ornamentar a Catedral. Depois de concluído o trabalho fundou a Escola de Belas Artes na mesma cidade e lá desenvolveu a técnica do nu artístico. Em virtude da demanda de trabalho o artista traz sua esposa para o país onde permanece até sua morte aos 47 anos em 1962<sup>44</sup>.</p> <p>Emilio Sessa chegou com Locatelli, também a convite do bispo, para pintar a catedral de Pelotas, porém Sessa voltou para a Itália.<sup>45</sup></p>	<p>No programa aparecem as obras destes dois artistas, que estão espalhadas por diversas igrejas no interior e na capital. Os pintores eram imigrantes italianos e chegaram ao Brasil em 1948.</p> <p>Nesta edição o trabalho de Emilio Sessa é mais explorado do que o do pintor Aldo Locatelli.</p>	<p>As pinturas sacras destes dois artistas.</p>

O **Cultura em Pauta B** apresentou os chafarizes construídos no século XIX. A abertura do programa é feita em estúdio pela apresentadora e produtora Márcia Schmidt. O VT inicia com imagens da cidade de Porto Alegre no início do século XIX. Bondes, carroças, calçamento de pedras e comércio à beira da rua aparecem nos registros fotográficos. Também imagens das atividades no porto. Neste século citado os chafarizes ornamentavam as praças

<sup>44</sup> Informações disponíveis em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22248/Aldo-Locatelli>. Acesso em 20 de setembro de 2014.

<sup>45</sup> Informações disponíveis em: [http://www.emiliosessa.com.br/ci/arquivos/mostra\\_artigo/27](http://www.emiliosessa.com.br/ci/arquivos/mostra_artigo/27). Acesso em 20 de setembro de 2014.

da cidade, chegavam ao número de oito grandes peças e muitas importadas pela companhia hidráulica porto-alegrense com o objetivo de distribuir melhor a água.

A hidráulica funcionava no terreno onde hoje funciona a Assembleia Legislativa, a água era captada do Arroio dilúvio e distribuída aos chafarizes. Um deles em mármore carrara, foi importado da Itália e hoje ocupa a Praça Dom Sebastião no centro da Capital. No lugar atual estão remanescentes do que um dia foi o único chafariz na Praça da Matriz que incluía a representação de quatro rios gaúchos, porém partes da obra foram furtadas. No lugar dele na Praça Matriz foi colocado o monumento Júlio de Castilhos. O ano de 1950 foi um período de alta produção de ferro fundido na França, o Brasil e outros países da América Latina passaram a importar peças da Europa. No total, sete peças foram importadas da França e seis delas desapareceram, restando apenas o chafariz Imperial que se encontra no Parque Farroupilha (área central da cidade). Na parte superior do chafariz tem a representação de três meninos, no meio estão duas carrancas que jorram água na base saem de leões. Na cidade de Pelotas há uma obra exatamente igual a este chafariz.

Aparecem, além destas informações imagens de obras que já existiram e ficaram apenas em registros. A repórter conta um pouco da história destas obras e o local que ocupavam. O chafariz do menino com a concha é uma das poucas obras em ferro fundido que foram conservadas e está no Parque Farroupilha. Diferente de outras obras, este não foi importado pela companhia hidráulica. O historiador José Francisco Alves explica que primeiro o monumento ocupou a Praça XV e depois foi removido para o atual lugar que foi o primeiro espaço preparado para o uso público de Porto Alegre.

Estátuas candelabros também foram importadas para decorar prédios públicos, as obras podem ser encontradas na Biblioteca Pública do Estado e no Palácio Piratini, sede do governo do Estado. A repórter indaga o historiador sobre o processo para obter estas estátuas, na resposta o estudioso relata que o sistema industrial destas obras era complexo, utilizavam-se modelos. Primeiro modelava-se em barro, depois se utilizava o gesso, depois a cerâmica e finalmente o ferro fundido. De um molde era possível reproduzir centenas de obras com o processo industrial o que diminuía o preço das peças.

O historiador completa que este fator custo possibilitou a importação das peças por países da América Latina. Outra fonte encontra-se no jardim interno da Biblioteca Pública do Estado em uma sala de leitura que na época estava reservada a homens. A bibliotecária, Morgana Marcon explica que os homens fumavam charutos e por isso tinha o jardim. A fonte do lugar é tombada pelo patrimônio artístico do Estado. A fonte da Samaritana também está preservada na Praça da Alfândega.

O historiador José Francisco Alves conta que a obra, feita por um artista alemão radicado no Rio Grande do Sul, originalmente localizava-se em frente à prefeitura municipal, porém saiu do lugar, depois de dez anos, onde foi colocado um monumento em homenagem ao centenário da Revolução Farroupilha, presente da comunidade espanhola.

A fonte da Samaritana, hoje está no palácio do governo e na praça foi colocada uma réplica. No jardim do Solar, anexo do prédio da Assembleia há uma fonte na área externa e outra na área interna, espaço onde era a senzala da residência. Esta segunda é a representação de um preto velho que era cultuada pelos escravos, explica Luiz Carlos Barboza que é diretor do Departamento Cultural da Assembleia Legislativa. A obra tinha a função de fornecer água para os animais (uma vez que junto à senzala ficavam os animais usados no transporte) e também abastecer a parte inferior da casa.

Pensa-se que desde a construção da casa a fonte esteja no local, embora não haja registros oficiais sobre estas obras do Solar. A imagem que está no jardim interno do Solar é uma réplica da original, produzida durante a restauração do prédio feita em 1988 realizada pelo Legislativo.

Tabela 27 – Síntese do programa Cultura em Pauta B

Programa: Cultura em Pauta B		
Chafarizes do século XIX	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
	Nesta edição o Cultura em Pauta divulgou a riqueza histórica e artística que perpassam por estas obras que vieram da Europa e estão disponíveis em espaços públicos como patrimônio cultural.	O contexto enunciativo é marcado pelo desenvolvimento ocorrido no século XIX que permitiam a produção de obras em grande escala e assim barateava os custos. Além da capital, a produção apresenta obras em outras regiões do Estado, através da parceria com as TVs Municipais públicas.

O programa **Cultura em Pauta C** utiliza como tema o natal. A produção exibida em dezembro do ano passado explora as tradições, história e toda a simbologia que está presente

na comemoração e decoração natalina. A produtora, apresentadora e editora Márcia Schmidt constrói um texto *off* coberto por imagens natalinas, a maioria encontradas no espaço cultural Santander, dando a entender que se trata de uma exposição.

A reportagem inicia contando sobre a tradição de comemorar o nascimento de Jesus, ritual datado do ano de 350 D.C por determinação do Papa Júlio I. Uma maneira de a religião católica enfraquecer outras festividades da época. Entre elas o culto aos deuses romanos. Os demais símbolos natalinos foram incorporados no decorrer do tempo. Em 1.223 surgiu na Itália o primeiro presépio, quando São Francisco de Assis encenou o nascimento de Jesus em uma gruta com animais e pastores da região de Assis.

As visitas dos três reis magos deram origem ao hábito de presentear nesta data. Já a figura do Papai Noel e suas vestes é associada a São Nicolau, um bispo nascido na Turquia no ano de 280 D. C. Reconhecido pela generosidade o bispo deixou três sacos de moedas na chaminé de três irmãs que não conseguiam casar por não possuírem dotes. Tradição que hoje é representada por meias na lareira.

Em 1931, através de um cartunista alemão o Papai Noel surge com a roupa branca e vermelha, que os anúncios publicitários fortaleceram como a imagem ideal. Na única passagem que há na reportagem, a repórter aparece em frente a uma casa (como uma casa de boneca) que retrata os cômodos da casa do Papai Noel. Nesta representação o bom velhinho aparece reunido com a família e netos para a ceia. Na exposição ainda estão as renas e os duendes que ajudam a distribuir os presentes.

A decoração das árvores era comum e significava a fertilidade da natureza, já os enfeites que conhecemos como guirlandas utilizavam o verde, simbolizando a esperança e a fé e o vermelho o amor de Cristo e sua forma redonda a aliança de Deus com os homens. Na guirlanda original havia quatro velas que eram acesas em quatro domingos que antecedem o Natal.

Os presentes na árvore tiveram origem na Inglaterra com a Rainha Elisabeth I, que ao promover festas não conseguia receber pessoalmente todos os presentes e ordenou que eles fossem colocados em uma árvore no jardim. O Calendário do Advento foi construído no século XIX por protestantes alemães. Nele marcavam-se os dias do início de dezembro até a véspera de natal, na época eram marcados os dias com giz nas portas das casas. Hoje o calendário é feito com 23 janelinhas com a imagem de presentes para que as crianças possam abrir e encontrar figurinhas diferentes. Os cartões de Natal, tradição há quase 200 anos também teve origem na Inglaterra no ano de 1843.

Tabela 28 – Síntese do programa Cultura em Pauta C

Programa: Cultura em Pauta A		
O simbolismo do Natal	Texto televisivo (O que falam?)	Contexto Enunciativo (Como Falam?)
	Nesta edição são explorados os símbolos e a história do Natal que mistura elementos do cristianismo e símbolos não religiosos. Isto de uma forma lúdica, nas imagens e na música que aparece no programa.	O contexto dá conta do período em que foi produzido e da maior festa do mês de dezembro. Utilizando uma exposição na Capital para construir a narrativa da reportagem.

Diante destas edições do programa **Cultura em Pauta** podemos afirmar que suas temáticas estão reduzidas a uma cultura legitimada e consumida por uma elite intelectual. O que este programa produz reafirma produções midiáticas comum em que o popular não possui espaço e força de manifestação. Nos três temas há uma apelação ao consumo de uma cultura europeia sobreposta a outros fatos históricos e outras culturas que perpassaram a construção destas obras e rituais como o natal. A valorização da arte é dada como algo pronto, de valor e sofisticado, o texto jornalístico retoma períodos e fatos históricos com as versões de uma literatura baseada em repetições que ainda hoje é reafirmada nas escolas e na mídia.

Não há qualquer manifestação de aproximar estes conteúdos aos exemplos ou contextos populares. A própria vinheta de abertura sugere o quanto o programa tem, erroneamente, a proposta de ser culto. Sua proposta é explorar a riqueza das grandes obras, dos grandes artistas e dos locais sagrados ou importantes que abrigam este material. Exclui-se a multiplicidade das representações culturais que não venham desta vertente que privilegia o catolicismo e as heranças europeias reconhecidas como o berço da civilização. Por ter este formato que alimenta a cultura erudita a repórter e produtora não apresenta sinais de leveza e constrói um texto engessado assim como o conteúdo que produz. O que é produzido para este programa é o conteúdo que há muito tempo é vendido como a cultura legítima e por ainda

estar à venda alimenta os sujeitos e suas práticas de consumo. Se estas percepções ainda habitam os sujeitos e suas práticas certamente ganham forma no texto midiático televisivo não oferecendo releituras e percepções que são reais, inclusivas e culturais. Representações restritas ao valor histórico e direcionada para as identidades que revelam.

Este programa é resultado de condições de leitura que a produção faz daquilo que se propõem a mostrar, uma leitura limitada pelas práticas vividas, residuais e atuais. O modo de construir o texto enunciativo não está restrito devido a uma regulação, ao contrário na regulação encontra-se a sustentação para que possa ser explorada a diversidade cultural regional. Neste caso o que está sendo negado corresponde muito mais a uma questão produtiva, viciada no olhar comum sobre a cultura do que as deficiências técnicas ou estruturais que a emissora pública possa ter.

Embora estas edições não possuam a pretensão de esgotar as representações que esta TV utiliza para se fazer ver e entender, elas oferecem e apresentam, através do esquema de leitura do texto televisivo, uma descrição e um panorama das produções da TV Assembleia RS. Considerada a regulação que estabelece o funcionamento deste canal e salvas as interferências submetidas pela institucionalidade, percebemos que a TV possui condições de produzir e divulgar um texto televisivo mais democrático, igualitário em que as representações identitárias diversas encontrem um espaço midiático natural e não aquele espaço que já existe nos conglomerados de comunicação em que atuam representações identitárias legitimadas e privilegiadas.

A diversidade de representações identitárias encontra-se nas mais variadas práticas vividas e compartilhadas, está no cotidiano, no social, na história e nos sujeitos. E quando não encontra espaço na mídia televisiva é porque estas representações identitárias continuam refém de uma interpretação e de uma leitura viciada em que os produtores não enxergam as práticas sociais que excluem. As diferentes representações estão nos sujeitos, estão nas suas práticas e são garantidas por uma regulação pública que prevê a igualdade. Diante deste cenário, percebemos que a carência emerge da instância midiática do circuito e seus modos de fazer.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos das representações midiáticas que buscamos analisar através das representações identitárias das quais a televisão legislativa se apropria queremos verificar de que modo e através de quem a identidade gaúcha é representada, ainda, o que isto significa.

O programa **Mateadas**, que se define como promotor da cultura gaúcha surpreendeu por possuir uma estrutura fechada, que acaba por promover a identidade gaúcha vinculada ao movimento tradicionalista. Na gravação que acompanhamos, em muitos momentos, a apresentadora e o convidado citam o MTG e a importância de pertencer a este “ambiente” de tradições. Na fala da apresentadora também podemos perceber a valorização de uma tradição gaúcha que perpassa o machismo e reforça o preconceito de que o lugar da mulher limita-se a estar ao lado da figura masculina. O contexto enunciativo produzido pela apresentadora e por seus convidados, por vezes, declara o favorecimento de certas representações identitárias e o favoritismo originário das relações pessoais que existem entre aqueles que ocupam cargos políticos e os demais colaboradores do legislativo.

As representações identitárias encontradas no programa **Mateadas** não foram para além daquelas defendidas pelos tradicionalistas mais fervorosos, ou seja, a de um povo corajoso, bravo, trabalhador, representado pelo sexo masculino, em que o lugar destinado à mulher refere-se ao recato e ao papel de coadjuvante. Um contexto enunciativo alinhado às representações identitárias cristalizadas no residual, que faz alusão direta aos senhores brancos, grandes proprietários de terras e sua cultura vivida num tempo histórico de formação cultural territorial, político e cultural do Estado gaúcho. Uma construção enunciativa muito próxima daquelas divulgadas pela mídia hegemônica detentora dos canais abertos de comunicação.

O **Confraria Castro Alves**, apresentou nas edições analisadas um contexto étnico e racial, conforme sua autodefinição, porém até o momento este tema também está restrito ao negro. Não foi possível visualizar o debate étnico e inclusivo que contemple outras identidades, ou seja, o desafio foi perceber se esta postura está limitada ao próprio nome do programa ou reflete o posicionamento do apresentador. Na sua definição no site aparece a luta contra o preconceito e a bandeira da inclusão de forma geral, supostamente, para além da identidade negra. Então será que estaria dando conta de uma parte daquilo que propõe ou sua definição não é fidedigna ao que se produz? Como resposta, podemos dizer que quanto à sua

definição, ela está carente de contextos enunciativos que contemple outras representações identitárias. Mesmo assim, ao revisarmos a história podemos encontrar representações marcadas pelo preconceito, exclusão ou exploração, representações que são revistas no programa. O apresentador possui uma visão social e política sobre as práticas inclusivas, postura que foi manifestada na entrevista, mas que no programa limita-se a construir um contexto enunciativo de dualidade, explorando o lado militante destas causas, mas não impõe seu conhecimento político e nem inclui outras representações no texto. Acaba por reproduzir a postura do **Mateadas**, que na tentativa de reafirmar uma representação identitária que não possui espaço, que perde força na mídia hegemônica, que possui um forte apelo histórico acaba privilegiando uma única identidade e excluindo as demais.

Diante das edições analisadas o aspecto inclusivo é reducionista e enaltece somente a representação do negro, percebemos uma tendência do apresentador em produzir um texto televisivo que pode ser interpretado como restritivo a esta representação identitária. Ele se coloca como parte da comunidade negra com uma abordagem que se aproxima da diferença com o outro (o não-negro) e não da inclusão, o que não aparece no posicionamento que o apresentador explicitou durante a entrevista. Na entrevista ele discorre sobre uma postura social e política diante de práticas que visam à inclusão sem salientar diferenças relacionadas ao preconceito pela cor ou pela cultura, mas no programa o texto enunciativo do apresentador se distancia. Do mesmo modo, reconhecemos nesta atração o valor cultural quando estabelece um espaço para o debate sobre o preconceito e a história dos negros.

O apresentador e os modos de falar induzem a pensarmos nele como limitado a uma etnia. Porém na entrevista o apresentador explica que a proposta do programa, mesmo que esteja contemplando a etnia negra, não possui o objetivo de excluir. O objetivo é mostrar ao telespectador que os desafios sociais impostos pelo preconceito são reais, que as complexidades em torno da cor oferecem obstáculos amarrados às questões culturais nas quais não reconhecemos as pessoas por aquilo que efetivamente são, mas de acordo com o que representam. Percebemos que a definição divulgada no site e o texto televisivo construído afastam-se da proposta do programa sustentada na fala do apresentador.

Quando os convidados foram historiadores, em uma edição que faz parte desta análise e outra que embora não possua o registro acompanhamos via internet, a postura que privilegia uma raça ou etnia não aparece de forma tão evidente na fala dos entrevistados. Este perfil de convidado possui uma fala, que contextualiza a escravidão e os aspectos da colonização, problematiza os danos culturais. Embora não privilegie o negro na sua situação de igualdade,

tenta incluí-lo no contexto social e histórico, reforçando a força da opressão a que foi submetido.

No **Faça a Diferença** percebemos na fala daqueles que integram a produção uma grande preocupação com a proposta e definição da atração. Muito mais do que dar conta da questão estética a produção está focada no conteúdo. Nas edições que acompanhamos na internet apareceram matérias televisivas de dois funcionários da TV, portadores de deficiência e que até o momento da observação participante não sabíamos que se tratava daqueles que ocupam as vagas destinadas por lei ao estágio de pessoas com necessidades especiais. Uma hipótese que pode justificar o esforço em construir um conteúdo alinhado à proposta é o fato de a produção estar sob o comando da funcionária Michele Limeira, formada em jornalismo e coordenadora da TV há dois anos. Sua experiência na condução da tevê, pode refletir em uma produção mais ajustada aquilo que se propõe, já que os outros profissionais são técnicos e ficam por pouco tempo no canal.

Encontramos no programa **Faça a Diferença** uma preocupação com a informação, com a realidade, com a inclusão que sobrepõe toda a ordem estética da mídia aberta. Uma produção que diversifica quadros, personagens, imagens e cenários. Além de promover a inclusão que defende e diz representar na sua produção, isto sem apelar ao desconhecimento social e político que acabam por afetar a população como um todo. Ao contrário, oferece meios, exemplos, alternativas para que as pessoas não aceitem as limitações. O programa **Faça a Diferença** possui uma representação da força de vontade, da determinação e não da diferença que menospreza ou exclui certa identidade.

Os programas **Cena Musical** e **Sarau no Solar** não recorrem a representações identitárias privilegiadas ou a favorecimentos para cumprir com sua produção de conteúdos. Neles os artistas gaúchos possuem um lugar que geralmente não encontram na mídia hegemônica.

Os convidados passam por uma seleção que inclui outras referências que não apenas as da produção ou do apresentador do programa, como no caso do Sarau, que é produzido também pela Divisão de Promoções Culturais da Assembleia Legislativa. A seleção de músicos é baseada no reconhecimento de artistas gaúchos em um cenário musical diversificado e que transita por outros lugares. São referências externas, baseadas em premiações, reconhecimento e no público, que norteiam e garantem a variedade do que é apresentado. Nas edições analisadas fica evidente esta diversidade.

O fato do condutor do programa ser um produtor cultural afina um formato que prioriza a pluralidade musical que passa pela música de todos os habitantes, que remete aos

colonizadores, aos povoadores. Nestes dois programas é reconhecida a mestiçagem rítmica do país e do Estado. O âncora salienta, sempre que possível, as diversas representações como o samba, o tango, os instrumentos indígenas, a influência da música clássica europeia, entre outros. Representações musicais e culturais que antes passam pelas representações identitárias de diversas etnias que compõem o RS. A produção de conteúdo aparece alinhada à proposta do programa divulgada pela televisão no seu endereço eletrônico.

O programa **Autores e Livros** promove a literatura gaúcha de ficção, apresenta os autores e suas motivações criativas. No encontro com estes artistas salientam-se as referências e as representações que foram importantes na construção de suas obras. Há no contexto enunciativo liberdade para o convidado expor sobre as temáticas que sustentam suas obras e sobre as representações identitárias dos personagens. Embora ficção, a literatura e as demais artes carreguem identidades e práticas inspiradas na vida vivida.

Notamos que no programa **Cultura em Pauta** há uma legitimação da cultura no sentido do erudito, baseado no valor de mercado e na importância histórica. As edições disponibilizadas apresentam temas como a cultura do Natal e sua origem europeia, falando de comemorações cristãs ou mostrando os chafarizes importados também do continente europeu, produzidos no período da Revolução Industrial, além de grandes artistas europeus que no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, foram responsáveis por ornamentar templos católicos com suas obras sacras.

Não só as temáticas, mas a própria vinheta de abertura sugere que a cultura que está em pauta não possui origem na classe popular e nem estaria acessível ao consumo destas pessoas. Na construção do texto jornalístico, as representações estão restritas ao requinte e à elegância. Não há abertura em nenhuma das edições para o registro de representações populares. O que as temáticas valorizam está na cultura legitimada. Em todos os programas e na abertura há referências ao catolicismo, seus santos, suas práticas. Os anjos, as divindades gregas e as romanas dividem espaço nestas temáticas, privilegiando representações identitárias consolidadas como a “apreciação do belo e do bom gosto”, em detrimento do popular, do periférico.

Não há referências às diferentes culturas populares, a ênfase recai sobre o requinte e a grandiosidade das obras, muitos delas feitas para reis, rainhas, presidentes, grandes políticos e demais pessoas que tivessem poder. Na pauta não aparecem indícios da cultura negra ou latina ou indígena. Enfim, quando se pensa em pluralidade, em um espaço público, em uma produção que não obedece à lógica mercantil de consumo, ainda assim se faz o óbvio, o que já

está dado, aquilo que está consolidado nas práticas e nas outras mídias. Pouco se acrescenta, diante da possibilidade e das condições de fazer diferente.

Diante da problemática inicial que buscava responder: “Como e quais representações estão contempladas na grade de programação da TV Assembleia?” Propomos as seguintes inferências. Podemos dizer que não contempla todas as representações, que repete comportamentos e imagens de uma mídia hegemônica, quando não vê a possibilidade de trabalhar sentidos das identidades e das culturas vividas na sua multiplicidade.

Na produção da TV Assembleia, embora consolidada desde 2001, foram detectados desafios contundentes e importantes para que possa se desenvolver uma TV mais dinâmica, mais inclusiva nas suas representações. Acaba por concentrar seus esforços em uma parte da programação quando na realidade dispõe de pessoas empenhadas em propor algo diferente, algo que mostre o que está no nosso cotidiano, salvo as limitações profissionais e técnicas descritas no estudo. Um cotidiano que é também dos deputados, dos funcionários do legislativo, daqueles cidadãos que participam das votações na busca pela visibilidade de suas identidades e por uma representação efetiva.

A análise cultural permitiu identificar de onde emergem determinados sentidos, onde circulam e como ganham força na enunciação televisiva, pois a tevê é produtora de sentidos, utiliza os sujeitos e suas práticas individuais e coletivas para se fazer ver e se fazer entender. Uma vez que se constituem um elemento cultural, a televisão cria e recria elementos que estão no social seja através do cotidiano ou das práticas reguladoras. Práticas que orientam e organizam a estrutura social e se refletem no político.

Podemos dizer que a produção de sentido construída na TV Assembleia/RS possui uma ligação estreita com as práticas vividas, entre elas salienta-se a questão do preconceito racial, da discriminação por ordem da cor, da condição social, das diferenças e do poder econômico. O programa Mateadas, por exemplo, segue a linha editorial das mídias abertas e exalta a definição do gaúcho baseada em um simbolismo construído ao longo da história por aqueles que estiveram no poder.

Com relação à estrutura organizacional do canal, ela é responsável pela sua definição e suas limitações. A TV Assembleia/RS, por ser financiada através de recursos do legislativo (e, portanto recursos de impostos públicos) não deixa de ser pública, não deixa de ser institucional pelo compromisso em divulgar o trabalho, as iniciativas e aqueles que compõem a Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul e não deixa, de certo modo, de cumprir com uma programação prevista na lei que regulamenta os canais públicos de televisão e sua divulgação de conteúdo.

A complexidade, a carência estrutural, as deficiências de produção são originárias de embaralhamentos das definições que utilizamos no parágrafo anterior. Ou seja, há uma construção de uma grade que contempla a questão educativa, cultural, inclusiva e artística como também o compromisso em divulgar as informações que possuem relevância pública no que tange às questões políticas da Casa Legislativa. Porém a efetividade da exibição e da produção desta grade fica subordinada à diretoria da Casa e suas alternâncias de poder. Ainda que as atrações culturais não sejam utilizadas com cunho político, há nelas um jogo de forças que acaba por estagnar a possibilidade de avançar numa produção de conteúdo cada vez mais inclusiva e de qualidade.

O que vimos foi uma preocupação de produção de conteúdo político como carro chefe e podemos dizer exclusivo. Embora, os programas de cunho cultural complementem uma grade definida, na fala de funcionários e gestores são desconsiderados e desvalorizados em detrimento de saciar a qualidade da divulgação das atividades do legislativo.

Na entrevista com o apresentador Waldemar Lima, ele relata a dificuldade de estabilidade na grade. Falou-se de modo muito claro e aberto que o canal é do legislativo e possui a função de divulgar as atividades do parlamento como prioridade, onde os programas culturais completam a grade. A dependência da TV à mesa diretora aparece no organograma da instituição.

A institucionalidade não é vista como algo negativo, ao contrário, faz parte das rotinas produtivas. Observamos a preocupação central em gerenciar o conteúdo político e fazer isto com qualidade, credibilidade e atratividade, aspectos salientados pela gestão do Canal e originários das determinações da Mesa Diretora composta pelo deputado presidente do legislativo.

Consideramos, que para além da produção dos programas políticos, deve aparecer, deve-se dar importância e valor para o que está no coletivo, aquilo capaz de dar conta de nossas origens, de nossas práticas, das incorporações culturais e que vão contribuir para a formação do sujeito politizado, conhecedor, inserido no contexto. Um telespectador que o Canal Legislativo busca contemplar, mas não se preocupa em (in)formar ou representar na sua totalidade, busca atrair mas não solidifica sua audiência nas possibilidades que dispõe.

A programação cultural aparece para fins de preenchimento da grade, a TV Assembleia parece não valorizar além do conteúdo político. O que não significa, de nossa parte, diminuir este conteúdo, sua importância, seu caráter institucional, muito menos equipará-lo ou aproximá-lo das mídias comerciais. A questão central está em fazê-lo, dentro da sua institucionalidade pública algo melhor que promova a coletividade, a diversidade

cultural e étnica. Não estamos falando no sentido estético, priorizado e buscado pela mídia comercial, mas no sentido de produzir representações democráticas e plurais que contemplem as múltiplas culturas e práticas da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ASTRAL, Associação Brasileira de Televisões e Rádios Legislativas –. Disponível em: <http://www.astralbrasil.org/>. Acesso em 8 de maio de 2014.

BARROS, Antônio Teixeira de; BERNARDES, Cristiane Brum. Perspectiva sociocultural da programação da TV pública: análise comparada Argentina – Brasil. In: HAUSSEN, Doris Fagundes (Org.). **Caminhos do campo comunicacional no Brasil e na Argentina**. São Paulo: INTERCOM, 2012, p.175-203.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em <[http://www6.senado.gov.br/con1988/CON1988\\_19.12.2006/CON1988.pdf](http://www6.senado.gov.br/con1988/CON1988_19.12.2006/CON1988.pdf)>.

\_\_\_\_\_. **Decreto-Lei no 236**, de 28 fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei número 4.117 de 27 de agosto de 1962. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/Del0236.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0236.htm)>. Acesso em: 07 de setembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Lei no 11.652**, de sete de abril de 2008. Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta; autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC; altera a Lei no 5.070, de sete de julho de 1966; e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11652.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11652.htm)>. Acesso em 07 de setembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Medida provisória n 398**, de 10 de outubro de 2007. Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta, autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Mpv/398impresao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Mpv/398impresao.htm)>. Acesso em: 08 de setembro de 2013.

CASSETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. **Análisis de la televisión: Instrumentos, métodos e prácticas de investigación**. Barcelona: Paidós, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.73-102.

DU GAY, Paul; **Doing Cultural Studies: The History of the Sony Walkman**. London: SAGE Publications 2003.

\_\_\_\_\_, du Gay P. **Production of culture/cultures of production**, London: Sage in association with Open University (1997).

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografia dos estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010 (2001)



\_\_\_\_\_. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Revista comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 115-135; nov/2007.

FORT, Mônica Cristine. **Televisão educativa: A responsabilidade pública e as preferências do espectador**. São Paulo, SP. Annablume, 2005.

GUTFREIND, Ieda. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul**. Revista do instituto cultural judaico marc chagall v.2 n.1 (jan-jun) 2010. Disponível em: [www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/download/15547/9303](http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/download/15547/9303) . Acesso em 12 de dezembro de 2014.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu S. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&a, 1997.

\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? . In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.103-133.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é afinal, estudos culturais?** 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004. 240 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MACHADO, Arlindo; Véliz, Marta Lúcia. **Questões metodológicas relacionadas com a análise de televisão**. E – Compós, 2007, p.2-15. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/123/124>. Acesso em 05 de maio de 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Televisão Pública, televisão Cultural: entre a renovação e a invenção. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão Pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002, p. 41-79.

\_\_\_\_\_. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Recbord, 2005.

\_\_\_\_\_. Técnicas, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. MORAES, Denis (Org.). In: **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro, Mauad, 2006, p.51-79.

\_\_\_\_\_. “Pistas para entre-ver meios e mediações”, in prefácio à 5ª edição castelhana incluída na reimpressão de *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MATTELART, Armand. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

OTONDO, Teresa Montero. Experiência - TV Cultura: a diferença que importa. In: RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão Pública**: do consumidor ao cidadão. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002, p. 267 - 200.

\_\_\_\_\_. **Televisão pública na América Latina**: para quê e para quem? Tese: universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina. 2008.

RIO GRANDE DO SUL. **Decreto Nº 44.060**, de 11 de outubro de 2005 da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. O texto dispõe sobre o estágio educacional em órgãos e entidades da Administração Estadual. Disponível em: [http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid\\_Tipo=TEXTO&Hid\\_TodasNormas=49021&hTexto=&Hid\\_IDNorma=49021](http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXTO&Hid_TodasNormas=49021&hTexto=&Hid_IDNorma=49021). Acesso em 10 de dezembro de 2014.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, Antonio (org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.131-150.

SANTOS, Miriam de Oliveira; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Especificidades da identidade de descendentes de italianos no sul do Brasil: breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria**. Revista Antropolítica, Niterói, n.27, p.21-42.

STRELOW, Aline. **A Televisão chega ao Rio Grande do Sul**: Breve Histórico da TV Piratini. Intercom, Curitiba-PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3329-1.pdf>. Acessado em 02 de junho de 2014.

TOMPSON, John B. **Ideologia da cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Vozes, 1995.

TORRES, Luiz Henrique. **A colonização açoriana no Rio Grande do Sul**. Biblos, Rio Grande, 16: 177-189, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva vision, 2003.

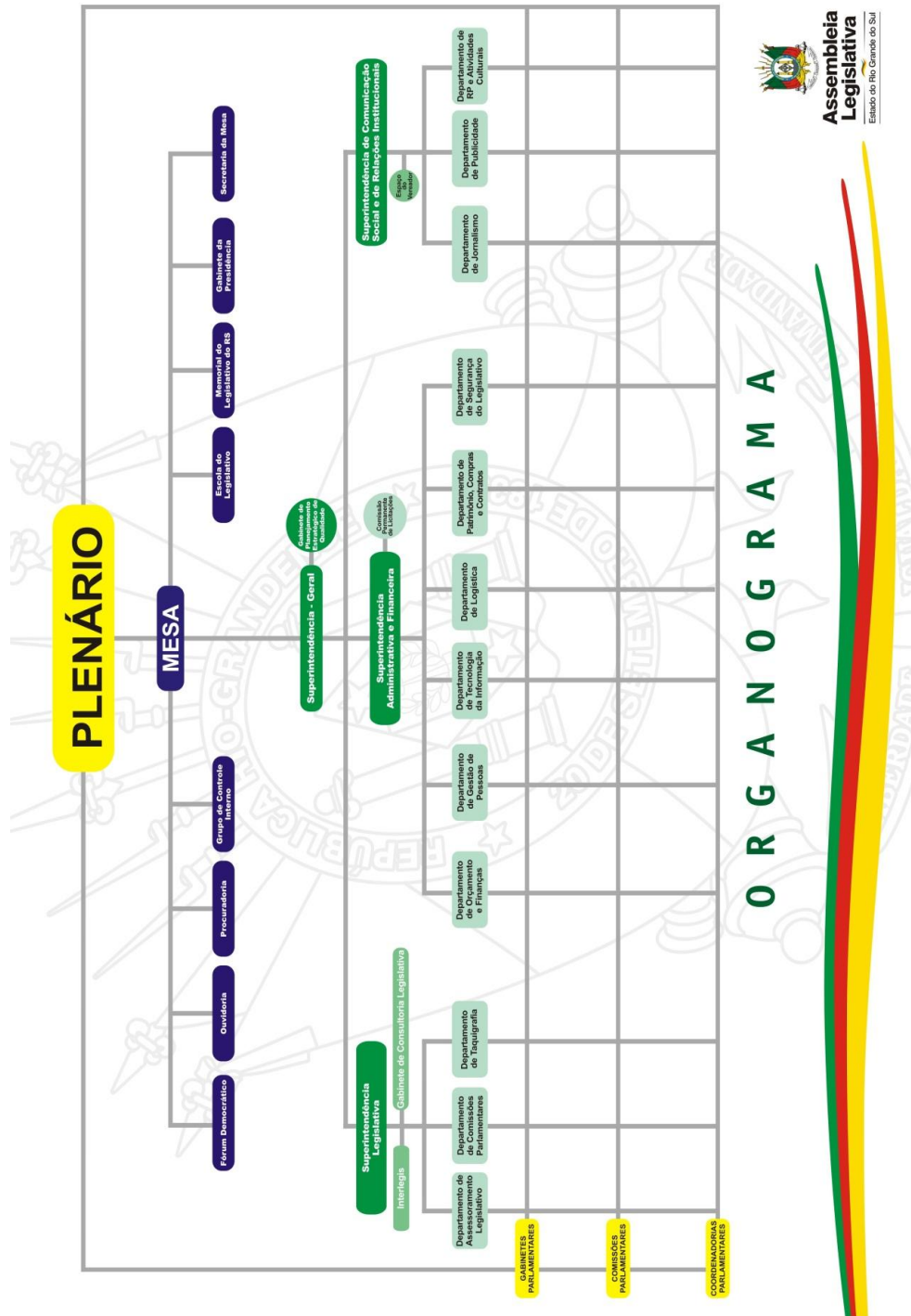
\_\_\_\_\_. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Bomtempo, 2007 [1983]. p. 117-124.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**, p. 7-72. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

XAVIER, Regina Célia Lima. Raça, civilização e cidadania na virada do século XIX e início do século XX. In: **IV Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2009, Curitiba. IV Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2009**. Disponível em : <http://www.labhstc.ufsc.br/ivencontro/pdfs/comunicacoes/ReginaXavier.pdf>. Acesso em 14 de junho de 2014.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Organograma da Assembleia



Fonte: Site da Assembleia Legislativa

## ANEXO B – Formulário: Programa Mateadas

<b>FORMULÁRIO DE PESQUISA</b>	
<b>PROGRAMA:</b>	Mateadas
<b>DIA DE EXIBIÇÃO:</b>	Sábado 08h30min
<b>TEMPO DE DURAÇÃO:</b>	55min
<b>NÚMERO DE BLOCOS:</b>	2
<b>ANO DA ESTRÉIA:</b>	Reestreia 2014
<b>AUDIÊNCIA:</b>	Não possui informações
<b>NOME, FUNÇÃO (apresentador/ produtor), FORMAÇÃO, VÍNCULO (Func. público/terceirizado.</b>	
1.	Daniel Martins – produtor – publicitário - terceirizado
2.	Liliana Cardoso – apresentadora – func. Da Assembleia
3.	
4.	
<b>QUAL A PERIODICIDADE DA PRODUÇÃO: (reuniões de produção)</b>	
	( )Diária ( )Semanal (X)Quinzenal ( )Mensal
<b>COMO SÃO ESCOLHIDAS AS TEMÁTICAS E OS CONVIDADOS QUE PARTICIPARÃO DO PROGRAMA?</b>	
	Os temas são sempre nativista, não são convidados grupos de tchê Music (modalidade moderna da música tradicionalista gaúcha)
<b>O CRITÉRIO DA ESCOLHA É A RELEVÂNCIA? A PARTIR DO QUE É PENSADA ESSA RELEVÂNCIA? (outros meios de comunicação, debates da assembleia, sugestões ....)</b>	
	Músicos consolidados, festivais e apresentações nativistas em que são gravadas externas.
<b>O TELESPECTADOR INFLUENCIA A PRODUÇÃO (Se sim, de que forma e por quais meios participa?)</b>	
	Não há como medir, o programa nem possui página e redes sociais.
<b>NOME DO RESPONSÁVEL PELAS INFORMAÇÕES AQUI PRESTADAS:</b>	
	Daniel N. Martins

## ANEXO C – Formulário: Programa Autores e Livros

<b>FORMULÁRIO DE PESQUISA</b>	
<b>PROGRAMA:</b>	Autores e Livros
<b>DIA DE EXIBIÇÃO:</b>	Domingo às 21h30min
<b>TEMPO DE DURAÇÃO:</b>	28min
<b>NÚMERO DE BLOCOS:</b>	1
<b>ANO DA ESTRÉIA:</b>	2006
<b>AUDIÊNCIA:</b>	Não há informações
<b>NOME, FUNÇÃO (apresentador/ produtor), FORMAÇÃO, VÍNCULO (Func. público/terceirizado.</b>	
1.	Gabriela Rabaioli - Terceirizada
2.	Dilan Camargo – Escritor – voluntário – Ex func. Da Assembleia (hoje aposentado)
3.	
4.	
<b>QUAL A PERIODICIDADE DA PRODUÇÃO: (reuniões de produção)</b>	
( ) Diária ( ) Semanal ( X ) Quinzenal ( ) Mensal	
<b>COMO SÃO ESCOLHIDAS AS TEMÁTICAS E OS CONVIDADOS QUE PARTICIPARÃO DO PROGRAMA?</b>	
O Próprio apresentador traz e indica os convidados	
<b>O CRITÉRIO DA ESCOLHA É A RELEVÂNCIA? A PARTIR DO QUE É PENSADA ESSA RELEVÂNCIA? (outros meios de comunicação, debates da assembleia, sugestões ....)</b>	
Autores gaúchos, exceto livros de autoajuda, o foco é livros de ficção. A escolha também é pautada por <i>e-mails</i> e telefonemas de livrarias.	
<b>O TELESPECTADOR INFLUENCIA A PRODUÇÃO (Se sim, de que forma e por quais meios participa?)</b>	
Não.	
<b>NOME DO RESPONSÁVEL PELAS INFORMAÇÕES AQUI PRESTADAS:</b>	
Gabriela Rabaioli	

## ANEXO D – Formulário: Programa Faça a Diferença

<b>FORMULÁRIO DE PESQUISA</b>	
<b>PROGRAMA:</b>	Faça a diferença
<b>DIA DE EXIBIÇÃO:</b>	Sábado às 9h30min
<b>TEMPO DE DURAÇÃO:</b>	30min
<b>NÚMERO DE BLOCOS:</b>	1
<b>ANO DA ESTRÉIA:</b>	2008
<b>AUDIÊNCIA:</b>	Não possui informações
<b>NOME, FUNÇÃO (apresentador/ produtor), FORMAÇÃO, VÍNCULO (Func. público/terceirizado.</b>	
1.	Juliana Machado – apresentadora – jornalista – cargo de confiança da Assembleia
2.	Mariana Bello – produtora/repórter – acadêmica de jornalismo - estagiária
3.	Michele Limeira – editora – jornalista - concursada
4.	Evandro Pires – editor de vídeo - terceirizado
<b>QUAL A PERIODICIDADE DA PRODUÇÃO: (reuniões de produção)</b>	
	( ) Diária ( X ) Semanal ( ) Quinzenal ( ) Mensal
<b>COMO SÃO ESCOLHIDAS AS TEMÁTICAS E OS CONVIDADOS QUE PARTICIPARÃO DO PROGRAMA? E, como justifica-se o título de pioneiro nas televisões legislativas, como destacado no site?</b>	
	O programa foi criado para atender as pautas das pessoas portadoras de deficiência. Então os temas mais recorrentes são acessibilidade e inclusão e informações que tangenciam estes assuntos.
<b>O CRITÉRIO DA ESCOLHA É A RELEVÂNCIA? A PARTIR DO QUE É PENSADA ESSA RELEVÂNCIA? (outros meios de comunicação, debates da assembleia, sugestões ....)</b>	
	O critério é os temas que são foco do programa e que possuem alguma relação. Também procura-se explorar espaços fora da Assembleia com a gravação de externas.
<b>O TELESPECTADOR INFLUENCIA A PRODUÇÃO (Se sim, de que forma e por quais meios participa?)</b>	
	Sim, algumas sugestões de pauta são recebidas por <i>e-mail</i> .
<b>NOME DO RESPONSÁVEL PELAS INFORMAÇÕES AQUI PRESTADAS:</b>	
	Mariana Bello



## ANEXO E – Grade de programação

Hoje Data de Visualização: 16/05/2014 Ir

<<	dom 11/05/2014	seg 12/05/2014	ter 13/05/2014	qua 14/05/2014	qui 15/05/2014	sex 16/05/2014	sáb 17/05/2014
0:00			Ponto de Vista - inédito	Ponto de Vista - inédito	Ponto de Vista - inédito	Ponto de Vista - inédito	Ponto de Vista - inédito
1:00			Assembleia Entrevista - inédito	Assembleia Entrevista - inédito	Assembleia Entrevista - inédito	Assembleia Entrevista - inédito	Assembleia Entrevista - inédito
1:30							
3:00			Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária
4:30							
6:00		Democracia	Democracia	Democracia	Democracia	Democracia	
7:00		Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	
8:00		Via Legal	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista
8:30		Em Cartaz	Réplica e Tréplica		Réplica e Tréplica	Réplica e Tréplica	
8:45		Espaço Público	Espaço Público	Espaço Público	Espaço Público	Espaço Público	
9:30		Comissões - Transmissão ao vivo	Comissões - Transmissão ao vivo	Comissões - Transmissão ao vivo	Comissões - Transmissão ao vivo	Comissões - Transmissão ao vivo	
10:30		Em Cartaz					
10:45							
11:00		Autores e Livros					
11:30		Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	
12:30		Com a Palavra, o Presidente					
12:45		Jornal Assembleia - 1ª edição	Jornal Assembleia - 1ª edição	Jornal Assembleia - 1ª edição	Jornal Assembleia - 1ª edição	Jornal Assembleia - 1ª edição	
13:00		Democracia	Democracia	Democracia	Democracia	Democracia	
14:00		Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	
15:30		STJ Cidadão					
16:00		Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	Ponto de Vista	
17:00		Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	
17:30		Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	
18:00		Ministério Público	Em Cartaz	Autores e Livros	Faça a Diferença	Personalidades	
18:15							
18:30		Faça a Diferença				Em Cartaz - inédito	
18:45							
19:00		Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária	Sessão Plenária
20:00		Cena Musical					
21:00		Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	Assembleia Entrevista	
21:30		Personalidades	Autores e Livros	Faça a Diferença	Ministério Público	Faça a Diferença	
22:00		Via Legal	Confraria Castro Alves	Confraria Castro Alves	Autores e Livros	Via Legal	
22:30		Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	Jornal Assembleia - 2ª edição	
23:00		Democracia - inédito	Democracia - inédito	Democracia - inédito	Democracia - inédito	Democracia - inédito	
0:00							

## Grade de programação Ano 2013

	dom 25/08/2013	seg 26/08/2013	ter 27/08/2013	qua 28/08/2013	qui 29/08/2013	sex 30/08/2013	sáb 31/08/2013
<b>1:00</b>			<u>Assembleia Entrevista</u>	<u>Assembleia Entrevista</u>	<u>Assembleia Entrevista</u>	<u>Assembleia Entrevista</u>	<u>Assembleia Entrevista</u>
<b>1:30</b>			<u>Jornal Assembleia - Reprise</u>	<u>Jornal Assembleia - Reprise</u>	<u>Jornal Assembleia - Reprise</u>	<u>Jornal Assembleia - Reprise</u>	<u>Jornal Assembleia - Reprise</u>
<b>2:00</b>			<u>Espaço Público Entrevista - Reprise</u>	<u>Sarau no Solar - Reprise</u>	<u>Cena Musical - Reprise</u>		
<b>3:00</b>							
<b>6:00</b>			<u>Jornal Assembleia</u>	<u>Jornal Assembleia</u>	<u>Jornal Assembleia</u>	<u>Jornal Assembleia</u>	<u>Jornal Assembleia</u>
<b>6:30</b>							
<b>7:00</b>			<u>Grande Expediente Especial - Reprise</u>		<u>Autores e Livros - Reprise</u>		
<b>7:30</b>							
<b>8:00</b>		<u>Personalidade s - Reprise</u>	<u>Autores e Livros - Reprise</u>		<u>Faça a Diferença - Reprise</u>		
<b>8:30</b>		<u>Cultura em Pauta - Reprise</u>	<u>Réplica e Tréplica</u>	<u>Coma a Palavra, o Presidente</u>	<u>Réplica e Tréplica</u>	<u>Cultura em Pauta - Reprise</u>	<u>Espaço Público Entrevista</u>
<b>8:45</b>		<u>Espaço Público</u>	<u>Espaço Público</u>	<u>Espaço Público</u>	<u>Espaço Público</u>	<u>Espaço Público</u>	
<b>9:30</b>							<u>Faça a Diferença</u>
<b>10:00</b>			<u>Comissões</u>	<u>Comissões</u>	<u>Comissões</u>		<u>Plenário Especial</u>
<b>10:30</b>							
<b>11:30</b>		<u>Ponto de Vista - Reprise</u>	<u>Ponto de Vista - Reprise</u>	<u>Ponto de Vista - Reprise</u>	<u>Ponto de Vista - Reprise</u>	<u>Ponto de Vista - Reprise</u>	<u>Confraria Castro Alves</u>
<b>12:00</b>							
<b>12:30</b>		<u>Assembleia Notícias</u>	<u>Assembleia Notícias</u>	<u>Assembleia Notícias</u>	<u>Assembleia Notícias</u>	<u>Assembleia Notícias</u>	
<b>13:00</b>		<u>Democracia - Reprise</u>	<u>Democracia - Reprise</u>	<u>Democracia - Reprise</u>	<u>Democracia - Reprise</u>	<u>Democracia - Reprise</u>	
<b>14:00</b>			<u>Sessão Plenária</u>	<u>Sessão Plenária</u>	<u>Sessão Plenária</u>		
<b>15:00</b>	<u>Espaço</u>						

	<u>Público</u> <u>Entrevista -</u> <u>Reprise</u>						
<b>16:00</b>	<u>Faça a</u> <u>Diferença -</u> <u>Reprise</u>						
<b>16:30</b>	<u>Justiça</u> <u>Gaúcha -</u> <u>Reprise</u>						
<b>17:00</b>		<u>Assembleia</u> <u>Entrevista -</u> <u>Reprise</u>	<u>Assembleia</u> <u>Entrevista -</u> <u>Reprise</u>	<u>Assembleia</u> <u>Entrevista -</u> <u>Reprise</u>	<u>Assembleia</u> <u>Entrevista -</u> <u>Reprise</u>	<u>Assembleia</u> <u>Entrevista -</u> <u>Reprise</u>	
<b>17:30</b>	<u>Plenário</u> <u>Especial -</u> <u>Reprise</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia</u>	
<b>18:00</b>		<u>Plenário</u> <u>Especial -</u> <u>Reprise</u>		<u>Com a</u> <u>Palavra, o</u> <u>Presidente -</u> <u>Reprise</u>			
<b>18:15</b>							
<b>18:30</b>				<u>Justiça</u> <u>Gaúcha -</u> <u>Reprise</u>			
<b>19:00</b>	<u>Confraria</u> <u>Castro Alves</u> <u>- Reprise</u>						
<b>20:00</b>	<u>Grande</u> <u>Expediente</u> <u>Especial -</u> <u>Reprise</u>						<u>sarau no</u> <u>Solar</u>
<b>20:30</b>							
<b>21:00</b>	<u>Cena Musical</u> <u>- Reprise</u>						<u>Cultura em</u> <u>Pauta</u>
<b>21:15</b>							
<b>21:30</b>	<u>Autores e</u> <u>Livros</u>						<u>Personalidade</u> <u>s</u>
<b>22:00</b>	<u>Personalidade</u> <u>s - Reprise</u>				<u>Com a</u> <u>Palavra, o</u> <u>Presidente -</u> <u>Reprise</u>		<u>Justiça</u> <u>Gaúcha</u>
<b>22:15</b>							
<b>22:30</b>	<u>Sarau no</u> <u>Solar -</u> <u>Reprise</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia -</u> <u>Reprise</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia -</u> <u>Reprise</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia -</u> <u>Reprise</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia -</u> <u>Reprise</u>	<u>Jornal</u> <u>Assembleia -</u> <u>Reprise</u>	<u>Grande</u> <u>Expediente</u> <u>Especial</u>
<b>23:00</b>		<u>Democracia</u>	<u>Democracia</u>	<u>Democracia</u>	<u>Democracia</u>	<u>Democracia</u>	<u>Cena Musical</u>
<b>23:30</b>							
<b>0:00</b>							

## **ANEXO F– Entrevista com a Coordenadora do canal Michele Limeira**

### **1. Em que momento você assumiu a coordenação e quais os desafios da função?**

Eu assumi a coordenação em fevereiro de 2012. Os desafios da TV Assembleia são muitos. Nós trabalhamos em uma Casa Legislativa em que o fim, não é o primeiro lugar ter uma televisão. Nós estamos dentro de um organograma bastante amplo, bastante complexo, em que as demandas da TV se dividem. Elas compartilham espaço com “n” outras demandas da Assembleia Legislativa. Então dentro deste contexto os desafios são muitos. Temos ainda, não são desafios cem por cento superados. Trabalhamos para isso, mas é uma construção. Então nós temos o desafio de inovação tecnológica, que é de transformar efetivamente a produção de áudio e vídeo em HD. Nós temos o desafio de consolidar uma estrutura de pessoal que ainda hoje possui suas fragilidades em função da entrada e saída muito frequente de pessoas. Nós temos, digamos assim, o desafio de manter uma grade de programação 24h no ar. Existe esta grade, mas a gente encara como um desafio melhorar os programas e qualificar esta programação, enfim. Temos o desafio de manter os canais no ar, temos dois canais: o 16 da Net e o 61.2 que é uma parceria com a Câmara Federal e com a Câmara Municipal de Porto Alegre. Mas que não é muito simples para um poder público manter dois canais de programação. Na verdade a programação é a mesma, mas a infraestrutura que os canais demandam são diferentes. Eu acho que os principais desafios são no sentido de qualificar o que existe em termos de inovação tecnológica e de estruturação de quadro de pessoal e de consolidação de uma grade. Em paralelo a isso manter esta grade de programação no ar e conservar adequadamente esta estrutura tecnológica em que a gente precisa manter para colocar os canais no ar.

Quando eu assumi os desafios eram esses, então a gente trabalha diariamente para que a gente consiga, aos poucos, ir desenvolvendo atividades, projetos, enfim, apresentando propostas para a Casa Legislativa para que isso seja superado. Mas eu posso dizer que estes desafios ainda existem, que eles são parte da nossa realidade.

Eles nunca vão deixar de existir, é o dia a dia de uma TV, de uma gestão de televisão trabalhar com isso. Nós como servidores da Casa e funcionários da TV, nós temos clareza de o que é um canal, para o que serve um canal, é um canal que serve o poder legislativo, para ser um lugar de informação sobre o que acontece no poder legislativo, a versão do poder legislativo no conceito jornalístico e mostrando tudo o que acontece aqui dentro. Prioritariamente as sessões plenárias, as atividades das comissões e da presidência, que são as principais atividades parlamentares.

A gente sabe disso, mas talvez a gente precisasse colocar isto em uma regulamentação, dentro da Casa em um projeto de resolução de lei da Mesa ou um documento que dissesse o que é e qual a essência da TV Assembleia. Qual a sua missão, quais são os seus princípios, sua linha editorial em termos de produção jornalística, como se define o que vai pra grade, o que não vai pra grade. Até mesmo questões mais técnicas como qual é o tipo de enquadramento que se vai trabalhar na transmissão de uma sessão plenária, quando se mostra uma sessão aberta, quando se mostra a manifestação do público, quando se mostra a galeria, quando se prioriza o deputado e quando se mistura deputado com galeria.

São questões que fazem parte do nosso dia a dia, que a gente sabe lidar com elas, mas elas não estão registradas em um documento. Isso seria importante. Nós temos doze anos de existência, mas estamos engatinhando em termos de processo de televisão. Precisamos trabalhar muito ainda.

## 2. De que maneira a TV Assembleia busca atingir o telespectador?

Esta é uma pergunta muito difícil porque a gente não trabalha com nenhum tipo de pesquisa de opinião ou de audiência. Nós não temos. Nós supomos que é um público que possui algum interesse em política. Nós mostramos política o que faz efetivamente a política e no momento em que priorizamos as sessões plenárias, as atividades das comissões, o trabalho dos deputados, que a gente mostra o que eles estão fazendo supondo que o público tenha interesse por isso. Tentamos assim garantir uma mínima audiência, ou uma audiência com este perfil. É o que eu posso te dizer porque nós não temos nenhum perfil de audiência ou estratégias para atingir a audiência estabelecida.

Nós trabalhamos com esta hipótese, que o público possui interesse em política. E não podemos fazer diferente, os nossos canais são para isso. A gente não pode querer se comparar, em termos de programação, com uma RBSTV ou com uma TVCom, não é a nossa intenção. Nossa intenção é mostrar o que acontece no Parlamento gaúcho.

Como eu disse, talvez nos tenhamos que mostrar isso com uma qualidade tecnológica melhor do que a gente tem hoje, com condições técnicas melhores. Para assim, chegar no telespectador com um pouco mais de atratividade em função de qualidade e tecnologia. Mas em termos de conteúdo o nosso conteúdo é político. O que vem complementar a grade, são programas culturais, programas de entrevistas, programas de debate, são programas que complementam a grade. A essência da grade, a coluna vertebral é as sessões plenárias: o que dizem os deputados? O que fazem os deputados? O que votam? O que defendem? E como agem? Plenário, comissões e presidência, esta é a nossa coluna vertebral. E isto está consolidado. A TV Assembleia não vai sair disso, desta linha. Então o nosso telespectador vai ter que se interessar por isso, se não ele não vai ser nosso telespectador.

## 3. Há interferências da Casa Legislativa nos modos de produzir? Se sim, como atuam estas normas?

Eu não diria no modo de produzir, eu diria que modo de produzir é um pouco técnico. Nisto nós temos total autonomia. Como que se produz o conteúdo, neste sentido a gente tem autonomia. Que a casa legislativa tem interferências e tem que ter interferências, isto não é uma algo negativo, isto é algo positivo. A TV Assembleia faz parte da Assembleia Legislativa, não é uma televisão paralela ao poder legislativo.

Ela está dentro da Assembleia Legislativa ela pertence ao legislativo e ela existe porque existe a assembleia legislativa, se não, não existiria como emissora de televisão. O canal não existiria. Então não faz sentido a Casa não interferir, a Casa tem que interferir. E para nós é bom porque a gente sabe que a casa está interessada no que a TV Assembleia está fazendo. Sim, a Casa interfere, nós não temos por exemplo um conselho editoria. A gente poderia ter um conselho editorial que pudesse se reunir mensalmente e definir as orientações de conteúdo e de grade, isto a gente não tem.

Isto fica a cargo da Superintendência de comunicação Social e o Departamento de jornalismo que é onde de acordo com o organograma está a TV. Então as orientações macros vem da superintendência de comunicação social que está vinculada diretamente a direção da Casa. Determinando um perfil que a TV Assembleia tem que mostrar.

A gente precisa desta orientação, o que a Casa quer ser? Como quer ser vista? Por que a gente mostra a Casa, a gente mostra a Assembleia para as pessoas que estão lá fora e para aqueles que estão aqui dentro também. Porque o nosso público também é interno, os próprios deputados, os assessores, a rede política. Então pra nós é importante que exista esta orientação. A rede política é o nosso público e a gente sabe, pra gente é importante que exista essa direção. Existe alguns momentos que inclusive a mesa diretora dá algumas orientações

sobre o que quer. Mas isto não está regulamentado, isto faz parte das rotinas produtivas de produção, usando uma terminologia mais jornalística.

Às vezes as pessoas entendem que haver uma interferência é algo negativo e que tira autonomia de quem está na produção. Eu não entendo desta forma, eu entendo que a interferência é algo positivo e necessário. Porque a Casa precisa orientar o que ela quer mostrar e a TV está ali para isso. A TV Assembleia só existe porque existe a Assembleia, porque existe os deputados quando não tem os deputados quando a Casa está em recesso a grade da TV perde qualidade significadamente. Para nós o trabalho dos deputados é essencial. A Casa molda o que deve ser feito, não como deve ser feito.

#### 4. A TV recebe retorno dos telespectadores?

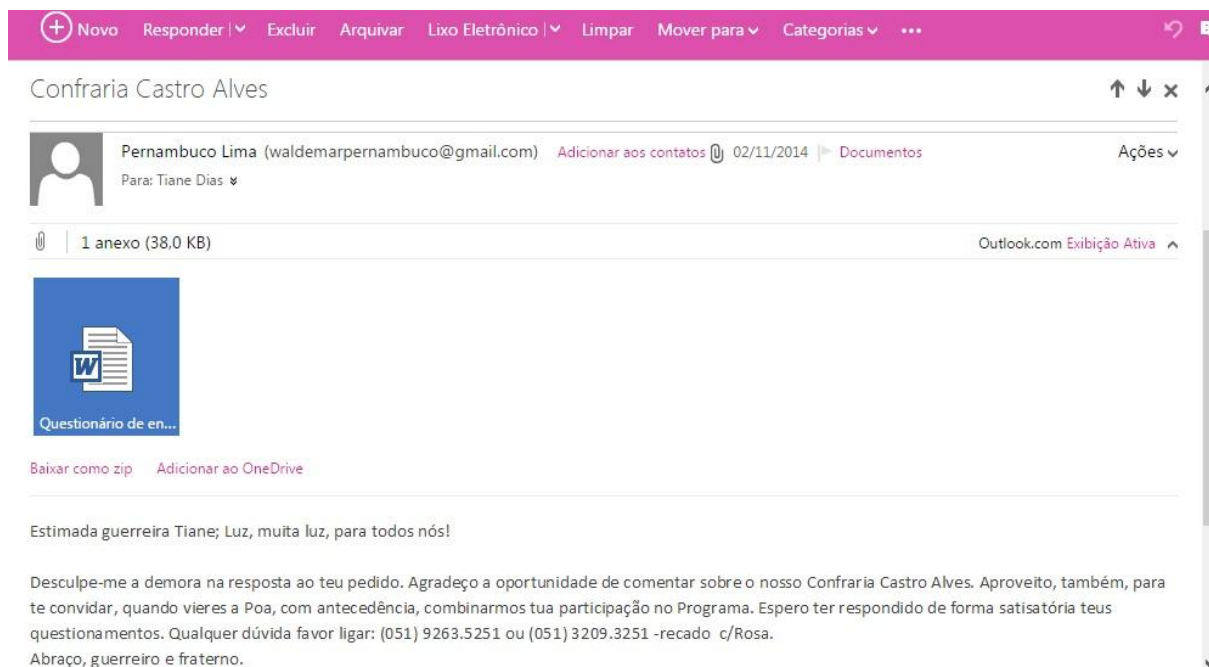
Como eu te disse, nós não temos pesquisas de audiência os únicos retornos dos telespectadores, de pessoas que viram que assistiram e que ligam, ou pra elogiar, ou pra reclamar, ou para dar sugestões. Muita gente liga para sugerir pauta ou por *e-mail*. São estes os retornos que a gente tem. Eles são frequentes, mas a gente não tem uma rotina. Nós temos alguns canais que são os *e-mails* dos programas que são disponibilizados pelos telespectadores, cada programa possui seu *e-mail*. Os telefones estão no *site* e no próprio *site* há espaço para contato. Não temos canais que sistematizem isto, nós temos uma ouvidoria da casa, que é um canal de comunicação e em algumas situações as pessoas falam com a ouvidoria e a ouvidoria nos encaminha. Os retornos são ocasionais, dependendo das situações, dos assuntos.

#### 5. Qual o orçamento anual da TV? Quantos funcionários possui a TV, quantos são concursados e quantos são terceirizados?

A TV não possui orçamento próprio, o orçamento é da Assembleia Legislativa. Não tenho a informação deste valor, como eu te disse a TV não é um órgão ou uma fundação que possam ter um orçamento próprio, nenhum setor da Casa possui orçamento próprio. Eu não sei te responder como funciona direito isso, como eu não faço gestão de orçamento, os responsáveis pela gestão são da superintendência. Cada superintendência ordena as despesas de sua área. No caso da TV quem ordena as despesas é o superintendente de comunicação social e é para toda a superintendência de comunicação social.

Em relação ao número de funcionários, nós temos sempre uma variação, mas nós temos sessenta e três funcionários terceirizados. Em complemento a isso são 90 pessoas incluindo efetivos, estagiários e cargos em comissão. Somos em cinco funcionários efetivos.

**ANEXO G** – Resposta da entrevista semi-estruturada realizada com os apresentadores: Waldemar Lima (produtor e apresentador do programa Castro Alves) e Caetano Silveira (produtor e apresentador dos programas Cena Musical e Sarau no Solar).



Texto no anexo do email

## QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Apresentador: \_\_\_\_\_ Waldemar Moura Lima (Pernambuco)

1. Como se deu a criação deste programa e/ou em que momento você como apresentador assumiu a apresentação?

A invisibilidade da nossa Comunidade Negra, nos meios de comunicação, (todos), induziram-me a procurar um espaço para difundir os valores epistemológicos das nossas raízes e ancestralidade Negra.

Obs: As dificuldades interpostas, no sentido de impedir nossa proposta, foram e são quase intransponíveis.

Há que se ter muita, ...muita, ...muita garra, disposição e convicção do que buscamos, do que queremos e o porque do querer.

Após vários anos de insistente busca no sentido de conseguir espaço na programação da TV Assembléia, ao fim e ao cabo, consegui. Contudo, todas as vezes que muda a composição política, muda a Mesa Diretora, nosso Programa é o primeiro a sair da grande de programação e, normalmente, o último a voltar.

Quando isso acontece e sempre acontece então, começamos nova “maratona” na tentativa de voltar com o Confraria Castro Alves.

Nessa perspectiva iniciamos as conversas com os Deputados dos diversos Partidos, defendendo a importância do Programa, às vezes, conseguimos êxito e o Programa volta ao ar naquele ano, às vezes não e, é passado um a dois anos para novamente voltarmos à grade de Programação da TV.

Isso se deve há pensamentos hegemônicos incrustado no âmago da Sociedade Contemporânea de que:

Primeiro- O padrão a ser seguido, são os que se coadunam com os valores Eurocêntricos e segundo “eles”, contempla a todos os cidadãos e cidadãs brasileiros. Portanto nós, Negros e Negras, estamos contemplados, mesmo que de forma impositiva, a seguir os ditames legais, ou culturais embutidos na visão de mundo Europeu. Já, que na visão “deles,”..... somos iguais????

O porquê então de um Programa para tratar de temas que digam respeito só aos Negros e às Negras? Não somos todos iguais? Os problemas que angustiam os Negros e Negras não são os mesmos que angustiam as outras etnias?

Segundo: Os Negros e as Negras nada têm a acrescentar para o aprimoramento da organização social, política, econômica, cultural do nosso País. Qual a razão, portanto, de espaços nas mídias?

Terceiro: O fenótipo dos Negros e das Negras, seus biótipos, esteticamente não é representativo do padrão de beleza Européia, motivo o qual é impeditivo (salvo raríssimas exceções) vinculá-los a Empresas, ou produtos Comerciais;

Quarto: Na visão “deles”, nós Negro e Negras, não temos poder aquisitivo assim, não há necessidade de nos vermos representados por um igual, (Negro ou Negra) nas propagandas comerciais;

Quinto: Na subjetividade do coletivo social, no senso comum, nós Negros e Negras somos vistos como incompetentes, incapazes, inferiores, aptos aos serviços braçais, truculentos ou de subalternidade. Como entender, então, Negros e Negras com visibilidade nas mídias?

## 2. De que maneira o programa busca atingir o telespectador?

Através de entrevistas com Negros e Negras, os quais conseguiram superar o racismo que transita em todos os espaços de convivência social e de forma persistente, heróica, superá-lo. Assim, mostrar à Comunidade Negra, em especial aos jovens Negros e Negras, o quanto é imperativo acreditarmos no nosso potencial para rompermos e avançarmos, por dentro desta estrutura, excludente, racista, machista, dominante, superando, de forma resiliente, os obstáculos que nos são impostos.

Como apresentador do Programa encaminho a entrevista no sentido de empoderar o entrevistado ou a entrevistada, buscando reportá-los à suas trajetórias de vida, como exemplo de resistência, persistência e objetividade na busca de concretização de um sonho, qual seja: ascender, junto com os seus familiares, na escala da Pirâmide Social;

Para a Sociedade dos NÃO NEGROS, buscamos, com o Confraria Castro Alves, mostrar de forma transparente e cristalina a superação dos meus irmãos e irmãs, Negros, Negras, às discrepâncias e injustiças sociais a que somos submetidos e que, por mais adversas que sejam as condições que a Sociedade nos impõem, nós conseguimos transpô-las.

Buscamos, também, demonstrar para “eles” que nossas bandeiras de lutas não se restringem aos aspectos atinentes ao racismo Institucionalizado, vigente em nosso País, mais transcende a racialização do problema e se constitui, por si, em bandeiras por justiça social, equidade e respeito às nossas diferenças

## 3. Há interferências da Casa legislativa no modo de produzir? Se sim, como atuam estas normas?



Não. Nenhuma.

4. Vocês (como apresentadores) recebem retorno sobre o conteúdo do programa?

No meu caso, Sim, muitos.

Pessoas, as mais diversas, de diversos extratos sociais, tecem comentários, (pelo menos comigo) favoráveis e elogiosos.

5. Quais sujeitos este programa busca incluir?

Todos e todas que o assista.

6. .Que tipo de percepção o programa busca construir?

Que a Sociedade é Institucionalmente RACISTA;

Que, individualmente, um pequeno contingente de Negros e Negras consegue superar o RACISMO e ascender Socialmente;

Que o Brasil perde um manancial de valores sucumbidos pelo RAISMO INSTITUCIONAL;

Que todos somos responsáveis pela manutenção dessa tragédia.

Resposta por *e-mail* de Caetano Silveira, apresentador e produtor do Cena Musical e do Sarau no Solar.

RE: Sobre os programas na TV/AL RS

↑ ↓ ×



caetanossilveira@terra.com.br (caetanossilveira@terra.com.br) Adicionar aos contatos 28/10/2014 ▶

Para: tiane.canabarro@hotmail.com ✉

Ações ▼

Oi Tiane.

Li a pesquisa e escrevi tentando responder tuas questões como um todo. Qualquer coisa que precisar a mais, me avisa.

O projeto Sarau no Solar existe há muito tempo: mais de 20 anos. É uma apresentação musical na Sala José Lewgoy do Solar dos Câmara da Assembleia Legislativa, com artistas das mais diversas matizes musicais do Estado. Com a criação da TV Assembleia, a emissora passou a gravar e exibir estes shows, que acontecem no velho casarão da Duque de Caxias, 968, sempre com entrada franca. A atração mereceu o Prêmio Açorianos de Música por Honra ao Mérito, destacando sua edição de 2006, concedido pela Secretaria de Cultura de Porto Alegre.

Inicialmente o programa mostrava somente o show. Quando passei a produzir e apresentá-lo, a partir de 2007, inclui uma pequena entrevista com o músico, para que os telespectadores soubessem um pouco mais sobre a carreira, repertório e do show propriamente dito.

Esta atração, como a grande parte dos programas culturais da TV Assembleia, é veiculada de forma inédita nos finais de semana, uma vez que nos dias úteis o destaque da emissora é dado para os assuntos legislativos e políticos.

Não há interferência política na produção e na escolha dos artistas convidados. Existe um cuidado por parte dos servidores das atividades culturais do Solar dos Câmara, no caso, do Sarau no Solar e do Cena Musical, quanto a escolha de artistas do Rio Grande do Sul, de todos os gêneros musicais que, embora com talento e qualidade, não encontram guarida nas emissoras de apelo comercial.

Criei o programa Cena Musical no início de 2008, para disseminar a cultura musical feita aqui em nosso Estado, especialmente novidades autorais. Apostei na diversidade musical do estado e sua qualidade para seduzir e misturar os públicos e gostos em geral, formando ouvintes mais críticos e conhecedores de obras de gêneros diversos. Assim, o público de música erudita passa a conhecer, além de produtores conterrâneos e contemporâneos de música clássica, também a produção popular feita no Estado na atualidade e, vice-versa.

Como todos os programas da TVAL, não há retorno aferido por empresa de pesquisas como IBOPE ou outra. Deste modo, apenas através de pessoas que me procuram pelas redes sociais ou através de contato pessoal nas ruas, tomamos ciência sobre a acolhida do programa.

**ANEXO H** – Pesquisa On-line: Imagens capturadas na internet através dos nomes dos programas, da TV Assembleia e dos apresentadores em canais como o *Facebook*, *Youtube* e *Google*. Os dados foram coletados em 21 de setembro de 2014.

Programa Cena Musical/ Sarau do Solar – Apresentação Caetano Silveira



**Caetano Silveira** compartilhou um link.

15 de agosto

Como hoje é o "Dia dos Solteiros" e que esta semana tivemos uma super lua, dedico esta canção, parceria minha e do Fausto Prado, interpretada pela Andréa Cavalheiro e a banda Cidade Baixa, a todos os solteiros que, como eu, ainda não jogaram a toalha. Baita finde a todos.

<http://youtu.be/CnekcPA0Zko>



**Desencontro (Fausto Prado e Caetano Silveira)**

"Desencontro", de Fausto Prado & Caetano Silveira, com a banda Cidade Baixa. Andréa Cavalheiro (voz), mais Alex Alano, Luiz Mauro Filho, César "Ratão" Moraes...



**Caetano Silveira** compartilhou um link.

16 de junho

No show coletivo e gratuito desta terça, dia 17, esta canção, minha e do Fausto Prado, faz parte do repertório da banda Cidade Baixa, que se apresentará no Opinião, às 22h, com Adriana Deffenti, Ernesto Fagundes, Fruet E Os Cozinheiros, Gelson Oliveira, Oly MilongaBlues Jr., Samuca Do Acordeon, Samba Grego e Marcio Barbosa.



#### NOITE ALTA (Fausto Prado e Caetano Silveira)

Clipe da música NOITE ALTA de Fausto Prado e Caetano Silveira, com a banda CIDADE BAIXA.

Compartilhar

75 5 2 compartilhamentos



**Caetano Silveira**

16 de junho via YouTube

Amanhã tem show coletivo e gratuito no Opinião. Das músicas que a banda CIDADE BAIXA vai tocar, uma é "Samba Voador", parceria minha com o Fausto. Terça, dia 17, às 22h, com entrada franca, tem Adriana Deffenti, Ernesto Fagundes, Fruet & Os Cozinheiros, Gelson Oliveira, Oly Jr., Samba Grego, Samuca do Acordeon e Cidade Baixa. Um panorama da cena musical contemporânea da Capital, passando por gêneros, como o regionalismo, o pop, a mpb, a música instrumental e o samba.



#### Samba Voador

[www.youtube.com](http://www.youtube.com)

SAMBA VOADOR - Canção de Fausto Prado & Caetano Silveira, vencedora do 10º Festival de Música de Porto Alegre (2007) e incluída no CD Cidade Baixa (2009) - Prêmio

Inscriva-se no YouTube · Compartilhar

18



**Caetano Silveira**

31 de maio

Hoje, no CenaMusical recebo o 1º Doutor em Violão do Brasil, o compositor Daniel Wolff. O programa vai ao ar às 23h e repete amanhã, domingo, às 20h30, no canal 16 da net, Tv Assembleia. Bom final de semana a todos. Aquele abraço.

Compartilhar

32 2 2 compartilhamentos





**Caetano Silveira**

3 de maio · Editado

Hoje, pra matar um pouco da saudade do cantor, compositor e baita cara Heleno Gimenez. Na 1ª parte do Cena Musical, canções com Gisele Gica De Santi, vencedora do Prêmio Açorianos de Compositora MPB na semana passada. No 2º bloco, a reprise de um programa gravado e exibido em 2009 com o saudoso Heleno Gimenez. Será hoje, sábado, às 23h, e repete domingo, às 20h30, no canal 16 da net (tv Assembleia) ou no 61.2 da tv aberta digital. Um ótimo finde pra todos. Também dá pra assistir pelo site [www.al.rs.gov.br/tvassembleia/](http://www.al.rs.gov.br/tvassembleia/) Katia Gimenez, Nilza Jonson Rodrigues e Beto Bollo.

Compartilhar

32 1 compartilhamento



**Caetano Silveira**

4 de abril

O Cena Musical deste final de semana está um luxo! Capitaneados pelo Marcelo Delacroix, os artistas Nico Nicolaiewsky II e Giba Giba Nascimento (que infelizmente nos deixaram há pouco), mais Bebeto Alves, Nei Lisboa, Nelson Coelho de Castro... Ver mais — com Arthur de Faria e outras 9 pessoas.



Compartilhar

32 32 70 compartilhamentos



**Caetano Silveira**

28 de março

Neste final de semana, recebo o cantor e compositor Nei Lisboa, no programa Cena Musical. Além de falar sobre sua carreira, ele cantará algumas de suas músicas (dentre elas, temas de seu mais recente disco, o "A Vida Inteira"). O programa vai ao ar sábado, amanhã, dia 29/03, às 23h, e repete no domingo, às 20h30, no canal 16 da net ou pelo site [www.al.rs.gov.br/tvassembleia](http://www.al.rs.gov.br/tvassembleia).



Compartilhar

168 15 4 compartilhamentos



**Rosangela Costa** Super Caetano rapanui kkkk Brincando...

Sucesso seu lindo!!! Bjo

28 de março às 18:24 · 1



**Alexandre Antunes** que legal esta imagem Caetano.... sincera e potente... abs

28 de março às 19:04 · 1



**Marco Aurelio Santiago** pena que não passa aqui em floripa...mas vou tentar ver na internet.abraço meu velho

28 de março às 19:08 · 1



**Zebeto Corrêa** Caro amigo.parabens! Abs

28 de março às 21:02 · 1



**Angela Carvalho** Dois queridos amigos de longas datas !!! assistirei com certeza !!!

28 de março às 21:12 · 1



**Meireles Da Luz Maria Isabel** Adooooo não vou perder.

29 de março às 08:34 · 1



**Rodrigo Aguiar** Mestres!

29 de março às 14:00 · 1



**Caetano Silveira** Pra quem não viu ontem e se interessa, a repetição será daqui a pouco, às 20h30.

30 de março às 19:29 · 2





**Caetano Silveira** compartilhou a foto de Gabriel Maciel.

22 de março

No Cena Musical de hoje recebo esta dupla aí, Mathias Behrends Pinto e Gabriel Maciel. Sábado, às 23h, e repete domingo, às 20h30, no canal 16 da net ou pelo site [www.al.rs.gov.br/tvassembleia](http://www.al.rs.gov.br/tvassembleia). Um bom final de semana pra todos.

Negão e Mathias, retratados pelo grande mestre Edgar Vasquez, pelos bares da vida! — com Mathias Behrends Pinto.



**Caetano Silveira** compartilhou um link.

23 de novembro de 2013 · Editado

Hoje, no Cena Musical, converso com a cantora e compositora Gisele de Santi, que além de falar um pouco sobre sua carreira, mostra algumas das canções de seu novo disco, o Vermelhos e Demais Matizes. Será no canal 16 da net, Tv Assembleia, hoje (sábado), às 23h, repetindo amanhã, domingo, às 20h30. Valeu. Um bom final de semana pra todos. Com Gi De Santi.



#### GISELE DE SANTI - E EU - VIDEOCLÍPE OFICIAL

Direção: Vicente Teixeira Direção de Produção: Kika Lisboa  
Fotografia: Rafael Asturian Jacques e Vicente Teixeira Direção de Arte: Kika Lisboa Montagem e Fin...

Compartilhar

👍 23 💬 2

Ano V o maior catálogo de artistas locais da web

**Destaques**

- Cadastro de artistas
- Cadastro de empresas
- Assine a news

**Empresas e Entidades**

- Ateliers
- Associações
- Cursos de Artes Visuais
- Editoras
- Estúdios
- Oficinas Literárias
- Som e Luz

**Artistas**

- Escritores
- Contadores de História
- Músicos
- Grupos Musicais
- Compositores
- Atores

**Caetano Silveira**

★ **torne-se fã desse artista**

Letrista e produtor cultural, tem dois discos gravados em parceria com Fausto Prado: "Sulte Xangri-lá", de 2004, que lhes rendeu a primeira indicação ao Prêmio Açorianos de Música na categoria Compositor MPB, e "Casa de Asas" de 2006, responsável pela distinção do mais importante prêmio musical do Rio Grande do Sul à dupla de compositores.

Participante e finalista dos mais significativos festivais de música popular do RS, foi vencedor do Festival de Porto Alegre 2007, das Moendas da Canção 2007 e 2004 e da Canção do Trabalhador - CUT, em 2000. Entre mais de cinco mil músicas inscritas em todo o Brasil, a canção "A Chaga" de Fausto Prado e Caetano Silveira, foi uma das duas únicas músicas do Rio Grande do Sul classificadas para o Festival da TV Cultura, que se realizou a partir de agosto/2005 em São Paulo. A canção chegou às semifinais, com ótima performance e grande reconhecimento de público e crítica.

Produziu o projeto "Sarau no Solar" da Assembléia Legislativa do RS nos anos 2002, 2003 e 2005; sendo que em 2006, ano em que este projeto recebeu o Prêmio Açorianos de Música por Honra

Clique nas imagens para ampliá-las

cena musical Tv Assembleia

Recomendado

**O MELHOR DO YOUTUBE**

- Populares no YouTube
- Música
- Esportes
- Jogos
- Filmes
- Destaque

Procurar canais

Faça login agora para ver seus canais e recomendações!

Login

**Entrevista com Mirianês Zobot - programa Cena Musical da TV Assembleia RS**

por Mirianês Zobot • 2 anos atrás • 323 visualizações

Entrevista com Mirianês Zobot para programa Cena Musical da TV Assembleia canal 16 da net - Rio Grande do Sul...

52:22

**Rafael Brasil no Programa Cena Musical - TV Assembleia/RS**

por Rafael Brasil • 1 ano atrás • 68 visualizações

**PROGRAMA CENA MUSICAL TV ASSEMBLEIA PARTE 4**

por Felipe Azevedo Compositor • 1 ano atrás • 36 visualizações

Entrevista com Felipe Azevedo ao Programa Cena Musical de Caetano Silveira, na TV Assembleia, Porto Alegre (RS), Junho de ...

13:38

**Cena Musical: Babi Jaques e Os Sicilianos - Evocação nem número**

por Babi Jaques e Os Sicilianos • 3 anos atrás • 361 visualizações

www.myspace.com/babijaqueseosicilianos Babi Jaques e Os Sicilianos no Programa Cena Musical da TV Assembleia em Porto ...

3:10

prog www.unale.org.br/index.php?view=article&catid=1%3Aprincipal-noticia&id=1613%3Asolemnidade-oficializa-associacao-da-tv-assembleia-a-rede-legislativa-de-tv-digital-&format=pdf&option=com\_content&Itemid=22

Recomendado

**O MELHOR DO YOUTUBE**

- Populares no YouTube
- Música
- Esportes
- Jogos
- Filmes
- Destaque

Procurar canais

Faça login agora para ver seus canais e recomendações!

**Os Bardos da Pangeia - Cena Musical.**

por Emani Cousandier • 3 anos atrás • 228 visualizações

Programa Cena Musical da TV da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), Teatro Dante Barone.

4:54

**Cena Musical com Mário Moita 2.mp4**

por cenamusicaltv • 3 anos atrás • 143 visualizações

Programa Cena Musical, produção e apresentação de Caetano Silveira, com o fadista português Mário Moita. Gravado no Teatro ...

22:22

**Orquestra de Violões de Gramado - Sweet Child O' Mine - Guns N' Roses**

por VioloesdeGramado • 1 ano atrás • 508 visualizações

Programa Cena Musical TV Assembleia Legislativa.

3:59




## Programa Confraria Castro Alves – Apresentador Waldemar Lima

The screenshot shows the Facebook page for 'Confraria Castro Alves'. The page has a cover photo of a portrait of a man. The left sidebar lists various group features like 'Feed de Notícias', 'Mensagens', and 'Eventos'. The main content area shows a post by 'Waldemar Lima' dated '18 de setembro às 21:29'. The post title is 'O SEXO E AS NÉGAIS' and the text discusses social issues. The right sidebar shows a list of members and a search bar. The bottom of the page shows the system clock as '21/09/2014'.

This is a close-up of a Facebook post by 'Waldemar Lima' dated '12 de julho'. The post is a text-based announcement. The text reads: 'CONVITE; Atividade: Te vira negão, te vira negona! Dia 14 - segunda-feira Local: Esquina Democrática; Horário; 18h... Ver mais'. Below the text, it says 'Curtir · Compartilhar' and '2 pessoas curtiram isso.'.


This is a close-up of another Facebook post by 'Waldemar Lima' dated '15 de setembro às 23:25'. The post title is 'O CASO PELÊ!' and the text discusses the Pelé case and social criticism. The text reads: 'O CASO PELÊ! (sua crítica à atitude de denúncia do goleiro do Santos) Não é novidade o posicionamento do Pelê! Era um gênio, um audacioso, um guerreiro.....com a bola nos pés; quando abria, ou melhor, quando abre a boca;.....um nêscio, um desprezado, um subserviente ao Sistema, vivendo num mundo ilusório, onde "brinca" de ser branco. Embora vassalo, vestiu-se de rei e não tirou mais a fantasia. Conheço, no mínimo, algumas dezenas de "Pelês". "Pelês" saídos das Univesidades... Ver mais'. Below the text, it says 'Curtir · Compartilhar' and '3 pessoas curtiram isso.'.



Confraria Castro Alves



**Waldemar Lima**  
16 de agosto

Talvez venha a se repetir um fato histórico: Índios e Negros Unidos! Registram os historiadores que, no Brasil Colônia e mesmo no Brasil Império, os negros e negras escravizados, fugidos das senzalas, encontravam abrigo e proteção dos nativos da terra, os índios. Com esse apoio vários quilombos foram formados. Hoje, na nossa atualidade, o Quilombo Político Acotirene, de inspiração Quilombista, busca uma aproximação política com os Índios Kaingang, na tentativa de romper com a ... Ver mais

Curtir · Compartilhar


 5 pessoas curtiram isso.


Confraria Castro Alves


**Waldemar Lima**  
11 de julho

O Coletivo Ubuntu está cumprindo com seu objetivo; UNIDADE NA AÇÃO! Terça-feira, dia 8, negros e negras de diversos Partido Políticos e Organizações sociais do Movimento Negro civil estiveram presentes na CCJ, Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa, para acompanhar o processo de votação do Projeto de lei 154- que propõe Costas para negros na UERGS. A ausência do Deputado Relator impediu que o Projeto de Lei fosse à votação. Ao término da reunião determin... Ver mais

Curtir · Compartilhar

 2 pessoas curtiram isso.


Waldemar Lima


**Waldemar Lima**



Adicionar aos amigos · Mensagem · ...

Linha do Tempo · Sobre · Fotos · Amigos · Mais ▾

Waldemar Lima

https://www.facebook.com/ pernambuco.lima35?fref=nf

Aplicativos Sites Sugeridos www.unale.org.br/1... Abril.com - Novo A... L8977 lei do cabo 190 Anos de Imigraç... Portal Itália - O port...

Waldemar Lima

Waldemar Lima Linha do tempo Recente

Adicionar aos amigos

Truão

Mãe

Mãe, minha eterna rain...

Everton Rodrigues

Combate Racismo

GRUPOS - 13

Decifrando a Vida "Maiores que as Muralhas"... Padrinhos & Madrinhas 430 membros Este grupo é para aquelas pessoas...

ATIVIDADE RECENTE

Waldemar começou uma nova amizade com Rosa Brambilla e Gilberto Souza.

Português (Brasil) - Privacidade - Termos - Cookies - Mais - Facebook © 2014

Waldemar Lima 16 de maio

Atenção Negra; Nós do Quilombo Político Acotirene estamos divulgando a Novela: O JULGAMENTO PÚBLICO DOS RACISTAS TOGADOS. Leiam para entenderem melhor o que é o Racismo Institucional e localizar um dos seus focos, o mais terrível, o mais perverso, o mais danoso.

Novela: O julgamento Público dos Racistas Togados

Segundo Capítulo

Como vimos no capítulo anterior os 21 Desembargadores, racistas,... Ver mais

Compartilhar 4

Waldemar Lima compartilhou um link via Maria Cristina Santos. 15 de maio

SEMANA DA ÁFRICA NA UFRGS - PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A ÁFRICA — deds www.ufrgs.br

De 20 até 23 de maio de 2014 na UFRGS, com lançamento da Revista Semana da África no dia 23/05.

https://www.facebook.com/ pernambuco.lima35

Waldemar Lima

Waldemar Lima Linha do tempo Recente

Adicionar aos amigos

Maracatu Truão

Sonia Santos

Gosto Disto Vídeos

Mãe

Mãe, minha eterna rain...

Everton Rodrigues

Combate Racismo

Waldemar Lima 13 de agosto

Atenção, todos lá na esquina Democrática. Te vira Negão, te vira Negona é a síntese da miserabilidade que o Estado Brasileiro perpetuou até os dias de hoje para nossa Comunidade Negra. Denunciar esse crime é dever de todos que são comprometidos com a verdade histórica. Asé de Justiça para o nosso Povo. Quilombismo o poder para mudar! Zumbi vive.É rei!

Compartilhar 13 9



Waldemar Lima

Tiane Página inicial

Waldemar Lima Linha do tempo Recente

+1 Adicionar aos amigos

**Waldemar Lima**  
29 de maio

Nós do Quilombo Político Acotirene estamos divulgando a novela: O Julgamento Público dos Racistas Togados! Leiam! É importante para sabermos; Primeiro como se caracteriza o Racismo Institucional; Segundo para visualizarmos, com clareza, um dos focos mais virulento, mais terrível, onde historicamente, se aloja o RACISMO INSTITUCIONAL. Todas as violências, todos os atos de desumanização, toda a bar... Ver mais

Compartilhar 3

**Waldemar Lima**  
14 de agosto

Dia 14 de todos os meses será, para todos e todas inconformados com o sistema HIPÓCRITA, MACHISTA E RACISTA QUE VIVEMOS, O MOMENTO DE DENUNCIARMOS AS MENTIRAS POSTAS, AINDA HOJE, NOS LIVROS DIDÁTICOS. 13 DE MAIO DE 1888, A GRANDE FARSA! 14 de maio de 1888, o que era terrível, ficou pior! E, continua até os nossos dias. Estamos todos de parabéns. Hoje, dia 14 de maio de 1888, na esquinha Democrática, foi muito, muito, muito LEGAL!

Compartilhar 9 1

YouTube BR

programa Confraria castro alves

Aproximadamente 135 resultados

Filtros

Recomendado

O MELHOR DO YOUTUBE

- Populares no YouTube
- Música
- Esportes
- Jogos
- Filmes
- Destaque

Procurar canais

Faça login agora para ver seus canais e recomendações!

Login

**Programa Confraria Castro Alves - Adriano Viaro**  
por Rede Quilombista • 6 meses atrás • 210 visualizações  
Quilombismo Contemporâneo ----- Este vídeo apresenta problemas de sincronismo, ...  
HD

**Secretária do Povo Negro, Elisete Moretto - Confraria Castro Alves**  
por Lucas Braz • 4 meses atrás • 26 visualizações  
A secretária adjunta do Povo Negro de Porto Alegre, Elisete Moretto, concede entrevista ao professor Pernambuco, no programa ...

**Entrevista com Sandro Reis na TV Assembleia - Confraria Castro Alves**  
por TVRestinga • 1 ano atrás • 115 visualizações  
Sandro Reis participou do programa Confraria Castro Alves, da TV Assembleia, que tem como apresentador nosso amigo Prof.  
HD

## Programa Faça a Diferença – Júlia Machado



mais » Próximo blog»



Programa da TV Assembléia, Canal 16 da NET, que promove os direitos humanos e o respeito à diversidade.

segunda-feira, 18 de julho de 2011

### SEMINÁRIO MÍDIA E DEFICIÊNCIA



**MÍDIA & DEFICIÊNCIA**  
Qual o papel da comunicação no processo de inclusão?

Gentém, depois de uma trabalhadeira danada (certo que ganhei vários fios de cabelo branco), eu tenho a felicidade de convocar as pessoas com deficiência para um grande bate-papo com a turma da imprensa. **Sim, porque a tão esperada e desejada inclusão**

Ocorreu um erro neste gadget

Seguidores

Participar deste site  
Google Friend Connect

Membros (14)




Faça a Diferença - Células-tronco

Camila Lopes Rodrigues Nunes

 4

385 visualizações



FAÇA A DIFERENÇA - Síndrome de Down - exibido dia 15/09 TVAL e 18/09 TVERS

FACAADIFERENÇA

 36

1.378

+ Adicionar a   < Compartilhar   ... Mais

5   0


Publicado em 20/09/2012

No programa de hoje nós vamos falar sobre a Síndrome de Down. Ela é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais no par 21 que afeta o desenvolvimento do indivíduo. Na zona sul de Porto Alegre, a Escola de Educação Especial Nazareth atende crianças com a síndrome. A instituição oferece ensino fundamental e educação de jovens e adultos, além de oficinas e atividades e



## Programa Cultura em Pauta – Apresentação Márcia Schmdtt




**Márcia Schmidt**  
 20 de junho de 2013 próximo a Porto Alegre

Amigos,

Como todos sabem, tenho um programa de cultura na TV AL/RS, sábados às 21h: o "Cultura em Pauta".

Neste sábado, 22, vai ao ar o programa sobre Emílio Sessa, um pintor italiano de arte sacra que viveu 16 anos no Rio Grande do Sul e trouxe Aldo Locatelli para cá.

Nós vamos mostrar toda a obra de Sessa no Estado: os afrescos da Capela da Santa Casa e da Igreja Sagrada Família, em Porto Al... [Ver mais](#)

Compartilhar
 

13
 4
 1 compartilhamento


 Cultura em pauta Assembleia legislativa Rs



0:04 / 14:43

Cultura em Pauta - Giorgio de Chirico


 Márcia Schmidt  
 Inscrever-se 0

577 visualizações



## Programa Sarau do Solar – Apresentação Caetano Silveira

BR



Recomendado

O MELHOR DO YOUTUBE

Populares no YouTube

Música

Esportes

Jogos

Filmes

Destaque

Procurar canais

Faça login agora para ver seus canais e recomendações!

Login

sarau do solar assembleia legisliva rs





**Chico Padilha & Banda - Whole Lotta Love (Led Zeppelin Cover)**  
por Ivan Beck • 2 anos atrás • 2.222 visualizações  
Chico Padilha & Banda tocando este clássico do Led Zeppelin no show Clássicos do Rock - Acústico, no projeto **Sarau no Solar**.



**Chico Padilha & Banda - kashmir (Led Zeppelin Cover // feat. Frank Solari)**  
por Ivan Beck • 2 anos atrás • 2.001 visualizações  
Chico Padilha & Banda tocando este clássico do Led Zeppelin no show Clássicos do Rock - Acústico, no projeto **Sarau no Solar**.



**Chico Padilha & Banda - Message In A Bottle (The Police Cover)**  
por Ivan Beck • 2 anos atrás • 1.218 visualizações  
Chico Padilha & Banda tocando este clássico do The Police no show Clássicos do Rock - Acústico, no projeto **Sarau no Solar**.

## Programa Mateadas – Apresentadora Liliana Cardoso



**Liliana Cardoso**

18 de setembro

Presidente da Assembléia Legislativa do RS Deputado Gilmar Sossella em visita ao Acampamento Farroupilha no Parque da Harmonia! com Liliana Cardoso Duarte e Artur Souto Solon Duarte (19 fotos)





**Liliana Cardoso** foi marcada em 5 fotos no álbum "Gravação Programa Mateadas" de Kaielle San Martin Baes. — em Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul  
19 de agosto



Curtir · Compartilhar

81 8 3 compartilhamentos



**Fernanda Patias**  
22 de junho

Estamos muito felizes com a gravação para a TV Assembleia RS, programa Mateadas, com a apresentadora Liliana Cardoso Duarte, ela que apresentou a última edição do Grito do Nativismo Gaúcho. Agradecemos em especial ao Deputado Estadual Gilm... Ver mais — com Liliana Cardoso e outras 4 pessoas.



Compartilhar

113 9



YouTube BR

Programa Mateadas assembleia legislativa



0:12 / 58:32

PROGRAMA MATEADAS - exibido em 23/08/14

Kaielle B

Inscriver-se 1

80 visualizações

+ Adicionar a Compartilhar Mais

2 0

 **Assembleia Legislativa**  
Estado do Rio Grande do Sul

**Portal da TV da Assembleia Legislativa**



Página Inicial Histórico Programas Programação Pesquisa Matérias Expediente Como sintonizar Entre em Contato

Mateadas Assista ao Vivo Login

**Programas:**

- [8º Gaitaço- Almirante Tamandaré do Sul-RS](#)
- [Cassio Selaimen e Elton Saldanha](#)
- [Dudu Gaitero, Manoelito e Odila Savariz](#)
- [Especial 20 de Setembro com Mário Barbará](#)
- [Festa do Divino Espírito Santo na Criúva](#)
- [Fofa Nobre e Marcio Padula](#)
- [Garotos do Pampa](#)
- [Jader Leal](#)
- [João Luiz Corrêa e Grupo Campeirismo](#)
- [João Vicenti](#)
- [Marcelo Caminha](#)
- [Mateadas da Solidariedade](#)
- [Mauro Moraes parte 1](#)
- [Mauro Moraes parte 2](#)
- [Os Battisti e Kaielle Baes](#)
- [Os Bertussi](#)
- [Renato Bordhetti](#)

## Programa Autores e Livros – Apresentador Dilan Camargo



**You Tube**
BR
☰

**Programa autores e livros assembleia legislativa**

**Recomendado**

---

**O MELHOR DO YOUTUBE**


- Populares no YouTube
- Música
- Esportes
- Jogos
- Filmes
- Destaque

---

Procurar canais



**Marilice Costi - LIVRO RESSURGIMENTO - Programa Autores e Livros - TV Assembleia Legislativa do RS**  
 16 03 2009 - Parte 1/2  
 por Startvideos1 • 2 anos atrás • 30 visualizações  
 Marilice Costi - **LIVRO RESSURGIMENTO - Programa Autores e Livros - TV Assembleia Legislativa do RS** 16/03/2009.



**Ademir Furtado - Autores e Livros - Parte I.**  
 por Cibele Torres • 1 mês atrás • 31 visualizações  
 Entrevista com o escritor Ademir Furtado, falando sobre seu romance Se eu olhar pra trás (Dublinense, 2011) ao **programa ...**



**Ademir Furtado Autores e Livros Parte II**  
 por Cibele Torres • 1 mês atrás • 6 visualizações  
 Entrevista com o escritor Ademir Furtado, falando sobre seu romance Se eu olhar pra trás (Dublinense, 2011) para o **programa ...**



**Autores e Livros**  
 por Altermar bitencourt • 1 ano atrás • 150 visualizações  
**Programa de Entrevistas da Assembleia Legislativa;** Entrevista do Professor, Escritor e Poeta Roberto Medina.

Capa

Biografia

Livros

Agenda

Projetos

Notícias

Textos

Poemas

Poemas Infantis

Fotos

Mural

Contato



**Dilan Camargo**

*...tua distância não é suficiente / para chegares até ela. / Ir, chegar e regressar sobre as costas do tempo / não é suficiente / para chegar até o impreciso. / Se o teu desejo fosse um brinquedo / não encontrarias essa mulher / e ela não deixaria de ser o que é. / Não encontrarias o horizonte / não farias nada, não fizes nada / porque ainda é cedo, muito cedo. / Quando for encontrá-la, essa mulher / Não será a tua imagem*



Destaque

**Selecionado PNBE**

O livro "O man e o brother", da Editora SINVERSO foi selecionado para o PNBE 2014



Acessos: 48472

Livros



Mais uma vez o BrincRiar, selecionado PNBE!